

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Mariana Peres Stucchi

**Artes de viver em mulheres de camadas populares:
o cotidiano de mães da comunidade São Remo**

São Paulo
2009

Mariana Peres Stucchi

Artes de viver em mulheres de camadas populares:
o cotidiano de mães da comunidade São Remo

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de mestre em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Profa. Livre Docente Maria Luisa
Sandoval Schmidt.

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Stucchi, Mariana Peres.

Artes de viver em mulheres de camadas populares: o cotidiano de mães da comunidade São Remo / Mariana Peres Stucchi; orientador Maria Luisa Sandoval Schmidt - São Paulo, 2009.

233 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Mulheres 2. Mães 3. Brincar (Winnicott) 4. Áreas de pobreza 5. Cotidiano 6. Lazer 7. Trabalho I. Título.

QH1206-1216

Folha de aprovação

Mariana Peres Stucchi

Artes de viver em mulheres de camadas populares: o cotidiano de mães da comunidade São Remo.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Psicologia
Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

DEDICATÓRIA

À Patrícia, Amélia, Dolores, Branca, Rosinha, Terezinha e Lalau, protagonistas desta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e à Agência Financiadora FAPESP, que me proporcionaram condições muito boas para a pesquisa de mestrado, tão modesta no meio acadêmico e tão importante para o percurso do aluno de Pós-Graduação e pesquisador.

Ao parecerista da FAPESP, pela leitura cuidadosa e encorajadora.

À Profa. Livre-docente Maria Luisa Sandoval Schmidt, pelo respeito e paciência com minha imaturidade acadêmica e pela importantíssima colaboração e atenção neste longo processo.

Às Profa. Titular Sílvia Leser de Mello e à Profa. Dra. Ana Silvia W. Dalmaso pela leitura atenta e delicada, as colaborações interessadas e pertinentes, que me ajudaram a seguir em frente e delimitar melhor meus olhares.

Aos colegas do grupo de orientação, tão dispostos a discutir e pensar juntos, pelo apoio importante, as ajudas e compreensões das minhas trapalhadas, além das conversas sobre a vida e companhia carinhosa neste percurso.

À Profa. Emérita Ecléa Bosi, pela poesia no olhar ao outro. À Profa. Dra. Lígia Amaral (*in memoriam*), pela força e revolta em nome da diferença. À Profa. Dra. Marlene Guirado, pela atenção e cuidado. À Profa. Dra. Henriette Morato, pela contenção e iluminação; dentre muitos professores que marcaram meu percurso.

Aos funcionários do IP-USP, alguns mais próximos e amigos, outros tão solícitos, sempre tornando os espaços do IP tão familiares e cheios de sorrisos. Um agradecimento especial ao Ale da biblioteca, sempre me empolgando a continuar aluna do IP.

À Micro-rede São Remo e à Pastoral da Criança, que facilitaram, apoiaram e viabilizaram esta pesquisa, mostrando enorme respeito e aposta em mim.

Ao Centro de Saúde Escola Samuel Pessoa e seus agentes de saúde pelo apoio e consideração, além da ajuda com tantas e ricas informações.

À Micro-rede, ao FoCA-Bt, à Comissão Central, à Rede Butantã e ao Conselho Tutelar do Butantã, que vêm me acompanhando em minha formação e mostrando a importância e riqueza do esforço em trabalhar em rede.

Ao Projeto Quixote, que me permitiu uma experiência inigualável de equipe e de prática de trabalho: respeitosa, cuidadosa, afetuosa, reflexiva e crítica.

À família da Lena, ao Vi e ao Jhonatan, por ajudarem a ver que muito se constrói com o afeto sincero e que vale a pena sonhar.

À Marlene, à Áurea e à Luciana, por me suportarem em minhas crises em relação à vida e me ajudarem a ver minha força.

À família Gistren, pelo acolhimento e oportunidade de organização.

À Martha Pimenta, à Cris Rocha, Ana Vannucchi, pelo diálogo freqüente, encorajamento e apoio carinhoso.

Aos meus amigos muito queridos, de tantos lugares, que me aturaram por todo este tempo, sempre preocupados e permitindo momentos de descontração e alegria que só eles sabem dar. Companhias tão fundamentais para minha sobrevivência.

À Teresinha, pela ajuda com o dia-a-dia e pelo invejável humor, que nos faz ficar numa ótima atmosfera e olhar a leveza da vida.

À família Peres e à Stucchi por todo o carinho, por toda aposta, por todo apoio, por todo sorriso, por todo olhar, por todo abraço, pelo papel tão importante de cada um de vocês para eu ser quem sou.

Ao Mateus, à Alice e à Maria Luisa, pelos momentos de refúgio, na delícia dos encontros de paz e alegria tranqüila e pela demonstração de maravilha da vida.

À Clo, que vem me ajudando a olhar para mim mesma, me ensinando a conviver com o diferente e me mostrando que não preciso ter tanto medo da vida.

Aos meus pais que me ajudam mais do que imaginam, por serem quem são, por amarem como amam, por me apoiarem tanto e acreditarem tanto em mim.

Ao Dani, por toda a ajuda inestimável, conversas e leituras tão dedicadas, a escuta e o olhar tão cuidadosos, me permitindo uma qualidade de trabalho que só a seu lado e de mãos dadas eu poderia fazer. Aguentando as crises, o mau humor, apostando em mim e me ensinando e acompanhando no aproveitamento das coisas boas da vida.

“Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.”

João Cabral de Melo Neto

Resumo

STUCCHI, Mariana Peres. **Artes de viver em mulheres de camadas populares – o cotidiano de mães da comunidade São Remo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Este trabalho nasceu do contato com mães de comunidade pobre, que precisam dar conta de jornadas triplas de trabalho: casa, filhos, trabalho; quando não quádruplas pensando que precisam cuidar de ser esposa e mulher também. A questão é como essas mulheres conseguem renovar suas energias para a luta diária pela vida? Será que há condições de só viver de trabalho, de exigências externas, de responsabilidades? Assim encaminhou-se a discussão sobre o lazer e o trabalho, pensando-os como instâncias importantes para a condição humana, para a expressão e manutenção de si. A proposta é apresentar uma visão crítica sobre o papel do lazer e do trabalho no cotidiano das pessoas no início do século XXI, a partir da linha de Frederic Munné, de que a sociedade desta época está sob uma intensa influência da propaganda e do lucro e de que o tempo não deve ser dividido entre trabalho e lazer. Christophe Dejours traz uma possibilidade nova de interpretação sobre o conceito de saúde: por mais controlados que os desejos estejam pela mídia e propaganda, as pessoas têm necessidades básicas de buscar seus interesses. E esta busca é fundamental para manutenção do desejo pela vida. O que se faz na diversificação de atividades. Este ponto se aproxima do pensamento de Donald Winnicott, que vê a possibilidade de se colocar no mundo, ou seja, a capacidade de viver de forma saudável, a partir do brincar e da relação mãe-bebê. Esta pesquisa tem o objetivo de conhecer as formas de vida de mulheres, mães, de comunidade pobre de São Paulo – a São Remo, vizinha à USP. Por conta desta vizinhança, a São Remo apresenta uma relação peculiar com as pesquisas que ali são propostas. Não há uma grande valorização desta atividade, já que eles encontram tantos pesquisadores de diversos cursos diferentes na comunidade e sentem pouco retorno disso. Esta distância aparece na presente pesquisa, que trabalhou a partir do interesse das moradoras, e também por ter se deparado com mulheres se propondo a participar por conta da especialidade da interlocutora: psicologia. A partir de encontros mensais organizados pela Pastoral da Criança na região, sete mulheres deram seus nomes para conversar sobre suas rotinas. Rotinas cheias de sentimentos e que mostram uma variedade de sentidos a cada atividade que fazem. Estes momentos dos encontros são marcados pela presença de muitas mães com seus filhos, aguardando pesagem, sorteio de cesta básica, lanche, sol, espaço para os meninos brincarem, outras mães para conversar. Um espaço tão rico, já começa a mostrar o quanto a maioria das atividades destas mulheres está marcada pela maternidade e também pela união da responsabilidade e do relaxamento. Mesmo quando falam em trabalho fora de casa, valorizam o sair, a diversidade de coisas para ver, o dinheiro para suas coisas, entre outros. Inclusive a viabilização do grande sonho de todas elas: ter uma casa sua e arrumada. Elas nos ensinam diferentes maneiras de viver, de enfrentar as dificuldades, de sonhar e manter o desejo pela vida.

Palavras chave: 1. Mulheres 2. Mães 3. Brincar (Winnicott) 4. Áreas de pobreza 5. Cotidiano 6. Lazer 7. Trabalho.

Abstract

STUCCHI, Mariana Peres. **Poor Women's Art of Living – The daily routine at São Remo's community**. 2009. Dissertation (Master in Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009.

The idea for this work started from contact with poor mothers who must take care of a lot of things during their days: housework, children, work, and also being a wife and a woman. How can they have enough energy for all of that? Is it possible to live only working and dealing with obligations? This led to the discussion of work and leisure. They are both very important activities for ability of human beings - to express and to keep life going on. This dissertation presents a critical view of the role of work and leisure for people who live in the twenty-first century. Frederic Munné says that this is a time when our lives are very influenced by marketing and money and that we normally think in a double way: or work or leisure. Cristophe Dejours thinks that being healthy today is to keep engaged and to have a desire for living. This, we can do if we have different activities each day. This is similar to Donald Winnicott's idea that our interest for living and for life is something people develop from creativity and from the mother/child relationship. This research studies the way of life of poor mothers from a poor community in São Paulo called São Remo, USP neighborhood. Because of this neighborhood São Remo doesn't give much value for researches in the area. They are studied often, but little feed back is given. This is shown in this work, that is based on São Remo women's interest, and also they are interested on psychologist consultation. Starting with my presence in a monthly meeting organized by Pastoral da Criança, I met seven women who would like to talk about their daily routines. Those are full of emotion and shows lots of different meanings in each activity. The Pastoral meetings have a lot of mothers with their children, waiting to check each child weight, to see who will be the lucky three winners of donated food, for snacks. These mothers and children enjoy the outside atmosphere with space for children play and an opportunity to speak with other mothers. A very rich moment that demonstrate the big part that motherhood plays in their routines. They can unite responsibility and relaxing. Even when they talk about work, they can give value to the way they do things, the diversity of things to see and the money they can have to pay bills and sometimes buy women things, among other points. As well as their dream to have their own beautiful house. They teach us many ways of living, to fight for life, to dream and to keep desire to live.

Keys Word: 1. Women 2. Mothers 3. Playng (Winnicott) 4. Poor areas 5. Daily Life 6. Leasure 7. Work

Sumário:

Agradecimentos.....	6
Resumo.....	9
Abstract.....	10
Introdução.....	11
Capítulo I - A peleja entre realidade e sonho na busca de sentido.....	24
Capítulo II - Contornos de um contato, as vozes de mundos em encontro.....	68
A – A São Remo como parte da cidade.....	69
B – Bastidores de um contato.....	87
C – A São Remo como meu espaço de interlocução.....	92
D – Mulheres e mulheres em contato.....	101
Capítulo III – Descobrimdo a dureza e a arte de ser mulher.....	114
A – O dia-a-dia e suas repetições.....	119
B - Ser mãe.....	129
C - Ser mulher.....	152
D - Atividades da vida.....	167
a. Conversas.....	170
b. Festas.....	174
c. Música / TV / DVD.....	178
d. Passeios.....	183
e. Trabalho.....	184
E - Família, igreja e outras instituições.....	193
F – Sonhos.....	206
Amarrações finais.....	211
Referências Bibliográficas.....	230

Introdução.

Lembrete

“Se procurar bem, você acaba encontrando
não a explicação (duvidosa) da vida,
mas a poesia (inexplicável) da vida.”

Carlos Drummond de Andrade

Este poema mostra o que me despertou para esta pesquisa. Buscar a vida, conhecê-la nas suas diferentes formas, como cada um lida com ela, e não tentar explicá-la e até mesmo corrigi-la. Poder ver poesia na vida, por sua diversidade e insistência (no sentido de não desistir de viver por dificuldades que apareçam) não parece tarefa tão fácil. Crianças no farol, abandonando a escola, famílias perdendo suas casas em alagamentos, desemprego, mal atendimento nos serviços públicos, mães precisando dar conta de trabalho fora, trabalho doméstico, cuidado dos filhos, que inclui idas à escola, além de (com muita boa vontade) seus próprios estudos, etc., é algo que para muitos poderia ser motivo de abrir mão da existência, pensando não ter condição de lidar com tamanha agressão da realidade. E mesmo por trás disso tudo, acompanhei em atividades práticas de trabalho, as pessoas vivendo e batalhando por suas vidas. Cada um dentro de suas possibilidades.

Por isso, o principal objetivo deste trabalho é encontrar as fontes de energia dessas pessoas. Especialmente mulheres, que muitas vezes precisam dar conta de jornadas duplas, triplas, quádruplas ou quádruplas de trabalho: casa, filhos, trabalho fora, casamento e ainda elas mesmas. Como elas conseguem levantar da cama todos os dias e dar conta de sua infinidade de obrigações em meio a dificuldades tão grandes, a começar pela financeira?

Patrícia Ramiro (2004) aponta como em 1980 algumas pessoas já começaram a se interessar pelas formas de vida da população pobre e a perceber que as diferentes condições

de vida acabam levando a distintas formas de organização, de valores, de sentidos para as atividades diárias:

No início dos anos 80, o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani apontava em sua tese de doutorado, sobre o lazer na periferia paulista, a importância da análise dos fatores culturais para a compreensão dos valores e das condições reais de existência de vida dos trabalhadores, minimizando assim, os estudos que compreendiam tal classe social apenas como resultado da dominação do capital (2004: 1).

Esta compreensão de certa forma valoriza os modos de vida de comunidades pobres, pois reconhece nestes certa subversão à “dominação do capital”, além de fugir de preconceitos e estereótipos que simplificam a apresentação dos fatos. Se alguns autores, como Renato Ortiz (2007) e José de Souza Martins (2008), defendem que a modernidade é bastante complexa por suas contradições, podemos pensar que a vida de cada um, se já complexa por ser humana, se torna ainda mais neste momento histórico. Uma das contradições é o quanto se luta para manter a vida numa sociedade em que muitos críticos, como Adorno (1994, 1996), observam ir na direção oposta, numa desumanização crescente. Ao lado desta visão Macdonald coloca:

O homem-massa, conforme eu uso o termo, é uma construção teórica, um limite extremo para o qual estamos sendo empurrados, mas que nunca alcançaremos. Pois ser totalmente um homem-massa significaria não ter vida íntima, nem desejos, nem passatempos, nem aspirações, nem aversões pessoais que não fossem partilháveis por qualquer outra pessoa. Ser alguém cuja conduta fosse inteiramente predizível, como uma peça de carvão-de-pedra: assim, finalmente, os sociólogos poderiam fazer os seus quadros sem o receio de errar (1962 apud BOSI, 1977: 67).

Helôisa Nogueira acrescenta:

Então, para dar conta das complexas, multidimensionais e dinâmicas facetas que cercam a idéia de identidade, precisamos sair do território frio e distante dos fatos históricos e das explicações cientificistas para ousar admitir a presença do simbólico e do imaginário como maneiras possíveis de a sociedade se dizer e se sentir (2005: 267).

Portanto, há quem acredite na manutenção de algo que diz respeito ao humano, à vida. Se há algo que ainda persiste, é algo que se deseja olhar. Mas quando se fala em olhar estas características num outro, num outro que vive em condições diferentes, lida-se com algo também complexo. A partir destas colocações, ir a campo se torna importante, além de ato que demanda atenção. É necessário um processo de “estranhamento”, de diferenciação na aproximação, na chegada do pesquisador ao campo e no contato com as pessoas da comunidade. Isto porque, com diferentes valores, o primeiro pode naturalizar sua cultura, sua forma de entender e olhar o mundo, e não perceber que está em contato com outra. Deixar detalhes passarem sem serem notados. Estamos todos numa mesma sociedade, moldada pelo interesse do capital, mas não deixamos de ter identidades e formas diferentes de estar no mundo.

Este momento de estranhamento foi necessário, já que quando cheguei a campo, à comunidade São Remo, acreditava que o que deveria buscar eram atividades que permitem descanso da lida diária e geram prazer às mães dali. Como coloca Suzana Herculano-Houzel:

Sexo, drogas, música e comida são presenças constantes em nossa vida, em suas formas mais extremadas ou em simples paqueras, café ou cerveja, canções de ninar e lanches rápidos, e não poderiam deixar de ser. O que eles representam é a razão de nossa existência, é o que nos tira da cama a cada novo dia: a expectativa de um pouco de prazer. (...) Hora, então, de atualizar os livros didáticos que afirmam que o papel principal do cérebro é coordenar sensações e movimentos. Sem um prazer para associar como recompensa, o *show* dos sentidos não teria a menor graça (2003: 218).

Não deixo de pensar que o prazer é algo que dá sentido às atividades e com isso motiva e gera vida, porém fui podendo perceber que este prazer pode estar nos fins aos quais as atividades estão ligadas, por exemplo: a mudança de vida possibilitada por um trabalho. Assim, uma transformação pela qual o projeto passou foi do foco no lazer como possibilidade de reposição de energia, para uma possibilidade de olhar diversas atividades, inclusive o trabalho, como revigorantes.

Para entender esta mudança de foco é preciso conhecer a trajetória da pesquisa no contato com algumas mães de uma comunidade pobre de São Paulo (Jd. São Remo), sem desconsiderar o momento de vida da pesquisadora. Além do percurso de produzir e escrever uma dissertação, novas experiências na vida pessoal e profissional me ajudaram a construir outro olhar para a vida e suas demandas.

O contato com a comunidade escolhida para a pesquisa já existia anteriormente, por conta dos estágios e vizinhança com a Universidade de São Paulo, que fez com que eu já participasse de redes sociais¹ da região. Uma delas é interna da comunidade, a Micro-rede São Remo, formada por instituições que atendem os moradores: Centro de Saúde-Escola Prof. Samuel B. Pessoa, conhecido como Centro de Saúde Escola do Butantã (CSE), Projeto Esporte Talento, Projeto Esporte Solidário, Programa Avizinhar², Projeto Alavanca, Pastoral da Criança, Projeto Oriental, Jornal Jardim São Remo, entre outras. O projeto de pesquisa foi apresentado na rede e sugeriram que ela fosse iniciada no contato com o grupo da Pastoral da Criança, que organiza pesagens das crianças da comunidade, onde muitas mães se encontram reunidas.

Estas pesagens são encontros mensais onde crianças de zero a seis anos vão ser pesadas, para acompanhamento da nutrição³ e momento no qual a Pastoral sorteia cestas básicas e presentes para as famílias que estão nos encontros. Estas famílias são convidadas a participar através de visitas da Pastoral à comunidade e continuam com acompanhamento de coordenadores da mesma instituição. A presença na pesagem não é obrigatória, mas a frequência é notada e, além disso, existe o sorteio da cesta, que é importante para muitas mães.

¹ Redes sociais são grupos formados por iniciativas de pessoas que trabalham ou vivem em certa região e acreditam que o trabalho conjunto facilita e potencializa os serviços específicos. Na São Remo atua a Micro-rede São Remo, formada por instituições que atuam nesta comunidade. Mas na Região do Butantã, incluindo a São Remo, há outras como a própria Rede Butantã, o Fórum da Criança e do Adolescente do Butantã e a Comissão Central. Para consulta sobre o assunto é possível fazer pesquisa no Portal Pró-menino (WWW.promenino.org.br).

² Que deixou de existir durante o período da pesquisa por intervenção da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, que o financiava.

³ Especialmente em cidades mais pobres, interioranas e nordestinas, a Pastoral tem conseguido bons resultados em relação à diminuição da mortalidade infantil.

Através do acompanhamento das pesagens e de conversa com o grupo de mães presentes, algumas deram seus nomes para conversarmos sobre a pesquisa. Cada contato e conversa seguiu de uma maneira e o material será apresentado no terceiro capítulo desta dissertação, mas é importante destacar o quanto o trabalho tem um papel fundamental para a vida cotidiana destas mulheres e de como sentem falta de cuidar de si, de fazer coisas para si mesmas, embora falem de atividades que lhes dão prazer. Sentem que dedicam seu tempo aos outros e pouco podem dedicar a si.

Muitos autores falam de importância da mulher para a sustentação da casa, especialmente a partir dos anos 1980 (Davis, 2006), e Gustavo Venturi e Marisol Recamán (2004), a partir de pesquisa com um universo de 61,5 milhões de mulheres brasileiras, de grupos sociais diversos, realizada pela Fundação Perseu Abramo, apresentam que enquanto os homens são provedores de seus lares (93%) e pouco participam do trabalho doméstico (19%), as mulheres precisam dar conta das atividades domésticas (96%) e de sustentar a casa (45%). O que “torna evidente como o peso da dupla jornada, com o acúmulo dos trabalhos remunerado e não-remunerado, tem recaído sobre as mulheres.” (2004: 23) Assim, esse recorte foi feito e a partir desta constatação, formulou-se a questão de como e de quais fontes de energia elas se alimentam para dar conta de tanta exigência e desejo de autodeterminação.

Woortmann enfatiza: “a situação de pobreza não altera em nada o status da mulher. Pelo contrário, ele torna o seu ‘domínio’- o da casa e das relações que a rodeiam - central e decisivo para a sobrevivência da casa” (1987 apud RAMIRO, 2004: 1). Pois acredita que as mulheres pobres são as que criam as relações na comunidade e com isso tecem a rede de amizades e solidariedade, tão importante para o dia-a-dia de camadas populares. Na São Remo, fica claro o papel da família, da igreja e de outras instituições, assim como dos vizinhos, para todos ali. Mesmo que ressalvem o cuidado que devem ter com focos e isso delimite a rede de relações de cada um, estas são valorizadas.

E se a mulher tem tanto a cuidar, tanto a trabalhar, há pouco tempo para relaxar. Embora as conversas pela rua, com vizinhos, com amigos e familiares, sejam possíveis situações de relaxamento, de intimidade, de desabafo, ficou claro que o “cuidado de si” é visto de um jeito diferente por elas, como luxos a que elas não têm acesso. Mas estão sempre buscando relaxar e fazer coisas que gostam. E aqui fica um pouco mais clara a mudança do foco. O lazer é visto por elas como aquele vendido pela mídia, com o qual elas pouco têm contato. Acontece que apresentando as formas de viver destas mães, conhecemos as atividades que dão sentido à vida, que movimentam e que fazem bem a elas, incluindo o trabalho, cuidar da casa, cuidar dos filhos, passear no parque, visitar a família, visitar os amigos, fazer um churrasco, etc.

Este tipo de pesquisa sobre o modo de vida, a cultura da população pobre de uma cidade, é algo não tão antigo. Em 1977, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo organizou um simpósio sobre a Cultura do Povo. Na apresentação da publicação gerada pelo simpósio⁴, os organizadores do evento colocam que é um tema que se tornou “da moda” naquela época. E lendo esta publicação percebe-se que as pessoas estavam iniciando seus estudos a respeito, como coloca Octávio Ianni:

Diria, então, que a discussão sobre cultura do povo deveria avançar sobre manifestações concretas do que se supõe, do que se pensa que é a cultura do povo, para ver se aí nós encontramos aquilo que Gramsci encontrou, que é o fato de que nas manifestações da vida social e espiritual do homem comum há uma riqueza de ver, de pensar e de dizer, que nem a ciência e nem a política ainda exploraram devidamente. Isso é fundamental e acho que aí nós começaríamos a sair do discurso *sobre o povo, sobre a cultura do povo*, para um trabalho concreto de reconhecimento do que é efetivamente o *modo de viver ou ser do povo* (1984: 136).

E Carmen Macedo encerra as considerações finais da mesma publicação dizendo que: “No cômputo geral, fica a idéia de que não basta o reconhecimento da necessidade de se aliar

⁴ VALLE, Edênio e QUEIROZ, José J. (orgs.) A cultura do povo. São Paulo: Cortez, 1984.

aos de baixo: é preciso viabilizar a aliança e, sobretudo, torná-la fértil. Essa é a grande questão em aberto, o grande desafio.” (1984: 144)

Eu não comungo da nomenclatura “os de baixo”, que indica que este desafio de estabelecer aliança dos acadêmicos com as comunidades populares, ao menos estava bem longe de ser alcançado, já que parece impregnado de uma hierarquia que inferioriza o outro. Mas o estudo que se apresenta nesta dissertação procura formas de fertilidade – no sentido que aponta Macedo, de podermos nos aproximar, nos conhecer e assim podermos crescer juntos.

Especialmente por sermos de uma universidade vizinha a esta população pobre, temos este desafio, de aproximação e troca, como viável e extremamente frutífero, numa avaliação do quão enriquecedor este contato, ou aliança, pode ser para ambas as comunidades: São Remo e USP. Além disso, o estudo busca esta fertilidade na vida e nos prazeres das pessoas desta favela. E pensar em prazeres de pessoas que vivem em bairros muito pobres é muitas vezes pouco considerado, como pensa Reginaldo Ferréz, escritor brasileiro que cresceu em bairro da extrema periferia de São Paulo (Capão Redondo), ao falar⁵ que as pessoas na favela têm que se levantar e ir trabalhar, não há espaço para pensar sobre como desejariam a vida, que tipo de diversão gostariam (informação verbal). Ou seja, a preocupação é ininterrupta e as obrigações também. Será que há sobrevivência sem possibilidade de prazer? Como será que vivem estas pessoas?

Ao comentar os trabalhos de pesquisa sobre cultura popular, José Antônio Pasta Jr. aponta a dificuldade de contato com a temática, dizendo que os estudiosos, de meios intelectuais, acabam por se dividir em dois carros:

Desde a recusa integral dessas produções culturais (“deformação”, “fala de escravos”, insuficientes”, “limitadas”, incapazes de totalização”, “miseravelmente presas ao empírico” etc.) até entusiasmo pela “pujança cultural popular”, passando por uma

⁵ Em debate na Sociedade Brasileira de Psicanálise, dia 02 de julho de 2005, numa proposta de contato dos psicanalistas com uma realidade diferente.

ladainha de lamúrias e um vale de lágrimas pelo sofrimento do povo (...) O próprio adensamento dessa pletora de discursos cria uma espécie de *surplus* ideológico, uma selva conceitual e teórica, sobreposta à complexidade de base da questão, que se torna tão difícil quanto necessário desbastar (2006: 59).

Valorizar o conhecimento produzido em comunidades pobres como outra forma de produção de cultura, sem desqualificar ou supervalorizar, é uma possibilidade de agregar conhecimento, num lidar com a vida em condições diferentes das conhecidas pela universidade, além de agregar valor a estas comunidades que sobrevivem, muitas vezes em condições sub-humanas, que deveriam se orgulhar da façanha que executam a cada dia. Um ganho concreto foi conseguido por arquitetos, como Turner, que, segundo Davis (2006), “se encantou com o gênio criativo que viu em funcionamento nas moradias de invasores de terrenos.” E Davis ainda coloca que Turner “não foi o primeiro arquiteto a entusiasmar-se com a capacidade dos pobres de organizar-se em comunidades e construir com habilidade e inteligência.” (2006: 80)

Horacio Gonzáles (2002) trabalha uma duplicidade crítica na visão da pobreza, da miséria. Segundo o autor, falar disto é falar de dor, de dificuldades, de crítica à realidade social, econômica, política, do homem brutalizado, mas não se pode deixar de perceber a riqueza que se apresenta para enfrentar esta realidade: “convive también com una Idea de la festividad popular, el mundo orgiástico del pueblo subalterno, la estetización del saber de los pobres y la carnavalización de la vida cotidiana de los favelados y su imaginación para viver em los interstícios de ilegalidades económicas de sobrevivencia” (2002: 56). O autor chama a atenção para esta capacidade de vida apresentada pelos pobres, que pode gerar este contraste com o sofrimento a que estão expostos, mas não deve ser motivo de achar que a pobreza seja algo bom, ou admirável.

É importante apontar que não achar bom ou admirável é não deixar de perceber o sofrimento e de lutar pela transformação da sociedade, em nome de maior igualdade de

condições de vida, de respeito, de cidadania. Eunice Durham (1988) também faz uma ressalva ao falar da inovação na visão da antropologia, que decorre de uma politização da mesma, já que as minorias desprivilegiadas – foco de muitos estudos da antropologia urbana – são vistos como apresentando formas de resistência às normas capitalistas de vida, e de como é importante uma reflexão a este respeito, já que este quadro é bastante novo e ainda passa por correntes transformações.

E entrar na São Remo não é diferente. Passa por esta nova forma de encarar as formas de vida de camadas populares, mas também de procurar produzir conhecimento a partir do cotidiano de uma comunidade pobre diferenciada porque vizinha de uma universidade. Martins chama atenção para esta característica, em meio à crítica à invasão tecnológica na vida das pessoas pobres:

A situação dos chamados excluídos, nas grandes cidades, como São Paulo, leva a uma complicada combinação de modernidade e miséria (ou não será a miséria um dos componentes da modernidade?). Na favela de São Remo, uma invasão de terrenos públicos e particulares na vizinhança da Universidade de São Paulo, e em terrenos da própria Universidade, o cenário é o de um desarticulado conjunto de casas inacabadas e sem alinhamento, cujos moradores são, em pequena parte, prestadores de serviços na Universidade. No entanto, um surpreendente número de antenas parabólicas indica que a casa incompleta e precária e a mesa pobre não estranham a tecnologia sofisticada do satélite e o imaginário luxuoso e manipulável da televisão. É como se as pessoas morassem no interior da imagem e comessem imagens. A imagem se tornou no imaginário da modernidade um nutriente tão ou mais fundamental do que o pão, a água e o livro. Ela justifica todos os sacrifícios, privações e também transgressões (2008: 35).

Por isso, se o cotidiano de uma comunidade pobre é algo tão complexo e rico, haja visto que se faz nesta contradição entre a pobreza e os saltos tecnológicos do século XXI, que se constrói entre o sofrimento e o desejo de viver, há muito que se conhecer. Como colocam Maria Luisa Schmidt e Marcelo Toniette (2008) a pesquisa de modos de vida a partir da interlocução, da escuta dedicada ao outro, é uma “produção compartilhada de conhecimento”: num encontro entre o pesquisador, que se forma em uma cultura de elite, e

um morador da São Remo, que cresce em outras condições e vendo estas diferenças gritantes a cada passo. Contato que precisa de muita reflexão e crítica para chegar ao outro. E conhecimento que só pode ser construído por esta dupla, já que deve ser construído um entendimento e esclarecimento entre culturas, além de entre pessoas.

E esta pesquisa, além de construir um conhecimento junto a algumas mães da São Remo, busca “produzir interpretações e discursos contra-hegemônicos capazes de combater visões generalizantes e preconceituosas contra indivíduos, grupos e coletividades” (Schmidt e Toniette, 2008: 103). Um objetivo importante para buscar humanizar e aproximar os mundos distantes que vivem na sociedade do século XXI. Mundos que se olham através destas lentes estigmatizantes e que poderiam enriquecer muito se houvesse uma real aproximação. Diferentes formas de vida com certeza têm o que ensinar umas às outras. Como diz Donald Winnicott (1958/1982) a capacidade de estar só é fundamental para atingir a maturidade, a solidão apenas dificulta a luta pela vida – que se é mais árdua para os pobres, é real para qualquer ser humano.

Então, comprando o desafio de estabelecer uma aliança com a São Remo, e na tentativa de falar do modo de vida destas mulheres, organizou-se o trabalho em três capítulos, seguidos das amarrações finais. Todos eles olham o cotidiano, os fazeres de todo dia, como produção de cultura e fogem da dicotomia trabalho X não trabalho – algo apresentado no primeiro capítulo. Considera-se toda e qualquer atividade uma possibilidade de encontrar sentido na vida. Busca-se conhecer rotinas que vão indicar como cada um cria em nome da vida, como cada um consegue se colocar no mundo.

O primeiro capítulo traz uma elaboração teórica na tentativa de compreender a realidade que todos precisamos enfrentar para viver, que apresenta muito mais barreiras a uma comunidade pobre de São Paulo. Autores como Renato Ortiz (2007), Frederic Munné (2004), Karl Marx (2004), Robert Castel (1998), Sigmund Freud (1997), constroem um contexto

em que há muita contradição, desigualdade, manipulação, alienação, subordinação, ameaça, que se apresenta como cenário à vida das pessoas na sociedade moderna. Se o indivíduo deve se adequar à vida em sociedade, já que precisa dos outros para viver, o individualismo e o interesse irrestrito pelo capital têm dificultado as condições de sobrevivência e de consideração ao outro. Assim, Christophe Dejours (1986) apresenta um novo conceito de saúde, que vem desta noção da complexidade que se apresenta e ao mesmo tempo da necessidade e desejo de vida pelas pessoas. Para o autor a saúde está na manutenção de movimento, de mobilização, de esperança, de sonhos – algo que se consegue através da variação de atividades. Num cotidiano rico de novos estímulos e experiências, que movimenta corpo e pensamento.

E Martins (2008) valoriza o cotidiano, especialmente das pessoas pobres, como a indicação de subversão à massificação, como formas de lutar pela vida em contexto tão desfavorável. Se é neste cotidiano, que quanto mais variado mais enriquece a possibilidade de vida do indivíduo, que está o interesse pela vida e o motor para se permanecer no mundo, a saúde que mantém o mundo, é nele que vamos poder encontrar o “brincar” de cada um. Se faz, então, uma aproximação deste cotidiano, desta cultura, desta variação de atividades, ao conceito de brincar de Winnicott (1975a), que entende a criatividade como sinal de saúde e de interesse pela vida. É a partir desta compreensão que a pesquisa busca o cotidiano de mulheres da São Remo, procurando os sentidos que dão às atividades e como encaram cada uma delas para permanecerem lutando.

O Capítulo II traz a entrada num novo mundo e a possibilidade de contato e permanência ali. Há um diário de campo mesclado a discussões teóricas sobre metodologia de pesquisa, já que toda a reflexão e cuidado no contato aconteceram exatamente no decorrer do processo entre a pesquisa de campo e a bibliográfica. Há uma preocupação em apresentar o contexto em que as mulheres “sãoremanas” vivem, para então contar como foi o encontro

com elas. Sete encontros que se basearam na idéia de interlocução, que nos traz Roberto Cardoso de Oliveira (1998). Uma relação de pesquisa dedicada ao outro, com escuta atenta visto que há linguagens de culturas diferentes que precisam construir uma forma de comunicação. Procuro mostrar como, mesmo tendo trabalhado e estagiado em comunidades pobres antes, a entrada na São Remo para a pesquisa ainda carrega medos e sensações de deslocamento. Especialmente no início, era perceptível que eu não pertencia ao mesmo grupo daqueles com quem encontrava por ali. Sempre olhada, fui questionada por crianças se estava ali para pesquisa. Eu andava com o caderno na mão e só de olharem me acharam uma presença diferente.

Foi interessante poder estar lá ao final do período de mestrado e já ser questionada se eu seria mãe de uma das crianças dali. Portanto, há um processo durante esses três anos de freqüência à paisagem e à comunidade, em que fui me aproximando e me familiarizando com elas e vice-versa.

E no terceiro capítulo mostro a riqueza do que puderam me contar sobre suas vidas. O que me contam de sua rotina, de como sentem ser mãe, ser mulher, das atividades significativas em suas vidas, de seus sonhos. São as vozes de Rosinha, Terezinha, Amélia, Patrícia, Lalau, Dolores e Branca, se abrindo e mostrando como a luta pela vida não é fácil e mesmo numa família que batalha unida, para ir além e brigar pelos sonhos há muito a ser feito.

As amarrações finais falam de questões que permanecem, que demandam novas pesquisas, como, por exemplo, se há diferenças e quais entre as atividades diárias e os sonhos destas mulheres com quem conversei e de mulheres com melhores condições de vida. Nesta última parte também retomo alguns pontos apresentados no terceiro capítulo, que merecem ser ressaltados, como o papel importante que a presença de um marido companheiro tem no dia-a-dia destas mulheres. As casadas com alguém presente, que divide preocupações e

responsabilidades, têm enormemente melhores condições de se organizar interna e externamente.

Quando fiz a entrevista para a seleção de mestrado, uma das professoras que me ouviu contar o caminho para o projeto disse que eu parecia apaixonada pelo tema. Acredito que ela estava certa. Talvez não chegasse até aqui se assim não fosse. Mas o que escrevi aqui nesta dissertação é o desenvolvimento desta paixão, a conquista de muito conhecimento e aprendizagens que ensinam a viver. Portanto, continuo apaixonada e espero ter podido falar desta paixão de forma clara e que permita a todos, se não se apaixonarem também, ao menos aproveitarem a riqueza que essas mulheres trazem.

Capítulo I. A peleja entre realidade e sonho na busca de sentido.

“Ser escravo do dinheiro é isso, fulano
 Trezentos e sessenta e cinco dias por ano sem plano
 Se a escravidão acabar pra você
 Vai viver de quem? Vai viver de quê?
 O sistema manipula sem ninguém saber
 A lavagem cerebral te fez esquecer que andar com as
 próprias pernas não é difícil
 Mais fácil se entregar, se omitir
 Nas ruas áridas da selva
 Eu já vi lágrimas demais, o bastante pra um filme de
 Guerra”

Racionais Mc's - Periferia É Periferia

“Há! Demorou mas hoje eu posso compreender, que
 malandragem de verdade é viver.”

Racionais MC's - FÓRMULA MÁGICA DA PAZ

Os recortes das letras de rap são um convite para pensar a complexidade que todos temos que viver para aprender a “malandragem de viver”, e como há pessoas que precisam ser ainda mais “malandras”. Como lidar com uma realidade que nos exige tanto rebolado que o mais fácil parece ser se entregar? A discussão que segue procura pensar esta questão, em como podemos ou não lutar por nossa identidade e nosso lugar na sociedade.

Muitos autores trabalham a contemporaneidade a partir da idéia de modernidade ou pós-modernidade. Não cabe neste trabalho uma extensa discussão teórica sobre este ponto,

mas é importante caracterizar minimamente a realidade contraditória que enfrentamos neste início de século XXI.

Ortiz (2007) chama atenção para a falta de conhecimento que se tem desta nova configuração social, tecnológica ao extremo, da qual se fala usando tantas metáforas por conta da imprecisão. Uma imprecisão decorrente de processos que se iniciaram e ainda não se completaram, como a globalização. Esta idéia está de acordo com a posição de Martins (2008) que fala como a modernidade no Brasil ainda não foi totalmente alcançada. Um exemplo histórico que remete a esta visão foi o encontro atropelado da modernidade europeia com a tradição da colônia portuguesa, na época da primeira república, como muito bem apresenta Nicolau Sevcenko (2004). A época da primeira república foi o momento de maior desenvolvimento industrial no Brasil e de necessidade de uma reorganização identitária do povo brasileiro. Segundo Sevcenko, no início do século XX, houve uma intensa mudança em nome de deixar a capital brasileira, Rio de Janeiro, com a “cara” de Paris, em nome de *status* e poder. Em detrimento de uma preocupação social com o desenvolvimento. Lima Barreto coloca: “De uma hora para a outra, a antiga cidade (do Rio de Janeiro) desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muito de cenografia” (apud SEVCENKO, 1985: 25). Era frase popular: “A vida é um pau de sebo que escorrega, tendo na ponta presa uma bolada” (apud SEVCENKO, 1985: 39). Portanto, a coxia estava em frangalhos e criava um cenário social de difícil contorno, que aparentemente realmente não mudou muito⁶.

Este choque é algo que realmente se observa ainda neste início de século e Martins mostra sua decorrência:

No caso latino-americano e, sobretudo, brasileiro, a crítica constitutiva da modernidade vem do “hibridismo” cultural, da

⁶ Segundo dado apresentado em Anais do Seminário Internacional Polifonia da Miséria, uma Construção de Novos Olhares (2002), a sociedade brasileira é formada de 1% que retém 53 a 57% da renda do país. Uma distribuição que não deixa negar a pobreza da população e que se agrava pela diversidade de etnias, regiões de habitação, gênero. Um quadro muito grave e complexo.

conjunção passado e presente, do inacabado e inconcluso, do recurso ao tradicionalismo e ao conservadorismo que questionam a realidade social moderna e as concepções que dela fazem parte e mediatizam; a opressão e os absurdos do moderno, da racionalidade, da quantidade, do modismo, do transitório e passageiro como maneira permanente de viver e de ser. O inacabado e inconcluso, a modernidade que não se completa, produziu no Brasil uma consciência social dupla, o diverso segmentado e distribuído nos compartimentos da cultura e da vida (Martins, 2008: 22).

Ou seja, se as misturas e atropelos ocorreram, elas permanecem em nossa identidade social. O moderno, especialmente entre as comunidades de periferia, aparece como “simulação, máscara, expressão da inautenticidade.” (Martins, 2008, 30)

O autor apresenta esta modernidade aparente, onde temos acesso a diversas informações, imagens e mesmo materiais, mas não ficamos satisfeitos, e sim saturados e cansados da idéia de que nosso dia-a-dia não é nada perto de tanta imensidão e abundância. Como coloca Ortiz, o planeta que era tão gigante e inatingível hoje “encarna (...) nossa existência, modificando nossos hábitos, nossos comportamentos, nossos valores.” (2007: 8). Exigindo ou configurando inclusive novas formas de sensibilidade, como procura compreender Martin-Barbero (1997: 104-107). Como o mundo invade o indivíduo de forma violenta, nos torna tão ricos e tão pobres ao mesmo tempo, nos deixa tão suscetíveis a aceitar o que aparece para acalmar a correria e a avalanche de estímulos. Vivemos uma realidade fragmentada, cheia de virtualidades, coberta por uma racionalidade que mascara, que nos conforta apresentando falsamente, incompletamente, ideologicamente, o que se passa.

Se na favela se vêem antenas parabólicas aos montes, Martins (2008) acredita ser este um indicativo do quanto a imagem é determinante na modernidade. O parecer moderno é o ponto, não ser moderno. Os símbolos são valorizados mais que os significados. E aí ele apresenta a possibilidade de vida como a capacidade imaginativa:

No fundo, a modernidade exacerbou o imaginário, a capacidade de fabulação, e encolheu a imaginação, a capacidade social de criar saídas e inovações para os problemas. Com isso ampliou a capacidade social de racionalizar e justificar o injustificável. A

competência imaginativa tornou-se uma estratégia de vida e até de sobrevivência (2008: 36).

O autor explica que a modernidade brasileira, assim como latino-americana, está numa indefinição, numa confusão entre a realidade e a fantasia. O imaginário e a fabulação são como crença – necessidade de acreditar em explicações que simplificam a situação que enfrentamos para não desistirmos⁷. Sonha-se alto e acredita-se neste sonho, pela necessidade de sobrevivência, de mínima esperança e desejo pela vida. Assim, a capacidade de imaginação, aquela criativa e baseada na realidade, que ajuda a resolver problemas cotidianos é diminuída, pois as pessoas se apóiam em crenças que explicam sua situação. Algo que de certa forma acomoda, na visão do autor. Até porque, se há tanta imensidão ao alcance de todos, se o mundo se tornou tão pequeno, a tendência é nos acharmos numa quase inexistência e ladainha cotidiana:

Se levarmos em conta a historicidade do homem, o homem como autor e protagonista de sua própria história, a história de sua humanização, a modernidade só é possível como momento contraditório dessa humanização. Momento que, por sua vez, cobra do homem o tributo de sua coisificação, de seu estranhamento em relação a si próprio, no ver-se pela mediação alienadora de um outro que é ele mesmo, embora não pareça. A modernidade, porém, não é feita pelo encontro homogeneizante da diversidade do homem, como sugere a concepção de globalização. É constituída, ainda, pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede não só do que é essencial à reprodução humana, mas também fome e sede de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria. Fome e sede de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns e, ao mesmo tempo, apenas parece ser para todos (Martins, 2008: 18).

A historicidade do homem se perde, já que tanto acontece ao mesmo tempo, sem termos noção de nossa relevância. O que exige esforço bastante grande tanto para a sobrevivência sem sentido, quanto para os que realmente desejam viver, que buscam humanidade. Uma noção histórica que se apresenta no conceito de enraizamento de Simone

⁷ A idéia de defesa pela racionalização é aproximada da explicação de Adorno sobre a Indústria Cultural que será apresentada à frente.

Weil (1996), defendido como talvez das características mais fundamentais à sobrevivência da humanidade de cada um. Vem de uma “raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (1996: 411). É quando nos percebemos como parte de um processo, quando nos percebemos em um tempo e espaço, ou seja, na relação com o outro, com o mundo, que conseguimos nosso enraizamento, nossa historicidade, nossa identidade, nossa humanidade.

Esta valorização do passado e futuro, da noção de história, de historicidade do homem, pode ser aproximada da idéia de natalidade desenvolvida por Hannah Arendt (2005), que pode ser encaixada entre passado e futuro, nesta valorização do que se construiu até o presente e também nas mudanças que podem vir. Algo que a autora entende como fundamental à permanência do homem no mundo e do mundo, e que é uma forma interessante de pensar a relação homem - sociedade. Isto é, não se trata de uma apologia ao passado, nem de uma incitação revolucionária. A autora fala que é a partir de um respeito pelo que foi construído pelos homens até hoje, ou seja, de uma aquisição da cultura atual, que se poderá formar cidadãos que podem continuar construindo.

Este conceito é considerado a base da educação para Arendt (1995), uma vez que ele trabalha a idéia de que a criança nasce para o mundo e a partir daí deve ser protegida dele, mas entrar em contato com ele, e o mundo deve ser protegido dela, uma vez que ela, enquanto ser nascente, novo, pode destruí-lo, modificá-lo por inteiro sem considerar os valores que dele provém, do que já se fez. Os adultos teriam que fazer esta mediação, protegendo a criança do mundo e o mundo da criança. Estas ações, dos homens e das crianças, são parte do tornar-se homem, ações que os fazem de certa forma livres, por serem não determinadas. A ação, para Arendt (1995) é esta possibilidade de se colocar, uma forma de

marcar sua existência no mundo. E esta marca deve levar em conta a tradição, o antigo, e o revolucionário, o novo.

A ação, o trabalho e o labor são, para Arendt (1995), os componentes da “vida activa”, que movimenta. Em contraponto à vida contemplativa, que observa, que reflete. A ação pode ser entendida como a criação, o trabalho é a produção de algo material que permanece, que tem durabilidade, e o labor é toda atividade necessária para manter a vida, para sobreviver. Se a modernidade reduz a “vida activa” ao labor, Arendt entende que tudo que se faz é meio de sobrevivência, é determinado, visto como necessidade, não como objetivo:

(...) as horas vagas do *animal laborans* jamais são gastas em outras coisas senão em consumir; e quanto maior é o tempo de que ele dispõe, mais ávidos e insaciáveis são os seus apetites. O fato é que estes apetites se tornam cada vez mais refinados, de modo que o consumo já não se restringe às necessidades da vida mas, ao contrário, visa principalmente as superfluidades da vida; acarreta o grave perigo de que chegará o momento em que nenhum objeto do mundo estará a salvo do consumo e da aniquilação através do consumo (1995: 146).

O vínculo é com o sobreviver pessoal, não com cada atividade que se faz, seu sentido e valor. O comum, o coletivo se perde. Portanto, de certa forma a tradição também se perde. O novo é o interessante. O individual é a preocupação. O indivíduo está “livre” para cuidar de sua vida e buscar seu prazer e o Estado é que gerencia o social. Assim, a consciência histórica humana se perde, e o conhecimento sobre a sociedade fica deixado de lado. Ainda mais se tantas mudanças ocorrem de forma tão acelerada. E quando se discute classes populares esta dicotomia entre necessidade e objetivo se torna mais gritante – já que quanto menos recursos, mais difícil criar objetivos, ou, mais barreiras se deve transpor para chegar a eles.

Edson Luiz de Souza (2005) cita Arendt e coloca que na modernidade há um “medo de contato, a ‘evitação’ do estranho” que “dá tom da estratégia de sobrevivência desenhando uma paisagem pouco alentadora, na medida em que regulamos a vida pela inibição do pensar e a procrastinação do agir” (2005: 15). O agir viria em nome de uma utopia, que se depara com

críticas como “inconseqüência, inutilidade, impossibilidade e devaneio.” (2005: 15) Quer dizer, hoje, quem age, é alguém quase louco, que acredita numa utopia de transformação, se esforça em nome de algo que é impossível, tamanha a complexidade que se apresenta na sociedade. E assim permanecemos submetidos à ordem, ao estabelecido, nos escondendo das inconsistências e contradições da racionalização que “justifica o injustificável”. Mas como dar conta dos problemas sozinhos? As pessoas se afastam e temem umas as outras quando há tanta miséria? Quem sobrevive neste cenário?

Helenilda Cavalcanti e Joanildo Burity (2002) apresentam uma leitura psicanalítica do mal-estar vivido hoje pela sociedade. Colocam que o mundo moderno e globalizado perde os mediadores, Deus ou Estado, que regulavam o confronto com a miséria. Por isso vivemos um “desamparo devastador”, caracterizado por uma “miséria psíquica e material”, que vai na linha da visão de Martins, na qual se apresentam:

1-‘servidão voluntária’ de quem aceita fazer o jogo dos que oprimem ou dominam, os ‘de baixo’; 2- experiências de depressão causada pelo vazio da ausência de projetos; 3- proliferação de patologias psicossomáticas; 4- proliferação da violência como forma de escoamento desse mal-estar causado pelo desamparo; 5- uso crescente de drogas, sejam elas ilegais, ou legais; 6- sentimento de vergonha (2002: 13).

Esta visão exemplifica a peleja estabelecida pelas pessoas que procuram sobreviver e viver – algo que este trabalho quer mostrar: o quanto se luta em nome da vida, por vezes vencendo, por vezes sendo derrotado. E Souza (2005) fala de como as utopias mostram espaços de novas possibilidades, de sonhar: “num claro esforço de esburacar o tecido do repetitivo com o qual nos cobrimos para enfrentar as intempéries da vida” (2005: 16) Coloca que se estes novos espaços não podem ser ocupados com nossos corpos, podemos ocupá-los com a imaginação. Pois as pessoas continuam vivendo e enfrentando os desafios deste desamparo/desenraizamento. E se pensarmos que para persistir é importante manter minimamente a saúde, podemos nos aproximar ao novo conceito de saúde que trabalha

Cristophe Dejours (1986). Para este autor, é preciso a manutenção de um mínimo de saúde que não deixe o indivíduo cair fora da margem da sociedade. Dejours defende a necessidade do homem de ter atividades diversificadas para ter saúde.

Este autor apresenta uma discussão pertinente sobre o conceito de saúde. Coloca como a definição deste dada pela Organização Mundial de Saúde, de um estado de bem-estar físico, mental e social, é muito vago e não é atingível, uma vez que estamos sempre em movimento e conseqüentes mudanças de condições e concepções de vida. Dejours defende que este estado deve ser um objetivo a ser perseguido, mas pela busca, pelo processo, não pelo fim:

(...) não é o que parece indicar a definição internacional, como se o estado de bem-estar social, psíquico, fosse um estado estável, que, uma vez atingido, pudesse ser mantido. Cremos que isso é uma ilusão e que simplesmente é preciso, e já é muito, fixar-se o objetivo de se chegar a esse estado (Dejours, 1986: 8).

Ou seja, não há um modelo de atividade física, de uso do cigarro, de bebidas, etc., que deve ser implantado, mas sim uma construção de como a saúde é importante para a vida. Agora, se não houver condições mínimas para que o sujeito tenha desejo pela vida, não há como construir desejo pela saúde. Seguindo suas ponderações, o médico francês nos fala da mobilidade que implica um estado de saúde. Tanto fisiologicamente quanto psiquicamente o ser humano precisa estar livre para se movimentar, para se expressar, para criar, para sentir. Portanto o corpo deve estar livre para movimentos e o sujeito deve estar livre para desejar, para se angustiar e lidar com sua angústia. Ele entende que este sentimento, que é muitas vezes visto como criador de mal estar, pode também ser entendido como causador de movimento, de transformações. Constrói um novo pensamento:

A saúde mental não é certamente o bem-estar psíquico. A saúde é quanto ter esperança é permitido. Vê-se que isso faz mudar um pouco as coisas. O que faz as pessoas viverem é, antes de tudo, seu desejo; isso é uma aquisição da psiquiatria e da psicossomática. O verdadeiro perigo existe quando não há mais desejo, quando ele não

é mais possível. Então, tudo se torna muito incômodo e aí é que as pessoas vão muito mal (Dejours, 1986: 9).

A partir daí ele defende como o trabalho é fundamental para a saúde, mesmo que também possa ser perigoso em alguns momentos ou casos, especialmente baseado na idéia de que ter atividades é muito importante e do quanto o desemprego tem causado doenças na população. Dá o exemplo de crianças, de que “quando se deixa uma criança livre, dispendo de meios materiais, ela se põe em atividade. No início são jogos, depois são as construções e a criança começa a fabricar um universo” (1986: 10). Weil (1996) vai ao encontro deste entendimento quando fala do desenraizamento causado pela falta de sentido e pelo desemprego. Uma “doença” grave, que tira a pessoa do contato com seu ambiente e consigo mesmo. Uma idéia que será desenvolvida por Castel (1998), mais à frente. Quando se valoriza o trabalho como propiciador de saúde, está-se falando de um outro âmbito, ou seja, não apenas na idéia de saúde de cada um e seus hábitos de vida, mas sim numa questão social, num direito que precisa ser garantido pelo Estado aos seus cidadãos para manter condições de saúde a todos: o trabalho.

Porém Dejours (1986) coloca na organização do trabalho algo que também pode ser danoso, mesmo que defenda que trabalhar é importante para o sujeito. Sabe-se que o trabalho não é só benefícios. O trabalho traz cansaço, traz traumas físicos e psíquicos, dificuldades de relacionamento, etc. Mas há de haver um espaço de elaboração para isso. Por isso Dejours fala da importância da angústia e em seguida da importância das atividades diversificadas. A angústia, o sofrimento, pode motivá-lo a produzir mudanças, mas é necessário que diferentes estímulos (atividades) possam mantê-lo “acordado”, mantê-lo íntegro, para que o suposto sentimento não o paralise. E as atividades trazem estimulação, contextos, materiais, e oportunidades de criação, elaboração, reflexão, encontro de sentidos.

Portando Dejours procura dar conta da complexidade da realidade que se vive e pensar como as pessoas podem estar instrumentalizadas para lidar com ela. Se são as

atividades diversificadas que nos instrumentalizam, precisaríamos pensar que tipo de atividades podem ser realizadas. Quais são elas e como elas se apresentam?

Frederic Munné (2004) traz uma extensa discussão sobre o tempo livre e sua viabilidade em nossa sociedade. Esta discussão apresenta como a maioria dos teóricos que pesquisam o tempo social trabalham baseados numa dicotomização deste tempo: entre trabalho e lazer⁸. Uma bivalência que esconde a complexidade do tempo social e coloca o lazer num lugar de negação, do não trabalho. Ele questiona tal posição, deixando claro que há uma intersecção especialmente quando pensamos em trabalho criativo. Se dizemos que o trabalho é o tempo das obrigações e necessidades importantes e o lazer aquele não obrigatório nem produtivo, como classificar todas as atividades que se localizam entre estes dois extremos? Munné cita autores (2004: 60-65) que fazem classificações de atividades que estariam neste ínterim e o fazem de acordo com diferentes modos de entender o não trabalho: lazer, recreação, atividade livre, etc.

Mas Munné critica esta tentativa de simplificação do tempo social, da tentativa de diminuir a dicotomização, introduzindo outras classificações que, por sempre se basearem na primeira, acabam intensificando-a e não a diminuindo (tempo de obrigação, semiliberdade, tempo de liberdade ou tempo desocupado, tempo de trabalho, fisiológico, cultural, livre). São “construções conceituais” (2004: 68) que acabam por simplificar a realidade, ou melhor, não falar dela. O que é inclusive uma dificuldade para uma pesquisa prática neste campo. O que será considerado “atividades de lazer” para a pesquisa e para as entrevistadas? Se poderá observar como é difícil para as mulheres entrevistadas entenderem sobre o que a pesquisadora quer falar nos capítulos que seguem. Para algumas talvez não haja nem uma dicotomia, mas uma unidade total, quando o dia-a-dia é todo muito parecido: não tendo um trabalho específico, não há como pensar nem em não trabalho.

⁸ Uma questão de tradução me fez trocar a palavra ócio, normalmente usada por Munné, por lazer. Ele usa ócio no lugar de lazer o que pode ser um uso espanhol, sua língua natal. Mas a referência que faz, por exemplo de Dumazedier, é feita usando a palavra ócio, sendo que em todas as obras deste autor, traduzidas para o português, fala-se em lazer e não em ócio.

A discussão da unidade do tempo social e suas subdivisões se torna mais complexa com a tentativa de Munné (2004) de aproximação entre obrigação e liberdade, através do condicionamento. Já que a dicotomização passa especialmente por esta dupla de orientações – trabalho como obrigatório e lazer como liberdade, ele procura mostrar que não há como separar totalmente as duas inclinações quando se vive em sociedade.

O condicionamento que Munné vê como aproximador das duas idéias, ou tipos de atividades, aparentemente tão opostas é o condicionamento social, aquele que dá enquadre ao livre arbítrio de cada um, quer dizer, algo que limita ações e reações em nome de uma adaptação ao meio social. Cita Marx, que fala que a liberdade começa quando não se trabalha por coação, exigência externa. Ou seja, não quando não há trabalho, mas quando este não é algo sem sentido para o trabalhador. Já desvincula aqui a liberdade do não trabalho. Há uma diferenciação entre hetero-condicionamento e auto-condicionamento, uma vez que a condição humana “es dialéctica, pues consiste en la contradicción entre el auto y el heterocondicionamento”(2004: 70). O primeiro relacionado à obrigação, a algo que está fora do indivíduo e o segundo relacionado a este indivíduo fazendo suas escolhas. E Munné encontra no lazer e no trabalho, ambas as formas de condicionamento, assim como em qualquer atividade humana. Há uma diferença de distribuição de cada tipo nas várias atividades. Mas frisa que todas formam um continuum em relação ao tempo social, que é unitário, é tempo humano. Um tipo gera necessidade do outro e estão no âmbito social, não apenas individual.

Essa visão de Munné é importante para localizar a visão que este trabalho procura focar. De que as atividades desenvolvidas pelas pessoas não tem apenas um caráter e podem ser aproveitadas em suas diversas características: tanto na necessidade, na obrigação, como no prazer, na diversão, no relaxamento, na aprendizagem, na criatividade, etc. Quer dizer, o

sentido que cada atividade ganha na vida de cada um é muito particular e tem a ver com uma dinâmica do tempo pessoal com o social.

Como falar dos tipos de atividades e seus sentidos para as pessoas não pode ser feito sem o contexto social em que estão inseridas, apresentam-se duas visões críticas em relação ao aproveitamento do tempo pelo indivíduo da sociedade “moderna” apresentada acima. Toda a discussão de Munné caminha para a noção de que o real tempo livre não é possível em nossa sociedade. Ele entende o tempo livre como o defendido pela concepção marxista, que o considera algo transformador do trabalho e do homem. Segundo Munné, Marx idealiza:

El tiempo de trabajo y el tiempo libre serán una sola cosa: no sólo tiempo libre de trabajo, sino también tiempo de trabajo libre. (...) Ese tiempo libre tanto para el ocio como para las actividades superiores, que sirve al desarrollo completo del individuo, “transformará de una manera natural a quien disfrute del mismo en un hombre diferente, y como tal hombre transformado, intervendrá en el proceso de producción inmediata” (2004: 26).

Ou seja, o tempo livre não é individual, mas coletivo. Isto é, para que ele existisse seria necessária uma concepção diferente de mundo. O lazer, ou ócio burguês (o estudado por Marx), é visto como momento subjetivo, de expressão da personalidade e escolha livre e pessoal; pensado como atividade individual, que não depende dos demais; e ainda, como uma atividade do âmbito privado, sem interferência do governo, do estado. Algo que não contribui para o social, que mantêm a rede de relações sociais como está.

Marx vai falar sobre trabalho alienado como aquele que é externo ao trabalhador, no qual ele não se realiza, mas nega a si mesmo, no qual adquire sofrimento e não bem estar (MARX, 2004: 82-83). Coloca que assim o trabalhador só se sente à vontade no seu tempo livre, tornando o trabalho apenas um meio de satisfazer outras necessidades e não uma satisfação em si mesmo. O trabalho não é visto como seu, mas de outra pessoa. O trabalhador não se realiza, pois está realizando o trabalho para um outro, aquele que também o possui, por possuir as máquinas.

Se no capitalismo o trabalho se torna uma obrigação externa ao sujeito (alienado), impede a auto-expressão do indivíduo. Para Marx, se o homem é capaz de fazer “de sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência” (MARX, 2004: 84), ao não se apropriar dela, transforma-a num meio para sua existência e não num fim. Para Marx, o homem só está vivo se for produtivo. Este homem caracteriza-se pelo “princípio do movimento”, o qual estaria ligado a “impulso, vitalidade criadora, energia”, como coloca Eric Fromm (1964: 39). O trabalho, quando livre, é expressão da vida, é produção da vida, é expressão própria do homem, pois demonstra sua capacidade física e mental, sua capacidade de planejamento e execução, pois vê no mundo construído por ele seu reflexo – sua historicidade. É no planejamento que “o homem desenvolve-se a si mesmo”, já que o que diferencia o arquiteto da abelha é a construção erguida anteriormente na mente do arquiteto, que pode lidar com ela antes de executada (FROMM, 1964: 48).

Segundo Munné (2004), Marx defende que a riqueza social se cria a partir da liberdade: quando se deixa de trabalhar por coação, uns trabalhando muito, para o ócio de poucos - considerados condição de desenvolvimento intelectual da sociedade - e passa-se a uma regulação maior com a natureza, cada um trabalhando de maneira digna e gastando um mínimo de energia. A possibilidade de progresso que leve a esta redução de tempo e intensidade de trabalho seria possibilidade de liberdade para outras atividades, outros tipos de trabalho no uso do tempo livre.

A partir de Marx, outros seguem com uma postura crítica em relação a esta temática. Munné (2004) cita ortodoxos, que colocam o tempo livre como uma atividade que precisa de orientação, uma vez que sozinhos, os indivíduos não possuem condições de aproveitá-lo como poderiam. Quer dizer, vêem um valor grande nesta idéia de aproveitar o tempo sem imposições externas, mas acreditam que ela só é possível no comunismo, onde o “afan patológico da sociedade pelo consumo” não estaria presente, minando a possibilidade de

liberdade no tempo. No comunismo, o tempo dedicado ao funcionamento da sociedade, ao trabalho, seria incorporado ao tempo individual, ao reconhecimento do próprio trabalhador enquanto pessoa:

El trabajo necesario será abolido, y el tiempo consagrado al mismo se transformará en tiempo libre creativo, en un tiempo verdaderamente nuevo en el que el próprio concepto de `tiempo libre` no tendrá valor porque todo el tiempo estará liberado. (MUNNÉ, 2004: 29).

Por fim, encontra-se a postura dos frankfurtianos. Munné, apontando a opinião de Theodore Adorno sobre a indústria cultural coloca: “El hobby (...) es un fetiche sujeto a los controles de la industria y la propaganda, que atrofian la fantasia y exterminan la capacidad creativa del hombre” (2004, 33). Para Adorno (1994) há uma renúncia a uma consciência emancipadora, crítica, que não aceita o sistema em que vivemos, sobreposta por um consumo de bens culturais, já que manter esta crítica é viver no desespero, viver sem esperança, viver ininterruptamente na angústia (Adorno: 1994). Adorno coloca que: “Quanto maior é a certeza de que se poderia viver sem toda essa indústria cultural, maior a saturação e a apatia que ela não pode deixar de produzir entre os consumidores” (1994:151). O cinema e o rádio, tecnologias dos tempos modernos, se tornam indústrias, vivem da propaganda e geram cifras que não deixam dúvida de sua importância. E através deles se reproduzem valores e bens padronizados, isto é, veiculam imagens e idéias que são compradas por todos como necessidades. Adorno defende que as pessoas estão a par deste engano, e assim permanecem, acomodadas e temerosas.

Para Adorno (1994) o fetiche da mercadoria nos engana e aprisiona. Torna o mundo falso e coisificado. Falso porque não sensível, não humano, delimitado e controlado. O que de certa forma vai ao encontro da opinião de Martins sobre a modernidade. A fala de uma criança, apresentada em texto de uma professora de educação infantil de São Paulo, Maria Amélia Pereira, ilustra esta falta de humanidade e o controle exercido pelo social, que talvez já

nem percebamos mais: “A escola é engraçada! A gente entra numa sala onde todo mundo se senta de costas para todo mundo e uma professora fica dizendo tudo que a gente tem que fazer” (Pereira, 2002: 51). Esta visão de uma criança que acaba de chegar à primeira série, exemplifica a coisificação e o controle mencionados por Adorno, que dificultam a participação, interação e desenvolvimento pessoal. Há apenas o objetivo do controle comportamental e de informação.

Assim, o mercado determina o que pensamos, o que desejamos, determina o que se chama de tempo livre (tempo de não trabalho – diferente do defendido por Marx e Munné). Adorno (1995) faz uma discussão sobre esse tema, colocando que o tempo livre só é chamado assim quando contraria o trabalho – tempo que repõe energia gasta no trabalho – e que, portanto é bastante separado deste, diferenciado. Assim, o tempo livre não deve exigir esforço, por isso acaba-se em atividades “imbecilizantes”. O tempo livre é coisificado. Adorno levanta a produção de tédio que se produz nessa sociedade coisificante, na qual a busca de felicidade é racionalizada, as fantasias são desinvestidas e atrofiadas. Portanto, aceita-se e aproveita-se o que é oferecido como tempo livre. A criatividade e a liberdade supostamente inculcadas neste momento livre não existem. Mas ele apresenta uma pesquisa realizada que mostra certo grau de consciência, de noção de que aquilo não é real, de que é imposição e não escolha, e, portanto não deve haver satisfação. Adorno (1995) analisa que na indústria cultural a catarse, que seria mecanismo de liberação de tensão, é mostrada, dada, nas imagens produzidas, nas propagandas, impedindo que o sujeito a vivencie diretamente. Ou seja, elas acontecem exteriormente ao indivíduo, reprimindo a catarse que poderia ocorrer interiormente, mas se passando por liberal – afinal tudo está sendo mostrado.

Quer dizer, há uma crítica sobre a possibilidade de trabalho e de lazer em nossa sociedade capitalista, sobre possibilidade de vida com sentido, já que as atividades acabam se tornando mercadoria também, não podendo assim exercer seu potencial de auto-expressão

ou desenvolvimento do indivíduo e do social. Mais à frente serão trabalhadas teorias que falam da importância da fantasia, da imaginação, no desenvolvimento e saúde da pessoa. Mas cabe aqui pensar o quanto mesmo esta limitada e manipulada possibilidade de ação, de movimentação, é a vida que as pessoas podem viver, é com o que elas podem contar para seguir em frente, para não desistir, ou paralisar diante de tamanha pressão.

Ou seja, apresentou-se um ideal de tempo livre, que seria esta síntese, como coloca Munné (2004), das obrigações e das vontades. E também esta crítica radical de qualquer possibilidade de tempo livre na sociedade moderna. A questão é que as pessoas que vivem precisam sobreviver e desejar sobreviver, como ressalta Dejours (1986). Então, será que realmente precisamos acreditar como Adorno (1994) que devemos manter nossa descrença total e crítica atroz ao mundo em que vivemos, renegando qualquer coisa que ele nos provê, pois é controlado pelo sistema? Ou podemos pensar que mesmo ele era dedicado a escrever para que o lessem e pudessem mudar a realidade? Não seria uma demonstração de esperança tal escrita? Ou mesmo uma espécie de catarse, uma possibilidade de suportar a realidade para continuar sobrevivendo?

Esta postura mais positiva, em busca de vida no mundo, de pensar que mesmo em meio a tanta dificuldade, tanta miséria, tanta alienação e controle, as pessoas precisam viver e continuam vivendo, é o que esta pesquisa pretende apresentar. Mesmo que aos “trancos e barrancos” a maioria das pessoas não desiste da vida. Continua lutando e procurando subterfúgios para se encontrar minimamente. Walter Benjamin (1987) é um autor que apresenta esta postura ao olhar ao mesmo tempo com uma visão crítica à tecnicização e mercantilização das relações, mas também vendo uma luz no fim do túnel. Ele fala da perda da “aura” na obra de arte que sofre reproduções técnicas, mas vê possibilidade de olhar tanto a fotografia quanto o cinema como arte, ao pensar que seu surgimento pode ter modificado a natureza da arte, que sejam sua “refuncionalização” (1987: 176). Para ele, com as máquinas e

as técnicas, a arte perdeu sua “aura”, pois perde seu valor ao ser reproduzida, ao não apresentar continuidade. Aura “é uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (1987: 170). Ou seja, ela agrega à arte o passado, que se comunica com o espectador por lembranças ou imaginação. Se não há este meio de mediação, não há comunicação e ela fica esvaziada, é mais uma e não aquela. Portanto não há experiência cultural.

Mas acredita que o cinema ainda não entendeu seu sentido, que “está na sua faculdade característica de exprimir, por meios naturais e com uma incomparável força de persuasão, a dimensão do fantástico, do miraculoso e do sobrenatural.” Ou seja, apesar da tecnicização, Benjamim (1987) vê potencialidades no cinema, assim como vê em sua escrita, que se apresenta em pequenos trechos e artigos, uma vez que ele não acredita que as pessoas deste momento da história consigam ler e compreender grandes tratados. Quer dizer, vê neste modo fragmentado de produção de arte, uma possibilidade de comunicação com os espectadores modernos. E mesmo acreditando nesse novo modo de percepção da arte, decorrente de novo modo de sensação e percepção da coletividade moderna, ele vê uma função catártica no cinema ao pensar que este é a conservação da dignidade humana quando o ator traduz desejos de cada trabalhador ao fazer o filme. Ou seja, o ator domina a máquina a seu serviço:

(...) é diante de um aparelho que a esmagadora maioria dos cidadãos precisa alienar-se de sua humanidade, nos balcões e nas fábricas, durante o dia de trabalho. À noite, as mesmas massas enchem os cinemas para assistirem à vingança que o intérprete executa em nome delas, na medida em que o ator não somente afirma diante do aparelho *sua* humanidade (ou o que aparece como tal aos olhos dos espectadores), como coloca esse aparelho a serviço do seu próprio triunfo (1987: 179).

Benjamim deixa claro que observa mudanças na produção cultural, mas busca de certa forma brechas de comunicação, pois percebe novas formas de percepção na modernidade, e acredita que pode haver comunicação para transformações sociais. Martin-Barbero (1997) faz

uma discussão interessante a partir da visão de Benjamin, procurando enxergar a morte da aura como a socialização da arte – o que além de olhar uma nova forma de sensibilidade para a arte e para a cultura, aponta para uma nova cultura que se vive e experiencia nas comunidades populares do encontro das tradições antigas dos que vem do campo com a produção de massa: “imbricação conflitiva no massivo” (1997: 309). O autor enfatiza a postura de Benjamin e procura valorizar a vida que se constrói entre as populações urbanas.

Ecléa Bosi também vê uma possibilidade de permanência: “Como encontrar face a face essas imagens? Como resgatar o passado do entulho da mercadoria? A resposta seria: vivendo. Vivendo intensamente o nosso tempo, atentos aos sinais da História. (...) As obras de arte, os fenômenos da natureza, as pessoas, são consumidos, tratados como peças intercambiáveis, susceptíveis de reposição. Mas a práxis, à medida que vai rompendo tais determinações na experiência cotidiana, devolve a cada fenômeno sua aura de único, de irrepetível” (2006: 30).

Como sempre poética, a autora nos retorna à nossa busca de vida. Pois é justamente neste viver que cada um se torna si mesmo, ganha vida e se constrói nela. E cada um vai lidar com sua vida, com seu tempo, de acordo com sua realidade, mas buscando certo equilíbrio para se manter em sociedade e desejoso de vida. É deste equilíbrio que nos fala também Sigmund Freud (1997), quando fala do mal-estar causado pela necessidade de adaptação à civilização. Ou seja, o autor fala de um mundo interno, marcado pelos desejos e pulsões⁹, e um mundo externo, que é a civilização, a cultura. O homem se faz do conflito entre estes dois mundos, que são ambos parte e produto dele. Como o homem vive em sociedade, em grupo, é básico que não tem total liberdade, que não pode viver apenas de seus desejos, prazeres. O tempo todo temos que nos adequar, minimamente que seja, mesmo em movimentos de

⁹ Na tradução da editora Imago, este termo é traduzido por instinto. Em traduções mais rigorosas o termo é pulsão, para configurá-lo em sua peculiaridade na obra psicanalítica. As pulsões são discutidas por Freud em diferentes textos, como no texto “Sobre o Narcisismo” de 1914, referindo-se a algo interno que gera movimento, que coloca o indivíduo em contato com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

vanguarda, a alguns valores sociais. Para que a vida em grupo seja possível, já que dependemos dele para sobreviver e manter a espécie.

É importante frisar o quanto as questões sociais e individuais estão totalmente imbricadas. Não é estranho então, perceber que misérias sociais venham acompanhadas de misérias individuais. Castel (1998), discutindo a questão social¹⁰ fala do risco grande que se corre de cair num não tempo, não espaço, num vazio de sentido na vida, num abandono dela. Especialmente entre o meio mais pobre da população, que não tem condições de escolher seu trabalho e muitas vezes não tem nem o tempo liberador, para outras atividades.

Castel (1998) ao fazer uma análise histórica vasta sobre a questão social, fala de um momento, a partir do final do século XVIII, quando se começam a tratar as relações sociais a partir de contratos, que são, segundo o Código Civil: “uma convenção pela qual uma ou várias pessoas se obrigam em relação a uma ou várias outras a dar, fazer ou não fazer algo” (s.d. apud CASTEL, 1998: 598).

Isto implica que pessoas em situações muito diferentes, tanto os ricos, quanto os muito pobres, devem ser considerados independentes e autônomos, pois agora devem responder por si mesmos nos contratos de trabalho, por exemplo. Ao mesmo tempo em que a população ganha liberdade pois é incluída na sociedade – não há exclusão declarada como na escravidão - esta liberdade gera problemas aos que não conseguem se manter sozinhos (pelos mais diversos motivos). Essa é uma crítica que o autor traz para inclusive exemplificar a situação individualista que a sociedade construiu. Como coloca Valquíria Padilha (2006: 20), o sujeito autônomo é uma “ficção burguesa”. Se você não é capaz, a incompetência é toda sua. Cabe aqui apenas apresentar a discussão atual a respeito, que é complexa, já que não há uma explicação apenas, mas tanto o indivíduo tem responsabilidades, quanto o contexto facilita ou dificulta sua realização. Como pondera Tatiana Neves: “... as condições impactam a vida das

¹⁰ Castel explica a “questão social” como uma correlação de forças entre grupos na sociedade, que formam a tensão da sociedade. Uma tensão existente que ameaça ou mantém a coesão dos grupos que convivem na mesma sociedade. O autor coloca que diferentes grupos compõem esta tensão, mas que não é fácil definir quais ameaçam e quais mantêm esta coesão.

peessoas, mas isso não quer dizer que as pessoas se tornam apenas invólucros dessas condições. Sendo sujeitos no mundo, também constroem, frente a esses impactos, modos de compreender e de agir – apreensão e ação marcadas pela cultura, mas não meras reproduções desta.” (2002: 80) Ou seja, há um complexo emaranhado de condições a serem levadas em conta. E Neves (2002) ainda reflete sobre a possibilidade do quanto pode ser confortável entender que é uma questão social e não se mobilizar para mudar a situação. Não há um culpado, mas uma situação à qual todos devem responder.

Retomando a questão abordada por Castel, o autor coloca que com a industrialização os contratos levam todos a uma participação cidadã. Todos são considerados cidadãos e terão seus direitos e contratos de trabalho. Porém, se não é clara a desigualdade, ela fica nas entrelinhas dos que possuem e os que não possuem os meios de produção, que estão prejudicados em relação aos primeiros. Castel fala de mudanças irreversíveis, que atingem a vida das pessoas de formas diferentes de acordo com suas possibilidades econômicas (1998: 601).

O que se pretende com estas idéias é mostrar que as pessoas têm condições muito diferentes de lidar com as leis vigentes e assim não têm como responder da mesma forma à possibilidade de cidadania apresentada:

Na esfera do trabalho, a individualização das tarefas permite a alguns que escapem das sujeições coletivas e expressem melhor sua identidade através de seu emprego. Para outros significa segmentação e fragmentação de tarefas, precariedade, isolamento e perda de proteções. A mesma disparidade é encontrada na vida social. (...) É o caso da “cultura do narcisismo” (...) Mas ao mesmo tempo, era fácil mostrar que essa preocupação consigo mobilizava um tipo específico de capital cultural e encontrava fortes ‘resistências’ nos meios populares, simultaneamente porque estavam mal equipados para dedicar-se a eles e também porque seus investimentos principais se dirigiam para outros pontos (1998: 602).

Castel fala que esta diferenciação de possibilidades de trabalho e vida social é agravada na década de 1980, “com o culto da performance” (1998: 603), quando o

individualismo toma outra magnitude, muito mais intensa. Ou seja, esta realidade mostra uma impossibilidade de trabalho autêntico, no qual a população possa se realizar. Tanto o trabalho quanto o tempo fora dele são de certa forma controlados, mantêm as pessoas presas a normas e preocupações básicas (perda do emprego, querer tênis da moda, ser poderosos, etc.), e ficam impedidos de criarem e se relacionarem com o que fazem. Tornam-se empregados em tudo que fazem. A autonomia se perde e com isso fica praticamente impossível pensar que alguém teria condições de assumir um tempo livre autêntico.

Pois se o tempo livre autêntico fosse alcançado como possibilidade individual e social, como pessoas acostumadas a serem determinadas poderiam usar o seu? Castel coloca:

Porque 'montar um projeto profissional', ou, mais ainda, um 'itinerário de vida', não é uma coisa evidente quando se está, por exemplo, desempregado ou ameaçado de ser expulso da moradia. Na realidade é uma exigência que muitos sujeitos bem integrados teriam muita dificuldade em assumir, porque sempre seguiram trajetórias balizadas (1998: 606).

Até aqui foram apresentados diferentes focos que mostram a dificuldade que a realidade, a vida, apresentam. Seja pela contextualização mais atual da modernidade e suas contradições, seja pelo interesse enviesado do capitalismo no lucro e não nos seres vivos, seja pela condição humana de conflito inerente. Olhares que nos mostram crítica, mas também a complexidade de cada ponto. E é nesta realidade, desigual, conflitiva, complexa, que todos têm que sobreviver e parecem querer viver.

E se a vida pode estar tão esvaziada de sentido, especialmente para os mais pobres, é nas atividades do dia-a-dia que se conhece como as pessoas subvertem, ou enfrentam, ou pelejam, ou vivem, de onde tiram esperanças para manutenção da vida. Como coloca Martins: "O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano" (2008: 52). Ou seja, este autor discute a importância do conhecimento produzido pelo homem comum, o senso comum, como aquilo que permite interação entre os homens, e, portanto, conhecimento essencial à vida, à sobrevivência nesta realidade da aparência e de tantos absurdos. Constrói-se sentido

nesta interação, no “complicado vai-e-vem da imaginação, interpretação, reformulação, reinterpretação (do mundo), e assim, sucessivamente, que articula as pessoas e seus anônimos que constituem a base de referência da sociabilidade moderna” (MARTINS, 2008: 54).

Michel de Certeau (1996) chama de tática, de astúcia, a capacidade de sobreviver ao poderoso mercado, de ir contra ele, de poder olhar para o poder de uso dos objetos, não apenas de consumo. Algo que se apresenta no “habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar” (1996: 103-104). Ou seja, no dia-a-dia, no cotidiano, de cada um. Ele chama de bricolagem a atitude que povos ou populações não produtoras da cultura dominante fazem para dar conta de se adaptar e sobreviver. Um mosaico entre o que se vende e o que se compra. A astúcia e este modo de proceder a partir do contato com o externo formam uma rede de “antidisciplina”, segundo o autor. A sobrevivência de povos pobres é denunciadora da desigualdade social e, portanto, de um problema que a cultura dominante produz.

A “astúcia” de Certeau e o “heroísmo” de Martins são possíveis pela raiz resistente da humanidade. Martins defende que mesmo “na rotina alienadora da fábrica e da produção há momentos de iluminação e criação, de invasão do cotidiano e do senso comum pela realidade e pelo conhecimento que revolucionam o cotidiano” (2008: 56). Quer dizer, nesta rotina, nesta “reprodução social”, também se reproduzem as contradições sociais que estão na base da sociedade, que podem em alguns momentos emergir. Na sua emergência, na revolta e nos sonhos que mobilizam, permitem ao homem se perceber como histórico, pois “criador e criatura de si mesmo” (2008: 57). Esta visão, diferente da marxista, apresentada anteriormente, mas dentro da crítica social, vai ao encontro da tônica deste trabalho: olhar para brechas em busca de vida, mesmo em campo tão árido. Quer dizer, Marx olha a necessidade de transformação que exige grande mobilização social. Martins nos faz olhar pequenas brechas dentro da sociedade capitalista.

Macedo (1984) lembra Gabriel Cohn, podendo ver na mercadoria um encontro social e cultural. Ou seja, a mercadoria pode ser vista como metáfora de “uma forma determinada de dominação” (1973 apud MACEDO, 1984: 37); quase um instrumento de denúncia. Se Adorno (2004) acredita que ninguém quer ver e se lembrar disto, Cohn (s.d. apud MACEDO, 1984) coloca que em alguns momentos esta agressão pode atingir um patamar que impede que seja ignorada ou colocada de lado. E nestes momentos pode-se pensar que as pessoas ganhem consciência e desejos de reconhecimento. O autor acredita que certas vivências de muito desrespeito e desigualdade fazem o humano emergir e reivindicar sua existência. Se o cotidiano nos imerge, na correria do dia-a-dia, certos momentos vão emergir toda contradição que ele traz e nos farão perceber que desejamos diferente, que sonhamos diferente, que necessitamos diferente:

Como no tempo miúdo da vida cotidiana, travamos o embate, sem certeza nem clareza, pelas conquistas fundamentais do gênero humano; por aquilo que liberta o homem das múltiplas misérias que o fazem pobre de tudo: de condições adequadas de vida, de tempo para si e para os seus, de liberdade, de imaginação, de prazer no trabalho, de criatividade, de alegria e de festa, de compreensão ativa de seu lugar na construção social da realidade. Uma vida em que, além do mais, tudo parece falso e falsificado, até mesmo a esperança, porque só o fastio e o medo parecem autênticos. Na abundância aparente, não estamos realizados – estamos apenas saturados e cansados em face dos poderes que parecem nos privar de uma inteligência histórica do nosso agir cotidiano (MARTINS, 2008: 10).

A noção de cotidiano trabalhada é a de Lefebvre, apresentada por Martins:

(...) para Lefebvre, a *noção* (e não conceito) de cotidiano só tem consistência se se leva em conta as contradições do processo histórico, o cotidiano como contraponto (e alienação da História). O cotidiano não tem sentido divorciado do processo histórico que o reproduz. A concepção de Lefebvre, de que não há *reprodução* sem uma certa *produção* de relações sociais, não há cotidiano sem história, é essencial para discutir-se o tema (2008: 89).

Martins coloca que “a nossa rotina de vida é feita de sobressaltos, do vai-e-vem do cotidiano ao não-cotidiano, ao mágico, ao religioso. É um cotidiano inconstituído, apenas

evidenciado na realidade vivida da imensa maioria da população” (2008: 93). Quer dizer, considera-se o cotidiano o que há de repetido, mas ele não pode existir sem as variações, sem as brechas nele mesmo, sem os momentos em que o objeto de consumo ganha seu valor de uso, sem os momentos em que o bolo de aniversário marca mais um ano que se passou. Portanto, esta noção vem carregada de consciência social, já que não é aproximada da vida privada, em sua individualidade, mas sim, carregada do valor social do dia-a-dia, das relações e dinâmicas sociais. Alba Zaluar (1985 apud RAMIRO, 2006) fala de sua percepção no estudo de modos de vida de pobres urbanos, de que mesmo imersos no cotidiano, na urgência do dia-a-dia, todos pensamos em nossas vidas, nas condições que ela apresenta, nos valores, princípios e significados que têm. Há necessidade e condição de um mínimo de reflexão que seja, que permite momentos de escape.

Ferréz, como apresentado na introdução, pensa de forma diferente, acreditando que os pobres não têm escolhas, nem pensam nelas, apenas devem dar conta de suas obrigações todos os dias, para ao menos sobreviver. Luiz Camargo (1992), de opinião radical e na direção da colocação de Ferréz, coloca que a pobreza impede o aproveitamento de momentos de divertimento, como do carnaval, por exemplo, por ter que se preocupar com seus padrões de habitação e alimentação. Acredita que o pobre se torna excluído das possibilidades de trabalho dignas, de habitação dignas e de atividades prazerosas dignas também. José Guilherme Cantor Magnani (1998) ainda coloca que os entretenimentos dos moradores da periferia de São Paulo são muitas vezes vistos como: “pobres, pouco originais, sem nada de muito elaborado ou ‘autêntico’” (1998: 19).

Esta opinião mais radical é conclusiva e dispensaria uma pesquisa sobre o modo de vida da população pobre. Mas acredita-se que há o que ser conhecido para saber os limites desta possibilidade de cotidiano, de subversão pela vida. Quer dizer, se pode pensar que a miséria traga um abandono, traga muitas preocupações e exclua a pessoa do mundo cultural

usufruído pela elite e classe média. Mas há que se perguntar se pessoas pobres não têm também suas formas de produção, utilização/consumo de cultura, de diversificação de atividades.

Schwars pondera: “Falamos longamente sobre cultura brasileira. Entretanto, com regularidade e amplitude, ela só atinge umas 50.000 pessoas em um país de 90 milhões” (1970 apud OLIVEN, 1979: 29). Ruben Oliven explica:

O autor se referia principalmente a expressões artísticas tais como teatro, cinema, literatura e música, mas seu argumento é extremamente importante, na medida em que sugere com clareza que devem existir várias outras formas através das quais os restantes 99,95% da população brasileira percebem, representam e participam da vida social e cultural de seu país (1979: 29).

Quer dizer, é tão parte da vida, produção e necessidade da existência humana, a experiência cultural, que há muita produção não reconhecida. Se apenas 0,05% da população usufrui o que acima foi considerado cultura brasileira, é preciso conhecer o que os restantes 99,95% usufruem e produzem enquanto cultura. Mesmo que seja uma cultura do trabalho, há o que se conhecer sobre o modo de vida desta parcela da população, que vive no mesmo país, no mesmo planeta, que os outros 0,05%.

Portanto, a questão que nos guia é conhecer o cotidiano de mães pobres e procurar por estas possibilidades de “quebra” dentro do cotidiano, ou de momentos ou sentidos de vida, de brechas. E para isso é fundamental compreender que há diversas formas de vida, culturas mescladas em nossa sociedade.

Os estudos sobre cultura brasileira e cultura popular têm passado por processos de mudança de ponto de vista, ou foco. Antes se pensava no brasileiro como “ignorante, atrasado, indolente, de quem se tem vergonha (...) uma natureza luxuriante, uma preguiça latente e uma ética oscilante” (Nogueira, 2005: 265). Junia Vilhena (2005: 36) coloca como o Brasil retratado pelos grupos marginalizados, como pelas letras de músicas dos Racionais, já não é mais marcado pela “malandragem” e miscigenação”, mas sim desigualdade, dominação

e luta pela sobrevivência. Esta mudança se faz especialmente por uma reelaboração do que já se falava há muito tempo: desde Padre Antônio Vieira, se fala na esperteza desta população, segundo a autora. Uma esperteza que vem da postura flexível diante da vida: “(...) como diz Holanda (1995), que aceita a vida ‘como ela é, sem cerimônias, sem ilusões, sem impaciências, sem malícias e, muitas vezes, sem alegrias’” (1995 apud NOGUEIRA, 2005: 266).

Quando se fala em cultura brasileira, parece unânime falar da pluralidade, diversidade e complexidade, uma visão do povo brasileiro que se faz nos contrastes étnicos, no encontro de raças por conta da colonização, imigração e migração. Essas diferenças são marcas que devem aparecer em trabalhos com este foco, pois não se quer mais uma idéia única de identidade brasileira. Nogueira (2005) trabalha a mudança de foco do estudo da herança biológica pela herança cultural, que parece trazer uma riqueza maior nas maneiras de viver, numa rede que já vem sendo tecida há um tempo e já pode falar por si. Quer dizer, as pessoas falam de si, contam como vivem e apresentam sua identidade. É nesta “relação entre interlocutores” (Nogueira, 2005: 270), na escuta das diferentes formas de viver de cada um, que podemos perceber a identidade brasileira, a qual está entre “medicina oficial (...) curas mágico-religiosas, mecanismos contratuais (...) transações de mera reciprocidade, (...) ‘trânsito livre’ de crenças e cultos incompatíveis” (MARTIN-BARBERO, 1997: 113).

Quando se fala em cultura popular o mais freqüente é se pensar na cultura da vida rural, no folclore brasileiro tão estudado por Câmara Cascudo. E sendo assim, os críticos da modernidade e do capitalismo falam dela como cultura dominada, massacrada. Como aponta Marilena Chauí:

Quando se fala em cultura popular, não enquanto manifestação dos explorados, mas enquanto cultura dominada, tende-se a mostrá-la como invadida, aniquilada pela cultura de massa e pela indústria cultural, envolvida pelos valores dos dominantes, pauperizada intelectualmente pelas restrições impostas pela elite, manipulada pela folclorização nacionalista, demagógica e exploradora (...) (1990: 63).

Ou seja, a autora introduz uma crítica ao poder que se transfere à alienação social e também a esta forma de olhar a cultura popular apenas como o exótico, o diferente, “ao folclore para o turismo” (BOSI, 1992: 328), como compartilha Martin-Barbero (1997). Para ela, a “manifestação dos explorados” deve ser vista como formas de resistência, formas de organização da vida de camadas populares para enfrentar esta realidade mercadológica e propagandista. Se a cultura de massa invade os espaços mesmo privados, se ocupa um tempo que poderia ser muito mais criativo se não ocupado pela avalanche de informação e propagandas em nome de um vazio “lazer” que se oferece, Alfredo Bosi defende: “O povo assimila, *a seu modo*, algumas imagens da televisão, alguns cantos e palavras do rádio, traduzindo os significantes no seu sistema de significados” (1992: 329). Ele acredita na capacidade das pessoas de filtrarem o que há de assimilável e o que há de impertinente. Há capacidade de defesa, de sobrevivência, de manutenção de vida em meio a tanta pressão desumanizante. Já Martin-Barbero (1997) olha esta possibilidade de encontro como construção de uma nova cultura, dos pobres urbanos.

Uma construção muito criativa sobre a cultura de massa, como nos apresentam grupos como os Racionais MC's, que usam dela para criar suas críticas, suas armas contra a desigualdade estabelecida. Camargo (1992) coloca que mesmo que a mídia invada as vidas e o consumo seja a marca de nossas atividades – quando comenta do tempo que se passa assistindo televisão e ouvindo rádio nas cidades – acredita ser falso concluir que não haja mais prática (no sentido de ação de uso, não apenas consumo). Ele acredita que assistir a produções, a eventos, pode mobilizar as pessoas a fazerem suas próprias atividades. Assim, Bosi entende que esta cultura, a “cultura das classes pobres”, é a própria existência delas, está na sobrevivência delas (1997: 13): “Uma resistência diária à massificação e ao nivelamento, eis o sentido das formas da cultura popular” (1997: 23). Néstor Canclini (1983) vai na mesma direção, colocando que o que caracteriza o popular é o uso que as camadas mais baixas da

sociedade fazem dos objetos. Quer dizer, ele não fala necessariamente de “resistência”, mas de práticas e posturas que são decorrentes da vida em comunidades pobres, ou camponesas.

Bosi (1997) e Oliven (1979) falam da cultura das classes baixas como resultado do enfrentamento de dois problemas criados pela urbanização: a luta diária pela sobrevivência física, pela possibilidade de comer e ter onde dormir; e o segundo, que é importante para se posicionar frente ao primeiro, é a compreensão do contexto social; o entendimento das relações sociais para se organizar e encontrar um lugar para si e assim sobreviver. Esta luta pela sobrevivência, o enfrentamento dos problemas da vida na cidade, ou as soluções que se produzem, é que compõem esta cultura popular. Ruth Cardoso assim defende no prefácio do livro de Magnani:

(...) considerar importantes as atividades cotidianas vistas, correntemente, como não importantes. Tecendo as ligações entre o rádio, a televisão e o circo, o piquenique de domingo e a vizinhança, o funk das noites de sábado e o concurso de violeiros (...). E neles estão os trabalhadores, vivendo uma experiência urbana fundamental: a criação de identidades locais que passam pelo consumo de informações universais (1998: 16).

A urbanização e o desenvolvimento da megalópole paulistana trazem migrantes de diversas regiões. Francisco Weffort (1984) fala da importante “presença cultural” nordestina, que se espalha pelos espaços de moradia popular (seja em favelas ou cortiços, buscando proximidade com o trabalho, seja na distante periferia em busca de moradia barata). Segundo este autor, eles se fazem presentes por “apresentar-se em programas de rádio e televisão, nos forrós e festas típicas e num tipo de comércio que se espalha pelos bairros periféricos e por algumas cidades vizinhas atendendo à permanência de hábitos, em particular os alimentares, próprios do nordeste” (1984: 16), dando identidade a seus grupos, sem escapar à vista dos demais moradores da cidade.

O autor fala do contraste paulistano, que ganha características tão nacionais, por aglomerar características importantes de pessoas de todo o país, em meio a uma

descaracterização principalmente econômica, com poderio multinacional crescente e cada vez maior adesão à internet. Ou seja, uma cidade que está em intenso movimento e adaptação, que exige um “reordenamento de todo o seu estoque simbólico”, como coloca Magnani (1998: 25). Weffort retoma o provérbio popular de que em São Paulo se vive para trabalhar e coloca a idéia de que esta presença cultural possa ser vista como uma resistência a esta vida de exploração (já que as condições de trabalho, e de vida em geral, para os migrantes em São Paulo são muitas vezes pouco justas e dignas): “uma possível fonte de vida para uma nova cultura da cidade?” (1984: 22). Algo que é preciso se aproximar para enriquecer culturalmente e mesmo para aprender a riqueza da vida, de suas possibilidades, de sua força, renovar interesse pelo outro e pelo mundo.

O fato de vivermos na mesma cidade marca certo convívio entre o mundo pobre e o rico de São Paulo. Mas esta divisão e o desligamento da cultura popular pode ser visto na falta de interesse pelo outro. As pessoas se cruzam nas ruas e nos locais de trabalho, mas não suas histórias. Macedo (1984) traz a idéia de Lefebvre sobre a cidade como local de projeção da sociedade, vendo neste a segregação dos grupos, que é decorrente da forma de produção. Esta economia que descaracteriza, segrega e dificulta o contato com os outros e consigo mesmo.

Uma parte dela são as condições de trabalho que não tem sentido, ou que vale apenas pelo salário, ou o trabalho alienado, assim como chama Marx, que são decorrentes da industrialização e vem se intensificando com a sociedade moderna. Castel (1998) faz uma análise histórica importante, a partir do tempo em que instituições religiosas se responsabilizavam pela assistência à população aos dias de sociedade moderna, mostrando a formação de “inúteis para o mundo”, de uma “vagabundagem” criada pela “precariedade da relação com o trabalho e pela fragilidade das redes de sociabilidade” na comunidade (1998: 128). O autor francês observa um processo de desfiliação de uma parte da sociedade,

agravada com as cidades, no sentido de que os trabalhadores deixam de se reconhecer como parte do trabalho, não há sentido ou pertencimento. E quando eles não encontram uma política de assistência social adequada, caem nesta inércia de inutilidade e tornam-se “vagabundos”. Não conseguem retornar à iniciativa de força de trabalho. Castel coloca como a miséria e a falta de proteção pode levar ao descontrole: “‘Não sabendo mais o que fazer, resolvi abandonar tudo.’ O desespero desta operária, abandonada por seu marido já há quatro anos, ilustra suficientemente o momento de oscilação em que a miséria comum transmuta em privação absoluta” (1998: 134). Um claro exemplo de abandono pelas políticas públicas e serviços sociais.

Este abandono do poder público é gerador de uma condição de vulnerabilidade, já que o indivíduo está mais exposto e numa condição instável de sobrevivência, por não ter garantidas algumas condições básicas de atendimento. Vulnerabilidade esta que leva os trabalhadores sem trabalho, desesperados, a aceitarem “qualquer jazida de emprego” (1998: 497), cavada no mercado pelos empregadores que assim se desforram de maiores implicações sociais. Quer dizer, não há uma preocupação maior com qualidade de emprego e remuneração, ou mesmo com o indivíduo, mas apenas com criar um “buraco” para ocupar aqueles que nada têm. Esta condição de vulnerabilidade é o que Castel (1998) considera a grande problemática social atual e não a miséria, que acaba sendo decorrente da primeira.

Laura Soares (2005) fala de como “as Políticas Públicas passam a ser substituídas por “Programas de Combate à Pobreza” (2005: 59), por conta de aliviarem o sofrimento do miserável, mas sem atingir a real causa dos problemas. Desde a década de 60, surge uma crítica ao funcionalismo público e uma discussão por maior responsabilidade social e pessoalidade da gestão estatal (2003: 505). Os serviços sociais homogeneizavam os atendidos, anulando seus grupos de pertencimento, portanto, atendendo demandas generalizadas, conseqüentemente garantindo um suposto atendimento e intensificando um processo de

individualismo que deixa os miseráveis ao “Deus dará”. Um exemplo do que pode acontecer é que creches sejam construídas em regiões já atendidas por este tipo de serviço e em outras regiões do mesmo bairro, mães não tenham com quem deixar os filhos para trabalhar, pois muitas vezes não podem pagar por este atendimento. E se se deveria poder contar com o auxílio creche, não precisaria de outro tipo de ajuda, e por vezes acaba-se sem nenhuma.

Segundo M. Gauchet:

O Estado-providência clássico, ao mesmo tempo em que decorre do compromisso de classe, produz efeitos de individualismo formidáveis. Quando se proporciona aos indivíduos esse pára-quadras extraordinário que é a garantia da assistência, se permite que, em todas as situações da existência, se libertem de todas as comunidades, de todos os pertencimentos possíveis, a começar pelas solidariedades elementares de vizinhança; se existe a Seguridade Social, não preciso de meu vizinho do mesmo andar para me ajudar (1991 apud Castel, 1998: 507).

Com as ponderações de Castel vai ficando muito claro como a expectativa de uma melhora de vida aos indivíduos pobres é muito distante e exige um esforço individual e trabalho, nos dias atuais, além do suportável. E esta realidade é ainda mais desestruturante se o trabalho assalariado já não ocupa mais o centro dos problemas, mas agora o desemprego é maior preocupação. Ele defende que a precarização do trabalho leva a um aumento da vulnerabilidade social, já que as pessoas vão ficando à mercê do serviço público, e no final ao desemprego e à desfiliação. Desfiliação para o autor seria a consequência de um abandono total da pessoa enquanto cidadã e enquanto sujeito; alguém que não vê qualquer possibilidade de mudança para sua situação precária e chega a desistir de sua identidade, de sua participação social. Quer dizer, enquanto o trabalho era possível, mesmo que alienado, mesmo que aprisionador, penoso, havia compensações: cidadania através de sistema de direitos sociais, benefícios das subvenções distribuídas pelo Estado, acessibilidade de consumo às mercadorias. Castel (1998) ainda levanta um cenário atual de desestabilização geral, inclusive dos recém estáveis, isto é, não há mais estabilidade ou garantia de cargo de trabalho.

Ele lança o conceito “individualismo negativo” se referindo à degradação ao máximo enquanto cidadão, enquanto ser humano, que o sujeito precisa chegar para conseguir ser atendido pela assistência social e do quanto isso não pode ser considerado um tratamento a um cidadão pleno. Para Laura Soares: “Os pobres substituem os cidadãos. A ajuda individual substitui a solidariedade coletiva. O emergencial e o provisório substituem o permanente. (...) É o minimalismo no social para enfrentar a globalização no econômico” (2003 apud SOARES, 2005: 60). Ela mesma reforça: “O frágil direito à cidadania que vinha sendo construído a duras penas em muitos países latino-americanos foi substituído por ‘atestados de pobreza’ que permitem o acesso a precários e mal financiados serviços públicos” (2003 apud SOARES, 2005: 62).

Mas Castel (1998) localiza uma mudança positiva na compreensão que se tem dos pobres. Ou seja, há certa percepção do que ele já havia apontado em relação à possibilidade de autonomia das pessoas de diferentes classes sociais e se chegou à conclusão de que boa parte deles não são pobres porque querem. Há um contexto e há carências que precisam ser atendidas para não desfilarem, não desligarem a pessoa do mundo e isso se tornar um caminho sem volta. Ele fala de como é preciso conseguir que as pessoas não se abandonem por completo, que se mantenham em atividades, projetos, iniciativas, serviços sociais, para não deixarem de estar inseridas.

(...) ao decodificar este tipo de mensagem – ‘evitar que uma parte da população seja completamente excluída’ – é necessário entender que seria bom demais, se fosse possível gerenciar no local as turbulências sociais e criar um mínimo de trocas e de atividades nos espaços ameaçados de anomia completa (1998: 552).

Mas não deixa de prestar atenção ao fato de que isto não mudaria a condição social daquelas pessoas: “Não se constrói cidadania sobre inutilidade social” (CASTEL, 1998: 552). Assim como critica políticas públicas que generalizam condições de vida das pessoas e ao serem assistencialistas sem tratarem do problema real “acalmam o otário” (CASTEL, 1998: 558).

Castel (1998) fala das iniciativas de projetos de animadores culturais, que precisam inventar cada vez mais instrumentos para atrair e entreter, ajudar no convívio e na formação de vínculos, criar atividades que os mantenham atuando em funções que gostem, etc., para que as pessoas não se abandonem e não percam seu potencial criativo. Mas por mais que haja uma noção de inserção por trás destas iniciativas, elas podem criar uma “socialização secundária”, um “submundo institucional”, afastando essas pessoas da realidade de qualquer forma, já que não se está cuidando da condição que a fez chegar onde está.

Poderíamos aproximar esta idéia do que diz José de Souza Martins (1997), que combate o conceito já esvaziado de exclusão. Ele acredita numa inclusão marginal, que mantém muitos vivendo de maneira miserável. E a possibilidade de se melhorar de condição, de sair desta marginalidade social, é cada vez mais inexistente. Não se pode pensar em melhoria de qualidade de vida antes de se garantir vida digna aos cidadãos. Se a maioria deles luta pela sua sobrevivência, é a partir desta que se deve atuar. Ou seja, pela garantia de direitos, garantia de mínimas condições para a vida.

Nesse sentido, mais uma vez Castel (1998) valoriza o trabalho como inserção cidadã, isto é, como manutenção dos indivíduos na sociedade, na realidade com a qual precisam lidar. Seria uma valorização do trabalho, mesmo que alienado, assim como a do lazer, mesmo que compensador. Uma busca de não abandono total, de algum contato e comunicação com o mundo, seja ele qual for, para que haja possibilidade de mudança. Se não há mais contato, não há como mudar – o abandono se torna sem volta, chegando ao “grau zero do auto-respeito” como nomeia Joel Birman (2002: 138).

Como pudemos acompanhar pelas considerações de Castel (1998), uma pessoa sem trabalho e sem pertencimento ao grupo social, ou que leve uma vida muito pobre, de muito esforço, muito cansaço, não conseguiria aproveitar seu tempo em atividades artísticas, ou de lazer. Não há preocupação em usar o tempo vago com lazer, mas em trabalhar para sustentar

uma família, para colocar comida na mesa. Para as atividades de lazer, prazerosas, também é necessário certo nível de vida de qualidade.

Ainda contamos com a poesia de Bosi (2006), falando destes intervalos em que se observa a riqueza e força da vida humana: “Esses instantes em que os homens tomam cafezinho, em que as operárias de linha espiam os livros caros expostos no pátio, são momentos impregnados de vida. De vida que se infiltra lá de fora entre as grades de ferro, agitando esperanças, semeando projetos” (BOSI, E., 2006: 22).

Portanto é no dia-a-dia que mostramos nossa capacidade de vida, de enfrentamento, no caráter que damos às nossas atividades, no quanto nos envolvemos e nos protegemos delas, dos outros, do mundo. E essa capacidade que cada um desenvolve pode ser entendida de forma bastante interessante pela teoria de Donald Winnicott.

A teoria deste autor (1975a) sobre o desenvolvimento do sujeito se baseia no brincar. Lili de Vooght (informação pessoal)¹¹ apresenta esta teoria winnicottiana como um olhar psicanalítico construído a partir da saúde e não da doença, pelo fato de Winnicott ser pediatra. Ao acompanhar muitos bebês e pais saudáveis, este psicanalista pôde entender “aspectos habitualmente descritos como patológicos, como, por exemplo, não poder ser-si-mesmo, a solidão, a descontinuidade, a não-integração, a destruição do objeto, (...) como possibilidade de uma vida sã”, diz Lili. Quer dizer, Winnicott vê um movimento pela vida, uma busca pela sobrevivência de certa integridade psíquica, em diferentes formas de organização do psiquismo. Podem ser pensadas como defesas em nome da existência, modos de enfrentar a realidade, o que pode ser aproximado da leitura de Benjamin (1987) à possibilidade de ver cultura na produção técnica, que seria visto como vida por Winnicott. Benjamin (1987), como trabalhado anteriormente, consegue localizar na produção cinematográfica o poder do ator frente à câmara, a força humana controlando ou se utilizando da máquina para se expressar. A

¹¹ Em trabalho apresentado no XIII Colóquio Winnicott, em maio de 2008, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

partir desta analogia, se pode entender que são autores que permitem esta visão de luta pela sobrevivência e dedicação ao humano, que se busca nesta dissertação:

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas (Winnicott, 2005: 10).

Para Winnicott (1975a) é o brincar que possibilita o contato com o si-mesmo e a possibilidade de desenvolvimento do sujeito em qualquer momento de sua vida, desde que recuperado o momento em que o ambiente não pôde lhe suprir da maneira adequada. Para pensar esta possibilidade, ele observa que o início da vida de um bebê é um momento em que ele precisa de toda atenção. Todas as suas necessidades precisam ser atendidas, uma vez que este está conhecendo o mundo e tudo é uma grande novidade. Tudo pode gerar ansiedade e angústia por ser desconhecido. A mãe é o mediador da criança com o mundo e sua maior função é não permitir que a criança tenha que lidar com grandes angústias e frustrações, pois ainda não tem ferramentas para tal. A mãe suficientemente boa, que atende às necessidades da criança de maneira a permitir que esta vá criando seus mecanismos de suporte e contato com o mundo real, gera na criança a confiança num ambiente que não lhe deixa morrer. A criação da capacidade de interagir com o ambiente e de percepção deste como não-eu, como outro, como externo, possibilita o espaço do brincar, pois permite a sensação de ser, de self, de eu.

Onde há confiança e fidedignidade, há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural (WINNICOTT, 1975a: 142).

Mesmo que muitos possam assumir este lugar de mãe suficientemente boa, qualquer um que o faça tem um grande desafio a assumir. Esta função exige certa saúde psíquica e

também uma suspensão de desejos próprios por um tempo. O desejo da “mãe” deve ser apenas o filho por um tempo. Um tempo que o bebê é a majestade. Portanto, cabe aqui olhar para este grande desafio: ser mãe e manter-se mulher. O que ainda se agrava em condições precárias, como a pobreza. Luci Mansur coloca que para Winnicott:

No espaço potencial entre a mãe e o bebê, localizam-se o brinquedo e o brincar, assim como os fenômenos transicionais, que são a base para a experiência cultural em geral. (...) no espaço potencial existente entre mãe-bebê, e posteriormente entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo cultural, ocorre uma experiência que conduz ao sentimento de que a vida vale a pena ser vivida (MANSUR, 2006: 152).

Esta área permite que a separação, a solidão, seja preenchida pela sensação de confiança criada e pelo contato com o mundo. Ou seja, a capacidade de estar só, positiva, quando não se sente sozinho, gera a possibilidade de explorar o mundo, de criar o mundo, de se sentir vivo, em contato com ele (Winnicott, 1982). “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)” (WINNICOTT, 1975a: 79). Já fica claro que para este autor o brincar é fundamental para crianças e adultos. A sensação de realidade que o indivíduo sente com o que acontece, com o que é e com o que faz. Como coloca Winnicott, não se considera apenas atividades lúdicas ou o senso de humor, mas toda a cultura acumulada por toda história do homem (2005: 20). Num fazer pelo desejo de vida, pela sensação de que ela vale a pena, não num fazer apenas reativo. Um brincar que está além da atividade por ela mesma, isto é, o que caracteriza o brincar é a forma, o modo de lidar com a atividade, com o fato. A criatividade envolvida é fundamental e decorrente da capacidade infantil de criar o mundo a partir da segurança dada pela mãe.

Portanto é na relação primordial com a mãe que as condições deste brincar se constroem, ou seja, condições de contato deste sujeito em desenvolvimento com o mundo, com a realidade. A possibilidade de ser e em consequência a de fazer. Ser e fazer são as formas

de contato com o mundo. E as características deste contato vão variar de acordo com o sujeito, com seu grau de desenvolvimento, com sua história de ilusões e frustrações, e possibilidades ou não de lidar e suportar a ambivalência da vida (integrando o bem e o mal e não os vendo como duas possibilidades totalmente distintas e puras), num vai e vem entre realidade e imaginação. Estas possibilidades são criadas pelo espaço transicional ou potencial, e permitem certa fluidez, que mantêm a integração psíquica:

(...) uma área intermediária da *experimentação*, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas (WINNICOT, 1975a: 15).

Audrey Souza apresenta como sujeitos adultos podem viver momentos de extremo descontrole frente a uma situação, mesmo já tendo atingido certo nível de desenvolvimento e capacidade de lidar com o mundo.

Tomados de emoções avassaladoras, somos dom-quixotes iludidos pela idealização ou tiranos convencidos da pertinência e da propriedade de nosso sadismo, diante a impossibilidade de aceitar que podemos ser frustrados. Podemos superar essas vivências e aprender com elas, ou passar a vida lutando contra inimigos imaginários (2005: 56).

As posições 'depressiva' e 'esquizoparanóide'¹² são dinâmicas psíquicas que, alternando-se ao longo da vida, geram maneiras de ser e experienciar o mundo (2005: 53).

Ou seja, todos temos momentos de desorganização emocional, mas alguns podem se reorganizar e usar da vivência de desorganização para avançar em relação a seu autoconhecimento e conhecimento do mundo. O que está presente neste trabalho é justamente esta aposta na possibilidade de equilíbrio entre a fantasia e a realidade, a possibilidade de ir e vir entre o sonhar e o acordar, poder pintar imagens coloridas a partir da

¹² As posições depressiva e esquizoparanóide são conceitos criados por Melanie Klein para se referir a estados de maior organização do sujeito em torno da ambivalência ou maior cisão. Porém, não cabe ao interesse deste trabalho aprofundar tais conceitos (Cf. KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In. _____ *Os progressos da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 313-343. E _____ (1934) Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos. In. _____ *Contribuições à psicanálise*. Tradução de Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1981. p. 355-389.)

realidade preta ou cinza e com isso suportá-la sem ignorá-la. Assim defende Michel Parsons ao falar de Freud: “A idéia de que o pensar permite que a pessoa imagine uma ação experimentalmente, sem precisar executá-la, dá à fantasia, originalmente vista como evitação defensiva da realidade, tanto uma função positiva quanto criativa” (PARSONS, 2001: 89).

E esta possibilidade de perceber que a fantasia realiza desejos e elabora emoções sem acometer a realidade é uma das importantes funções do brincar. Pois é brincando, fantasiando, sonhando, que o sujeito vai poder vivenciar os atos mais atroz, sádicos, amorosos e eróticos, sem realmente precisar cometê-los. Algo que ocorre neste espaço transicional e que permite que a pessoa viva em sua cultura, podendo aproveitar “desde um pedaço de madeira a um dos últimos quartetos de Beethoven” (WINNICOTT, 2005: 20).

Essa aproximação da fantasia, do sonho, do brincar e mesmo do devanear (sonhar acordado), é feita por Segal (1993, 1998) ao valorizar o simbolismo inconsciente como fundamental para a comunicação inconsciente, não apenas para a sua compreensão. Ou seja, é com a criação de simbolismos que nosso inconsciente pode se comunicar e não ficar totalmente reprimido sem qualquer possibilidade de vazão, o que pode ser observado especialmente e de maneira direta naquelas quatro atividades inconscientes anunciadas acima (brincar, fantasiar, sonhar e devanear). Todas precisam do simbolismo para se pronunciar ou não teriam forma, mas acontecem de maneiras diferentes.

Segal (1993) aponta para diferenças importantes: a arte e o brincar são formas de fantasiar em direto contato com a realidade. São como “tradução da fantasia em realidade”, já que exploram o ambiente, os materiais, a realidade, apreendendo-a e exprimindo-a. O sonhar e o brincar se aproximam por elaborarem fantasias inconscientes ao lidarem, por um momento determinado, de maneira simbólica com a realidade. Já o devaneio é entendido como um modo de satisfação do desejo que ignora realidade e conflitos internos, e se sobrepõe a estes – isolando o sujeito do mundo real. Um ponto valoroso do devaneio, segundo

a autora, é a capacidade de imaginação do qual deriva. Esta é a que permite adentrar no mundo dos desejos e afetos mais profundos. Segal (1993) defende que quanto mais profundas as camadas atingidas, mais mobilizada, mais rica, densa e flexível a imaginação se manifesta. Ao movimentar tanto sentimento a imaginação precisa de instrumentos que não a desliguem do real, para não se tornar devaneio. Quer dizer, a imaginação, que leva ao fantasiar, à produção de arte, ao brincar, vem acompanhada de ações experimentais (por exemplo, pensamento), segundo Segal, que possibilitam descarga de tensão, ao permitirem o teste da realidade. Este se refere à possibilidade de percepção de que aquela brincadeira toda, fantasia toda, não é real, está-se seguro em meio àqueles sentimentos e atuações. Uma brincadeira deixa de ser segura se mobilizar uma fantasia que gere angústia muito intensa, quando a realidade precisa ser chamada para diminuir o sentimento. Ou seja, quando atinge uma intensidade com que o brincante ainda não pode lidar.

Por fim, o brincar para Segal (1993) possui algumas características: exige imaginação; envolve frustração e dor, necessitando de perseverança, de trabalho, para não ser abandonada, embora deva ser sempre predominantemente prazerosa para perpetuar; e é incidentalmente comunicativa, ou seja, diferente da arte, não tem o objetivo final de comunicar, embora comunique.

De certa forma estas características podem ser relacionadas às apresentadas por Johan Huizinga (1999) que estudou o jogo como parte da cultura e mesmo como precursor dela. Não encontra uma definição exata do que chama jogo, mas coloca algumas características que se aproximam do que autores que trabalham com o brincar também observam. Ele fala da voluntariedade de entrar no jogo, que passa por uma possibilidade interna de fazer aquele jogo, que se refere à condição de interesse no tema e de suportar as angústias que o tal apresenta para si. Fala da característica de evasão da vida corrente, da vida real, mas com um caráter extremamente sério, isto é, não há como brincar se não puder vivenciar aquilo como

verdadeiro em alguma instância. Huizinga chama a esta característica de arrebatamento. Pois não é realidade, mas exige envolvimento para que a fantasia seja vivida. Por isso, uma outra característica é a delimitação espaço-temporal da brincadeira. Há um tempo e um espaço para o jogo, ou há o risco de devaneio, de angústia muito grande, pois é necessário saber que se pode parar, que há possibilidade do ir e vir, do entrar na dança e sair dela. Podemos embarcar na fantasia, pois ela vai ter fim. Mas isso não tira a característica da tensão que precisa existir ou não haverá graça. Esta é também uma condição para o arrebatamento. É esta que vai medir também a voluntariedade e o abandono ou não da brincadeira. E por fim o caráter desinteressado do jogo, que se refere ao não objetivo determinado. Joga-se por jogar.

Segundo Steven Ablon (2001) ao citar Huizinga:

This definition is adapted from Huizinga (1938: 28) and his seminal work on play, Homo Ludens, where he describes how play is expressed in countless varieties of human experience such as language, Law, war, poetry, mythopoesis, philosophy, and art. From this perspective, play is a theme of activity rather than a category and therefore all activities can be an expression of play (1938 apud ABLON, 2001: 347).

Através desta idéia de que todas as atividades humanas podem ser expressões do brincar, pode-se entender que conseguindo encontrar as características do brincar, como as definidas por Huizinga, em atividades dos homens, podemos considerá-las jogo, brincadeira, brincar. E Ablon segue: "...a basic quality of play is that it involves activity or action, physical often, but also linguistic and mental." Portanto o brincar exige exercício, que pode ser físico, mas também lingüístico ou mental. Exigindo, então, criatividade e imaginação, e também certo esforço. Ablon coloca que obviamente o brincar muda na idade adulta, mas que ele não se restringe como dizia Freud (1908/1976) às fantasias e devaneios. Ele fala que os mais ricos instrumentos do brincar adulto são as palavras, o pensamento e a linguagem, além do uso da criatividade em novas construções, direções e negociações. Acredita que a criatividade

desenvolvida pela capacidade de brincar facilita novas compreensões, diferentes visões de uma mesma questão (ABLON, 2001: 349-351). Localiza:

Play for adults is present in language, verbal symbols, mythic figures, dream scenes, word pictures, drawings, humor, and word play such as puns, irony, and sarcasm. Changes in vocalization such as tone, cadence, volume, and timbre, as well as body language and dress (costume) may compromise aspects of play when elements of exploratory, pretend, and for amusement are involved (ABLON, 2001: 351).

Benjamin (1984) coloca que é “o jogo e nada mais, que dá à luz todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se, devem ser inculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras (...). Todo hábito entra na vida como brincadeira, e mesmo em suas formas mais enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final” (1984: 75). Ou seja, as brincadeiras fazem parte da formação dos indivíduos e permanecem presentes. São mediadoras de aprendizagens organizadoras para o convívio em grupo e para a inclusão na cultura.

Assim, não apenas a menina que brinca de casinha enquanto ajuda a mãe a arrumar a casa, mas os trabalhadores da roça que cantam enquanto trabalham também estão brincando. Também estão no espaço potencial, num momento lúdico, mesmo que concomitantemente estejam trabalhando. Os jogos de conquista, a escolha da roupa para a festa, o servir aquele jantar, as brincadeiras, piadas, assim como as atividades de lazer e o próprio trabalho podem estar permeados de brincar. Ablon ainda ressalva: “The inability to enter this play space is a limiting factor for many people, especially adults, who are caught on the reality side of this dialectic, maybe too traumatized, hurt, and worried to feel safe enough to play” (2001: 361).

Mas isso não impede os adultos de poderem brincar com o que brincavam quando crianças e ter a mesma sensação de antes. Entrar na brincadeira e se deixar levar mesmo depois de adultos, como é o caso de Natil, moradora da Vila Joanisa, bairro de São Paulo, descrevendo sua sensação ao empinar pipa:

Mas eu gostava muito era de – até hoje, se brincar, se tiver na rua, qualquer um, eu peço licença e dou um soquinho – é o bendito

papagaio. Eu confeccionava os meus, eu fazia os meus. Essa aí que tá na parede não fui eu que fiz, mas eu sei fazer. Isso é uma sensação – o pessoal diz que é brincadeira isso aí – mas isso aí é uma sensação de liberdade muito grande. Quando você solta, você vê aquele pipa no alto: é você que tá lá! Gente... é a sensação de estar longe. É uma sensação de liberdade queném pensamento. Imagina você estar lá no alto, é um sonho, você se vê naquele papagaio! (GONÇALVES FILHO, 1995: 62).

Será que uma pessoa capaz de viver esta sensação ao empinar pipa não está tendo um momento real de liberdade? Seria apenas subjetiva como coloca Munné (2004)? E mesmo que seja apenas subjetiva será que não é uma experiência válida para esta mulher que mora numa favela e enfrenta as dificuldades da vida na cidade grande dos anos 90? Ela desvaloriza o que é chamado pelos outros de brincadeira, pois quando se fala em brincadeira é como tirar o lado sério, o lado realmente vivido daquilo. Ela valoriza o pensamento, que diz ser livre. O pensamento também pode ser livre subjetivamente, como diria Munné, com um certo controle social e cultural, e também pode brincar, quer dizer, produzir a sensação de liberdade. Então podemos aproximar o pensar do brincar, que é sério, como foi trabalhado anteriormente. Ela pode brincar de maneira tão inteira, tão profunda, que chegou a pensar que não era “apenas” brincadeira.

O relato citado acima transmite uma sensação de prazer e liberdade que mostra como momentos como este, de vida, lúdicos, podem beneficiar quem o vive. Vemos alguns exemplos deste benefício em relatos de líderes de comunidades cariocas, com as quais se faz um trabalho social baseado no contato com as artes e a cultura da cidade. Maria Teresa Rocha (2006: 271) transcreve os relatos: “No início deste projeto, as crianças não estavam acostumadas a saírem da comunidade. Pareciam não se importar com o que viam. Agora elas estão curiosas, querem mais, parecem mais interessadas pelas coisas que acontecem a sua volta, inclusive na escola.”

Um mundo parece se abrir, assim como novas fontes de vida: “O assunto nas rodas de conversa mudou, passou de qual o defunto do dia para ser alguma coisa que viram nas

exposições. (...) A produção de uma música durante a oficina deu a elas o orgulho de serem moradoras da Parada de Lucas. Sentiram que falar de sua comunidade como lugar a ser cantado lhes deu idéia de lá ser um lugar bom, lugar de sua moradia e que assim podiam falar de si com orgulho” (ROCHA, 2006: 272).

É interessante a opinião de Winnicott (2005) sobre a manutenção de um viver criativo, que se dá nesta capacidade de imaginação. O autor reconhece e critica atividades profissionais “sufocantes”, mas percebe que para a manutenção de um viver criativo é importante que, pessoas submetidas a este tipo de trabalho, possam organizar um tempo que lhes permita fazer algo que sintam dentro de si. Que possam pensar o quanto o dinheiro do trabalho vai permitir concertar algo em casa ou comprar um presente; olhar uma bela paisagem e sentir aquilo como parte de algo que também lhe diz respeito; ou ainda, que possa limpar a casa satisfeita pela “identificação cruzada” com o prazer de brincar na lama quando criança. Cita a opinião de que talvez seja mais fácil viver imaginativamente, fantasiosamente numa rotina tediosa que num trabalho interessante que exija criações a todo momento. O importante, enfatiza, é que se mantenha algo de pessoal, que a pessoa sinta como sendo ela mesma, como estando viva. Algo que diz ser mais importante para a manutenção de uma vida saudável do que o comer e dormir (2005: 27).

Estamos falando então de comportamentos que possibilitem uma mediação com a vida diária, a possibilidade de criar, de se deixar enlouquecer, para sair da realidade e embarcar na fantasia por alguns momentos e depois poder retornar à realidade, de contato com novos elementos, sejam eles concretos ou afetivos, de atividades que propiciam prazer, mesmo que com momentos de dor, medo ou angústia. Afinal, como trabalhado acima, os adultos também estão se desenvolvendo, se descobrindo e descobrindo o mundo. Podemos pensar que para algumas pessoas as atividades de lazer, como outras de seu cotidiano, podem propiciar estas experiências, como ver filmes, como jogos, como exposições, como conversas

com os amigos, como passeios em meio à natureza, como apostas de corridas. E que qualquer atividade pode criar atmosfera de jogo, pode providenciar elementos para o fantasiar, para o criar, para o brincar. Que são entendidos aqui como geradores de vida, de energia, de vontade de continuar. E que é o que foi buscado nas conversas com as mães e será apresentado no terceiro capítulo da dissertação.

Capítulo II. Contornos de um contato, as vozes de mundos em encontro.

“Era um homem que não era nem bom nem mau (...) Alguns achavam que ele era perigoso porque ficava andando todo sujo e maltrapilho pelas ruas, levando doenças, por causa dos cães. Tinha gente que dizia que um homem assim colocava em risco a segurança das pessoas, porque ele era desequilibrado. Alguns, de bom coração, achavam que alguém deveria levá-lo ao asilo de velhinhos, onde poderia ser bem cuidado. A maioria, porém, não se incomodava muito. Achava o velho inofensivo, vivendo uma vida que, se ele não a havia escolhido, pode ter sido escolhido por ela.”

(Daniel Munduruku, 2007)

Este trecho inicia este capítulo metodológico pois questiona a distância em relação ao diferente e mostra como ela leva a imagens que podem ser muito distantes da história real, mas aponta como estas imagens também compreendem e formam a história deste homem. Um homem que, como todos nós, vive uma vida que pode ser definida por suas escolhas e esforços e também por muitas outras coisas, de um campo social e político muito mais amplo. Este capítulo mostra minha tentativa de não ficar de longe pensando se os outros são bons ou maus, ou perigosos ou inofensivos. São. São tanto quanto eu sou. Com histórias tão diferentes será que consigo entender como fazem para ser?

Este capítulo é dividido em quatro momentos diferentes, para uma aproximação gradual do ambiente da pesquisa, do geral ao específico, para acompanhar os encontros que foram se dando no decorrer dela. Assim, o primeiro momento traz artigos de jornais e pesquisas realizadas em comunidades pobres, incluindo a São Remo, falando do modo de vida que levam seus moradores.

O intuito é trazer o local escolhido para a pesquisa a partir de outros pontos de vista antes de trazê-lo a partir do meu, que virá apenas numa última parte. Uma aproximação lenta,

para poder me “aliançar” e buscar os sentimentos por traz dos modos de vida ali, que passa por uma discussão teórica sobre metodologia, apontando a postura que procurei ter e de como entendo minha inserção na São Remo. Esta inserção é descrita no terceiro momento, unindo a visão que se tem de comunidades pobres a partir da mídia e outras pesquisas e a que pude construir em função do meu trabalho e entrada ali. Olhares que nesta pesquisa não podem fugir da relação entre Universidade e comunidade vizinha. Uma relação bastante complexa e pouco estudada e compreendida, que procuro apresentar na segunda parte do capítulo.

A - A São Remo como parte da cidade.

Mike Davis (2006) faz um levantamento de dados da urbanização e crescimento populacional no mundo, apontando para um agigantamento de cidades que leva a um aumento das desigualdades sociais. Ou seja, o crescimento urbano se dá em grande parte acompanhado do crescimento de favelas. Segundo o autor, uma favela se define por seu excesso de pessoas, precariedade de moradias, de saneamento básico e de segurança em relação à posse das habitações. (2006: 33) E Cynthia Sarti (2003) aponta para a necessidade que mesmo moradores de bairros de periferia têm de se diferenciar dos moradores da favela. Esta segunda categoria, “os favelados”, carrega carga inferior: “Sou pobre mas não sou favelado” (Sarti, 2003: 119), diz um. Uma carga social pesada e carregada de preconceitos, o que é bastante complicado, especialmente com este crescimento do número de favelas apontado acima. Se nos países “desenvolvidos” os moradores de favelas não ultrapassam 6%, nos “menos desenvolvidos” chegam a 78% da população urbana.

Berlink e Hogan apontam moradia, legalização, emprego e alimentação, como as necessidades mais urgentes dos pobres de São Paulo (1978 apud OLIVEN, 2007: 38). E Oliven coloca que algumas delas vêm sendo enfrentadas pela população, como, por exemplo, através de mutirões. O que indica uma grande capacidade de adaptação, que para alguns pode parecer desorganização, já que o dia-a-dia e os projetos não se realizam da mesma forma que a vendida na mídia. O suposto “baixo nível de organização dos pobres” é visto por Silberstein como “uma adaptação sofisticada por parte dos pobres, que lhes permite agir dentro dos estreitos limites da pobreza e contornar a rigidez estrutural imposta pela sociedade maior” (1969 apud OLIVEN, 2007: 27). Uma visão enriquecedora e positiva para os que olham de fora, na nova forma de olhar para o cotidiano dos pobres, não mais como “alienação e conformismo” (CARDOSO, 1988), mas como resistência, como produção de cultura, que não tira as dificuldades e preconceitos vividos por esta parte da população.

Em artigo publicado no Jornal Estado de São Paulo¹³, Alexandre Rodrigues (2007) apresenta pesquisa com moradores de favelas do Rio de Janeiro, sobre a vida na favela:

Com a panela no fogo, a mulher corre no quintal, olha para cima da ribanceira e grita para a casa vizinha: ‘Ô Nilza, tô sem alho!’ Da janela da cozinha, Nilza estica o braço e lança três ou quatro dentes de alho para salvar o almoço da amiga. Aos 55 anos, Nilza Rosa, nascida de parteira no alto do Morro da Formiga, zona norte do Rio, recorre a essa cena para dizer, categórica, que não quer trocar o ‘calor humano’ da favela pela convivência fria entre vizinhos no ‘asfalto’, a cidade formal lá embaixo. ‘Sou formiguense, nasci e vou morrer aqui’, diz. Apesar do cotidiano de violência que marca as comunidades carentes no Rio, uma avaliação do Núcleo de Pesquisa das Violências do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Nupevi-Uerj) apurou que 65,4% dos 660 moradores de favelas entrevistados não querem se mudar do local onde vivem.

Este calor humano que acolhe muitos moradores de favelas contrapõe o medo de problemas com a polícia e traficantes, além de problemas de infra-estrutura. Acredita-se que

¹³ A manchete do artigo era: 65% dos moradores preferem favelas.

bairros de elite não compõem um quadro de solidariedade como as comunidades pobres.

Segundo o mesmo artigo citado:

A antropóloga Alba Zaluar, uma das coordenadoras da pesquisa, concorda que as notícias da guerra do crime protagonizada por traficantes, policiais e até milicianos nas favelas podem sugerir que a população seja ávida por se mudar. No entanto, diz, a pesquisa indica que os laços de solidariedade são mais fortes nas favelas e superam os problemas: “As pessoas são muito ligadas às outras, apesar do tráfico e da polícia. Eles não gostam dessa situação, vivem sob duas tiranias, mas a relação com vizinhos e familiares é de solidariedade”, analisa. “As pessoas conversam na porta de casa. No asfalto, prevalece a indiferença. A classe média é mais voltada para seus próprios círculos” (RODRIGUES, 2007).

A pesquisa traz dados de uma melhoria de infra-estrutura nas favelas: rede elétrica legal já chega a 85,5% dos entrevistados; quase 90% dizem contar com rede de esgoto e 84,5%, com abastecimento de água. Dona Nilza acrescenta:

As casas são melhores e em qualquer uma tem DVD, TV, geladeira. Em qualquer barraquinho tem celular. Mas a TV está estragando os jovens. Ninguém mais almoça junto, não tem mais aquele respeito pelas madrinhas, pelos mais velhos.

E diz que apenas o tráfico atrapalha a convivência.

Há os que discordam desta opinião de dona Nilza, assim como de muitos dos entrevistados:

Líder comunitário da Rocinha, Carlos Costa discorda do resultado da pesquisa. Para ele, quem respondeu que não quer sair da favela quis, na verdade, dizer que não tem alternativa. “A informalidade e a falta de estrutura incomodam os que começam a sair para estudar e ver outras coisas. Ainda existe um vínculo, mas numa escala menor. Hoje, mesmo na favela, é cada vez mais cada um por si”, afirma. “O que incomoda é não poder prever quando um tiroteio vai começar do seu lado. No asfalto também tem a violência, o assalto, o tiro na via expressa, mas a relação com isso muda” (RODRIGUES, 2007).

Esta opinião traz dois elementos importantes: as relações nas comunidades podem estar se modificando e os que podem sair e entrar em contato com a amplitude de possibilidades de trabalho, cultura, relacionamentos, podem se ver como prejudicados socialmente e legalmente por morar na favela. São pontos que aparecem nas conversas

realizadas na São Remo através deste trabalho, mesmo que em pesquisa feita por alunos da Faculdade de Jornalismo da USP com moradores da São Remo (informação pessoal)¹⁴, a maioria tenha respondido gostar de morar ali (85,9% dos entrevistados).

Segundo a mesma pesquisa 50% dos entrevistados veio morar na São Remo porque a família já morava ali. Cerca de 30% por problemas econômicos e 9% por escolha do bairro como bom para morar, já que fica próximo de zona comercial, de fácil acesso pelo transporte público, muitos trabalham perto (até mesmo na USP, como funcionários, ou terceirizados pelas firmas de limpeza) ou têm amigos por perto. É perceptível o crescimento que a São Remo teve desde 2000 até hoje, inclusive com uma grande verticalização. E segundo agentes de saúde da região¹⁵, é nítida a diferença econômica e de condições de infra-estrutura entre a São Remo alta – mais próxima do Circo Escola – e a baixa, mais próxima da Av. Corifeu de Azevedo Marques. Dizem que configura-se mesmo uma divisão da área.¹⁶

A maioria dos entrevistados, 72,4%, disse se sentir seguro no bairro, o que destoa um pouco do resultado da pesquisa apresentada no Jornal Estado de São Paulo, que mostra dona Nilza dizendo que o tráfico atrapalha a convivência e o senhor Carlos dizendo que a violência é grande, próxima e assusta. Esta tensão entre o medo e a segurança no dia-a-dia de comunidade pobre chama a atenção e poderia ser tema de outra pesquisa na São Remo, que inclusive, tem regras internas que punem os que atraem a polícia para a região, como me contam duas das entrevistadas.

Quase 50% participa de atividades religiosas e 60% não participa de movimentações sociais com a Associação de Moradores, que embora conhecida e bem avaliada por alguns (talvez por entregar leite duas vezes por semana) não mobiliza a comunidade. Mesmo assim, quando perguntados sobre problemas que gostariam de resolver enumeram alguns: lixo,

¹⁴ Dados enviados para o e-mail maristucchi@yahoo.com.br em 22 de junho de 2007.

¹⁵ Ligados ao Projeto São Remo, modelo de Programa Saúde da Família, adotado e experimentado pelo Centro de Saúde Escola Samuel Pessoa, e que participam das reuniões da Micro-rede São Remo.

¹⁶ A mais baixa é a mais pobre, especialmente por estar suscetível a freqüentes alagamentos de córrego que passa ali – que é poluído por química de tecelagem vizinha.

segurança, falta de vagas em creches e escolas, planejamento urbano da favela, entre outros. E 30%, a maior concentração de respostas para esta pergunta, dizem não verem problemas no bairro. A segurança aparece como problema, embora tenham dito que o bairro é seguro. Pode-se pensar que alguns sintam-se seguros outros não, ou que devem dizer que se sentem seguros, mas querem mostrar o quanto a segurança ali e em toda cidade é algo que se deve ter atenção. Enfim, um ponto complicado para a população.

Quando questionados sobre seus sonhos, respondem: 23% desejam mudar de localidade de moradia, 14% ter casa própria, 14% melhorar condições de trabalho, 12% estudar, 17% diz não ter sonhos e 20% não responderam. Observa-se que dentre as respostas dadas, boa parte deseja melhorar de vida, se valorizar socialmente e até individualmente. Mas sair da favela é um desejo de um número grande deles.

Os alunos que realizaram esta pesquisa são produtores do Jornal São Remo, muito conhecido na comunidade (83% dos entrevistados), que tem um site interativo que foi ao ar em 2007. Recentemente, também, este grupo de futuros jornalistas tem procurado os moradores para produção de artigos e editorial, acreditando que este movimento aproxima o conteúdo do jornal aos “sãoremanos”, além da participação nos assuntos da comunidade e da cidade em geral.

Daniela Nakamura e Mariana Bomfin (2008) trazem levantamento sobre a inserção dos moradores no mercado de trabalho informal. Os donos de quitandas, bares e mercados, em sua maioria aposentados, segundo a redação do jornal, preferem a informalidade a enfrentar a burocracia necessária à formalização do negócio. Os desempregados se arranjam com os bicos e as mulheres se dividem entre trabalho fora de casa, os afazeres domésticos e cuidados com os filhos. “Merece destaque a grande participação delas em serviços da própria USP, especialmente a limpeza.” Colocam Nakamura e Bonfim, da redação.

Clodovil Henrique (2008) apresenta notícia de um espaço verde novo, que está sendo criado pela Subprefeitura do Butantã, próximo de grande lixeira, reformada recentemente pela mesma. O espaço oferece uma praça, com árvores e bancos para os moradores. E após a inauguração, uma senhora, moradora, fez um belo jardim que cultiva para todos. Em 24 de fevereiro de 2008 (<http://www.baledacidade.com.br/noticias.asp?temp=5&id=129>), o grupo Balé da Cidade realizou apresentação no famoso campo de futebol da São Remo, como parte da programação da “Quebrada Cultural”, evento realizado pela Secretaria Municipal de Cultura:

Os bailarinos mostraram a coreografia “Axioma 7”, de Ohad Naharin, e atraíram um grande público, apesar da chuva que ainda caía sobre a região no momento do espetáculo. Os espectadores, integrantes da comunidade local, reagiram com entusiasmo aos empolgantes passos criados por Naharin e aplaudiram várias vezes durante a apresentação.

Este campo sedia treinos para crianças e adolescentes, organizado por morador voluntário, e campeonatos muito disputados de jovens e adultos da comunidade.

Um ônibus de fisioterapeutas esteve disponível para agendar visitas à região do Rio Pequeno, atendendo inclusive doentes acamados, assim como grupo de terapeutas corporais que oferecem oficina de massagem. São iniciativas de grupos particulares para atendimento da comunidade. Também há grupo de pós-graduação do curso de educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que formou o Centro de Educação e Organização Popular, para educação de jovens e adultos da São Remo, além do grupo Alfa-USP que desenvolve a mesma atividade. A PUC é, então, mais uma Universidade se colocando nesta comunidade. Somado ainda a grupo internacional, que desenvolve Projeto Alavanca, de reforço escolar e informática, para crianças e adolescentes.

E mesmo com estes atendimentos e serviços, a São Remo tem baixa colocação em avaliação feita pela Subprefeitura do Butantã. Segundo análise feita em 2007, a São Remo está dentro de grupo de áreas com “mais baixa qualidade ambiental, freqüentemente localizadas

em favelas, desprovida de infra-estrutura básica. Estão neste grupo 13.89% da população com menor rendimento médio, R\$870,00” (MORATO; KAWAKUBO, www.hygeia.ig.ufu.br). Relação que eles vêem como linear de acordo com o estudo, isto é, quanto mais baixo o rendimento médio, mais baixa é a qualidade ambiental.

A qualidade ambiental não só é tida pelo estudo como espelho do rendimento médio da população da área, como é vista como índice de qualidade de vida, uma vez que esta influencia na proliferação de diversos tipos de doenças. Portanto, percebe-se a São Remo como região que tem um complicador na qualidade de vida de seus habitantes. Algumas movimentações em relação ao meio ambiente já foram iniciadas, como por exemplo pela rede social da região – Micro-rede São Remo. São projetos de plantar árvores ou de como cuidar do lixo, mas não têm progredido.

No primeiro semestre de 2008, o Projeto Esporte Talento e Esporte Solidário, ambos de educação pelo esporte, que trabalham com crianças e adolescentes da comunidade dentro de espaço da Universidade (CEPEUSP), desenvolvem trabalho com o lixo produzido pelas crianças no Projeto e tentam multiplicar aos pais e São Remo em geral. Alguns pais se mobilizaram fazendo cartazes sobre como lidar com o lixo, colocando num deles: “Vamos ajudar a USP!” O que mostra uma postura muito interessante, de participação e de reconhecimento do conhecimento e da influência da comunidade São Remo na Universidade.

Estas referências trazidas e projetos apresentados são alguns exemplos do que se faz na São Remo, tanto pelo governo, quanto por ONGs, quanto pela Universidade. Ainda assim, alguns moradores se pronunciaram insatisfeitos na pesquisa feita pelos alunos de jornalismo, dizendo que o governo nada faz para melhorar a qualidade de vida ali. Assim como os problemas que alguns vêem na área, estes “sãoremanos” mostram sua indignação com a situação social em que vivem. Não parecem querer apenas reforma da lixeira e espaço verde e atendimento de saúde lento. Esta opinião pode indicar um dispêndio de projetos em

atividades que estão distantes de satisfazer o desejo e necessidade de quem querem atender. Pois a maioria deles continua vivendo em vielas amontoadas, com janelas abertas para outras janelas, sem espaço para se estar só, onde “a sala vira quarto, o quarto vira cozinha, a cama vira cadeira e onde não há um cantinho estável que não seja abalado pelas necessidades do dia e da noite” (BOSI, 1997: 22). O que leva a pensar na necessidade premente de aproximação, de contato, de troca, de aliança como condição para formulação de projetos mais eficientes.

Fica claro que há um interesse nesta comunidade, assim como em outras comunidades pobres, favelas, que se encontram especialmente nas grandes cidades. Os dados e reflexões trazidos por Davis (2006) mostram a miséria do mundo e fica claro que a São Remo está longe de ser dos piores lugares para se viver. Algo importante de se saber, mas que não tira a importância de seus moradores enquanto produtores de modos de vida e muito menos da necessidade de melhores condições de vida que demandam. Um ponto que aparece na conversa realizada com os agentes de saúde da São Remo, assim como em outros momentos do trabalho. Esta conversa foi muito valiosa, pois eles mostraram um lado muito vivo e alegre da São Remo.

Ela foi realizada no início da pesquisa, como forma de levantamento das diferentes atividades de lazer que os moradores da São Remo podem desenvolver. Este grupo de agentes foi escolhido por trabalharem diretamente com a comunidade além de serem moradores da mesma. Houve um contato com a direção do Centro de Saúde Escola Butantã para liberação da conversa com os agentes de saúde. A procura de contato com os agentes levou à mediação institucional, que proporcionou uma tarde toda de conversa. Havia um questionamento, como já apresentado, de se haveria lazer na favela, em comunidades pobres. Sim. Os que se interessam em diversificar contatos e formas de relaxar têm.

Foram cerca de oito agentes que contaram o que mais observam, escutam e fazem na região, apresentando um panorama de possibilidades grande: parques, shoppings, salões de baile, bares, igrejas, amizades, vídeo game e vídeo cassete, internet, entre outras atividades. Mas também começam a se dar conta, no decorrer da conversa, que o encontro da família à noite depois do jantar, todos ao redor da mesa da cozinha conversando e falando besteira, é algo muito gostoso, que faz bem: quando vira rotina deixam de considerar lazer. O lazer não é algo do dia-a-dia para eles. Assim como a faxina feita ao ritmo da música tocando, ou os jantares especiais para a família, que são formas de dar uma tonalidade diferente às obrigações do dia-a-dia.

Fica claro que são atividades que lhes fazem bem, que descansam, relaxam, afastam um pouco da realidade nua e crua e permitem uma entrada num mundo lúdico – que em algumas situações pode até mesmo ser aproximado do brincar, caso consigam se colocar criativamente na conversa, na interação com as emoções que a música ou o filme provocam. Contam de vezes em que um dos moradores, que gosta muito de cinema e mexe com oficinas sociais de documentários, montou equipamento na quadra para passar um filme para todos assistirem de graça, como um cinema.

Segundo eles, o morador da São Remo, apesar da renda limitada, tem algumas opções de lazer, de se divertir e aproveitar um tempo com a família e os amigos. Segundo a pesquisa dos alunos de jornalismo, cerca de 30% dos entrevistados dizem usar o tempo livre em casa, com a família. 29% fazem atividades físicas, 8% freqüentam bares à noite e 16% dizem não ter tempo livre. 15% deram respostas mais diversificadas, mas o que chama a atenção é que a maioria fica mais em casa mesmo e muitos acabam não achando que têm tempo livre. O tempo livre pode ser entendido por eles mais como lazer, controlado pela indústria cultural, e menos como o real tempo livre referido por Munné (2004), que provavelmente não se encontra. Mas alguns podem falar de sua forma de usar um tempo para lidar com a realidade

de uma outra forma, mais descontraída, mesclando prazer e obrigação – considerado um grande saber pela discussão apresentada nesta dissertação.

Em nossa conversa, perguntei a eles o que costumam fazer no tempo livre. Uma das presentes disse não ter tempo livre, pois está estudando para ser auxiliar de enfermagem. Aqui já notamos que o estudo, que é uma escolha para ela mudar de emprego e fazer algo que está preferindo ao que faz atualmente, não é considerado tempo livre. O estudar exige esforço e dedicação, é difícil e por isso não é considerado tempo livre, lazer? Este tempo só seria considerado se fosse apenas diversão? De qualquer forma ela disse: “Todo meu tempo livre estou estudando.” E ainda acrescenta que mesmo não estudando, antes não fazia nada, pois não se identifica com as pessoas que moram ali. Assim, seu tempo está sendo dedicado a uma possibilidade de transformação de sua realidade, de seu trabalho e portanto condições de vida. Com esforço alimenta um sonho: é capaz de brincar.

Mas os demais começam a contar que o que mais se faz no dia-a-dia ali na São Remo é ir para a rua conversar com vizinhos e amigos, especialmente as mulheres. Uma sai e encontra a outra. Outra passa e se agrupa. Assim ficam horas na rua conversando, enquanto as crianças brincam ao redor. Mas reiteram que no fim de semana a rua fica mais cheia, já que durante a semana a maioria trabalha e não dá tempo de ficar conversando muito.

Falam de opções de lazer como os parques próximos: Villa Lobos, Parque da Previdência, Ibirapuera, além da USP, que é citada inclusive por seus museus, pouco conhecidos pela comunidade. Os shoppings próximos: Continental, que é bem perto e dá para ir a pé, economizando a passagem, e o Eldorado. Os bares da comunidade, que são vários, são bastante usados pelos adolescentes que gostam do fliperama. Mas também por muitos outros, homens e mulheres, mas mais homens que mulheres. As mulheres que ficam nos bares não são vistas com bons olhos, já que deveriam estar cuidando dos filhos e da casa, ou no trabalho! Mas muitos bares são vendas também, o que permite que a frequência seja geral. Isso porque,

como aponta Oliven (2007), os bares, ou botequins, são pontos de encontro, de socialização, que substituem ou acrescentam as relações de parentesco e amizade. Onde se contribui para as redes de solidariedade que adaptam os moradores de comunidades pobres à vida na cidade grande. Falam do vídeo-game, que várias casas já têm. Citam o campo de futebol, onde os garotos vão jogar durante a semana e os homens de fim de semana. Falam da igreja que pode ser considerada um lazer, como outra possibilidade de se relacionar com pessoas diferentes, de diversificar atividades, mas também como forma de proteção e “orientação de conduta”, especialmente em momentos de crise, como coloca Oliven (2007). A comunidade já está com 12 igrejas, uma católica e 11 evangélicas¹⁷.

Uma colocação interessante durante a conversa foi a de que para os homens, na própria comunidade, há mais opções de atividades diferentes do que para as mulheres, que ficam conversando na rua¹⁸. Algumas vão ao forró na rua G, que acontece sexta-feira e fecha a rua de tão cheio. Falam que as desempregadas passam a tarde assistindo TV em casa, ao invés de participar de atividades no Circo Escola São Remo ou no Quartel do 5º Comando e 16º Batalhão da Polícia Militar de São Paulo (vizinho de muro)¹⁹, entidades que oferecem oficinas como panificação, pintura, bordado, jardinagem. Dizem que além de ser mal divulgado o trabalho, as mulheres acabam preferindo ficar mais quietas em casa, por já estarem acostumadas a isso e já terem responsabilidades e preocupações demais em casa.

Os agentes falam também que as crianças é que têm mais possibilidade de brincar: peão, pipa, bolinha de gude, pega-pega, corda. Especialmente em época de férias podem

¹⁷ O tema da religião não será aprofundado, mesmo porque é uma produção que vem gerando trabalhos por si só. Mas ele entrará como possibilidade de socialização, de formação de comunidade, de diversificação de atividade, assim como as outras descritas, quando da análise das entrevistas.

¹⁸ Uma discussão possível sobre esse ponto é a de que existe uma moral bastante conservadora que permeia muitas comunidades. Esta será feita mais à frente no trabalho.

¹⁹ Esta vizinhança entre Quartel e comunidade pobre inquietou grupo de alunos de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo, que foram a estes espaços procurar entender como se dá esta relação. Disseram não ter chegado a nenhuma conclusão, mas conseguiram compreender o quão complexo é este tema, já que há diversas representações e valores envolvidos. Um pequeno resumo desta tentativa de pesquisa está apresentado no site: <http://www.n-a-u.org/Gradua.html>

brincar mais. Interessante que valorizam o brincar, mas não o reconhecem ou permitem para si. Acham que o brincar é coisa para e de criança.

Mas citam prazeres ou lazeres diferentes, como ir para salões em Pinheiros. Dizem que várias pessoas fazem isso. Mas também falam de se arrumar, de dançar, de limpar a casa, de cozinhar, da internet, etc. Quer dizer, quando perguntados sobre o que fazem para se cuidar falam que praticamente nada. Mas de certa forma, estas atividades, se são consideradas prazerosas, se fazem bem, são um cuidado de si.

Falam da violência na rua. Preferem ficar em casa, especialmente à noite. Contam que a São Remo está com muito carro e moto e seus donos gostam de ficar dando voltas pelas ruas no fim de semana para mostrar seus bens. Dizem que dá *status* ter uma moto e um carro ali. Há um terreno ao lado do campo que é utilizado como estacionamento, já que tantos têm carro e moto, mas as vielas e casas pequenas ou mínimas não permitem garagens particulares. A violência é a intensa movimentação na rua? Ou deixaram de falar de algum outro tipo. Falam pouco, mas apontam a entrada violenta da polícia na comunidade, do crime e das drogas. Há, mas não se fala muito disso, ao menos não no início do contato.

É muito interessante a crítica que eles trazem sobre esta postura de algumas pessoas e de como se colocam ativamente em busca de se divertir, de aproveitar a vida nos momentos que podem. Como cantam Mano Brown e Edy Rock (do grupo de rap Racionais MC's): "Chegou fim de semana, todos querem diversão."

Portanto, em relação ao tempo livre, ou lazer, os números apresentados pelos alunos de jornalismo estão de acordo com o que contam os agentes de saúde. Quer dizer, muitos ficam em casa, "assistindo", cuidando da casa e dos filhos, outros não se vêem com tempo livre e alguns podem diversificar um pouco mais suas atividades. Quando questionados pela mesma pesquisa sobre existência de opções de lazer no bairro, é quase igual à porcentagem

de respostas afirmativas e negativas. Ou seja, cada um vai poder aproveitar as opções e o tempo de uma forma, conforme interesses e possibilidades, concretas e emocionais.

Há este lado positivo da São Remo, que permite uma gama de opções de atividades a seus moradores. Mas há também violência. Tudo permeado pela questão da honra, do orgulho. Grupos do tráfico têm suas regras, suas maneiras de compreender e definir honra. Grupos da igreja vão ter os seus. Eles precisam conviver entre os diferentes objetivos e formas de ver a vida. Cláudia Fonseca (2000) fala desta convivência de diferentes interesses, falando que há vezes em que há dois grupos fortes numa comunidade, como acredito que haja na São Remo: o tráfico e os “chefes da comunidade”. Os segundos são pessoas líderes, como no caso da São Remo são o presidente da Associação e as líderes da igreja católica, ou ainda uma senhora que distribui leite e organiza festas para a comunidade. Isto é, são os que conseguem respeito não pela ameaça física, mas por se preocupar com a comunidade e não desrespeitar a autoridade do mais forte (FONSECA, 2000: 38).

E há a busca de uma honra cidadã, que se faz no dia-a-dia dentro da família, dentro do mundo do trabalho e nas relações da vizinhança, como coloca Sarti (2003: 93). Jurandir Freire Costa (1989) fala de como a imagem que o pobre quer passar de si é do bom trabalhador, bom pai, bom filho, bom amigo, bom vizinho. Por mais que ele tenha ido a um serviço público pedir ajuda por não se sentir bem, por problemas em sua vida, sua descrição de si é de que ele é um bom homem. Como que contando com um passaporte para o mundo mais amplo. E Fonseca coloca: “Enquanto a reputação é útil ao homem, ela é crucial para a mulher, pois, além de determinar sua integração ou exclusão da rede comunitária de trocas, pesa no teor de seus conflitos conjugais” (FONSECA, 2000: 44). Quer dizer, há um julgamento moral sério em relação à postura da mulher frente às expectativas do papel que ela deve exercer: cuidar da casa, do marido e dos filhos.

É importante a discussão feita por Fonseca em relação ao olhar das “classes favorecidas” a esta moral diferente da dela. Por não conhecerem as necessidades de valores diferentes e de organização diferente do cotidiano da população pobre, muitas vezes julgam como “insubmissos” e “sem-vergonhas” (FONSECA, 2000: 18). Uma problemática que estudos como este podem ajudar a desmistificar, mas que também está presente no trabalho, já que ele se faz no contato entre dois mundos, entre papéis sociais diferentes. Como coloca Erving Goffman (1983) nossas ações são permeadas por decisões e julgamentos sobre qual a imagem que se quer passar ao outro. Tanto as mulheres consultadas quanto a pesquisadora sabem dos modelos sociais e precisam criar uma forma de comunicação que lide com eles.

Quer dizer, o fato de estarem em camadas sociais diferentes, de terem situações e condições de vida muito diversas e estarem naquele momento juntas, querendo conversar, faz com que precisem lidar com os modelos que têm. Seja do cidadão bom samaritano, do humilde, etc, em meio a todo sentimento que a questão social e pessoal possam gerar²⁰.

E aqui há uma ressalva importante a ser feita, que tem sido tocada por estudiosos da chamada “cultura popular”, de acordo com Bosi (1992), o contato entre o acadêmico e o popular ou não existe ou pode se dar mediado por uma simpatia encantada, uma inclinação que chega a ser agressiva: “A cultura erudita quer sentir um arrepio diante do selvagem” (1992: 330). Quer dizer, uma postura de interesse carregada de preconceitos e distanciamento. Para Bosi (1992), a relação boa entre o pesquisador e seu campo, deve ser amorosa para produzir obras de arte. Um amor que vem de uma compreensão, de convivência, de um contato intenso do qual não se sai mais o mesmo.

Simone Weil (1996) fala da importância da amizade na vida, ao entender que sem este vínculo, as pessoas que convivem, que trabalham juntas, vivenciam o desenraizamento. Uma “doença” gerada especialmente pelo desemprego, mas também pela falta de sentido no

²⁰ Este ponto, bastante importante para esta pesquisa, será aprofundado no próximo subitem, “Bastidores de um contato”, no qual se discutirá a relação entre as duas comunidades vizinhas – USP e São Remo e no “Mulheres e mulheres em contato”, quando discuto o contato direto meu com as mães entrevistadas.

trabalho, nos espaços, nas atividades. Portanto é a amizade, a dedicação sincera entre as pessoas que gera sentido, que permite interlocução, produção de vida. Cardoso fala que no contato através da pesquisa, ambos, pesquisado e pesquisador, “aprendem, se aborrecem, se divertem” (1988: 102) e assim uma relação se constrói, um discurso é tecido. A autora coloca que este encontro é enriquecido pela afetividade que se cria, pela amizade que se constrói, pois é a partir daí que há um compromisso real com o outro, com o interesse no entendimento e compreensão mútuos – onde podem ser desvendados “sentidos ocultos e explicitadas relações desconhecidas” (1988: 103).

Como coloca José Moura Gonçalves:

Amizade não significa que os amigos se tornem os mesmos, mas que se tornem parceiros em um mundo comum, um mundo para todos. Amizade é con-sentimento do mundo. O mundo aparece. Mas um amigo não está satisfeito, precisa dialogar. Comunica o que vê, mas quer também comunicar-se com o que o outro vê. Um amigo vê o mundo e quer rever o mundo pelos olhos dos outros. Só sente chegar mais verdadeiramente ao mundo quando passou pelos outros. A amizade faz crescer a realidade do mundo, criando condições para que *o que vejo* seja revisto com os outros, condições para que *o que me parece* reapareça por meio de como aparece aos demais (2003: 224, itálicos do autor).

Oliveira (1998) ressalta um cuidado com a denominação da pessoa a ser entrevistada como objeto de estudo. Um objeto pode ser observado e descoberto. Uma pessoa vai interagir com o pesquisador, vai escolher o que quer contar e como contar, ou seja, vai construir um diálogo e um conhecimento junto com o entrevistador. Ver o outro como sujeito de uma interlocução, permite-lhe identificações ou estranhamentos, aproximações e distanciamentos, amplia a comunicação, ao tornar o ambiente menos marcado por hierarquias. Esta postura vai ao encontro do interesse da pesquisa, que se baseia na etnografia de Clifford Geertz (1989), no sentido de que não há uma hipótese a ser comprovada, mas sim um modo de vida a ser conhecido, significados de cada situação, que se formam numa leitura possível construída no contato de mundos e contextos. Uma busca que se faz a partir de transformações, por isso se

baseia numa descrição densa, para que a construção dada dentro do contato e na transformação que este acarreta possa ser demonstrada. E se a afetividade pode aproximar e tornar real a interlocução, ela também pode dificultar o distanciamento necessário para a transcrição, para o trabalho de escrita. Como coloca Zaluar (1988) é como autor que o pesquisador se diferencia, se distancia. É na escrita que ele se comunica com outra parcela da população. Também coloca como há os momentos de conflitos, constrangimentos, até porque os interlocutores podem dizer o que acham que devem dizer, aquilo que acreditam ser correto, ou o que acham que o pesquisador deve ouvir, seguindo os modelos sociais como apontado acima, não deixando de perceber o conflito de classes.

E enquanto conhecedores de novos modos de vida, pessoas que crescem em diferentes condições, é fundamental uma postura atenta e sempre reflexiva nesta aproximação, do lugar que se ocupa, do olhar dos outros e de seu mesmo para com estes outros e consigo mesmo. Maria Luisa Sandoval Schmidt apresenta de forma bastante clara como esta diversidade pode entrar em contato:

(...) o interlocutor, representante do 'pólo pesquisado', é portador e porta-voz da experiência e o pesquisador pode estar na posição de recolhedor da experiência, mediador, tradutor ou intérprete. No diálogo, contudo, o interlocutor transmite sua experiência, interpretando-a, de tal forma que também funciona como tradutor e mediador de sua posição social, cultural e subjetiva para o pesquisador (2006: 36).

As traduções e interpretações vão sendo construídas na interlocução. Vão manter as diferenças, mas buscar um entendimento dos lugares a que cada um pertence. Cardoso ainda levanta a importância do pesquisador prestar atenção aos seus "humores, cansaços e infortúnios" (1988: 104). Se estou ali construindo relações e entrando numa complexa rede de contatos, é importante que eu preste atenção em quem sou, o que sinto, o que quero, que condições apresento. Portanto também preciso me colocar ali de forma inteira. Não prestando atenção à minha entrada, posso comprometer meu papel na comunidade e apenas sabendo

como estou me sentindo é que posso saber como me colocar e preservar a tecelagem das relações. Vê-se a humanidade do pesquisador, sem exigir uma neutralidade impossível de ser atingida.

Certeau (1996) fala em equilíbrio, uma articulação entre a ciência e a arte. A ciência representada pela razão, pelo cálculo, e a arte pela experiência. Ele acredita que há um saber não sabido que está neste âmbito da mediação, o qual é muito difícil de ocupar. Um saber importante a ser colocado em prática e refletido pelo pesquisador, no momento em que se coloca como interlocutor, como mediador entre mundos. O relato que se faz é então uma fronteira criada por aquele encontro. Algo que delimita, mas também põe em contato. Algo que não é de um nem de outro, mas algo entre eles, uma relação.

Como coloca Schmidt (2008), nesta postura de pesquisa vamos compreender ou entender algo com o outro e não entender o outro. As mães com quem conversei construíram comigo uma compreensão de suas atividades, de seu tempo diário, de como vivem suas vidas. Algo que exige uma postura ética da minha parte, no sentido que Schmidt (2008) aponta, de autonomia. É fundamental que haja por todo o percurso da pesquisa intensa reflexão e auto-reflexão para que se perceba o lugar que ocupa, os valores que carrega, o respeito ao olhar o outro, o diferente. A autora entende que regras e normas são norteadoras mas insuficientes para o trabalho de campo, no momento em que o encontro entre pessoas não permite que se controle a situação, a não ser pela capacidade de se responsabilizar pela sua postura. Algo possível pela auto-reflexão constante e pela capacidade de autonomia.

Uma postura que assumi desde o início, por saber de meu extenso contato com a comunidade, embora minha experiência com pesquisa fosse muito pequena. O respeito à relação com o outro é que foi desde o início a preocupação principal. O que exige esforço, até por conta do que coloca Bosi (1997) sobre o quanto o acadêmico está enraizado na cultura de

classes mesmo que sua razão a negue, e do quanto esta posição dificulta o contato pelos preconceitos que carrega.

Mas, como defendido na introdução, o intuito é construir um conhecimento com as pessoas que se colocaram à disposição, para que esta cultura de classes possa ao menos ter mais contato. Para que os preconceitos possam começar a ser encarados e quem sabe desfeitos. Segundo Afrânio Mendes Catani: “Em suma, nossa função, enquanto intelectuais, vem a ser a de se recusar a ‘pregar aos convertidos’; se possível mostrar a um público mais amplo que a exclusão, a pobreza, a miséria têm, em essência, causas sociais e, muito raramente (ou em proporção significativamente reduzida), razões individuais envolvidas” (2002: 59-60). Ou seja, é importante respeitar as pessoas, suas situações de vida e procurar mostrar contrárias aos estereótipos, aos dados vendidos como verdades sobre uma população da qual se sabe muito pouco. Há conhecimento produzido, que é chamado de senso comum, por ser produzido de maneira diferente da científica.

Como coloca Neves (2002) ainda há uma valorização dos especialistas em seu conhecimento em detrimento do senso comum, algo que é veiculado pela mídia e conseqüentemente enfrentado em forma de impotência, incapacidade, inconveniência e preconceito pelas pessoas. Portanto, nós, enquanto pessoas privilegiadas por estarmos neste lugar de um suposto conhecimento, temos a responsabilidade de transmitir informações que muitas vezes vêm de outros. Sou intermediária entre um grupo e outro e é importante que isto seja muito cuidado. Tanto para não falar de algo só meu, ou seja, fruto de um contato inexistente, de uma impossibilidade de escuta, mas também sabendo que não há como me excluir destas palavras. Não há como funcionar apenas como gravador, pois mesmo este faz recorte do contexto todo em que o contato ocorre.

Clifford Geertz (2005) faz uma discussão muito interessante sobre esta mediação, trabalhando o papel do antropólogo como autor. Fala da idéia de que o que se produz após o

campo, para que outros leiam é algo entre a ficção e o fato em si: *faction* (2005: 184). Não há como ser apenas o fato, nem pode ser só ficção. Há um envolvimento do pesquisador, uma afetividade envolvida. Portanto, também não existe um caminho completo de primeiro consultar a teoria toda para chegar ao campo preparado, mas uma construção entre teoria e campo. Não fui a campo sem nenhuma noção de metodologia e ética, mas também não há como compreender o sentido do que se discute teoricamente se não há o embate real com as problemáticas e situações do campo. Portanto, não só pelo que se produz de material coletado, mas também pelo processo de aprendizagem que este trabalho proporcionou, concordo com Geertz, de que a pesquisa é uma forma de “ampliar o sentido de como pode dar-se a vida” (2005: 182), no sentido social e pessoal.

O mais interessante é poder observar que se antes se falava de povos de sociedades diferentes, agora se procura conhecer pessoas que vivem de forma diferente numa mesma sociedade: “Estamos produzindo uma nova e intrigante etnografia de nós mesmos” (Durham, 1988: 17), tanto por não falarmos mais dos nativos, “primitivos”, ou seja, falamos de nossa sociedade do século XXI, mas também por estarmos implicados nesta interlocução. Cabe aqui apontar para a minha inserção no mundo de minha pesquisa. Interessei-me por pesquisar como vivem mulheres, mães, pobres. Não sou mãe, mas o fato de ser mulher me insere em muitas das angústias e desejos que elas têm. E achei interessante ler no trabalho de Magnani (1998: 23) que o outro lado do rio, em São Paulo, era periferia e de difícil acesso ao que vem do lado de lá. Não nasci, mas cresci e moro até hoje muito perto da região visitada. Algo que me aproxima física e afetivamente destas mulheres.

B - Bastidores de um contato

É importante falar do contato entre USP e São Remo que é bastante complexo e portanto aponta para características da minha entrada ali. A relação da USP com a São Remo é mediada, desde 2000, por um grande muro que separa as vizinhas. O que pode ser encarado de forma simplista por alguns como: de um lado a mão de obra para muitas atividades que acontecem na Universidade, do outro a elite incrementando o currículo. E a formação de muitos cursos da USP passa por estágios e pesquisas, como a minha, usando a São Remo como campo. Algo que muitos moradores encaram como uso, como sendo tratados como cobaias de experimentos desta elite. Experimentos que, para eles, não contribuem em nada para a favela vizinha. Algo interessante de ser pensado, uma vez que esta postura não é comum. Há muitos estudos que relatam o quanto grupos estudados se sentem valorizados e querem aproveitar a oportunidade de falar. Fica um questionamento sobre o efeito que essa grande demanda de estudos pode causar. Elias (2000 apud RAMIRO, 2006) fala do quanto grupos dominados acabam internalizando uma visão de si depreciativa, inferiorizada, algo que retifica o poder dos dominantes. Agora, esta comunidade que é vizinha de um grupo dominante que quer estudá-la pode estar mudando esta visão. Talvez eles possam perceber sua importância de maneira diferenciada. Não querem apenas falar. Querem saber se estão sendo bem representados. Se estão realmente sendo compreendidos e a que isso vai levar. Pois seu valor é muito maior e são eles os detentores do saber de dentro de sua comunidade.

Zaluar faz uma ressalva interessante de que a pesquisa participante tem o “mérito de questionar a finalidade de nossos trabalhos e os benefícios que eles trariam para os que aturam a nossa infundável e nem sempre agradável curiosidade” (1988: 111). Ou seja, é importante o reconhecimento de que estamos ali olhando. Alguns podem sim se sentirem invadidos dependendo de como se constrói este contato, a entrada na comunidade, etc. E a autora aponta também para o valor da participação, de como o fato de estar inserido nela nos

faz questionar o que estamos fazendo, como estamos observando, a que vai levar. Uma discussão ética fundamental e que volta à idéia da importância, valor e complexidade deste envolvimento. Pois o que será que esperam os moradores que não vêem contribuição nenhuma da Universidade na comunidade?

Há figuras da comunidade que são líderes em alguma instância, como já apontado: presidentes de associação, líderes da igreja, da pastoral, dos agentes de saúde, etc., que são realmente considerados pelos moradores, com quem contam e em quem apostam. Portanto, o contato com pesquisadores não é tão valorizado quanto com estes líderes, que são os que realmente têm objetivos de acordo com os dos moradores da São Remo e não da academia.

Esta é uma discussão bastante séria. Algumas iniciativas sociais foram criadas, como o Núcleo de Ação pela Cidadania²¹, no Instituto de Psicologia, ou o Programa Avizinhar, da Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais da USP, hoje extinta pela Reitora, além de projetos já citados. Muitos são os freqüentadores e os projetos são muito bem vistos dentro da São Remo – mesmo que alguns critiquem tanto a relação USP-São Remo e falem que não há contribuição da Universidade.

Há os moradores que trabalham na USP, há as crianças que participam dos projetos, há as que freqüentam o campus, há o circular que ajuda no transporte dos moradores, há o Hospital Universitário e o Centro de Saúde Escola, que atendem e são vizinhos da São Remo. Há a favela São Remo, com grande população que precisa de diferentes formas de serviços e que por isso se torna campo fértil aos cursos de graduação e pós-graduação, como o meu. Há projetos sendo realizados e elaborados, mas talvez haja mais expectativa de uma parte de moradores que querem ter as mesmas condições de estudo que os alunos da USP – para começar. Se alguns alunos entram para fazer pesquisa, outros ficam no campus e se sentem agredidos com a bagunça de meninos da São Remo em sua Faculdade. Este é um pequeno

²¹ Formado por alunos e professores, que discutiam textos e intervenções na comunidade São Remo e entorno, mas que não conseguiu sustentação institucional e acabou por volta de 2002.

espaço onde a questão social complexa que se encontra em São Paulo se exemplifica. Alguns “sãoremanos” se sentem cobaias, outros, ou até os mesmos, vão aproveitar a vizinhança e jogar bola ou visitar museus da Universidade. Esta complexa convivência, dificuldade de compreensão do que se passa de um lado pelo outro, é um grande desafio a ser vencido e que exige esforços múltiplos.

Sidivan Santos (<http://www.saoremo.org.br/>), morador da São Remo, fala de seu incômodo com a Universidade:

Eu sou morador da comunidade São Remo, tenho 16 anos de idade, estou no 2º grau do ensino médio. O relacionamento que temos através deste site é muito importante, porque é uma forma de estarmos mais perto dos estudantes da USP e de qualquer interesse que envolva a comunidade. Há muita coisa que falar sobre minha comunidade. Uma delas é o muro que a divide. “Me sinto excluído!” Quando nós, jovens da comunidade, vamos à USP, alguns estudantes orgulhosos e medíocres olham para nós com desprezo pensando que vamos roubá-los. É um absurdo pensarem assim! Todavia, aqui na comunidade é um lugar muito tranquilo, onde nós jovens pensamos em criar nossos filhos.

O garoto de 16 anos mostra que gosta muito de seu bairro, que quer permanecer ali para ter seus filhos e que não gosta do preconceito que sofre dos alunos da USP, da desigualdade da sociedade. Aponta página da web em que encontra aluno da Universidade dizendo que “a São Remo é o câncer da USP”. Este muro que separa as duas comunidades foi construído em 1997 e impede o livre acesso ao campus. Antigamente havia shows de domingo abertos ao público. Algo que já não ocorre desde este marco – construção do muro. Este mesmo morador montou um blog²² na internet, que fala de sua região, dos projetos que nela funcionam e atendem e também de questões que acha importante, como educação e pobreza: “Em suma, a comunidade Jd. São Remo está no seu desenvolvimento, e confundir a violência e a criminalidade nela, envolvem aspectos muito complexos, tentar explicá-los apenas pelos fatores socioeconômicos é, além de preconceituoso, equivocado”²³.

²² Website que pessoas autorizadas podem contribuir com textos: <http://comunidadesaoremo.blogspot.com>.

²³ <http://comunidadesaoremo.blogspot.com>.

Relações são complexas e ainda mais entre grupos de poder econômico diferentes. Mas seria um trabalho muito importante o de comunicação e educação entre estes vizinhos. Os alunos não sabem lidar com a presença de garotos da São Remo pedindo dinheiro na lanchonete da faculdade, os garotos vêem na USP um lugar de gente rica que os exclui.

Afinal, como em toda cidade, a violência está nessa comunidade. A sobrevivência da São Remo também passa pelo tráfico e quem chega mais perto começa a ver e ouvir muitas histórias bastante sérias e violentas. As crianças que começam a entrar no crime até por diversão, vão à USP brincar, pedir e roubar. Apesar de uma política do tráfico conhecida pelos projetos sociais, de que as crianças são proibidas de roubar na USP para não atrair polícia à São Remo, os roubos acontecem e as punições das crianças também. Além da bagunça que fazem gerando manifestações bastante preconceituosas de alunos como apontado acima, além de, por vezes, atrapalharem aulas. Ainda há que se pensar nos alunos que podem ir comprar drogas para seu próprio consumo na São Remo. Os limites não vão ser impostos por um muro.

Uma dupla sensível, que teria muito a ganhar se houvesse preocupação em melhorar esta convivência. Em meio a este conflito, que é uma parte do que encontramos na sociedade como um todo, procurei me aproximar e aprender como essas mulheres sobrevivem, afinal, por serem mulheres, mães e pobres, seu esforço deve ser bastante grande.

Acontece que minha apresentação ali passa pela minha formação. Sou psicóloga. Então mais um conflito se acrescenta. A imagem do psicólogo, o imaginário das pessoas sobre este especialista e também a minha posição ali: eu queria ser a Mariana, pesquisadora, não terapeuta, ou “médica de louco”.

Estar neste campo de batalha não foi fácil, mas na apresentação do contato delas comigo mostro como esta relação é possível e rica. Como vamos aprendendo a conviver, a confiar e a gostar umas das outras. É importante frisar, no entanto, que as que me dão os nomes para a pesquisa são pessoas que não devem se incomodar tanto com a relação de

tensão que está entre nós, que nos envolve indireta, ou talvez diretamente. Outros olhares e distanciamentos mostravam mais enfaticamente o mal-estar.

C - A São Remo como meu espaço de interlocução.

Segundo Renate Viertler (2006), o estudo de modos de vida pode ser abordado de duas maneiras: uma pelo foco pessoal e outra por grupos, com diferentes recortes. Acredito que não há como separar o grupo do indivíduo. Mesmo Freud (1921/1976) enfatiza esta relação fundante. Por isso, quando falo da São Remo, falo da minha relação com ela. Quando falo de cada uma das mulheres com quem conversei, falo de todos os âmbitos de relação que existem aí. Sociais, de classe, de gênero, pessoais e emocionais. Por isso, achei interessante escrever minha forma de entrar, “olhar, ouvir”²⁴, esta comunidade.

Não há como não falar de uma dificuldade minha, que mostra o olhar que tenho da sociedade, e que explica um pouco meu contato no campo e no momento da escrita. Dificuldade em dizer favela, por melhores condições que a São Remo apresenta, mas também por uma discussão que se faz do politicamente correto por conta do preconceito, como apresentado anteriormente. Patrícia Ramiro (2006) faz uma crítica à denominação “pobres” em estudos culturais, que agrupam uma infinidade de pessoas, de diferentes espaços, em diferentes condições de vida, que portanto não identificam, como deveriam, grupos com modos de viver diferentes. Fala também da diferenciação de comunidade e sociedade apresentada por Tönnies, que vê a primeira como possibilidade de agrupamentos em meio ao estilo de vida urbano, baseados em “laços de parentesco, de lugar comum, ou afinidade resultante de semelhança no trabalho ou na forma de pensar” (Ramiro, 2006). Um conceito de

²⁴ Referência ao texto de Roberto Cardoso de Oliveira (1998).

grande amplitude, mas ao mesmo tempo, que fala de espaços de resistência, de diferenciação, de busca de identificação e sustentação.

Costa (1989) fala de grupos e considera de forma bastante rica e completa o que pode ser uma comunidade, tudo que se deve levar em conta quando se fala de um grupo, quando se trabalha com um: “O grupo é uma instituição social. E das instituições sociais, grandes ou pequenas, mais ou menos organizadas, o que se pode dizer é que elas auto-instituem permanentemente suas realidades, movidas por condições materiais concretas (Chauí, 1981, 1983); pela atividade do imaginário radical (Castoriadis, 1975, 1987a, 1987b); pela imprevisibilidade dos feitos, ações e discursos humanos (Arendt, 1973, 1979, 1981); ou por qualquer razão que se estipule como condição de possibilidade da diversidade, da pluralidade e da recriação permanente do universo social humano” (1989: 14).

Apresentei este jogo de tensões no uso da nomenclatura para indicar uma indisposição. No sentido de que não acho que sejam um grupo tão diferente, como coloca Durham (1988). Porém, há uma diferenciação que deve ser marcada. Quis indicar o debate e me colocá-lo nele. Gosto da idéia de grupo, mas acredito que há momentos que evitamos um nome para esconder um preconceito. Portanto, o texto e os nomes, se constroem e são colocados, conforme a experiência que passei ali e em outros espaços. Uso por vezes favela, por vezes pobres, por vezes comunidade, por vezes grupo. Acredito que com tudo que eles carregam, são usados de acordo com o tema abordado e com o olhar que se quer dar na frase. E foi com toda esta discussão que entrei na São Remo.

Uma das entradas possíveis à São Remo é por uma passagem de pedestres que fica ao lado do ponto de ônibus do Hospital Universitário (HU), dentro dos muros da Universidade de São Paulo. Entre a rua do HU e a rua do Circo Escola – que fica no início da rua por onde se entra na comunidade – existe um “corredor” criado pelo muro da Universidade. Este pedacinho de espaço entre a USP e a São Remo parece realmente um espaço desapropriado e

de nenhum interesse de qualquer parte: está sempre sujo, cheio de lixo jogado, as plantas e flores que existiram estão sem condições de sobreviver e a guarita que ficava na passagem para a comunidade está em ruínas. Recentemente este corredor começou a ganhar cores com uns grafites que foram sendo feitos. Além de algumas vezes eu notar movimentos diferentes e ouvir de um morador, que ali, no meio de tanta sujeira, sob os arbustos espinhosos, se forma um precioso húmus, adubo para terra e plantas.

Existe outra entrada pela USP, que fica entre o HU e a Prefeitura do Campus. Neste intervalo entre as duas entradas há um espaço gramado onde muitos garotos ficam empinando pipas nos dias de vento. Esta entrada possui uma guarita por vezes ocupada por alguém da Guarda Universitária e é entrada na comunidade por uma rua grande, a Catumbi, que liga a USP à Av. Corifeu de Azevedo Marques – o que permite que muitos alunos e funcionários que moram no Jaguaré, Rio Pequeno, Bonfiglioli, possam cortar caminho para pegar o ônibus. Esta mesma avenida dá de muros com um Quartel da Polícia Militar. Há também várias travessas da mesma Av. Corifeu de Azevedo Marques que desembocam em ruas e vielas da São Remo, mas que nunca usei. Era uma forma de marcar minha transição e de mostrar de onde eu vinha – identificação e proteção.

A primeira entrada foi a mais usada para os meus contatos com a comunidade por alguns motivos. O primeiro deles é a proximidade espacial, tanto de onde a pesquisadora vinha quanto para onde ia. Os contatos se deram especialmente na escolinha de educação básica da comunidade (Girassol), onde a Pastoral da Criança realiza mensalmente a pesagem de crianças abaixo de seis anos²⁵. O segundo é que esta entrada é vizinha de uma instituição que atende à comunidade e por isso por ali passam outras pessoas não tão conhecidas e não moradoras da comunidade. Além disso, por este caminho chegava-se rapidamente a pontos conhecidos da comunidade: Circo, campo de futebol, quadra, Girassol, Igreja Nossa Senhora de Fátima, Associação de Moradores. Mais um ponto que facilitava a circulação é que esta entrada fica no

²⁵ Uma apresentação melhor deste contato e frequência será feita mais à frente.

encontro de ruas nas quais circulam bastantes carros e motos, o que aumenta o movimento. Outras ruas, como a própria Catumbi, não têm grande movimento. Quer dizer, busquei uma entrada que me fizesse sentir mais segura e que não perturbasse tanto a paisagem local. Um cuidado com os contatos e percursos precisava ser tomado²⁶, como é preciso ter ao se deslocar pela cidade de São Paulo, o que aponta um contraponto ao grande interesse em fazer uma pesquisa de campo ali. Quer dizer, por maior que fosse o interesse, vontade de conhecer melhor a vida dos moradores dali e suas formas de lidar com ela, havia também um medo marcado pela violência, que está no cotidiano das megalópoles e muito presente nas favelas e nos contrastes sociais – como o que a minha presença na São Remo pode provocar.

Quando se entra na São Remo, logo se vê gente na rua, pessoas conversando na porta de casa, sentadas na calçada ou sarjeta, nos bares – que existem aos montes – crianças brincando na rua, ou dentro dos portões/portas das casas (muitas ficam de portas abertas), jovens jogando fliperama dentro dos bares ou armazéns. Há sempre alguma casa sendo construída ou reformada. Nas ruas sempre transitam todos os tipos, levando sacolas de compras, mostrando a moto ou carro “novos”²⁷, levando filhos a passeio, escola, compromissos. Ou seja, há movimento.

Sou sempre notada e com o tempo algumas pessoas mais constantes no percurso começam a cumprimentar. As crianças curiosas perguntam se é pesquisa²⁸. Os que já me conhecem se aproximam, conversamos e isso faz com que eu me sinta mais à vontade, mais integrada. Não é fácil chegar ali sozinha e nem andar pelas vielas sozinha, mas a cada vez parece que já sabem quem sou e me permitem transitar. “Permitem”, pois também sinto os olhares e é como se em algum momento, por acharem que não os respeito e preservo, possa ser interdita. Ou seja, me sinto mesmo uma estrangeira entrando em uma comunidade.

²⁶ Já existia um contato meu anterior à pesquisa com a comunidade, mas de qualquer forma, sempre soube que há regras de convivência e questões com o tráfico. Até por ser uma comunidade vizinha de um quartel da polícia militar e de uma universidade.

²⁷ As aspas querem marcar um sentido específico para a palavra, pois as motos e carros parecem ser algo a ser mostrado, desfilado, como se fossem sempre novidades; como artigos que geram status aos que com eles desfilam, como já mencionado.

²⁸ De certa forma demonstrando uma familiaridade com isso, de serem colocados como informação para alguém, como objetos de pesquisa – seja da universidade, seja do IBGE, etc.

Cabe aqui uma discussão colocada por Jacques Derrida (2003) sobre o estrangeiro, ou sobre hospitalidade. O estrangeiro é o diferente, que gera questionamento, que está sob uma lei diferente e pede hospitalidade, pede reconhecimento. Pode-se pensar que no encontro de interlocução ambos são estrangeiros, pedindo por reconhecimento, procurando reorganizar identidades, encontrar uma mesma linguagem. Se um fala desajeitado a língua do outro, o hospitaleiro poderá ajudá-lo a encontrar uma forma de dizê-lo em sua própria língua. Este exercício de encontrar uma linguagem comum, de oferecer hospitalidade e mesmo de se reconhecer enquanto estrangeiro deve ser feito a todo momento numa pesquisa que vê a entrevista como interlocução. E assim, lentamente vou pedindo licença, com olhares e acenos de cabeça até chegar nos “olás”, nos pedidos de ajuda para encontrar uma moça, um local, e nas conversas com os que me permitem estar mais próxima.

Apenas quando ficava um tempo maior sem ir (como na virada de ano, já que janeiro não tem pesagem), sentia a diferença na recepção e na minha desenvoltura para adentrar a comunidade. Especialmente se a rua estivesse mais vazia era bem diferente a minha sensação, pois eu era mais notada e nem sempre os conhecidos estavam pelo caminho.

A música, especialmente nos finais de semana, está sempre tocando. Umas mais alto, para todos ouvirem e aproveitarem ou não, umas mais baixo, para o interior da casa. Ou o som da TV, que na maioria das vezes está ligada – e é presente inclusive nas casas mais pobres. A rua tem sempre uma água escorrendo de algum lugar, cachorros vários, poucos ou nenhum gato. Não há pracinhas, mas há larguinhos, formados pelo encontro de ruas e vielas que concentram comércio e pessoas.

Os contatos com as redes sociais da região permitiram a participação em eventos organizados na comunidade, assim como de um momento de tensão e certa mobilização na comunidade, por conta do fechamento do Circo Escola – uma entidade conveniada com a prefeitura. A administração estava tendo problemas que não quis expor nem mesmo na Micro-

rede São Remo, mas estava querendo encerrar o convênio. O Circo esteve fechado por algumas semanas e os moradores de certa forma se mobilizaram para impedir este fechamento, mostrando a importância do funcionamento de tal instituição. A Rede social trabalhou diretamente com o assunto, buscando atenção aos interesses e necessidades da comunidade. A mesma administração acabou voltando e o Circo logo voltou a funcionar. A apresentação de fim de ano mostrou a seriedade e dedicação do trabalho da instituição e o envolvimento dos atendidos nas atividades. Muitos moradores, mesmo os que não têm filhos freqüentando o circo queriam entrar e assistir. Uma valorização e reconhecimento de uma instituição que já foi bastante criticada em momentos de outras direções, por atender poucos, por não atender jovens, por pouca diversidade de atividades, entre outras queixas.

Este envolvimento da rede social neste caso é bastante esperado, até porque o circo fazia parte dela – mesmo que estivesse bem afastado. Mas outras iniciativas de rede sociais da região foram bem interessantes. Organizou-se evento esportivo que apresentasse e permitisse a experimentação de diferentes modalidades esportivas, lúdicas, de lazer, que não apenas o futebol. As instituições começaram a se preocupar com como a comunidade atendida pode usar seu tempo livre! E ao final do evento as mães das crianças presentes reclamavam. Queriam que seus filhos pudessem se divertir por mais tempo e elas descansarem.

Nestas reuniões da rede, também foi possível saber de trabalho feito no Centro de Saúde Escola Butantã com garotas mães (menores de idade) da região – maioria moradora da São Remo. Meninas adolescentes que fazem pré-natal no posto são convidadas a participar de reuniões para falar da experiência da maternidade²⁹.

Outro evento interessante de que pude participar foi um dia de brincadeiras com a comunidade: atividade oferecida na quadra da São Remo, como programação da VI Semana do Estatuto da Criança e do Adolescente do Butantã. Esta atividade estava programada para

²⁹ Infelizmente o contato com este grupo não foi possível, por conta de serem mensais e terem sido cancelados durante a greve da Universidade de São Paulo em 2007 e depois por falta de tempo para acrescentar material à dissertação.

atender público diversificado, de todas as idades. Mas apenas crianças e adolescentes apareceram. Um indício de que a brincadeira é para os menores e seus “educadores”, pois estávamos ali, alguns adultos, tentando orientar a brincadeira. As crianças se esbaldaram com tinta guache, todos pintando braços e cara e até pernas. As faixas de papel que começaram a ser pintadas logo foram esquecidas e a correria das tintas começou. Outros jogavam vôlei, ou mesmo “golzinho”. Uns menores, antes de se pintarem, pularam amarelinha e brincaram de “balança-caixão”. Alguns se aproximaram mais para uma conversa mais séria, querendo contar de sua vida. Outros ainda queriam apresentar a mãe que conversava com as amigas na calçada. Estas mulheres não aceitavam o convite para ir brincar. Foi muito gostoso ver a dinâmica livre que se estabeleceu. Cada um fazendo o que queria e todos com um sorriso de alegria e satisfação. A não ser nos momentos de brigas e desentendimentos, sem dúvida existentes. Mas com certeza estes não foram a tônica do dia e todos foram embora agradecendo saltitantes.

Além deste dia de brincadeiras, houve um outro em que fui apenas olhar por um tempo, mas do qual não participei. Foi a comemoração do Dia das Crianças, festa anual oferecida pelos próprios moradores às crianças e adolescentes, que este ano contou com reforços de patrocínio e organização. Ali percebi uma enorme fila para pegar os brinquedos que estavam sendo distribuídos a todos que quisessem, um palco com som que poucos olhavam, um brinquedo de pular em colchão de ar, tudo dividindo o espaço do campo, que não chegava a estar cheio. Mas a fila estava grande. Nela conversei com algumas pessoas que diziam ter que aproveitar a oportunidade. Algumas mães contam que as crianças ficam muito felizes! E em volta do campo tinha gente de toda idade, batendo papo, cantando, dançando, tomando cerveja, se divertindo.

As festas que acontecem na São Remo parecem ser animadas e são citadas pelos agentes de saúde. Há o dia das crianças, a festa junina, ambas organizadas por moradores da

comunidade todo ano, e o Natal. O Natal é o que mais gostam, pois todos saem na rua se cumprimentando, confraternizando. Recebem os amigos, comemoram. Comida farta, música, bebida, afeto é o que descrevem. Falam com muito prazer da noite de Natal.

Como já apontado, pouco se fala sobre violência e drogas. Apenas depois de muito tempo de convivência e freqüência à comunidade, fui identificando pessoas, movimentos escancarando-se. As crianças são as que mais falam e especialmente as que já me conheciam do estágio no Programa Avizinhar, vinham contar a fofoca e o “herói” da vez. Fonseca (2000) coloca que em muitas conversas os interlocutores encontravam formas de inserir tema da violência, fazendo referência a alguma desgraça. Os espaços são indicados em relação a estes fatos. O depoimento de uma mãe cujo filho participa de um projeto social no Rio de Janeiro exemplifica essa presença forte do crime: “O assunto das rodas de conversa mudou, passou de qual o defunto do dia para ser alguma coisa que viram nas exposições” (ROCHA, 2006: 272). Mas na São Remo isso aparece mais na conversa com jovens e adolescentes. E realmente Fonseca acrescenta que as crianças ficam muito interessadas, ou impressionadas, com os assuntos sobre violências (2000: 168).

O álcool aparece muito na pesquisa de Fonseca, como problema sério e que ela acredita que seja aumentado com a dificuldade financeira. Um problema que talvez seja muito privado, complicado, assim como a violência doméstica, que inclusive vem associada ao abuso de álcool, já que as mulheres da São Remo falam pouco; mesmo de outras drogas. Terezinha³⁰ (mãe que participou da pesquisa) mostra sua preocupação clara com o envolvimento dos filhos na trama do tráfico. Mas esta rede vai ficando mais visível quanto maior é a freqüência na comunidade. Como cortinas se abrindo e mostrando uma segunda dimensão, que só se abre para os que insistem na proximidade.

Nas conversas também citam viagens, especialmente para visita a familiares que moram longe. Como uma moça que contou que estava indo para a Bahia passear com o

³⁰ Os nomes são todos fictícios, criados para as sete mulheres com quem conversei e seus familiares mais citados.

marido. Ele largou um emprego depois de cinco meses de trabalho porque deu vontade de ir à Bahia! Podem estar me falando de um modo de vida dali, de necessidades concretas ou subjetivas de, de repente, precisar sair dali, ou retornar às suas cidades. Alguns falam de como a rotina, a poluição, a bagunça, as distâncias enormes e ao mesmo tempo a falta de espaço, a distância da natureza, entre outras coisas, dificultam a adaptação de quem vem do interior para São Paulo. Mas em algum momento precisam sair de lá para cá: o que será que buscam em seu retorno?

Houve uma ocasião em que a pesagem foi feita pela manhã e se confirmou uma observação de outras visitas à São Remo durante este período do dia: as ruas são muito mais vazias, menos movimento, mais crianças e menos homens.

Nas conversas tanto na escola onde aconteciam as pesagens, quanto nas ruas ou nas casas, mostram que esta é uma comunidade que possui uma variedade razoável de atividades de lazer, mas o que parece mais ser feito são as visitas à família ampliada. Ou seja, a mãe, o marido e os filhos vão visitar os irmãos, os tios, os avós. Berlink e Hogan colocam que tanto as camadas mais favorecidas, quanto as populares, “se utilizam, predominantemente de relações de parentesco, de amizade, de ‘conterraneidade’ para resolverem seus problemas e dedicam grande parte de seu tempo ‘livre’ cultivando relações informais” (1978 apud OLIVEN, 2007: 50). O estar juntos, se divertindo, se conhecendo, em local diferente do de todo dia parece um momento procurado. Tanto que o campo de futebol atrai os que jogam bola e outros que vão assistir o jogo ou encontrar outros amigos. Mas em dias de chuva tudo fica mais parado. O jogo é cancelado e só ficam “assistindo” (todos falam apenas assistindo, sem completar com TV. Completam se for DVD.). Na pesagem ficamos todas mais pertinho e as conversas ficam mais grupais.

D - Mulheres e mulheres em contato.

Para a pesquisa com as mães, foi feito o contato com uma coordenadora da Pastoral da Criança, por indicação de uma moradora da região e participante da rede social que atende a mesma. A Pastoral realiza pesagem de 50 a 100 crianças de até seis anos, mensalmente, em uma escola de educação infantil e básica que se localiza no meio da São Remo. Achamos que seria um espaço de contato com diversas mães. A partir deste contato, comecei a frequentar os encontros para me ambientar. Esta mediação da rede me facilitou bastante o contato, a entrada e a permanência nos encontros. Mas, por outro lado, o contato com a Pastoral sempre foi difícil e corrido. Eles têm muito trabalho e em dias com falta de voluntários passaram a contar com minha ajuda.

Pouco esclarecemos sobre meu lugar ali e nossos objetivos. Essa impossibilidade de um diálogo mais tranqüilo manteve os agentes da Pastoral me vendo como psicóloga e achavam que eu acompanhava algumas mães, num sentido mais terapêutico ou orientador. Uma delas chegou a me encaminhar uma mãe que não sabia o que fazer com o pé do filho que estava doendo muito. Quer dizer, eu tinha uma imagem de grande conhedora. Questionei, mas não me neguei a conversar. Ao menos eu tinha mais disponibilidade de tempo naquele momento. Com o tempo, com as conversas de corredor e minha ajuda mais efetiva em servir o lanche e varrer o pátio, acredito que esta visão foi sendo diluída e conseguiram até mesmo aprender meu nome. Esta mãe queria ir embora dali, voltar para Fortaleza e estava juntando dinheiro para isso, pois São Paulo e a São Remo não a acolheram como imaginara. O que mostra um pouco a dificuldade grande de algumas famílias ali.

Ali realmente diversas conversas puderam acontecer, mas a forma delas acontecerem foi se modificando. No início algumas perguntavam se eu era mãe de alguém – de alguma

forma me percebiam, e se num certo momento comecei a entender esta questão como uma forma de inclusão, em anteriores achava que era apenas um pretexto de saberem o que eu fazia ali. Eu ficava tão preocupada por ser a diferente, a que chama a atenção, que demorei a ouvir isso como uma forma de inclusão. Eu não era vista como tão estranha assim.

Depois de alguns encontros, apresentei às mães a proposta de trabalho: num pequeno pátio onde elas se sentam para aguardar as atividades do dia, ao lado de uma área de cinco metros quadrados de gramado artificial onde as crianças brincam, correm e gritam, procurei falar sobre a pesquisa e solicitar os nomes das mulheres que estivessem dispostas a conversar. Tinha sido preparado um pequeno texto para guiar a conversa, explicando a minha presença e propondo a pesquisa. Esta primeira conversa foi difícil e ficou claro que ali seriam complicadas conversas em grupo, já que há muito barulho no local, as mães estão olhando seus filhos brincando e pulando no pátio, outras pensando os seus, sendo que algumas crianças choram muito ao serem colocadas na balança³¹ e não há qualquer aparelhagem de som que possibilitasse um microfone. Elas sabem o que fazer ali, o que precisam, assim como seus filhos.

A atividade corre muito bem durante toda a tarde e elas ficam satisfeitas, especialmente se são sorteadas a levar a cesta básica! Pode-se levantar a hipótese também, de que elas estão ali num momento de cuidado dos filhos e até mesmo delas, já que podem ficar conversando com as amigas que freqüentam ali, observam as crianças brincando – isto é, é um momento de descontração para elas, que pode ser invadido quando alguém se coloca a falar e a chamar a atenção delas, especialmente se for para algo que exija reflexão e retomada das condições em que vivem. É uma questão para a rede social local como mobilizar esta comunidade, que parece não corresponder aos chamados, para, por exemplo, fazer campanha para não jogarem lixo nas vielas (de onde não são recolhidos pelo caminhão) e plantar árvores nos canteiros da São Remo. A coordenadora da Pastoral na São Remo, que tem contato direto

³¹ A balança utilizada pela Pastoral da Criança é como uma sacola de pano pendura no metal que marca o peso.

com elas e faz visitas domiciliares a muitas, diz que já tentou organizar palestras, mas que é difícil achar assunto que as interesse. Comenta como é difícil propor qualquer atividade às mães. Questão que merece ser comentada, afinal quais são essas propostas de atividades? De onde surgiram? De quem é o interesse? Por que a resistência? Por que a falta de adesão? Mais uma vez se coloca necessária uma aproximação maior às necessidades e desejos da comunidade.

Assim como aconteceu quando fui falar com elas sobre a eleição do Conselho Tutelar – órgão importante de cuidado dos direitos da criança e do adolescente, seus filhos. Poucas foram e não pareciam querer ouvir o que era dito pois não davam retorno. O que pode ser mais um indício para se pensar na hipótese levantada acima, de que as propostas não vão ao encontro dos interesses e mesmo possibilidades das mulheres. O contato delas com a pastoral é de um momento de cuidado delas e de sua família, quando querem relaxar e não se implicar em mais uma obrigação ou demanda externas.

Toparam participar da pesquisa sete mulheres, que aceitaram a gravação da conversa. Este número de entrevistadas foi um recorte estabelecido pela iniciativa e disponibilidade das próprias mulheres em participar da pesquisa. Optou-se por trabalhar apenas com estas para que o contato fosse mais próximo e voluntário, o que é fundamental para uma pesquisa baseada na interlocução. Além disso, cabe aqui deixar claro que as mulheres que participaram da pesquisa são mães que levam mensalmente seu filho à pesagem, que vão a uma atividade ligada à igreja, que sorteia uma cesta básica por mês e presentes especiais a cada data festiva em relação à criança e ao adolescente. Quer dizer, há um recorte claro dentro da comunidade, marcado por sete mulheres, que se mostraram muito interessadas, esforçadas, dedicadas a seus filhos. Cada uma nos mostra um modo de ver a vida, um modo de lidar com as complexidades dela.

Das sete que deram seus nomes, quatro tinham telefone e permitiram contatos e visitas às suas casas e as outras preferiram que as conversas fossem na própria ocasião do encontro da Pastoral. Com a maioria delas foi possível uma segunda conversa, porém uma já havia ido embora da São Remo pois arranjara outro namorado; com outras duas foi demorado retomar contato pois haviam se mudado. Quer dizer, elas mudam com freqüência grande e não deixam contato nas casas anteriores. A casa não é uma constante na vida de algumas delas, pois a instabilidade das relações e dos empregos não permite. Além de talvez não existir interesse em serem localizadas nos novos endereços. Talvez por conveniência, pois provavelmente deixam referências e recados aos que querem que as achem. Esta pode ser uma característica de bairros pobres, uma instabilidade de endereços, o que reflete pouca condição de estabelecer seu lugar, de manter seu espaço, de criar suas raízes³².

De qualquer forma, após um longo período de freqüências às pesagens e de idas à comunidade para os contatos com as mães, além de reuniões da rede social e eventos organizados pelas entidades e comunidade, como festas, etc., além da entrada na comunidade ser mais fácil, a abertura que as mães podiam dar era maior. Algumas de quem a pesquisadora se aproximou em outras ocasiões, preferiram não gravar. Conversaram um pouco, mas não aprofundavam a conversa. Uma delas disse já ter passado por psicóloga da escola e que já havia resolvido. Quer dizer, para algumas não havia qualquer interesse em escutar ou conversar.

Mas com o tempo, outras vinham cumprimentar e algumas contavam coisas de suas vidas, de suas conquistas, dos problemas que passam e enfrentam³³. Pode-se entender isso como um vínculo sendo criado, uma possibilidade de interlocução diferente da mediada necessariamente por uma pesquisa. Uma atenção que elas gostam e pedem: serem ouvidas e

³² No terceiro capítulo o tema da casa é trabalhado um pouco mais, mas é tema muito amplo, que mereceria outro trabalho para dar conta de todos os meandros envolvidos.

³³ As conversas com estas mulheres foram informais, não consideradas na pesquisa como as que se interessaram em dar entrevistas. Mas entram como dados e falas com objetivo de mostrar um pouco da São Remo e contextualizar a pesquisa e os contatos feitos a partir dela.

admiradas em sua força. Afinal são batalhadoras e lutam por um lugar no mundo. E por mais que aproveitem, até mesmo digam que precisam conversar e gostem de saber que existe um plantão psicológico na Psicologia da USP, gratuito, elas não o procuram. Uma instituição que eu conhecia muito bem, oferecendo trabalho de qualidade, sem qualquer custo e que estava ali, ao lado delas. Nenhuma foi. Algo difícil de eu entender. Mas foi Amélia que me explicou: “Mas vou lá falar da minha vida para uma pessoa que nem conheço? Não entendo bem isso. Prefiro falar aqui com você!” Uma demanda diferente de querer um psicólogo. Ela mesma que me contara como tem vergonha de falar de seus problemas com as amigas da comunidade. Quer dizer, eu estou ali como alguém que pode ouvi-la. Sou uma pessoa que a escuta, que a respeita, que a conhece. Em quem ela confia, mas que também não é da comunidade, sua vizinha. A fofoca também é motivo de grande preocupação na São Remo³⁴.

A diferença de mundo entre mim e elas não foi dita expressamente, mas elas vinham conversar comigo partindo do pressuposto que eu tinha um trabalho, um salário, etc. Quer dizer, de alguma forma me viam como em situação melhor de vida que elas. Além de eu sempre dizer a quem perguntasse que eu moro do outro lado da Av. Corifeu de Azevedo Marques, não na favela. Os contatos que tivemos foram bons, de compartilhamento de histórias de vida e acredito que elas percebiam uma admiração e reconhecimento da minha parte, por vê-las como pessoas que estão lutando e dando conta da vida com muito pouco – claro que cada uma do seu jeito e com seus problemas; afinal há as que têm trabalho, as que têm marido, as que têm muitos ou poucos filhos, as que brigam com a família, as que podem contar com ela, etc. Há as que vêm e enfrentam as diferenças de cor de pele: “Ih Mariana, ela parece mais sua filha que minha, de tão branquelinha, assim como você!”, me diz uma mãe me dando sua bebê para carregar, como faz toda vez que me vê. Pode descansar e ao mesmo

³⁴ Este tema só foi apresentado aqui para mostrar como a escolha de com quem se fala é assunto sério. Mas não cabe desenvolvê-lo aqui. Mais à frente há uma pequena reflexão sobre o assunto, baseada no livro: FONSECA, Claudia. Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000;

tempo me agradar, enquanto conversa comigo. Puderam inclusive me ensinar a varrer: “Oh Mariana, você não tem costume de fazer faxina não né?”, diz uma delas me vendo varrer o pátio da escolinha após a pesagem. Eu peço ajuda e ela me mostra como fazer para não curvar tanto as costas e não machucá-las. Isto pôde acontecer inclusive depois de eu falar para ela que quando tivesse uma festa iria marcar de fazer a unha com ela – já que exerce um bico de manicure das amigas e conhecidas nos finais de semana. Fomos nos aproximando, ficando mais à vontade e com vontade de nos comunicar.

Em algumas ocasiões tive que sair mais cedo por conta de compromissos, muitas vezes sociais. Certa vez fui embora junto com uma das mães que já conversava bastante comigo ali no espaço da escola. Ela logo diz que está indo mais cedo por estar com dor nas pernas, por isso não pode ajudar a limpar. Fiquei um tanto quanto envergonhada de não ter qualquer dor para ir mais cedo, mas contei que o final de semana estava cheio de compromissos – o que era verdade – e perguntei sobre o dela. Ela disse que só tinha que fazer o jantar. Ela falou isso com um ar desanimado, não de quem poderá descansar, mas de quem não tem “compromissos”, coisas a fazer. Ela só precisa arrumar a casa e cuidar dos filhos, já que nem está com trabalho fora de casa no momento.

Muitas me procuraram por conta de eu ser psicóloga, o que já mostra uma condição de formação diferente. E estas diferenças e demandas foram mostradas por elas em nossos contatos.

Dolores me deu logo o nome. Aquela menina franzina me chamou para sua casa, sabendo apenas que eu tinha algum contato com a Pastoral da Criança e querendo me ajudar. Segundo ela, num dos momentos mais difíceis de sua vida pensou em mim e achou que tudo aquilo iria me ajudar mais! Que idéia era essa de meu interesse em sua catástrofe? Será isso que ela acha que interessa aos estudantes? Os meios de comunicação gostam de exibir a

desgraça; talvez por isso ela tenha achado que contribuiria tanto comigo ao compartilhar sua rotina sofrida.

Lalau não me deu seu nome. Iniciamos uma conversa num dos dias em que eu estava na São Remo e ela topou conversar. Mas não falou muito e preferiu conversar numa sala da escola onde estávamos, não ir à sua casa. Parecia querer ajudar, mas sua timidez e talvez dúvida de com o que poderia contribuir, não permitiu que se soltasse, embora tenha falado coisas muito interessantes.

As demais me mostraram e falaram que buscavam uma psicóloga. Patrícia também me deu seu nome. Já nos conhecíamos pois, em atividade extra-curricular, fiz um trabalho na escola de seu filho mais velho e fui conversar com ela em sua casa. Portanto, nossa primeira conversa a partir do motivo da pesquisa foi a minha segunda visita à sua casa. E Patrícia me conta que acabara de comentar com a tia que queria conversar com uma psicóloga, por estar muito estressada. A tia falara para ela que havia uma freqüentando a pesagem da Pastoral. No início demorei a compreender que era eu a psicóloga – o que aponta minha tentativa de evitar ser assim vista para não ter que responder a esta demanda e à complexidade da presença, os olhares e interesses que desperta. Sem perceber era isso que eu me tornara. E foi preciso tempo e conversas para esclarecer meu papel ali – para elas e para mim.

Rosinha foi como Dolores, me deu seu nome e telefone e me convidou à sua casa. Mas não pensou apenas em me ajudar. Queria conversar com uma psicóloga, já que sua primeira experiência em fazê-lo tinha sido proveitosa para ela. Nunca procurara, mas quando ofereceram, ela aceitou. Assim como agora. Sua história é marcada por grande sofrimento na adolescência, que ainda a faz sofrer muito. Portanto, nossa conversa é carregada de suas emoções em relação a esse momento e seus desdobramentos.

Terezinha também me deu seu nome para consulta. Digo isso pois todo o tempo fala de suas dificuldades e principalmente dos problemas trazidos pelos filhos. Dificuldades tão

grandes que apenas me convidou a ir à sua casa quando já não iria mais à pesagem da Pastoral, onde normalmente nos encontrávamos. Quando fui, não conseguia entrar na conversa – os filhos passando, falando, se mostrando, o marido chegando, a casa pequena, escura, com água escorrendo pelo chão. Ao mesmo tempo que quer ser compreendida, parece constrangida e insatisfeita. Conta de diálogo com a vizinha que diz que ela tem inveja. Respondeu: “Você quer saber, nós temos mesmo. Porque você tem apartamento bom, não é na favela, é em Alphaville! E pela sua conta bancária! A gente pode ter inveja.” Ela ficou quieta.” Essa convivência ruim lhe faz mal. Pois faz parte de conflito entre elas e vizinhança em geral. Mas escuto nesta fala e nas palavras usadas (Alphaville e conta bancária) como pode ser difícil conversar comigo de tudo aquilo, ali, pois pode sentir inveja de mim. Eu tenho aparência de uma conta bancária bem diferente da dela e de poder ter apartamento em Alphaville, não uma casa apertadinha na São Remo. Um de seus filhos me pergunta se tenho carro, onde moro, assim como muitas mulheres com quem conversei também perguntavam. Fico indo ali ouvir os problemas deles e o que faço com isso? Especialmente por ter mais condições financeiras, eles podem esperar que eu lhes ajudasse nisso.

Zaluar não deixa de apontar para as diferenças que gritam entre pesquisador e pesquisado, como formas de vestir, falar, andar, posse de objetos, como gravador, caderno, etc. (1988: 115).

Amélia até mesmo corta o cabelo como o meu depois de me ver de cabelo curto. Ela também não me deu o nome, mas certo dia, conversando, ao ouvir suas histórias, perguntei se ela sabia porque eu estava ali, quem eu era e se gostaria de participar da pesquisa. Ela topou e me serviu um grande lanche em sua casa, depois de termos uma boa conversa sob o sol em sua laje. Sempre me convidava a voltar para almoços, churrascos, cafés, e dizia que comigo podia conversar de tudo, que eu a compreendia.

Branca também não me deu o nome, mas foi indicada a conversar comigo pela coordenadora da Pastoral. Ela estava com dificuldade de criar os filhos e ficou curiosa, segundo suas palavras. Queria ver se eu daria conselhos para ela. Mesmo não recebendo conselhos ela pareceu aproveitar a conversa que pôde sair dos filhos e passar para a história dela e de suas vontades.

O projeto desta pesquisa contava com uma pergunta disparadora, que perguntava sobre o tempo livre delas. Após a segunda conversa, ficou claro que o foco deveria mudar. Elas não consideram ter tempo livre. Se percebem sempre ocupadas. Por isso, para conhecer o que fazem no dia-a-dia, a rotina passou a ser o foco da questão. Cada conversa seguiu de uma maneira, ou seja, algumas usaram mais o espaço, aprofundando o tema de suas atividades, seja hoje ou anos antes, outras queriam falar de suas dificuldades, sejam as atuais, sejam as antigas, me vendo mesmo como psicóloga e uma delas acabou sendo mais concisa, não parecendo aproveitar tanto o momento. Outras conversas foram acontecendo nestes encontros mensais com outras mães. Conversas informais, no pátio da escola, em meio à paisagem, à brincadeira das crianças, lanche, reza, etc., que trouxeram de maneira geral os mesmos pontos das conversas mais formalizadas: estas mulheres dão muita importância ao trabalho, que é sinônimo de sobrevivência, tanto financeira, quanto emocional. Precisam trabalhar, ter sua vida, seu dinheiro, suas atividades fora de casa. O lazer, o descanso, o cuidado consigo mesmo, atividades em que o prazer predomine, é algo também valorizado, e visto como organizador, mas que necessita de maior organização da estrutura da vida para que possam aproveitar.

Uma segunda conversa com cada uma destas mulheres foi realizada – menos com a que se mudou da região sem deixar contato: Branca. Esta segunda conversa foi um pedido meu para esclarecer algumas idéias colocadas por elas e para que pudessem acrescentar ou modificar o que quisessem. A conversa inicial foi lida com elas e muitas puderam aproveitar

este material. Algumas se deram conta de como a vida mudou completamente e de como podiam pensar de forma tão diferente há não tanto tempo. Outras não viram muita mudança, mas puderam parar para pensar o quanto precisam fazer mais para que a realidade mude, não só esperar.

Foi interessante perceber que as mães que abriam suas casas para receber a pesquisadora acabavam contando muito mais de sua vida, narrando momentos, dando risada juntas. Já as entrevistas realizadas em salas da Escola Girassol (onde ocorrem as pesagens) ficavam mais presas em responder perguntas ou falar de seus problemas. Halbwachs (s.d. apud BOSI, 1993) coloca como os lugares, os espaços, são apoios ao trabalho da memória. Parece que nesta pesquisa podemos entender que sim. Um espaço mais familiar, íntimo, privado, permite que a pessoa fique mais à vontade e se coloque mais. Pode-se pensar que para convidar alguém à sua casa é porque já há uma possibilidade de contato diferenciada. E Ulpiano Bezerra de Meneses (2006) nos fala como a memória é “suporte fundamental da identidade” (2006: 183), que organiza, dá sentido à multiplicidade de fatos e sentimentos que vivemos na realidade. Ponto interessante de pensar o quanto esses momentos de conversa, em que elas puderam me contar um pouco de suas histórias, elas podem retomar para si mesmas, reorganizar, reelaborar o que viveram. Especialmente as que puderam abrir as portas para mim, de suas casas e de suas lembranças.

Schmidt e Mahfoud (1994) fazem uma elaboração que aponta o momento da entrevista como uma ruptura do cotidiano, que possibilita uma distância interessante para reflexão. Os autores colocam que este entendimento vai ao encontro da crítica de artificialidade da situação da entrevista como limitação. Isto porque esta cena criada pode ter a vantagem de gerar reflexão, que necessita da emergência da correria do dia-a-dia para poder ocorrer - algo criado nos momentos de festas também, segundo os autores. De maneira geral estas mulheres puderam aproveitar este momento para se observarem um pouco mais, para

pensarem na postura que estão tomando com suas próprias vidas. A que isto irá levar não há como controlar ou saber, mas de alguma forma houve uma pequena movimentação que pode ser interessante para elas. De qualquer forma, continuarei freqüentando as pesagens por um tempo, estando disponível a qualquer pedido de conversa e mesmo de encaminhamento que elas façam.

No mês de abril, conversei com elas sobre a possibilidade de ser oferecida uma oficina de massagem por um grupo de profissionais que faz trabalho social. Teríamos que montar o grupo e achar um local, além de marcar um horário. Todas com quem falei se interessaram, pois “massagem relaxa e faz bem”, diziam.³⁵ Os agentes de saúde também mencionaram massagem e relaxamento quando questionados sobre algum interesse que tinham em oficinas a serem oferecidas para a comunidade.

Com isso retomo a preocupação do sentido desta pesquisa à comunidade e às mulheres diretamente envolvidas. Desde o início houve uma preocupação com poder propor algum trabalho, atendimento, oficina, às mães da São Remo. Queria descobrir como dar um retorno à comunidade daquilo que construíamos e como ajudá-las a renovar energias para a rotina árdua. Chegando ao fim da pesquisa, depois de ver a baixa adesão à oficina de massagem oferecida por grupo voluntário não sei se o que elas querem é alguma atividade a mais. A rotina está cheia, como conta Branca. Querem outro tipo de cuidado.

Certeau (1996: 87) questiona o distanciamento entre o pesquisador e seu objeto de estudo. Do quanto este estudo vai alimentá-lo, vai instruí-lo, e ele fica ali apenas observando, sem interferir nos problemas sérios que vê. Meu incômodo com a situação social tão desigual que vivemos no mundo em pleno século XXI é bastante perturbadora e também motivadora desta pesquisa. Mas não sei o quanto posso colaborar com uma mudança concreta na qualidade de vida e estrutura de vida dos moradores da São Remo. O que oferecer então? Qual o sentido do mestrado para mim e para elas? Por todo esse tempo, de 2006 a 2008,

³⁵ Um grupo foi iniciado em junho de 2008.

tenho oferecido minha escuta, minha disponibilidade de estar com elas em alguns poucos momentos de suas rotinas. Isso tem feito um sentido para mim e um sentido para cada uma delas. Me sinto próxima e à vontade quando estou ali. Mas ainda me preocupo com o que será depois que o mestrado acabar. Sou aluna de pós-graduação da USP. O que sou da São Remo? Vou continuar sendo?

Foram questões perturbadoras que me permitiram encaminhar melhor a finalização da dissertação. Uma elaboração importante que fiz durante este processo é o entendimento da postura que tive durante toda a pesquisa e continuarei tendo na comunidade. Uma postura ou “atitude clínica”, no sentido trabalhando por Henriette Morato: “(...) atitude clínica refere-se ao modo como o plantonista escuta o sofrer. Ou seja, faz parte do ser dos homens como algo que lhes é próprio. É através desta compreensão que a escuta pode comprometer³⁶ o sujeito em relação ao seu sofrimento, pode fazer com que este se torne uma questão para o sujeito mesmo” (2006: 38). Uma atitude de acompanhamento, de compreensão e dedicação. Uma atitude fundamental à pesquisa a partir da interlocução.

O fato de minha pesquisa estar ligada a um cuidado com estas mulheres e uma preocupação geral com a São Remo, mostra uma dedicação, uma inclinação minha em relação a cada um ali. Como coloca Heloisa Aun, a atenção ao outro está ligada a alguns conceitos como “concentração, zelo, dedicação, disposição, mostrar, alertar, olhar, ouvir, sentir e, sobretudo, cuidado” (AUN, 2005: 115). E ainda fala como o sentido de atenção no latim remete ao clínicar, ao inclinar-se, dedicar-se ao outro. Uma amplitude da compreensão do clínicar que permite que mesmo enquanto pesquisadora, aluna de pós-graduação, psicóloga, Mariana, amiga, eu posso perceber meu lugar ali. Um lugar construído por mim e por elas, na nossa interação na comunidade.

É fácil perceber o quanto as conversas que tive com estas mulheres, que abriram suas casas, suas vidas para mim, estão contribuindo muito com minha formação como

³⁶ *Comprometer* foi aqui utilizado no sentido de deixar situar.

pesquisadora e como pessoa. Não há como transcrever aqui tudo o que elas contam, o que me oferecem e proporcionam. O que inquieta é o quanto retorno disso, quer dizer, será que elas sentem que participar desta pesquisa contribui em algo à vida delas?

Capítulo III. Descobrimo a dureza e a arte de ser mulher.

“(...) Tinha passado todos aqueles anos mergulhada num cantinho da própria mente. Um local estéril e árido, para além do desejo e do sofrimento, do sonho e da desilusão. Ali, o futuro não contava. E o passado só continha uma certeza: o amor era um erro nocivo, e sua cúmplice, a esperança, uma ilusão traiçoeira. E, onde quer que brotassem essas duas flores venenosas,

Mariam as arrancava. Arrancava e jogava fora, antes que criassem raízes.

De algum modo, porém, nos últimos meses, Laila e Aziza (que afinal era uma harami, como ela mesma) passaram a fazer parte do seu mundo e, agora, sem elas, aquela vida que tinha tolerado por tanto tempo de repente lhe parecia insuportável.

‘Aziza e eu vamos embora na primavera. Venha conosco, Mariam.’

Os anos não tinham sido bons com ela. ‘Mas, talvez, anos melhores estivessem por vir’, pensou Mariam. Uma nova vida, uma vida em que pudesse encontrar as coisas boas que, segundo Nana, uma harami jamais chegaria a experimentar. Inesperadamente duas novas flores haviam brotado em sua vida e, olhando a neve caindo brandamente, Mariam se lembrou do mulá Faizullah desfiando as contas de seu tasbeh, inclinado e sussurrando com aquela sua voz branda e trêmula: ‘Mas foi Deus quem as plantou, Mariam Jô. E a sua vontade é que você cuide delas. Esta é a Sua vontade, minha filha.’” Hhaled Hosseini.

“Nada poderia salvá-la da total confusão, senão o cumprimento diário de seu dever.” J.

Wolfgang Goethe.

Estes trechos introdutórios deste capítulo apontam duas características importantes da vida das mulheres com quem conversei: a rotina diária ajuda a organizar internamente, a levantar a cada dia e caminhar por conta das obrigações; e ao lado disso, o quanto a vida ganha sentido e colorido justamente quando se dão direito a sonhar, quando podem ter esperança e quando olham além desta rotina e a enriquecem.

Há quem diga, como colocado anteriormente, que o dia-a-dia de muitos moradores de favelas, de bairros pobres, da São Remo, pode ser resumido a trabalho e sono. Como coloca

Magnani: “Há quem constate que o tempo livre é basicamente utilizado para complementar os magros orçamentos domésticos; quando existe (tempo livre), ressen-te-se da falta de espaço, equipamentos, ou então está irremediavelmente contaminado pelo *mass media*, não passando, portanto de válvula de escape e alienação” (1998: 19). Mas o mesmo autor ressalva que há sempre um tempinho na semana para um baile, um futebol, uma sinuca, uma festa de aniversário, uma ida a Aparecida do Norte ou à Praia Grande. Quer dizer, há os que não conseguem se desvencilhar do cotidiano obrigatório, como verão com Terezinha a seguir, mas a grande maioria pode criar diferentes experiências e dar cor e graça a um cotidiano mais amplo.

Há uma maior preocupação com o cotidiano feminino, já que a história marca um percurso restrito às mulheres, realidade que vem se alterando nas últimas décadas. Quero dizer com isso que ainda no século XIX as mulheres viviam apenas no mundo privado, em suas casas, cuidando de seus maridos e filhos. Sem direito a opinar sobre sua vida, sem poder criar caminhos diferentes para si mesmas. Segundo Elisabeth Badinter (1985), na antiguidade já se falava do papel materno na alimentação do filho. A autora descreve historicamente o valor moral da “boa mãe”, que se forma inicialmente sobre este fato biológico, natural, já que todas as fêmeas alimentam sua prole. Esta é uma questão complexa, pois as mulheres eram “do lar”, mas as nobres do século XVIII e XIX não amamentavam seus filhos, delegando a função às amas de leite (STASEVSKAS, 1999). De qualquer forma, os valores religiosos delimitavam a casa à mulher decente. Uma Madame Bovary³⁷, que vivesse à procura de algo diferente, de novas emoções que lhe dessem sentido à vida, acabava como a vilã e adúltera, já que outros amores eram o que elas podiam imaginar como vida diferente. “Aqueles dotadas de erotismo intenso e forte inteligência, seriam despidas do sentimento de maternidade, característica inata da mulher normal, e consideradas extremamente perigosas” (SOIHET, 1997: 363).

³⁷ Referência à obra literária de Gustave Flaubert.

Segundo Mansur (2006), ainda no século XIX começam a mostrar este interesse pelo mundo público e algumas vão estudar. Uma atitude revolucionária, para a elite, que quase necessariamente vinha acompanhada de solidão, isto é, as universitárias não se casavam. Mas as profissões eram sempre restritas às vistas como femininas, como profissões de cuidado. Começam a buscar seus direitos em relação ao casamento e a tolerar menos maus-tratos de seus maridos, protegidas por lei.

Apenas na primeira metade do século XX conseguiram direito a voto, dentre outros que as consideraram cidadãs. Lentamente conquistam o mundo do trabalho, que antes, reservava-se às muito desejadas ou necessitadas, como professoras ou domésticas. Um fato que revoluciona a história das mulheres é o desenvolvimento de contraceptivos, que permitem o controle da natalidade, o que as liberta para relações e escolhas. Mas um percurso histórico sempre deixa marcas e uma importante é a ligação da mulher com os afazeres domésticos. Ou seja, mesmo com todas as conquistas de direitos e de ampliação de espaços, as mulheres acumularam tarefas, não apenas diversificaram ou transformaram. Apenas em 1970, segundo Mansur, a mulher passa a ser interesse de estudos acadêmicos e políticos, o que, segundo Matos, é decorrente de nova percepção “da presença do político nos acontecimentos do dia-a-dia” (2000 apud MANSUR, 2006: 48). Se o político também está no cotidiano, a mulher também influencia e faz parte dele. Melo (1993 apud FORMIGA, 2004) fala da lentidão das mudanças especialmente quando se fala de valores muito arraigados na sociedade. Portanto, esta ordem patriarcal não será dissipada de uma hora para a outra.

Uma visão que explica esta acumulação de funções das mulheres é a de Davis (2006: 161), que fala que “em todo o Terceiro Mundo, os choques econômicos dos anos 1980 obrigaram os indivíduos a se reagrupar em torno da soma dos recursos da família e, principalmente, da capacidade de sobrevivência e da engenhosidade desesperada das mulheres.” O autor coloca que esta crise econômica geral dos países menos desenvolvidos fez

com que o mercado de trabalhos formais dos homens reduzisse muito e as mulheres e os filhos precisaram começar a trabalhar. Sendo assim, esta mãe da família ficou com carga da casa quase completa, como diz Kalpagan: “Embora seja enorme o fardo da sobrevivência (para a família) o das mulheres é ainda maior” (1985 apud DAVIS, 2006: 161). Portanto, podemos imaginar que esta década de 80 iniciou um quadro que ainda se mantém, como aponta pesquisa de Gustavo Venturi e Marisol Recamán (2004), da Fundação Perseu Abramo, citada na introdução.

Mansur (2006) faz uma ressalva importante de que não se pode falar numa história geral sobre as condições de vida das mulheres brasileiras. O passado deste país e os valores que vêm acompanhando esta história marcam uma enorme diferença entre as realidades de negras, brancas e índias (2006: 48). Mesmo que o Brasil colônia tenha sido muito influenciado por valores católicos, é fato que as diferentes etnias tinham papéis no país. Contra um ideal do século XX da mulher como “bela, altruísta, submissa e resignada”, a mulher recitada por Vinícius de Moraes³⁸, o movimento feminista marcou a possibilidade das mulheres serem vistas, ao menos aos olhos da lei, como sujeitos de direitos e cidadãs assim como os homens. Mas se a luta de classes é uma barreira a ser enfrentada, a de gêneros é outra de tamanho e resistência tão grande quanto, afirma Teles (2003 apud MANSUR, 2006: 60).

E as “mulheres populares”, como coloca Soihet (1997), em sua luta pela sobrevivência diária são as que, sem escolha, vão contra este modelo de mulher. Se Soihet fala de um cotidiano destas mulheres durante a Belle Epoque (início do século XIX), ele não parece tão distante do atual:

As mulheres sofreram o maior ônus, já que exerciam seus afazeres na própria moradia, agora mais cara e com cômodos reduzidos. Aí exerciam os desvalorizados trabalhos domésticos, fundamentais à reposição diária da força de trabalhos de seus companheiros e filhos; como ainda produziam para o mercado, exercendo tarefas como lavadeiras, engomadeiras, doceiras, bordadeiras, floristas, cartomantes e os possíveis biscates que surgissem. Nessas moradias

³⁸ Referência à poesia recitada entre as estrofes da música Samba da Benção.

desenvolviam redes de solidariedade que garantiam a sobrevivência de seus familiares (Soihet, 1997: 365).

Marta Porto (2004) se admira por ver resultado da pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (2004), mostrando satisfação das mulheres com suas vidas. Frente a tanta desigualdade, como podem estar satisfeitas? São submissas? Passivas? Alienadas? Estão aceitando sua exclusão? Uma análise difícil de ser feita, como inclusive aponta Alessandra Chacham e Mônica Maia (2004), por conta de ser uma pesquisa em larga escala, de alta complexidade e com perguntas fechadas. Mas se pudermos olhar seus usos de tempo livre: descanso, televisão, vídeos, música, conversas com amigas, cultos religiosos; podemos ouvir Milton Santos de maneira bastante positiva: são atividades “provindas do exercício banal da existência, criadas na emoção e geradoras de solidariedade. Sua espontaneidade é, na base da sociedade, a garantia de sua permanência, criatividade e renovação” (2000a apud PORTO, 2004: 139).

Porto fala que “teatros, centros culturais, bibliotecas, exposições de arte e mostras de cinema são recursos distantes e muitas vezes inalcançáveis para a maioria esmagadora da população brasileira” (2004: 139). Não seriam nem considerados opção de atividade. Mas na São Remo encontra-se uma realidade um pouco diferente. Os agentes de saúde da região são os primeiros a elencar várias opções de lazer, que existem a quem tem interesse. Parques, shoppings, campos, salões de baile, além de peças, museus e bibliotecas, próximos tanto por conta da USP quanto do CEU-Butantã. Uma das mães com quem conversei me fala que não gosta mesmo de ir ao cinema, e se culpa por nunca ter levado o filho, mas diz que sua amiga vai frequentemente. Portanto, não estamos falando de uma comunidade completamente isolada e alienada. Embora possamos encontrar pessoas que não tenham condições financeiras para variar tanto as atividades, por ali há opções e mobilizações de moradores para diversificar gratuitamente. Mas também fica a questão de porque devemos achar que as atividades que a burguesia ou a elite têm seriam desejadas por todos.

Como coloca Jeremy Seabrook: “Seria tolice passar de uma distorção – que as favelas são lugares de crime, doença e desespero – para o oposto: que podem com segurança ser abandonadas a si mesmas” (1996 apud DAVIS, 2006: 79). Então, sem entrar num romantismo exagerado, de achar que elas vivem bem e confortavelmente, satisfeitas com sua realidade, pode-se pensar que especialmente as mulheres pobres são pessoas que desde a chegada da industrialização já precisavam se defender por serem chamadas de “mulheres públicas” (FONSECA, 1997): mulheres não protegidas por pais ou maridos que precisavam defender sua moral, agir agressivamente, subverter uma ordem imposta para sobreviver, e que já poderiam ter nos ensinado muito e nos ajudado a transformar essa realidade desigual, não fosse a distância criada pelo preconceito e pela ideologia capitalista.

Nas linhas de interpretação que seguem procurei apresentar mulheres da comunidade São Remo falando de suas vidas da maneira mais fiel e verdadeira que consegui. Elas são, em sua maioria, cheias de vida, e é esta completude, esta riqueza, que quero mostrar. Cada fala ensina muito sobre elas e sobre a vida em geral. Claro que não há como não me ver aí também, especialmente por conta do meu envolvimento afetivo com cada uma delas. Mas, de qualquer forma, Branca, Rosinha, Amélia, Patrícia, Lalau, Dolores, Terezinha, são as vozes da parte que segue; falando baixo sobre suas particularidades, mas gritando as desigualdades e violências de nossa sociedade, que cada uma contorna de uma forma.

A - O dia-a-dia e suas repetições.

Perguntar sobre a rotina, sobre o dia-a-dia das pessoas não é algo tão simples, pois na verdade, a pessoa precisa fazer um resumo do que geralmente a ocupa e interessa. Como

coloca Camargo (1992), as pessoas apenas responderão que não há nada de agradável, vão relatar seu dia de mais trabalho, mais trânsito, etc., o que provavelmente se deve ao fato de que o constante, o que é resumido, são realmente as obrigações, os compromissos, as responsabilidades, as dificuldades a enfrentar – e acredito que isso agrega valor: compromissos que podem ter a ver com diversas atividades, como o trabalho, o cuidado com os filhos, as reuniões da escola, as caminhadas, etc.

O que quero pontuar é que as atividades mais “livres”, ou que podem ser decididas e inventadas na hora, não são contadas no cotidiano, apenas após mais tempo de conversa. O cotidiano é o que há de já programado e também repetitivo. Costa (1989) também comenta como a clientela que reclamava de “doença dos nervos” num serviço público, não se queixava de relações familiares sexuais, afetivas, mas sim da “trajetória da vida profissional e dos percalços da vida laborativa” (1989: 26). Por isso, quando nos encontramos com cada uma das sete mulheres que vou apresentar e talvez com muitas outras mais, há alguns pontos que se repetem nas rotinas³⁹. São atividades que as mantêm no dia-a-dia, que gera certa inserção num mundo externo e que gera contorno para elas me contarem delas mesmas. Afinal, a pergunta que traz o que você faz com seu tempo é algo que começa a desenhar um perfil a cada um – mostra valores, interesses, condições e projetos de vida, etc.

E algumas rotinas são bastante restritas, apresentando um dia-a-dia muito parecido a todo o momento, gerando marasmo e desânimo. Como são os casos de Branca e Terezinha. São casos que poderíamos chamar de tempo unitário, ocupado apenas por obrigações, mas sem atividades fora de casa – a pesagem talvez seja das poucas ou única.

Terezinha chega a fugir e se desligar do mundo trancando-se no quarto quando a angústia do “sem saída” aperta. Aos 45 anos, mulata, mãe de seis filhos cujos nomes e idades tivemos dificuldades em ordenar e esposa de um homem recentemente desempregado, por

³⁹ Seguindo a nomenclatura de Martins (2008), cotidiano é o repetitivo e a rotina inclui o vai e vem do cotidiano ao não cotidiano e vive-versa. Mas é importante frisar que na linguagem das mulheres da São Remo, a rotina é considerada o repetitivo, o que cai no hábito.

problema com álcool, que não consegue ajudá-la. Com feição de senhora, até pelo excesso de peso que a incomoda muito, Terezinha não trabalha fora de casa, mas diz ficar de um lado para o outro cuidando dos filhos e para que eles estudem. Mesmo os mais velhos (18 e 17 anos), com problemas na escola, dão muita preocupação e trabalho a ela. Dizem na comunidade que ela é largada e ela se entristece. Mas diz não ter tempo nem dinheiro para se cuidar e nem da casa. Precisa cuidar dos filhos!

De manhã assim: Levanto, dou café para eles⁴⁰ e levo eles para o Clorinda⁴¹. Volto e dou banho nelas⁴², para 10h estarem prontas para irem para o Monte Castelo⁴³. Aí não dá tempo de fazer nada, porque às 11h vou lá no Clorinda pegar. Aí 15h desço de novo para pegar elas. De vez em quando, quando não estou peço para minha sobrinha. Mas tem dia que não estão, tem dia que tem que pagar. Não é assim que elas cobram, mas aí de vez em quando elas pedem e eu fico sem graça. Mas aí fica bem difícil! Mas aí quando está bem agitado as coisas eu pego e deito lá e não ligo mais para nada!

A casa inacabada, pelo que ela diz, os problemas com encanamento que o marido já não ajuda a arrumar, vão deixando a casa de cabeça para baixo, assim como ela parece se sentir. Os problemas ocupam sua existência! Não cabe mais nada, nunca o esforço é suficiente: “Como só tenho um varalzinho lá embaixo, não falta roupa. Então eu falo: Meu Deus, eu nunca vou terminar! Só vai aumentando. Aí às vezes dá desespero e eu lavo, lavo e vou espalhando pela cozinha, sabe. Mesmo assim não dá.” Todas têm que lavar muita roupa e pouco espaço para estirar, mas para Terezinha tudo vira um enorme fardo. Fazer qualquer coisa diferente não tem o menor espaço. Lidar com a repetição dos problemas diários já a dominou. E a solidão aumenta quando ela diz que precisa pagar para ter ajuda da sobrinha como babá. Se não há dinheiro, não há ajuda. Terezinha é a que mais ilustra a frase de Goethe, usada como epígrafe.

⁴⁰ Os filhos de dez e sete anos.

⁴¹ Escola de ensino básico e fundamental bem próxima da São Remo.

⁴² Nas gêmeas.

⁴³ Escola de educação infantil da região.

Branca tem 21 anos, é mulata e já tem seus três filhos. Mulher de pouca instrução e sem jeito de garota, demonstra uma personalidade bastante forte. Não trabalha fora, mas cuida da casa onde a acolheram ali na São Remo. Está cansada de viver de favor e trabalhar sem receber nada e pouco depois de nossa conversa vai embora, ao arrumar namorado que a leva junto com ele. Assim, não pude ter a segunda conversa com ela.

Eu acordo de manhã. Levo a Laurinha na creche. No circo escola. Volto vou arrumar a casa. Faço o almoço. Dou banho no menino. No nenê. Daí, na parte da tarde, lá pelo meio dia, vou buscar ela. Daí volto de novo. Dou comida para eles e vou arrumar a casa de novo. E é a mesma coisa todo dia: arrumar a casa, dar banho no menino, cuidar dos meninos. Daí eu fico um pouco estressada por causa do calor, menino fala uma coisa, menina fala outra... a aí a gente fica meio estressada por causa dos meninos. Sou sozinha para cuidar deles. Eu vejo a casa da dona Maria. Ela não faz nada por causa da idade. Daí quando eu estou lá eu arrumo as coisas para ela. Quando cheguei de Goiás, o marido dela me pois lá, de modo que estou até hoje. Sou de outro lugar, mas eu vim dali de perto de Goiás. Eu vim grávida dela de três meses e com ele. Daí depois que fui buscar a Laurinha. Ficou lá com uma amiga.

Mora de favor, mas não está feliz. Parece mesmo esperar que alguém a tire dali, pois fala que "(...) o marido dela me pois lá, de modo que estou até hoje." Quando me tirarem saio – ela parece dizer. Não se vê caminhando, só fazendo todo dia a mesma coisa: "É. O dia inteiro. É, porque não pára limpo. Acabo indo dormir 11h, 0h. Sinceramente não gosto de limpar. Quando vejo sujo, penso: 'Ai meu deus do céu, de novo!' Eu penso que depois que limpou tem que conservar aquilo limpo. Toda hora é copo na mesa. E agora tem dois cachorros." A mesma coisa. Casa, menino, menino, casa. Queria tudo "bem limpinho" para sempre. Ter tranquilidade pelo dever cumprido. Queria fazer algo mais permanente. Que marcasse sua existência e não que a escravizasse. Mesmo no fim de semana: "É. É muito difícil, muito difícil. Às vezes eu vou lá no bosque e fico lá. Ali na USP. Levo eles e deixo brincando. Deito lá e fico descansando. É difícil porque é muito corrido. Arrumo, arrumo e nem parece, porque é muita gente na casa. Só eu que arrumo e os outros bagunçam..."

Branca mostra esta possibilidade de fuga. Uma fuga que parece mais ligada a diversificação de espaços, de estímulos, busca de tranquilidade com o mundo, não tão desconectada como prefere Terezinha. Também com esta vontade de variar as conexões aparece Amélia, com sua expectativa de que um emprego vá colorir a sua vida.

Amélia, 38 anos, branca, loira de cabelo cacheado, vinda do interior onde nasceu e cresceu, já tem 17 anos de São Remo e é mãe de um casal. Sem trabalho desde que engravidou do primeiro filho, não sabe mais o que inventar para não se sentir entediada. É casada com homem que passa a maior parte do tempo no trabalho para dar melhores condições de vida à família. Ela passa seus dias cuidando dos filhos e da casa grande, de três andares, com cozinha caprichadíssima. Muito ligada à igreja católica da comunidade, assim como o marido, é muito simpática e articulada. Sempre querendo visitas e fazer novas amizades.

Acordo 5h45, aí troco ela. Me troco e troco ela e vou levar ela no ponto da perua. Deixo ela na perua 6h30, daí de lá vou fazer caminhada aqui no bosque, aqui na USP. Aí, 7h30, 7h40, estou de volta. Aí eu chego em casa, vou lavar roupa, vou limpar a casa. Vou ajeitar o almoço, que 11h20, 11h30, o menino chega do circo. Ela chega no mesmo horário. Vão tomar banho, dou banho nela, troco ela, dou almoço, aí vou levar para o circo. Aí o resto do dia, às vezes a roupa já secou e vou passar roupa. Mas o resto do dia eu fico dentro de casa sem fazer nada. Fico aí parada. Porque daí já arrumei tudo dentro de casa, já limpei tudo e fico só... enrolando, porque não tenho mais nada para fazer, então... Às vezes eu fico assistindo, às vezes chego e saio, mas não é todas as vezes. Então se eu arrumasse um emprego era melhor, porque daí esse tempo que fico, desocupada, sem fazer nada eu ia estar no trabalho. Porque eles estão nas atividades deles. Ele chega 19h da escola, ela chega 16h45. Então eu fico esse período todinho só dentro de casa. Se eu arrumasse um trabalho era melhor porque a hora que eles chegam eu chego e está todo mundo junto, aí tudo bem. Não tinha tempo para mim ficar parada, sem fazer nada. Às vezes fico inventando de fazer coisa, fazendo bolo. Mas é uma coisa que eu faço e eles não comem! (...) Eu estou sossegada. Tem gente que quer arrumar emprego por ambição. Eu não. Porque meu marido me dá de tudo. Então, queria mais era para sair um pouco de casa.

Ela está sossegada; uma possibilidade de sossego que Terezinha não tem. Ela conta que assiste jornal, novelas e a filha diz que ela assiste ao Papa na TV. Estamos perto da época em que o Papa visitou o Brasil e Amélia e sua família são bastante religiosos e católicos praticantes: “Vou (à igreja), todo domingo. Hoje mesmo é dia de ensaio. É 19h30. Vai ser aqui em casa. Vêm as outras do grupo, tem o cd passando som para pegar a melodia do cântico.” O marido toca violão para o ensaio. A filha faz catecismo e o filho também. E Amélia quer muito arrumar um emprego, mas coloca limites. Não vai trabalhar à noite, pois precisa estar em casa com as crianças. E não vai trabalhar aos domingos, pois é dia de missa. Dois compromissos assumidos, filhos e religião, que não tem como ela deixar de lado: suas maiores responsabilidades.

Vontade de conversar, de passear, de trabalhar, sempre permeadas pelo cuidado dos filhos. Pela maternidade. Mas as que parecem falar mais claramente de seus desejos enquanto pessoas, ao pensar seu dia-a-dia menos misturadas a seus filhos, são as que podem contar com seus maridos para ajudar, financeiramente e afetivamente, como no caso de Amélia e de Patrícia: “Eles fazem as atividades deles (quero fazer as minhas).” Amélia inclusive volta a estudar em 2008 e fica muito contente com isso.

Patrícia, 29 anos, branca, está no segundo filho e sente-se bastante estressada em alguns momentos. Ela trabalha fora, como faxineira e o marido como segurança noturno. A rotina da família parece bem estabelecida e a casa muito organizada e aparamentada (armários e eletrônicos). Muito sincera, Patrícia conta de seu relacionamento com os filhos e marido – com quem se casou recentemente, depois de muitos anos morando juntos – e de sua preocupação consigo mesma: por querer falar melhor, por querer emagrecer, querer melhorar de vida.

Aí depois tem a janta e a gente fica aqui vendo TV. Aí depois 22h30 eu vou dormir. Ele vai dormir mais cedo. E 6h de pé de novo. Meu marido sai para trabalhar 22h10. Chega 6h30. Eu saio 7h10. Ele (filho) sai 6h30. E é tarde! Isso também me irrita! Demora 30 min. para

chegar na escola. Daí 16h sai e chega aqui 17h e pouco, demora mais de uma hora! Está com 12 anos (...)

Sabe que eu acostumei (de acordar cedo para trabalhar). Tem domingo e sábado que eu tento dormir mais um pouquinho, mas... Tem dia que eu durmo, que consigo dormir até 9h, mas tem dia que não consigo. 7h30, 8h eu acordo. Penso: 'que que vou ficar fazendo aqui se não estou com sono?' E tem um monte de coisa para fazer. Mas tem mesmo, dia de trabalho que você quer ficar! Não é todo dia que você está com pique não. Quando está aquela chuvinha, ai... Mas eu ponho a TV para despertar 6h. Na hora que ela liga, eu levanto. Ela liga na Globo. Passa acho que telecurso e depois programa de agricultura e depois vem o jornal que eu assisto um pouquinho. Das 6h30. Faço café, escovo o dente, daí faço o leite da Luiza... enquanto isso a TV fica ligada para eu ficar vendo alguma coisa. Aí meu marido chega. Daí às 7h já tenho que ir trabalhar. À noite já arrumo o lixo para levar de manhã cedo.

Patrícia gosta de falar e conta como a TV acaba fazendo companhia para sair da cama, mostrando que o mundo não pára e que ela tem muito a fazer. Mostra em sua fala como para o trabalho fora, para obrigações, não dá muita vontade de levantar, mas para cuidar de suas coisas e se divertir sim. Tem grande ajuda do marido que possibilita muitos sonhos. Sonhos que em alguns momentos se chocam com a realidade e a deixam estressada. Ela conta que quer aproveitar o tempo, mas de como recentemente tem se sentido cansada e gosta de descansar à tarde. Só não quer que vire rotina, para não se acostumar e ficar sem fazer o que precisa. Patrícia explica que o hábito passa por cima da necessidade, pois é difícil mudá-lo. Assim, as coisas boas, como descanso e passeios, são para de vez em quando, pois há muita responsabilidade e obrigações a serem cumpridas. Não se deve tornar as coisas boas um peso, transformá-las em coisas ruins.

Especialmente a responsabilidade de ser mãe, que está no dia-a-dia e que para Rosinha faz todo o resto ficar para depois. Com 20 anos, mulata, muito bonita e de sorriso grande, veio da roça onde nasceu e cresceu, de onde fala com saudade, e é mãe de uma garotinha de um ano com quem troca muito carinho. O marido é jovem e segundo ela, muito trabalhador. Rosinha se mostra tímida e ao mesmo tempo muito sorridente e simpática. A primeira vez fui encontrá-la na casa do sogro, onde estava morando de favor e não ficava à

vontade. A segunda conversa pôde ser feita em sua casa, alugada pelo marido, que fica mais escondida, como que num conjunto dentro da São Remo. Uma casa pequenina, de um cômodo (quarto e cozinha), que é apertado, mas é a casa dela! Onde pôde se sentir em casa e deixar para trás o mal-estar diário com a família e onde curte sua filha o mais que pode, podendo inclusive dançarem juntas.

Eu estava na minha mãe até ela fazer seis meses, ele estava lá comigo. Daí a gente voltou para cá (casa do sogro). Ele (marido) trabalha o dia inteiro, chega umas 17h, às vezes 18h, 19h, 20h. Varia. Daí no período do dia eu faço o que: acordo de manhã, limpo a casa, lavo roupa, se tiver faço comida, dou banho nela, brinco com ela. E levo o dia assim, assisto novela, alguma coisa. Daí ele chega, vou ajeitar a janta dele, ele come e vai dormir e eu fico, só assistindo. Sou noveleira. Antigamente via de todos, mas agora só da Globo mesmo. Essa aí é outra, não pode ver um rabichinho de novela que já está olhando. Adora dançar também! Escutamos bastante música. Ela é bem extrovertida. Quando o pai chega, ela não para quieta. Aonde ele vai ela vai atrás e fica chamando. Ele trabalha de sábado só às vezes, até 14h. Daí ele fica em casa com a gente. Quando ele está em casa ela não fica comigo. Enquanto estou fazendo comida, eles estão aqui na sala, assistindo, conversando. E assim passa o tempo. Mas é uma festa quando ele está em casa. Porque ela não pára quieta e ele parece um moleque junto com ela. Quando ela está dormindo eu fico sozinha comigo mesma, pensando no que aconteceu. O que eu poderia ter feito e que não fiz. Como vai ser amanhã, como vai ser depois, daqui a um ano. Como vai ser quando eu estiver na minha casa. Eu fico só planejando tudo! (sorri).

Rosinha não trabalha neste momento. Precisa cuidar de sua filha nenê. O trabalho que sustenta financeiramente a família é o do marido e em troca ela arruma a casa e cuida da filha. Em seu relato é perceptível o valor que dá à família e o quanto conserva seus sonhos, “planejando tudo”. Além da filha, da casa e da televisão, são eles que a mantêm ocupada. E a importância da filha e dos sonhos aumenta quando, na segunda conversa, ela já não sente que o marido pode lhe prover tanta realização. Os desentendimentos com ele começam a fazê-la mudar de planos para sua vida, em que passa a considerar-se um pouco mais.

A ocupação de Rosinha, toda dedicada à filha, não é muito diferente da de Dolores e nem das demais. Filhos e casa sempre tomam a maior parte do tempo em suas falas.

Dolores, 17 anos, mulata, é mãe de uma garotinha de um ano e três meses que não pára quieta. É casada, mas estava morando sozinha desde que a filha tem quatro meses, pois o marido estava preso no Paraná. Eles se comunicavam sempre por carta e ela o aguardava ansiosamente. Dolores trabalha cuidando da filha dos cunhados durante a tarde, ganhando apenas R\$50,00 por mês que não as sustentam. Mora em casa de alvenaria que para entrar é preciso subir uma longa escada, bastante íngreme. Em um cômodo ela organiza o quarto, sala, cozinha com muito capricho, além da laje, onde cria três cachorros.

Oh, é assim: a nenê que eu cuido, que é uma bebê de dez meses, e a menina que tem quatro anos. Só que a mãe da menina trabalha de manhã e o pai da nenê vai trabalhar às 14h. Só que a mãe dela trabalha de manhã, então ele fica com ela até às 14h e às 14h eu subo, cuido dela até às 23h. A mãe dela chega do trabalho às 18h e vai direto para a escola. Não tenho nem tempo de descer até em casa, já fico direto até às 23h lá. Não tenho tempo para nada. Não saio mais para lugar nenhum. É. Daí 11h vou buscar essa daqui, a menina, na perua, que é ali em cima, em frente ao circo escola. Busco ela, trago, dou almoço e aí tenho mais uma hora de descanso e já subo para lá e vou até às 23h.

Pergunto sobre este descanso:

Ah, eu termino de limpar a casa. A única coisa que eu faço sempre, sempre, sempre é isso. Que eu já até me acostumei. Minha rotina é ficar mais dentro de casa, sozinha. É, eu nem saio muito. Ah, minha vida é só cuidar da casa, dos cachorros mesmo, eu vou tomar banho mas não agora. Que minha mãe chega e segura ela, daí já vou para o banheiro. Essa roupa aqui oh, só tomei banho ontem à noite. Estou com ela até agora, não tive tempo de tomar banho. Fiz tudo, lavei o banheiro, arrumei a casa.

Dolores tem uma filha quase da idade da de Rosinha, mas não pode contar neste momento com a ajuda do marido. Precisa trabalhar, mas ganha muito mal. Seu trabalho é o cuidado de crianças, inclusive sua filha, seus cachorros e principalmente da casa: “É, mas esse dinheiro já ajuda para mim comprar as coisinhas dela. Então é assim minha vida, né.” Rosinha fala de música e televisão, Dolores neste momento só consegue contar de seus muitos afazeres, afinal, dar conta de tudo sozinha deve ocupar muito tempo e a cabeça. Mas é

interessante reparar que ela cita o banho como um afazer diferente. Ela pode dedicar-se a si no banho, mas apenas quando tem tempo para isso.

E se Dolores é muito ocupada com crianças e casas para arrumar, **Lalau** fica sem tempo por uma vontade de investimento em si mesma também, sendo a única que estava estudando. 30 anos, mulata bonita e muito magra, é mãe de três. Duas gêmeas de quatro anos e um garotinho de um ano, de pais diferentes. Apenas um dos pais ajuda, mas bem pouco, e ela trabalha muito para sustentar a todos. Cuida dos filhos e eles cuidam dela. Esforçada, é a única que disse ter voltado a estudar e ter completado o ensino médio (em 2007), com muito orgulho. Lalau é de pouco papo, tem um sorriso bastante simpático e demonstra muita garra, até mesmo por arrumar forças e ter achado bom participar da pesquisa.

Minha rotina: eu levanto 5h30, porque elas ficam na creche. Então tem que arrumar elas, dar café e deixar na perua, daí por último pego ele, levo na casa da mulher. Eu trabalho de diarista e estudo, não tenho muito tempo para ficar com eles. Tem dia que eu chego 18h30, 19h. Às vezes nem consigo chegar no colégio no primeiro horário, para aula, 19h30, 19h10. Aí o tempo para mim com meus filhos, em casa, é bem pouco. Só no sábado e domingo e às vezes eu trabalho de sábado também, porque tem patroa que prefere que eu vou no sábado. A da sexta-feira, né. Então, em vez de ir sexta-feira eu vou no sábado. Ou então eu arrumo outro bico, né, por fora. Porque eu tenho três filhos, mas não moro com o pai deles. O pai delas é um e o dele é outro. Tudo bem que o pai delas me ajuda. Ele ajuda, mas agora ele ficou desempregado e agora diminuiu, mas continua me ajudando com pouquinho.

Quer dizer, enquanto Terezinha se esconde, Lalau se expande. Vai à escola, trabalha e nem por isso deixa de se preocupar e cuidar dos filhos. Estas atividades podem ajudar Lalau a se organizar e saber o que fazer, mesmo não contando com muita ajuda dos pais das crianças. Isso pode ser pensado especialmente se pegarmos sua fala um ano depois. Ela se formou no ensino médio, mas ao invés de me mostrar seu orgulho e desejo de continuidade de seus sonhos que eram cursos técnicos, etc, ela conta que agora precisa cuidar da casa. Um cuidar da casa que suga e não permite que ela estude nem que fique com os filhos. Um tempo que poderia ser despendido com os filhos, mas que quase se perde neste cuidado infinito da casa.

O espaço dos cuidados com a casa e com os filhos na vida destas mulheres é bastante grande. Como coloca Dejours (1986), as pessoas precisam se movimentar, se ocupar. Mesmo as mulheres que não trabalham fora procuram se ocupar com estes cuidados – elas acabam tomando conta do tempo pois o tempo precisa ser preenchido. Lalau parece mostrar como ter alguém para dividir o cuidado e responsabilidades iria ser bom. Como em outras falas encontramos. Mostra como é grande o esforço de cuidar de tudo sozinha e ainda investir em melhorias, em mudanças do cotidiano. Sarti (2003) coloca como o trabalho doméstico é algo que traz dignidade, já que é cumprir com a parte que lhes cabe. Uma forma positiva de olhar o contexto, que para algumas mulheres pode ser verdadeira, mas para outras é limitante – querem outras atividades, ter mais perspectiva e querem poder sonhar.

E o cotidiano é a casa, os filhos e o trabalho fora (para quem tem). Especialmente as que têm filhos pequenos despendem muito tempo com eles. Elas falam de atividades diferentes, mas deixam claro o quanto ser mãe é uma característica do tempo delas e mesmo destas atividades diferentes. Pode ser que para algumas ter um filho dê sentido, ou direção à vida.

B - Ser mãe

Rose: (...) esses dias, a mais nova estava dizendo que não sabia se ia querer ser mãe, porque é muito cansativo e se incomoda e se preocupa... Ah! Eu já fiquei triste... porque a gente sabe o que é ser mãe e quer que as filhas sigam essa trilha, é o destino das mulheres... e qual o homem – até pode ser que exista algum, né? – mas é raro ter um que vai topa uma dessas... que a sua mulher não tenha família (Scarparo, 2006: 73).

Este depoimento de uma mãe de comunidade pobre de São Paulo ilustra claramente a naturalização da função materna. Como se uma mulher tivesse o destino de ser mãe. Segundo Judith Kestenberg a maternidade é um desejo feminino desde a infância, que ganha força no momento da gravidez, quando ela ganha realidade (1983 apud SETTE, 1991: 112). Marisa Sette coloca que ser mãe é “o apogeu da feminilidade, apogeu no sentido de pleno funcionamento dos órgãos reprodutores” (1991: 113). Psicanaliticamente, a autora, assim como muitos outros autores que seguem esta linha, defende a gravidez como um momento de reparação em relação à castração. Já que os homens têm pênis, as mulheres têm filhos. Um fato que aproxima as mulheres, inclusive diminuindo diferenças entre mães e filhas, segundo Sette.

Winnicott (2005) coloca que “a inveja do pênis é um fato”, mas que com o decorrer do desenvolvimento, as mulheres se igualam aos homens. No momento em que a genitalidade se coloca, os homens invejariam as mulheres, “pois ela pode atrair o pai, ter bebês (...) e na puberdade, ela tem seios e regras, e todos os mistérios são dela” (2005: 186). O autor enfatiza o que Freud fala sobre a marca que a falta do pênis deixa nas mulheres. Uma marca ligada a um sentimento de inferioridade. Algo que Winnicott não nega que seja uma “raiz do feminismo” (2005: 186). Mas coloca que quando a mulher atinge seu desenvolvimento pleno, a inveja do homem se torna imensamente maior. O autor chama atenção para algo que pode ser encarado como tabu. Falar deste poder que as mulheres podem ter sobre os homens - algo pouco tratado na literatura. Digo tabu pois este poder, esta magia, é assim entendida como algo fora da moral. Considera-se prostitutas as que querem seduzir. Ou seja, o limiar entre o poder da feminilidade e seu encanto, sua completude, e a falta de pudor, o exibicionismo, é tênue. Uma questão que merece ampla discussão pela polêmica que traz e que pode ou não afastar a mulher de seu papel de mãe.

Fica claro que Winnicott (2005), de certa forma, também vê como destino da mulher a maternidade. Ele coloca: “Não é aconselhável fingir que o parto não acarreta nenhum risco, ou

seja, existe um perigo inerente à função natural da mulher.” Quer dizer, ser mãe só é permitido à mulher. Portanto é sim uma função feminina. Mas não precisa ser naturalizada a relação ser mulher, ser mãe.

O resultado da pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (2004), mostra que “apenas 55% das entrevistadas valorizam a maternidade” e apenas 20% falam do prazer de ser mãe! O que vai de acordo com o trabalho de Badinter (1985) que vai confirmar a possibilidade de mulheres que não se identificam com a maternidade. Esta autora defende que o amor materno é uma construção cultural que sufoca muitas vezes mulheres que não compartilhem do modelo de mãe moderna da sociedade ocidental, por exemplo:

Para os defensores do amor materno (...), a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas (1985: 15).

O desejo de ser mãe envolve questões pessoais, sociais, culturais, econômicas, políticas, etc. Mesmo que tenha sido por tanto tempo pensado como instinto, hoje já é possível começar a diferenciar este desejo: que “como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito” (BADINTER, 1985: 22). A autora fala dos complicados relacionamentos entre mães e filhos, de como o afeto das mães pode ser bastante danoso e contraditório. Fala de momentos históricos em que as crianças eram desconsideradas, em outros que eram mais estorvos que crianças, e como pode ser ameaça à sobrevivência de um casal ou uma família. Fatores que mostram pouco interesse nas crianças e do qual decorrem o alto índice de mortalidade infantil.

Fica claro que a história mostra pouco a existência de um amor materno instintivo. Mas sim que há a partir de um certo momento, uma expectativa de que as mulheres sejam mães e de que as mães sejam boas mães.

William C. Pereira, a partir de pesquisa sobre identidade em classes populares, coloca que a maior fonte de satisfação e de sentido à vida para mulheres pobres é a maternidade, pois estas não seriam realizadas nem como donas-de-casa, nem como filhas, nem como mulheres (1991 apud SCARPARO, 1996: 12). Acredito que cada mulher, cada história apresenta momentos e sentimentos diferentes. Mas esta conclusão pode demonstrar como ser mãe tem um papel muito importante para muitas mulheres. A pesquisa de Rozilda Alves (1993) parece ir ao encontro desta supervalorização da maternidade, pois as mães entrevistadas mostram uma estreita ligação entre ser mãe e ser mulher. Segundo ela, ser mãe é uma necessidade da mulher, pois é sua “atividade criadora” e passam a viver através dos filhos. E Fonseca coloca como é interessante perceber que para as mulheres mais velhas é importante ter a presença dos filhos para segurança. Os filhos são, muitas vezes, quem garante os cuidados e a sobrevivência depois de certa idade. Vânia Reis (2004) coloca que jovens pobres enfrentam uma realidade complexa, pois por mais que estudem não conseguem mudar de vida, não há grande recompensa no enorme investimento que os estudos exigem⁴⁴. Então, por mais que façam planos de vida, encontram dificuldades grandes de realizá-los. A autora defende que a maternidade e a paternidade venham como meio de suprir faltas, preencher espaço dos sonhos e planos que não têm caminhos muito visíveis. Ter filho é algo bastante visível e preenche o tempo, afazeres, sonhos, imaginações, preocupações, etc.

Algumas destas mulheres me mostraram que ser mãe é sua função no momento e apenas poderão ser mulher depois. Algumas já procuram achar um equilíbrio, mas nenhuma deixa de falar que ser mãe é a grande responsabilidade. Ou seja, ser mãe e ser mulher são características que sem dúvida interdependem, e cada uma vai dar mais ou menos espaço para cada tipo de vivência num momento da vida, do dia, conforme as possibilidades.

⁴⁴ Especialmente por, na maioria das vezes, terem que ser concomitantes às atividades de trabalho. Famílias pobres dificilmente têm condições de sustentar estudantes até ensino médio e muito menos na faculdade.

Outra questão que aparece nessas conversas é da consciência que algumas estão formando do trabalho que dá criar filho, da despesa que é e de como precisam cuidar para não terem muitos. Além de falarem da idade de tê-los, já que aparecem várias garotas (menos de 18) com seus filhos pequenos para pesar. Isto é algo a ser valorizado, já que para algumas pessoas ter filhos significa ganhar mais bolsas da assistência social. Elas reclamam de não poderem trabalhar, de terem que pagar alguém para olhar, de falta de vagas em creche, de precisarem de fralda, de leite, de não poderem descansar direito, de não terem muita ajuda de alguns maridos, do medo dos filhos entrarem para o “movimento”⁴⁵, entre outras coisas. Reclamam também de não conseguirem terminar os estudos, que largaram antes mesmo de ficarem grávidas ou por conta da gravidez. Mas há as que batalham e terminam – trabalhando e cuidando dos filhos. Os diferentes objetivos de vida vão aparecendo.

Apesar da grande maioria dos presentes nas pesagens serem mulheres e seus filhos, netos, irmãos, primos, tem sido crescente o número de homens que aparecem por ali levando seus filhos. Na maioria das vezes contam que a mãe não pôde ir naquele dia, está trabalhando – o sorteio da cesta básica pode ser um grande atrativo, mas de qualquer forma é um envolvimento de alguns, poucos, pais que vai acontecendo. Há inclusive muitas faltas a cada vez, que dificilmente são justificadas. São poucas as mães que avisam à Pastoral não poderem ir ou explicam sua falta. Talvez o vínculo não seja tão pessoal com cada uma das mães. Mas é um trabalho muito difícil de ser feito por voluntários, já que exigiria contato muito freqüente e atencioso.

Rosinha e Terezinha são as mães que menos vêem possibilidade de se verem como mulher, já que ser mãe ocupa toda e qualquer possibilidade. Rosinha diz: “Não tenho direito a nada disso, me arrumar, me divertir...” Diz que não pode porque tem a nenê, mas também porque não dá vontade naquela vizinhança. Trabalhar também não pode por não ter quem fique com a filha: “Não (posso trabalhar agora), porque estou precisando cuidar dela, sabe.

⁴⁵ Movimento é como chamam o grupo que trabalha com o tráfico.

Enquanto ela está pequenininha. Que ela precisa mais de mim. E ela também não gosta de ficar com outros. E eu também não confio não.”

Fonseca (2000) aponta a problemática das mães, que mesmo com maridos desempregados e rede de ajuda mútua na comunidade, não procuram emprego: “Quem ia cuidar delas?” Patrícia fala que não conseguem (ela e o marido) deixar a filha com ninguém! Assim como Dolores, que trabalha cuidando de filha dos outros mas não confia deixar a sua com ninguém, apenas numa creche. E a falta de vaga em creches é uma constante na São Remo. A responsabilidade de olhar os filhos entra em cena, assim como para as mães da São Remo. “Por que jovens casadas não conseguem encontrar com quem deixar seus filhos para trabalhar?” (2000: 71). E uma hipótese levantada pela autora é do quanto a autoridade do homem interfere nesta questão, já que eles acabam se apropriando até mesmo dos salários das esposas e se acomodam em casa, sem ajudar em nada, muitas vezes. Inclusive maridos ciumentos chegam a não permitir que a mulher saia de casa. Há um preconceito em relação às mulheres casadas, com filhos, que saem para passear ou trabalhar fora: “Como poderiam cuidar direito dos filhos?”

Rosinha tem seu marido que trabalha, e deve ficar em casa e manter seu laço de cuidado com a filha. Terezinha não conta com muita ajuda do marido, mas talvez acredite que se começar a se virar sozinha fique ainda pior; foi sua escolha deixar o emprego quando ficou grávida. Sua função seria cuidar dos filhos. Mas o marido a deixou, não gostou da situação. Depois acabou voltando, mas não ajuda muito, por conta do alcoolismo.

O trabalho fora de casa, além do doméstico, é um ponto delicado. Mas é interessante encontrar esta referência de Fonseca (2000) que fala das motivações para não ir trabalhar fora. Algo que para Terezinha não parece fazer tanta falta, mas Rosinha, Dolores, Amélia e mesmo Patrícia e Branca, parecem valorizar bastante. E algo que faz pensar sobre a diferença ou não do ser pai e ser mãe. Não há como aprofundar esta questão aqui, que mereceria outra

pesquisa, mas é importante pontuar como esta postura do trabalhar fora ou ficar em casa às custas do outro reflete num interesse pelos filhos, por si mesmo, pela família, pelo mundo, e como cada um destes elementos ganha seu espaço.

Mais à frente ficará claro como o trabalho faz bem a Rosinha e do quanto ela gostava de se arrumar. Rosinha não pode se divertir nem trabalhar; e por isso: “Fico estressada. Fico deprimida, mas só de olhar para ela já anima! Sei que ela precisa de mim e só tem a mim. (...) Ela é um pedacinho de mim, é minha vida!” É a única que fala mais das coisas boas que ser mãe traz. E na primeira conversa se sente feliz por ter sua filha e seu marido. É o que queria: Uma família. Talvez este seja um fator complicador também. Querer uma família feliz, não sofrer mais como sofreu antes, podem ser prioritários e Rosinha abre mão de outros valores seus. Afinal, como coloca: “Quando a gente começa a gostar de alguma coisa tem que parar com alguma coisa que estava errada, né?” Então, ela agora tem muito mais com o que se preocupar:

Ah, isso é a primeira coisa que eu tenho pensado. Porque o mundo está muito podre. Tem muita violência. Mataram menino de seis anos! (referência ao caso de João, o garotinho de seis anos arrastado pelo carro levado pelos bandidos). Olho para minha e tenho medo! Já estou querendo parar por aqui mesmo, em uma só. Já é difícil assim, criar um, imagina dois, três, daí já é sufoco, já é prejuízo. Hoje a gente está aqui, mas e amanhã? Então: é a primeira coisa que eu penso. E o pai dela também, porque ele trabalha muito e se aparecer outro agora, não ia ser fácil.

O marido a ajudava muito, especialmente na gravidez. Ela contava muito com ele quando tivemos nossa primeira conversa e esse era grande motivo de alegria para ela. Estava formando uma família! O que pode ser um sonho: “Ele, principalmente, é o ponto chave da minha vida.”

O ponto chave também para não esquecer que ter filho dá trabalho e não fazer como Branca e Terezinha que tiveram filhos sem pensar nisso. Uma difícil tarefa a cumprir: “Não é fácil não. Mas de vez em quando dou uma chinelada!” Terezinha vê e fala das

dificuldades e se preocupa com os filhos, mas não fala como Rosinha da filha. Já não parece sentir prazer em cuidar deles, ou brincar com eles. Terezinha já não se vê diferente deles:

Fui tendo um atrás do outro e eu não pude dar conta de tudo. Sempre fui meio maluca. Quando eu vim para cá, me envolvi com o pai, que é o mesmo pai dos dois. Daí engravidei e não quis nem saber. Eu trabalhava em casa de família e não quis nem saber. Falei para o pai deles continuar trabalhando que eu cuidava dos meninos. Aí logo depois engravidei de novo. De outra pessoa, porque ele também não quis saber. Daí fiquei sem lugar para ficar, dormi às vezes na rua, sabe. Aí chegou a hora deles irem para a escola. E o de 14 sempre apresentou um temperamento muito forte, sabe. Começava a chorar e não parava mais. Nada acalmava ele. Eu pagava uma menina para cuidar, mas você sabe que tem gente que não está nem aí para cuidar de filho dos outros, só quer saber de receber. Ela não cuidava direito. Ele teve um problema sério no ouvido. Ele sofreu muito.

Um problema atrás do outro e a culpa de não ter se cuidado antes e pensado em controlar o número de filhos, em continuar trabalhando. Repete algumas vezes que são muitos e não dá para dar conta de tudo sozinha. Fala inclusive que o mais velho está bem, estudando e trabalhando, por não ter sido criado por ela. Algo que não teve como saber se era crítica dela ou internalizada por conta do que falam as vizinhas. Conta que veio do Norte para fazer filho! Ri envergonhada da brincadeira e conta que o pai era muito rígido e ela quis sair de casa. Quis sair de casa para expressar sua feminilidade, que o pai tentava abafar, e ela se confrontou com a maternidade. Ser mãe, para Terezinha, se mistura com o ser mulher. Não pensava nas implicações disto. Ou talvez pensasse que tendo filhos poderia limitar sua vida a criá-los e isso seria confortável. Hoje fica procurando ajuda dos outros e vai de um serviço a outro procurando usufruir de todos os seus direitos.

Na hora de pensar em algo diferente para fazer, não consegue ver nenhuma possibilidade, só ser mãe. Sempre: “Aqui na São Remo não tem nada – só, assim, ir na reunião da escola.” Cuidar dos filhos é o que a mantém viva, ou ocupada. Falam que ela é largada, mas ela acha que não pode se cuidar. “Primeiro eles! Tem mãe que anda tudo nos trinques, parece

morador da corte. Eu não posso. Tenho que cuidar deles.” Assim como para Rosinha, a responsabilidade de ser mãe vem antes de tudo. Mas no caso de Terezinha, vem antes mesmo de ser ela mesma.

E nesta mistura entre os filhos e ela, já que a vida dela é olhá-los, fica difícil entender o que a médica diz sobre ser mãe (como apresentado abaixo), fica difícil entender que o filho pode precisar de algo diferente do que ajudá-la, já que ela vive por eles:

Está tão difícil. Porque ele não vai à escola e eu fico pensando, se eu morrer hoje o que vai ser desses meninos! Porque daí, as minhas irmãs, cada um tem seus problemas. Quem mais ajuda é minha irmã mais nova. Mas ela também tem três filhos, é separada. O (filho) mais velho passou na psiquiatria. Ele lava a roupa bem, ele cozinha. Apesar de ser homem. Mas estou sempre explicando para ele, corrigindo. Mas ela passou para ele que ele não pode fazer nada! Achei errado, sabe. Porque eu falo assim: “Pensa bem. Você é o mais velho, você sabe fazer as coisas, aí passa a não fazer. Vai virar uma bagunça!” Ele reclama e pergunta por que ela não chama outro filho. “Posso até chamar, mas você sabe, ele gasta tudo. Amanhã a gente não tem mais (produtos de limpeza). Desperdiça muito”. Agora, tudo ele fala: “Vou falar para médica!” “Pode falar até o presidente!”

Outra que não sabe bem o que fazer com os filhos é Branca, que também foi tendo um atrás do outro, mas já diz ter feito cirurgia para não ter mais que três, que já lhe dão bastante trabalho: “Achei que você ia dar algum conselho. Esses meninos são muito bagunceiros. Mas me estresso com as vizinhas que ficam falando, xingando. Não acho isso certo. Eu vim de Goiás, mas só que eu não falo da vida dos outros.” Uma vizinha que não perdoa! Parece cobrar mais, penalizar mais, do que colaborar. Mas não se sabe o quanto já se passou e se Branca pode enxergar a ajuda que podem dar. Apesar de ela ser muito agradecida à família que a acolheu. E se a vizinhança critica, ela pensa em pedir outras ajudas, já que se sente incapaz e parece querer fazer outras coisas:

Acho que vou ter que mandar ela para ficar com o pai um tempo.” É muito difícil criar filho, ainda mais se não tem ninguém para ajudar, nem mãe, nem pai. Parente nenhum. Eu sei que a vida não é fácil. Eu perdi minha mãe com 14 anos. Minha tia me levou para morar com ela, mas quando cheguei lá ela me pôs para trabalhar na casa de uma mulher para ganhar uns trocados para ela. Trabalhava de noite, de

madrugada (...) e de manhã ia para escola. Pedi para ir morar na casa do meu pai. Mentira, porque nunca conversei com ele. Ele me rejeitou desde criança. Nunca me deu uma balinha. O mais importante é o amor né? Mas não sei o que é isso. Fiquei vivendo com minha avó e cuidando dela. Quando eu estava grávida da primeira de três meses ela faleceu. Vi ela morrer, cuidei dela até o último momento. Chorei, mas Deus sabe o que faz. Ela tinha derrame. Só comia da minha comida, fazia xixi num penico, mas vazava e sujava o chão, a cama. Os outros falavam que lá em casa fedia. Por mais que jogasse desinfetante não saía. Ela morreu segurando minha mão. Daí saí dela e fui morar na casa dos outros.

Se em alguns momentos parece que mais um não faz diferença, em outros ela pensa em mandar a filha para viver com o pai. Um pouco confusa com seu sofrimento, sabe que sua experiência foi bastante ruim. Não sente que internalizou amor suficiente, ou noção de família, para dar conta dos filhos, mas diz que veio para São Paulo para não ser obrigada, pelo pai da filha, a entregá-la para morar com a sogra no Mato Grosso. Talvez tenha um modelo de ser mãe que não vai ao encontro do que sente, mas mostra como luta pelos filhos e pela vida: dificuldade intransponível é “não ter boca para pedir”! Conta, porém, como cuidou da avó e como isso foi forte. Então constrói uma possibilidade do que seria uma vida boa para ela e os filhos: “Ah, deixaria tudo limpo e os meninos iam brincar lá fora. Lá em Brasília era bom, minha amiga tinha um quintal grande e a gente ficava lá.” Sem grandes sonhos, apenas uma rotina mais tranqüila, perto de amigos e com tempo de ficar sem obrigações e preocupações. Ser mãe, mas ser mulher e amiga também.

O modelo de boa mãe, daquela que deve se abandonar para cuidar dos filhos, está presente em todas estas mulheres. E Sette (1991) traz uma consideração importante, que nem sempre essas mães levam em conta e muitas vezes, se não sempre, gera muita culpa. Esta autora coloca como a maternidade muda o físico, o emocional e o cotidiano das mulheres. Atualmente esta complexidade é ampliada, pois há ideais, ou modelos em conflito: o da boa mãe e o da mulher independente. O que está muito presente nas falas das mães da São Remo. Se ter filho é algo que as completa, é também algo que as tira do mundo, ao menos por um

tempo. E se há um ideal materno, que educa bem, que ama incondicionalmente, elas temem não dar conta. Por desejar corresponder ao ideal, mas também pela real preocupação com a vida de seus filhos.

Patrícia, como as outras, quer ser boa mãe, mas também quer se divertir e ter tranquilidade. O cuidado com os filhos a estressa muito, pois eles não a obedecem e não ajudam como ela gostaria. Sabe que sua realidade é muito melhor que de muita gente e isso a faz sentir-se feliz, mas também acha que há muita coisa que os outros precisam aprender para ser mais fácil ser mãe, ser mais fácil viver:

Ah, então, eu estava muito estressada. Ainda estou. Eu estou um balde de estresse. De manhã eu trabalho, chego 12h mais ou menos. Meu marido já tinha feito comida, lavado a louça. Olha a filha menor para mim, porque hoje em dia, nunca sabe, não dá para deixar com ninguém. E é bem melhor ele ficar com ela, porque ele trabalha à noite, e ele achou melhor. Aí eu chego, faço algumas coisas em casa, dou banho nela, comida ela não come e é o momento que eu me estresso com ela. Porque ela não come, aí eu tento dar comida para ela e ela não quer. Daí eu me estresso. Ai, criança dá trabalho. Hoje mesmo a gente deu uma geral ali, tiramos umas coisas, porque estava entrando rato. O meu filho fica o dia inteiro na escola, porque é escola integral. Ele é teimoso. Já... ele é teimoso. Eu falo as coisas e parece que ele não entende. A gente fala hoje para ele e mais tarde ele já faz a mesma coisa. Aí eu já começo a me estressar também. Já falei para ele que ele tem que conversar mais com a gente. Tem dia que ele chega, só dá boa tarde, toma o banho dele e já... ele não vai no computador porque eu já falei que só no final de semana jogo. Mas antes era direto.

Mas eu sou feliz sabe. Me considero feliz! Tenho minha família, a gente se dá muito bem. Eu o marido e os filhos. É que parece que a gente vai a cada vez tendo mais coisa para fazer, tendo mais pouco tempo. Aí a gente vai se estressando... mas eu sou calma. Não é toda hora que fico estressada. Eu era mais calma, agora sou mais estressada, mas eu acho que a vida colabora. A vida vai colaborando. Não é nem tanto pelas coisas que eu faço assim. Às vezes é uma coisinha que meu filho faz que eu já me estresso. Eu falo: 'Filho, você tem que ver o seu horário para dar tempo de acordar, tomar café, escovar o dente e ver o horário de ir para escola e já levanta e arruma a cama. Ele faz isso dois dias e já esquece. A gente ensina, ensina, ensina e eles parece que esquecem. Aí também estresso. Ele já está grandão, então dá vontade de relaxar. Mas no outro dia você vai pensar que não é assim. Que a gente que é pai tem que ensinar, ensinar. Até cansar, aprender, sei lá. Ai, Deus.

Que difícil educar os filhos, criá-los, ajudá-los a serem pessoas corretas, a colaborarem, darem menos trabalho! Talvez nenhuma delas imaginasse quão difícil seria. E a reação de Patrícia é o estresse. Não sabe o que fazer e fica brava, se exaure. Mas tudo isso vem junto com um saber de que está tudo caminhando. A felicidade está junto do carinho pelos filhos, que assim como o marido, estão sempre junto para os passeios. Mesmo falando de todo trabalho que dão, ela já brinca em esperar o terceiro:

A (gravidez) do filho eu era adolescente. Mas a da filha foi muito querida. O filho também porque depois ficou querido. Mas aí eu estava louca para engravidar e tive que conquistar muito meu marido para ter outro filho. Ele não queria. Aí, fiquei grávida com três meses perdi. Foi espontâneo. A médica disse que em cinco meses poderia engravidar de novo e aí veio a filha. Mas na gravidez dela não tive trabalho nenhum, fazia exames e trabalhava normal. Mas às vezes dava crise de choro. Qualquer coisa chorava. Mas não tive complicação nenhuma. Foi ótimo. Estamos programando o terceiro (olha para o marido e ri). Agora não tenho vontade não, mas a gente não sabe o dia de amanhã. Vai que amanhã amanheço grávida! Estou nova ainda, estou com 29 anos. Quem sabe aí para frente.

Ela está com peso baixo, mas nunca chegou a diminuir o peso. Toma sulfato ferroso. Toma dez dias não um sim (risos). Estou esquecendo. Do Henrique, dela, todo dia! E também estava manchando o dentinho dela. Não queria que manchasse o dente dela. Daí o dentista disse para dar o sulfato ferroso logo depois de escovar os dentes dela, para não grudar ferro nas sujeirinhas. Mas aí a pediatra disse que não sabe cuspir a pasta de dente e engole e dá problema no estômago. E então é para lavar com água. E isso tudo eu faço. Mas é que a gente relaxa. Mas eu tinha que dar, porque ainda mais que ela não está comendo as verduras, legumes, essas coisas... precisa. Vai que ela pega anemia. Deus me livre. Só esse momento mesmo que dá trabalho. Já coloquei pratinho e ela vira tudo no chão. Aí às vezes ela pega do chão para comer. Mas não pode.

Fica claro como o trabalho e o estresse também vêm de querer os filhos lindos e saudáveis. Perfeitos! Como dar conta de cada detalhe? O bom é contar com apoio, especialmente especializado:

Desde 1 ano e 7 meses está na escolinha. Já está com 2anos e 3meses dia 9. Aqui na creche do Jaguaré. Abriu esse ano. Não é assim, só da prefeitura. Já aprendeu tanta coisa lá! Está esperta. Quando ela está em casa já fico preocupada do que vou dar para ela comer... porque já estou mais acostumada com ela lá. Aí adoro quando ela está lá que não me preocupo. Cuido só da casa. Lá ela não

almoça mas janta – agora já está comendo e está crescendo bonita. Quando ela tem fome ela come. A perua está passando mais cedo, então saímos mais cedo. Já vou direto para o trabalho pois pego carona até a Politécnica. Chego mais cedo e saio mais cedo. Não tem horário certinho. Faço o serviço e vou embora.

Tendo ajuda, os filhos crescendo, parece que as coisas vão se ajeitando e ser mãe vai ficando mais gostoso.

Esta vontade de se divertir é encontrada nos discursos, mas muitas dizem que já não podem mais. Rosinha, por um lado, conta como pode se divertir com a filha: “Gosto de tudo (que é música), um pouco de tudo. Aí ela dança, é mais ela. Ela mexia tanto na minha barriga que falavam que ela ia ser bailarina, e não é que é mesmo?!” Mas conta também o que gostava de fazer antes de ser mãe: “Aqui, como não achei (futebol), comecei a andar de bicicleta mesmo. Chegava sábado e domingo, a gente (ela e o irmão) acordava às 8h da manhã e começava a rodar isso aqui tudo. A Raposo inteira até o Jaguaré. Era eu e ele.”

Dolores é outra que fala de diversão que podia ter antes de ser mãe. Diversão que tinha até com o marido, mas que a filha acaba impedindo. Ser mãe exige mais responsabilidades e Dolores, apesar de moça, percebe bem isto. Não imaginou que seria tão difícil, quis dar a primeira filha ao homem que ama, e enfrenta:

Eu amadureci depois que eu tive minha filha. Porque antes, ‘ishi’, eu era ‘mó’ doida. Tinha cabeça para nada, pensava em nada, era só eu. Só me arrumar, ficar chique, sair final de semana. Também estudava. Estudava de manhã. À tarde? Ficava na rua. Ia para a casa das vizinhas, das minhas amigas, às vezes ia dormir na casa das minhas amigas. Antes ia até para o forró, que eu curtia... Antes eu ia só para o forró, ou salão, música black, música tecno.

Não vêem como voltar a fazer isso agora, afinal cuidam das filhas o dia todo. Se prendem muito a este cuidado. Dolores tem marido que provia a casa, mas este está preso e ainda demora alguns meses. Ela pensa em trabalhar, mas diz que está difícil arrumar alguma coisa, até porque precisaria de creche para deixar a filha. Tomar decisões que podem mudar a

rotina também é difícil. Mexe com as expectativas de todos e pode gerar falatório, fofoca. Afinal, a honra é algo importante, como dito anteriormente.

E Fonseca acrescenta: “Não existe noção particular de honra ligada à moça solteira. (...) a da mulher gira quase exclusivamente em torno de suas tarefas domésticas na divisão do trabalho: ela deve ser uma mãe devotada e uma dona-de-casa eficiente. As mulheres se orgulham da maternidade” (2000: 31). Por isso a rotina aparece resumida a esse cuidado: apresentando-se como mulher honrada! “E quando uma mulher quer criticar a outra, é geralmente nessa área que atacará” (FONSECA, 2000: 31). Como uma das moças da paisagem falando de sua irmã. Reclamando que esta não tem mais dinheiro, traiu o marido e não cuida direito dos filhos. Ela e os irmãos estão ajudando o ex-marido da irmã, pois ele sim quer cuidar dos filhos! Ela não merece ajuda pois enganou o marido. De certa forma, o julgamento sobre Madame Bovary permanece.

Assim também acontece com Terezinha, a quem muitos criticam dizendo que ela não dá exemplo aos filhos, que não cuida deles nem da casa, que não faz nada da vida. Algo que a ofende tanto que o máximo que consegue responder é que vai brigar ou diz algo que sabe não ser verdade. Quer dizer, se ela não é boa mãe, ou dona-de-casa, o que é ela?

Ser mãe é abrir mão de muita coisa, mas Rosinha não deixa de falar da filha como um presente, um motivo para viver. E já na segunda conversa, a família não é o mais importante, mas sim ser mãe. O que implica dar modelo, mostrar o que é honra, o que é moral: não baixar a cabeça, ou talvez não levá-la tanto às nuvens.

Tem que ter limite. Minha mãe disse que antes de conhecer ele eu não levava desaforo para casa. Não levava mesmo. Era criança assim, naquela parte de gostar. Acreditava demais. Agora no outro não, não tinha isso. Tinha problema na escola já resolvia lá mesmo. (...) E aí, depois que conheci meu marido eu resolvi ser calminha, escutar, porque eu gostava do meu marido, não sei o que... Isso foi só me matando, me destruindo. Só que daí eu acordei. Parecia que eu estava dormindo. Hoje não escuto mais não. Agora eu tenho que viver para ela. Não vou ficar agüentando. Tem que ensinar a ser

gente né?! Porque se eu mostro uma coisa para ela, que que ela vai ter de mim depois?

A gente não aprende só acertando. Se não a gente cresce achando que não vai errar. Às vezes é bom tomar um tombo para aprender.

Viver pelo marido não a alimentava. Precisou de novo impulso para querer se sentir viva. Faz um grande desabafo para falar que não quer mais se sentir humilhada. Está batalhando para encontrar uma forma de obter reconhecimento de si.

Terezinha também não vê possibilidade de trabalhar, não pode se divertir, não pode fazer nada que não seja cuidar dos filhos, que dão muito trabalho e tomam o pouco dinheiro que ganha do auxílio do governo:

Eles são, eles são... encrinqueiros. São moles que só, sabe. Gostam de arrumar confusão. Xingam os outros. Hora nenhuma eu dou razão a eles, mesmo tendo. A não ser que alguém pegue e venha bater. Aí não posso deixar. Mas aí quando vejo que já vai ter confusão já ponho para dentro... Para evitar. Porque tem que fazer amizade, né.

Ela tem muito a cuidar. O que será ser um bom modelo para os filhos? Assim como Rosinha se preocupa, Terezinha fica tensa ao ver os filhos com inimizadas. Sente que eles dependem muito dela, tanto que se preocupa que se não estivesse ali, talvez eles não sobrevivessem. Uma atividade de vida ou morte ser mãe: “É. Continua tudo na mesma. Não adianta ficar esperando que as coisas mudem. A gente tem que se mexer!” Mas como é difícil.

E com uma situação tão pobre, o crime fica ainda mais próximo. Se preocupa com o tráfico na região e conta história de outros que estão envolvidos. Preocupada. Seu segundo filho começa a se envolver neste meio e dizer que vai matar etc. Conta episódio de desespero, que bateu, mas ficou culpada. É algo que a preocupa tanto, que quando pergunto sobre a convivência em casa de tanta gente ela diz:

Não é fácil não. Mas de vez em quando dou uma chinelada! Aí, o meu filho fica olhando os que ficam pitando, né, que ficam conversando na calçada. Tudo assim, eles pensam que é dinheiro. Mas eu estou sempre falando: ‘ó, eles andam bem vestidos, bem calçados, mas eles têm a consciência pesada, porque não estão fazendo coisa certa’. Eu falo muito de Deus, sabe. Falo que Deus não está se

agradando. Que se a polícia vai ali eles se escondem. Você não vê? Porque eles estão devendo. (...) Deus me livre e guarde!

Terezinha é das poucas que me fala amedrontada sobre a violência, ou o crime, ali na São Remo, e relaciona isso à preocupação com os filhos. Amélia vê que os seus estão bastante envolvidos com a igreja, os estudos, os esportes e parece mais tranqüila. Patrícia se preocupa com o tempo que o filho demora para voltar da escola para casa, mas não me fala o porque disto. E as outras ainda têm filhos muito pequenos. As preocupações são infinitas e o trabalho com eles também. Mas elas não parecem medir esforços.

Branca, que acha muito duro e quer menos peso, também não mede esforços para não deixar faltar nada a seus filhos:

Eu acho que pedir não é vergonha nenhuma. Vergonha é roubar. Já passei fome, mas ela não passava. Não tinha onde morar, mas pedia comida. Trabalhei na casa de uma mulher que não me pagou até hoje. Deus vai cobrar dela. Enquanto eu tiver boca para pedir vou enfrentar tudo. Meus filhos vivem de coisa dada. Roupa, leite.

Esse esforço quase sem limites é encontrado também em Dolores, que também passa grande dificuldade com a filha e em Lalau, que trabalha muito e se planeja para criar os filhos sozinha. Ela não sente falta de descanso, mas sim de tempo com os filhos. Mesmo quando já não estuda mais, diz que fica nos cuidados com a casa e não com eles e que a sobrinha que os leva passear: “Minhas sobrinhas e a babá levam as crianças passear no shopping, no Mc Donalds, mas não tenho tempo de ir junto.” Não reclama do pai das meninas, mas fala que elas reclamam. Assim como reclamam que ela devia passear mais. Uma preocupação dos filhos com a mãe, quase um reconhecimento do esforço desta. Sentem falta do pai e queriam que morasse mais perto (mora em cidade do interior paulista). É ele que ajuda financeiramente. O pai do caçula não ajuda. E talvez ela também quisesse contar com ele mais próximo. Mas com isso é possível perceber como ela precisa dar duro para criar os três.

Dolores encara a responsabilidade de ser mãe, tão diferente da que tinha antes, especialmente por ainda ser adolescente, e vai em frente: “Tem dia que a gente não tem nem

o que comer. Ai, é difícil. E eu fico preocupada né. Porque eu não ligo de eu passar fome, mas minha filha sim... Tem dia que eu fico em desespero, sem saber o que fazer. Tem vezes que eu saio andando assim, para ver se arrumo um leite para ela que é difícil.” Emblemático, no sentido de que por ela não pediria, nem se esforçaria tanto, mas pela filha ela precisa fazer!

Dolores é a mais nova das com quem converso. Mas pela idade dos filhos, a maioria delas teve os primeiros filhos muito novas. Reis (2004) faz um trabalho com jovens da periferia de São Paulo para entender o porquê da gravidez adolescente. Ela fala de modo muito interessante como há muita coisa a ser compreendida:

Ser pai e mãe, constituir família, assumir as responsabilidades de um lar. Viver a sexualidade desde cedo, sob os arroubos da paixão, do amor ou da curiosidade. Buscar o amor que liberta do controle familiar. Pensar na vida como o presente, deixando o futuro ao que virá. Acreditar que o filho será assumido sob égide do companheirismo e, como em um conto de fadas, o abandono não existirá. Buscar na companheira a compreensão adulta que ajudará a enfrentar as conseqüências do desemprego. Esperar do companheiro a garantia do sustento. São muitos os desejos, expectativas, esperanças, sonhos que podem conduzir jovens a viver a maternidade e a paternidade em tenra idade e sem condições materiais e financeiras de assumi-las. O que é considerado por muitos jovens “um acaso” ou “obra do destino” é fruto de complexas relações, que vão tecendo sentidos e práticas (2004: 11).

A autora ressalva a compreensão dos jovens com quem trabalhou. Para eles nem se fala em adolescência. São crianças, jovens ou adultos. Mostra como precisam logo lidar por si mesmos com as exigências da realidade, com pressões sociais, e para isso precisam crescer. Dar suas respostas sob sua responsabilidade. As dificuldades fazem as pessoas crescerem, nos contam Rosinha, Branca e Dolores.

Reis (2004) mostra como a gravidez não é considerada um problema nas camadas pobres. Quer dizer, se para estudiosos do tema, a gravidez na juventude é um problema social, para as camadas populares, é uma forma de “compromisso afetivo”. Não é a gravidez que perpetua a pobreza, mas sim a pobreza que envolve uma rede de condições difíceis de se desvencilhar. Assim, a gravidez acaba como um meio de se ligar a outras pessoas, de ampliar

redes de solidariedade. É claro que há o medo de abandono e de não conseguir sustentar o filho, mas há uma idéia de perpetuar-se no mundo também. Especialmente os garotos envolvidos no crime pensam em sua vida como uma vida curta e ter um filho é deixar uma parte de si no mundo (informação pessoal)⁴⁶.

Outro ponto interessante é quanto ser mãe solteira deixa de ser uma questão moral neste âmbito social, para ser uma preocupação econômica. As meninas precisam dar conta sozinhas, com sua família, das contas trazidas pelos filhos. Mas como mostrou Dolores, é a batalha que vão assumir!

Mas Dolores ainda se vê como filha. Como mãe e filha, sofridas, e vê este sofrimento passando de geração em geração, assim como o amor: “É. Mas assim, de tudo, sofrimento, necessidade, dentro de casa, tudo. Tudo que minha mãe passou, eu estou passando. Daqui a pouco ela está chegando aí. Ela é bem nova. De aparência.” Além do da mãe, o sofrimento da filha também é reconhecido: “É. Tudo que eu passei na vida ela está passando. E tudo que minha mãe sofreu na vida, passou... Única coisa que mudou, só, né, uma parte da história, é que meu marido não me abandonou e o da minha mãe abandonou ela.” O marido não abandonou, mas também não está presente. Ela sente esta falta. Isso a faz sofrer. Fala muito da relação ruim que tem com a família do marido, o que torna sua vida muito mais difícil. E ao mesmo tempo, quando fala de sua família, mostra como todos se ajudam e há muito carinho, o que faz bem a ela.

Lalau tem cinco irmãos aqui, com filhos e trabalho. Uma irmã faz faculdade. Todos “trabalhadores”, “batalhadores”. Cada um cuidando de sua vida. De suas obrigações e suas diversões. Sente muita falta da mãe. Ela ajudaria a cuidar dos filhos. Quer dizer, apesar de ser uma mulher forte e lutadora, sente que ser mãe seria mais tranquilo podendo contar com apoios mais afetuosos. Poder contar com um colo para si em alguns momentos: afinal, ela

⁴⁶ Ouvei de um garoto interno da Febém, de 17 anos, seu grande desejo de ser pai logo. Outros falavam disso também e ele disse que muitos pensam como ele.

batalha por seu crescimento também. E assim, também sente os momentos de necessidade de cuidado: “No domingo, costumo visitar a avó dele, minhas cunhadas. Lavo roupa, organizo um pouco as coisas. Gosto de andar na USP, ir ao parquinho com eles.” E assim pode descansar um pouco.

Veio do Piauí com 17 anos e está com 30. Quando chegou não tinha filho, “não precisava se preocupar com nada. Se soubesse ter administrado o que ganhava, não precisaria pagar aluguel, não passaria por tudo que passo hoje. Eu não sabia valorizar meu suor antes.” Sente falta da vida que levava, que lhe agradava – ir à praia, sair com as amigas. Mas já não pode mais. Deve dar conta de si e dos filhos. Já não pode trabalhar à noite, o que diminui o salário. Precisa abrir mão de um momento da vida que era muito bom. E ela abre, em nome dos filhos. Sabe o que precisa fazer. Ser mãe.

E como luta hoje, pois não é só ela mesma que depende de seu suor, aprendeu a valorizá-lo ou, o valor mudou. Voltou a estudar e briga na justiça pela ajuda que o pai de seu filho deveria lhe dar. Está correndo atrás também de colocar o filho na creche, pois o pai é funcionário da USP e ele teria direito lá, por sorteio, “o que facilitaria muito!” As filhas: quer colocar no CEU, que é período integral e diz que assim não teria com que se preocupar. Na fala de Patrícia esta confiança e alívio de ter os filhos cuidados na escola aparece de forma muito clara. Algo positivo, mas também merecedor de atenção, pois as escolas não podem fazer tudo sozinhas e precisam da presença e ajuda dos pais cotidianamente.

Ir atrás do que lhe é de direito é algo que elas fazem. Ou a maioria delas. Dolores não é diferente e vai atrás do que pode pela filha, especialmente, pois também acha que já foi seu tempo de diversão: “Ah, porque a gente também já curtiu bastante, nós dois antes de ter filho.”

Serem pais foi um desejo do casal, mas ela não imaginava que seria tão difícil. “Eu só tive mesmo porque nós dois quisemos ter ela. Ela é a primeira filha dele. É. Ela foi a primeira

filha dele, tudo. Mas até que por algumas partes foi boa né. E ele está lá e eu vou esperar ele vir, né e respeitar ele. E só.” Meninas da idade dela estão com outra rotina: “Curtindo... e eu cuidando de criança. Ah, a gente nunca mais saiu né porque... (as amigas) Nem vêm aqui muito, às vezes eu que vou lá, mas... é difícil a gente se ver também. Outra vida (fala baixo). Completamente outra vida.”

É das poucas que conta com a Associação de Moradores:

A sede é bom, que dá leite lá né? Dá quatro litros. Aqui embaixo dá só dois. Quatro litros, dá duas vezes na semana, dá oito litros. É uma grande ajuda mesmo! Nossa. Eu conversei com a Mônica, da sede, essa semana. Ela disse que no domingo vai ter uma reunião às dez horas da manhã, que é para mim ir. Que aí eu já levo meu RG e os documentos.. ò, vai acordar a menina! (dá bronca na Stela). E os documentos dela e fazer inscrição para pegar leite. Daí na terça-feira já começa a pegar. Graças a Deus que eu consegui, viu, porque às vezes é difícil demais.

Mesmo assim, mostra sua esperança numa ajuda espiritual: “É, se eu arrumasse um trabalho que eu pudesse levar ela ia ser uma maravilha. Ia ser uma benção. Ia ser a melhor benção que Deus ia me dar.”

A resolução do problema que enfrenta agora seria toda a felicidade possível! Algo melhor que a “benção” de ter sua filha. Diz que a filha é benção, mas neste momento o melhor é resolver os problemas, alguns até gerados pela presença da filha. A filha que quis ter com o marido, que era a primeira filha dele, o homem que ama e espera: “Quando ele foi preso ela estava com quatro meses. Aí, depois desses quatro meses dela até hoje. Ela já anda, já fala, tudo, ele nem (..) nada.” Pergunto se essa é uma parte boa de acompanhar e ela responde com pouca empolgação. O peso que vem carregando está muito diferente do que imaginava:

É, né. É o destino, eu acredito em destino. Eu acho que tudo isso que está acontecendo, que eu estou tendo que passar na minha vida é tudo o destino que prepara para a gente. Que a gente nunca sabe o que o destino prepara para a gente. Mas também eu não esperava que eu fosse passar por isso, nunca. Mas fazer o que né, aconteceu...

A crença num destino é uma postura religiosa que exige certa resposta à vida. Quer dizer, para o destino se concretizar é importante responder a ele e ao que ele lhe reserva na vida. Chauí (1984) explica como Deus, na cultura popular, é algo sagrado a que se deve seguir e pelo qual se é cobrado a ser sempre melhor e mais, já que sua imagem é da perfeição. Portanto, servir ao sagrado é agir, é atuar, é trabalhar. A ação é a mediação entre o sagrado e o homem: a vida. Assim aparece Dolores, trabalhando por seu destino, afinal, vai à Associação pedir leite, sai pela rua pedindo ajuda, trabalha cuidando da sobrinha, cuida de sua casa, benze sua filha, etc. Se deparar sozinha para lidar com tudo isso, também assusta. Ela não imaginava que aos 17 anos estaria nesta situação. Então contou com a ajuda da magia: “É, sempre benzi lá. Quando eu vim morar aqui eu descobri que tinha essa benzedeira e eu levava e minha filha realmente melhorava mesmo.” Quer acreditar na benção de Deus e em meio a sua rotina tão cheia, encontra tempo para procurá-la: “Dá, de manhã dá, né. Se ela tivesse na creche, porque com ela não dá para andar, com ela nos braços, porque cansa. Mas não aparece emprego nenhum, as creches não chamam...” Tempo há, mas a necessidade de cuidar da filha atrapalha. Por isso enquanto esteve na casa da mãe tudo caminhou de forma diferente.

Amélia tem a ajuda do marido, que trabalha muito para dar boas condições de vida à família. Assim, ela pode cuidar com mais calma de agradecer a Deus, de cuidar da casa e dos filhos e de pensar em sua vida. Amélia sabe que está fazendo um bom trabalho, mas assim como Branca, sente muita falta de demonstrações de amor de sua mãe. Tem um modelo do que deveria ser relação mãe e filha – que estabelece em sua casa – e se sente pouco amada:

Minha família é primeiramente Deus, segundo meu marido e terceiro meus filhos. Minha família (mãe e irmãos) não tem união. Minha família não tem paz. Posso fazer aniversário, posso adoecer aqui, que minha mãe não sabe, minha mãe não liga para mim. Não tem amor, não tem Deus no coração. Ela acha que os filhos é que têm que correr atrás da mãe. Ela como mãe não tem como correr atrás de mim, entendeu. Acha que eu como filha que tenho que “badulejar”... Ela queria que eu fosse correndo quando minha irmã ligou (dizendo que a mãe estava doente). Mas eu não moro sozinha, tem meu marido, meus filhos, não dependo de mim. Desde que você casou,

você tem que dar satisfação mais para seus filhos e seu marido. Sua mãe não é mais tão chegada assim. E não sou só eu! Bem estou eu que estou distante deles. Minha irmã que está lá, sofre mais que sovaco de aleijado! Se eu quero o amor dos meus filhos, o carinho deles, a amizade deles, eu também tenho que correr atrás. Se vê que você não apareceu, deveria ficar preocupada e ir ver o que foi!

Para ela, ser mãe é se declarar. É estar sempre presente. E ela se defende, falando que deve isto a sua família, esta presença. No meio desta tristeza, quando pergunto a ela se os filhos ajudam a dar vontade de levantar da cama, ela me responde de uma ajuda relacionada à educação dos filhos: “Ele arruma a cama dele. De quarta ele está de folga do CEPEUSP⁴⁷, daí peço a ele para tirar o pó e ele tira.” Quer dizer, eles ajudam sim. Uma ajuda valiosa que faz falta a Patrícia, como colocado anteriormente. Ela se orgulha deles e sabe que eles todos, na família, na casa, têm feito um bom trabalho! Tanto que não dão muito trabalho e ela quer sair em busca de mais:

É! Aí fica difícil, porque se eu vou trabalhar num trabalho desses, meus filhos ficam largados. E quando eu chegar ela já vai estar dormindo, porque ela vai dormir 19h. Então eu não ia poder aproveitar nada com ela. Até 5h da manhã eu vou, mas nesse horário não. Era para trabalhar no Iguatemi ou no pronto socorro do Jaguaré. O outro que apareceu, esse que eu estava te falando, era aqui na USP, da firma da União. Esse era das 12h às 22h. Não trabalhava nem sábado, nem domingo. Eles têm três turnos.

Se reclamam que não aparecem oportunidades, este não é o caso de Amélia, que pode dizer não a várias delas, até achar a que se encaixe com seus interesses. Mostra seu amor nesta vontade de compartilhar, de estar perto. E isso é ser correto para Amélia. Priorizar coisas na vida, especialmente a convivência familiar (que para ela inclui a igreja), é o que leva ao caminho certo. Amar o outro, mas mais ainda à lei que orienta a convivência:

Ah, eu não sei se é difícil. Porque a pessoa vê que está errado e dizer que está certo? Até meus filhos, se estiver errado está errado. Não vou dizer que está certo. Porque tem mãe que o filho está errado e fica dizendo que está certo. Não acho isso justo. Se estiver certo eu morro correndo atrás de mostrar que eles estão certos, não é? É duro, porque ensina tudo no caminho errado, do jeito errado. Então a gente tem que ensinar no caminho certo.

⁴⁷ Centro de Atividades Poliesportivas da Universidade de São Paulo.

Esse cuidar dos filhos, essa responsabilidade da maternidade levada tão seriamente por elas, pode ser relacionado ao sonho de que os filhos tenham uma vida melhor do que a delas. Sylvia Leser de Mello (1988) fez pesquisa com empregadas domésticas, moradoras da Vila Helena, em São Paulo, buscando o sentido do trabalho e da vida para elas. O que aparece como grande expectativa de futuro para estas mulheres é a educação dos filhos, um futuro melhor para eles (1988: 121-156). A maioria delas não era de São Paulo e não tinha estudado. Elas estavam na luta por eles.

Mas, além de Terezinha, que diz que a única coisa que há para fazer na São Remo é ir às reuniões de escola (mais como passa tempo do que com significado educativo), Amélia acompanha a escolaridade dos filhos. Ela estudou até a oitava série antes de vir da Bahia. O marido fez até a quarta⁴⁸ e não quer mais estudar. Mas ela acompanha as reuniões da escola das crianças, para sair de casa, conversar com a professora e outras mães, para se orgulhar mais dos filhos: “Gosto. Gosto de saber o que ele fez, não fez. As mães dos danados nunca aparecem. Só as dos que a professora não espera. Dá para conversar um pouco lá. Com o professor. Saber como está tudo direitinho. Vai todo mundo embora, eu fico lá para conversar melhor com a professora.” Isso não significa necessariamente que o sonho dela seja a melhoria de vida dos filhos, mas indica claramente que ela dá valor à escolaridade e à imagem pública de sua família. Gosta de ouvir que não era esperada.

Acontece que se para as domésticas, entrevistadas por Mello (1988), o sonho se referia aos filhos, para grande parte dos moradores da São Remo, como indicado na entrevista do Jornal São Remo, assim como das mulheres entrevistadas, ele está relacionado à casa, à região em que mora. Estas, que tanto cuidam dos filhos, devem sim ter a expectativa de um futuro melhor para eles, mas a educação já é mais garantida e fica cada vez mais claro que uma grande mudança de situação social é muito difícil. O que elas contam mais como sonho é

⁴⁸ Ambas as séries apontadas são as correspondentes ao penúltimo ano do ensino fundamental e última do ensino básico respectivamente, usando a nomenclatura vigente em 2008.

como darem um passo a mais em busca de sua cidadania e humanidade: a possibilidade de terem sua casa, de se sentirem em casa e mesmo de proverem isso aos filhos.

Algo que ganha mais peso conforme elas casam e têm filhos. Antes, “não precisa pensar em nada”, algumas dizem. O cuidar da casa marca o perfil de ser mulher, não apenas mãe. As que não trabalham fora parecem se ver o tempo todo arrumando a casa. E pode ser interessante pensar que isso seja uma procura por atividade, é isso que têm para fazer. Já que não trabalham fora, que se sintam úteis e ativas dentro de casa. Afinal, como Dolores, muitas conseguem se dizerem ocupadas o tempo todo com uma casa muito pequena. Diferente de Amélia que se vê desocupada e por isso procura um trabalho fora. O fato é que sempre há algo a ajeitar, a limpar, a cuidar. Como diz Patrícia:

Antes a gente tem mais tempo. Daí vai tendo filho e vai dando todo tempo para ele. Para casa, para o marido. A gente se dá para todos um pouquinho e vai se esquecendo de si e vai se estressando. Sei lá. Mas eu vou me concentrar mais. Ando muito estressada!

Ela fala que ser mãe e esposa exige abrir mão de ser mulher, de se cuidar. Algo que é percebido por uma grande ativista feminista, Eliana Martinez, ao falar da herança do patriarcado:

A gente não escapa totalmente da culpa, mas vai aprendendo com o tempo a administrá-la, a domar esse bicho que faz com que a gente se sinta sempre devendo para os outros, para o mundo. Tem o trabalho, tem os filhos, tem o marido, tem a casa... e eu, como fico? (...) Aí, um belo dia, a gente vai olhar a agenda e descobre que não tem tempo para nada que não seja trabalhar e cuidar dos outros. (...) A gente tem que se permitir ser mais feliz.

Mesmo que não livres de uma história de valores rígidos e desmerecedores da figura feminina, elas vão mostrando suas formas de se sentirem mulher. De cuidarem minimamente de seu corpo de mulher.

C - Ser mulher

Pela história da mulher e seu espaço na sociedade, seu corpo e sensualidade se tornaram seu grande símbolo. “A mulher é inferior, fraca, bela, desejável e sujeita à dominação do patriarca” (Chacham e Maia, 2004: 81). O corpo é alvo de invasões e manipulações pelos valores da mídia e do mercado, alvo de violência por diferentes agressores e também uma forma de atingir objetivos para algumas mulheres que conseguem fazer outro uso de suas vaidades. Quer dizer, há mulheres que usam de seu poder sensual para conseguirem o que querem.

Em meio a tanto *frisson* pelo corpo feminino, que aparece em propagandas, a todo o momento, querendo atrair consumidores, é este corpo que marca a feminilidade, a satisfação com a estética, com sua imagem, com o tato de seus contornos. Chacham e Maia (2004) problematizam a sexualidade feminina como “presa à ambigüidade do discurso progressista e dos modelos tradicionais” (2004: 85). Mesmo que haja uma grande variedade de expressões da sexualidade, este é um âmbito bastante privado atingido diretamente pela moralidade. Há uma idéia do saudável e do patológico que pode inibir o ato ou a palavra. E as autoras se admiram pela satisfação que as mulheres da pesquisa da Fundação Perseu Abramo (2004) respondem ter com sua vida sexual e com sua aparência. Algo que não aparece muito nas falas das mulheres da São Remo.

Em algumas falas fica bastante claro a parte que procuram reservar à sua feminilidade e o quanto cuidar disso as faz bem. Claro que cuidar de si é algo que tem a ver com o ser mãe, como cada uma delimita sua própria identidade e como esta se encontra com o filho. Mas de alguma forma, nas falas, o ser mulher é o que distancia um pouco, diferencia e também traz tranqüilidade e força. Sette (2004) coloca que há muita exigência sobre a mulher, que deve dar conta dos filhos, do trabalho, da casa, do marido e ainda de seu corpo, que com a moda

ganhou um ideal de normalidade e beleza nunca atingíveis. A autora acredita que não há como cuidar de tudo isso. E mesmo contando de certos cuidados com o corpo, as mulheres com quem conversei, realmente não vêem tempo para tudo isso.

Podemos observar que a maioria destas mulheres não se vê fazendo nada para si mesma. Num primeiro momento de conversa, muitas dizem não fazer absolutamente nada para si. Mas depois, ao aprofundarmos o contato, elas vão contando atividades que as fazem relaxar ou se sentirem melhor. Rosinha é uma que gosta de estar em casa, cuidando de sua família. Mas quando pergunto o que faz para cuidar de si ela diz: “Para mim? Quase nada. Ah, para mim mesmo, nada.” Porém numa segunda conversa ela já fala que quer cuidar de sua vida, que precisa ser forte e mostrar à filha como precisamos lidar com o mundo.

A única que se diz completamente absorvida pelos filhos e a casa e não consegue ver tempo para mais nada é Terezinha, que parece a mais sozinha de todas com quem conversei. Os filhos se tornam um peso por ocuparem toda sua existência. Terezinha em nenhum momento fala em se sentir mulher. Mesmo na hora de se distrair, diz: “Aqui na São Remo não tem nada – só, assim, ir na reunião da escola”, como já citado acima.

Por si mesma não faz nada. “Não faço nada. Porque aonde é que vai precisa de dinheiro né. Então, eu não queria nada (não deseja nada). Eu venho aqui de domingo na reunião da igreja. Venho no culto.” Sente falta? “Não. Não. A gente se acostuma.” Mesmo nas novas propostas que podem aparecer, como a oficina de massagem e outras oferecidas por instituições da região, ela não consegue freqüentar. Foi a uma das oficinas de massagem, empolgada logo que ouviu a proposta. Mas depois deste dia não conseguiu voltar, apesar de nunca deixar de comentar que foi muito bom para ela, que fez melhorar o nervoso que ela estava. Disse uma vez que tinha vergonha. Terezinha não consegue fazer algo para si mesma. Precisa fazer pelos filhos antes. Portanto não pode ser uma mulher, um sujeito de desejos e

necessidades. Quando começam a aparecer ela precisa fugir e se trancar no quarto (como contado acima).

Por isso, para ela, o ser mulher praticamente se funde ao ser mãe e nada mais. Mesmo os cuidados da casa ela divide com o filho mais velho. O ser mulher, além disto, fica para um tempo que ela não tem, um dinheiro que ela não tem.

Falta de dinheiro limita a vida de todas elas, seja para o mínimo, seja para os dengos, para os sonhos.

Lalau é cheia de desejos e planos, mas bastante “pé no chão”, no sentido de que deve se virar sozinha e se planeja para que sua batalha seja produtora de melhorias à sua vida e de seus filhos. Neste perfil ela se aproxima das entrevistadas por Mello (1988), que vêem nos estudos melhores condições de vida para seus filhos. Lalau busca isso para si mesma também e divide sua rotina de trabalho fora e em casa com os filhos, com os estudos – sua prioridade no momento de nossa primeira conversa. Ela quer fazer cursos técnicos para trabalhar em algo que lhe dê mais dinheiro e não exija tanto de sua saúde, já que a faxina deixa sua bronquite em crise. Portanto, Lalau investe em si mesma, pelos filhos, mas por si também.

Rosinha acredita que ter dinheiro vai fazê-la sentir-se melhor. Ao mesmo tempo, agora não pode fazer isso por si, pois é mãe. Arrumou trabalho há uns seis, sete meses: “Foi três dias para me sentir outra pessoa!” Se empolgou e passaram a perna nela. A filhinha ficava com a bisavó paterna, que bebeu enquanto cuidava da neném e Rosinha brigou com ela. Não tinha mais com quem deixar a filha, não pôde mais trabalhar. Fala da importância do dinheiro, do seu dinheiro, que podia usar como quisesse. Mas fala principalmente da aparência, de sair arrumada por ter como e para que se arrumar: “Conhecia gente nova, dava risada.” Assim como Lalau, Rosinha quer investir em si mesma, pois sabe que isso lhe faz bem: se sentir mulher, se arrumar, sair de casa, dar risada.

Esse outro foi uma pessoa importante também. Me apoiou muito.(...)
Mas me incentivou a mudar um pouco. Eu era desleixada. (...) E ele

me incentivou a me arrumar um pouco, a me sentir bem. E quando começou: senti-me outra pessoa! E achei que eu tinha que fazer alguma coisa melhor para mim.

Mas precisa cuidar da filha neste momento. E então, o jeito é fazer a unha e passar um batom para se “entreter minimamente”, como ela diz.

Este se arrumar é algo que aparece nas outras conversas e é interessante ver como o banho, o passar o creme, os passeios, trazem esta vivência do feminino, da identidade própria.

Cuidar da aparência é cultivar esta mulher que assim ganha contorno.

Eu tomo três (banhos por dia)! Quando a minha filha dorme, ish... Eu não consigo ficar sem tomar banho, fico agoniada. Ainda mais para dormir. Sempre para dormir eu tenho que tomar banho. Porque eu não consigo! Não sei. Não, sei lá, parece que meu corpo fica coçando. Sei lá, quando de noite você toma banho parece que o corpo fica mais leve, sei lá, mais fresco. (Ri) Meu marido falava direto para mim: “Não sei como você agüenta tomar tanto banho, vai gastar a pele.” Vai gastar a pele nada! Eu uso creme de pele, óleo. Eu não fico sem usar! Ainda mais que eu sou morena, preta, né, bem dizer. Se eu não usar eu fico toda cinzenta. Aquelas marcas brancas feias. É uma hora para se trocar, eu. Saio do banho. Passo um creme no cabelo que amolece. Prendo. Depois passo logo creme no corpo. Depois visto a roupa e... cabelo por último. Só penteio mesmo. Hoje não, hoje nem lavei meu cabelo, não fiz nada. O cabelo está parecendo uma bucha de lavar louça.

Dolores conta assim como gosta de cuidar de seu corpo. E quando pergunto o que mais ela gostaria, me conta da vontade de se cuidar como podia fazer antes:

Ah, tudo né, que uma adolescente sempre quer ter. Às vezes assim, eu não tenho dinheiro nem para comprar um creme de cabelo. É ruim sabe. Coisas pessoais né, que às vezes a gente precisa e não tem, é ruim né? Meio complicado. Eu mesmo preciso ir no dentista, porque eu preciso trocar minhas obturações da frente. Sem dinheiro não dá. Na USP aí não tem vaga na odontologia.

E mesmo com esse desejo, cada vez que a encontro a acho mais magrinha e descuidada. Me explica:

Eu? Porque eu não me alimento direito. Mas meu corpo é isso mesmo. Só que eu sou mais forte que isso. Só que agora eu estou assim. Meu corpo não é esse, tão magro, tão magro. Corpo normal: nem magro, nem gordo. Nem parece que eu tive filho né? Ninguém acredita. Quando eu saio com a Vitória às vezes pensam que é minha

irmã. Eu tinha um corpo legal, sabe. Sem ter filho. Tinha um peitinho legal. Bem chamativo. Ah, eu só usava roupa curta. Porque aí é um gosto meu mesmo. Saía jeans, blusinha frente única. Sainha, shorts. Sempre gostei de usar essas roupas. Minhas blusas: tudo de barriga de fora. Tudo assim minhas roupas. Só que agora, sei lá, já estou enjoando. Não me sinto mais bem. Eu não uso mais minhas roupas curtas. Já estou quase sem roupa. Porque minhas roupas, ó, deixei tudo lá na caixa, porque eu não uso mais. Muito curta. Não me sinto mais bem. Sei lá, não é mais a mesma coisa de antes. Ah, antes eu saía toda chique. Só saía arrumada, de tênis no pé, tudo combinado... Brinco. Toda chique, eu saía. Eu saía para a balada só para curtir, não ficava com ninguém. Às vezes vinham aqueles rapazes querendo ficar e eu não. Saía fora. Só curtia. Meu negócio era só curtir.

Gostava de se arrumar para sair e também de ser chamativa, ser paquerada e conta episódio com muita vitalidade e alegria. Mas faz questão de se mostrar séria e respeitosa em seu casamento. Aquela era outra fase, que aproveitou muito. Já passou. Agora tem outras coisas para pensar, não mais em se arrumar e sair para se divertir.

Patrícia também gosta de se arrumar para sair e conta que às vezes dá para se cuidar um pouco, especialmente se a vontade é grande, pois precisa deixar alguma obrigação da casa de lado: “Às vezes dá. Passo um hidratante. Tem que deixar alguma coisa de casa, se não não dá tempo. Mas a gente adora sair. Às vezes saímos juntos... mas cuidar de mim, como assim você quer dizer?”

Quando falo em algo que a faça se sentir bem, relaxar, ela continua em outra linha:

Ah, como um banho relaxante! É, eu só tomo banho assim, de verdade, quando eu lavo o cabelo. De dois em dois dias. Mas quando não é, eu chego do trabalho e já vou tomar meu banho, porque eu chego suada. Um banho rápido. Mas quando é para lavar o cabelo, aí é banho bom. Mas quando é banho rápido, nem cuido do cabelo. Prendo e já vou cuidando da minha filha, nem passo um batom, nada. Aí, às vezes quando ela está dormindo eu deito aqui no sofá... não tenho tempo de me cuidar mais! É de vez em quando. Fazer uma unha né? Eu sou manicure, mas minha unha tem vez que dá até vergonha. A do pé não faço. Não é todo dia que estou para mim. Que dá. Também, sei lá, tem gente que tem uma rotina assim. Aquele ritual todo de se cuidar. Acho que é o tempo que ela tem. O meu tempo é esse de me cuidar. E aí, bola para frente.

Talvez tenha mulher que goste mais, que tenha mais tempo, ela não sabe, mas conta que não é sempre que tem vontade de ficar arrumada: “Não é todo dia que estou para mim.” Às vezes o cansaço é maior. Às vezes as obrigações exigem prioridade. Às vezes não há porque se cuidar. Algo que Rosinha também explica: “Tem dias que a gente está desleixada – dia que não dá vontade de fazer nada, nem de dar carinho para as pessoas que você gosta, dá raiva, fico estressada, triste. Tipo hoje. Estou desleixada! Estou com vontade de me arrumar daqui a pouco!” Ou seja, se arrumar e se sentir bonita e bem é algo que precisa de disposição também. E Patrícia, quando quer, aproveita:

Banho tira o cansaço da gente, dá uma relaxada mais. Ah, não penso em nada, sei lá. Tomo banho e vou passar um creme, ou já vou pensando em sair, passear, de como vou me arrumar. Essas ‘frescurada’ de mulher. Que é gostoso é... Arrumar a bolsa, escolher a roupa...

“Frescurada de mulher” é a vaidade, o divertimento em pensar na roupa, nos adereços, em como se apresentar aos outros e a si mesma. Ela gosta! E conta que gostaria muito de participar do grupo de massagem, que revigora do trabalho pesado: “Sim, gostaria! Adoro massagem! Hoje mesmo falei, ai queria uma massagem! Porque quando deita vem aquela dor no meio das costas de tanto estar fazendo as coisas! Aí ele faz umas massagens e melhora, só que ele não é técnico em massagem! É muito bom, a gente relaxa...” Mas se preocupa com a alimentação, que não é muito saudável, por ter preguiça de fazer salada, por exemplo. Fica na dúvida se isso a prejudica muito, pois por mais que tente controlar e emagrecer, já está acima do peso.

Essa é preocupação de Amélia também:

Tem que se preocupar se não daqui a pouco o namorado ou o marido já está mandando andar. Como meu cunhado. A mulher ficou gorda e ele arrumou namorada. Cabra safado! E quando a gente vai casar o padre pergunta: na vida, na morte, na alegria, na tristeza... Se não preocupar pode ter derrame, colesterol, diabetes, como minha mãe. Ela se cuida. Olha cada grama.

A saúde preocupa também, mas o mais importante é manter o casamento. Carmen Barroso (1982) traz dado importante sobre internação nos serviços de saúde públicos em 1979: “36% das internações médico psiquiátricas são de mulheres” (1982: 97), na faixa dos 30 aos 40 anos. E conclui que há poucos dados sobre a saúde das mulheres e sobre o que as faça chegar à internação. Sabe-se que normalmente atuam com sobrecarga de atividades e apenas cuidam de sua saúde durante a gravidez. Manter a casa e a família estão em primeiro lugar. É a moral destas mulheres, o que lhes dá honra. A casa gostosa, que tem uma grande laje, onde Amélia aproveita o sol para secar a roupa, explicando que assim ela fica mais cheirosa. Ela pode se preocupar com não comer muito, apesar de querer cozinhar para passar o tempo, se ocupar. E ri comigo fazendo piada de mim: “Mariana tem o corpo light.”

A saúde também incomoda Terezinha, que não se cuida e faz é comer demais quando fica nervosa. Mas tem seus desejos de ficar mais saudável e também mais bonita: queria poder cuidar dos dentes, pois parou no meio do tratamento quando teve as meninas. E queria perder peso, porque atrapalha:

A gente não se sente bem. É gordura, é colesterol... Passei no posto por um outro problema e a moça falou que eu precisava fazer um regime. Mas como? Se quando eu fico nervosa aí eu como mesmo! Outro dia menino fez que fez na escola e fiquei tão nervosa que comi três pães. Coisa que não faço. Mas aí passei tão mal!

Mas todo esse cuidado exige disposição, além da física, especialmente psíquica. Assim como as idas à oficina de massagem, que por mais que diga ter-lhe feito bem, ela não volta. Quer dizer, o corpo, seus limites, seus contornos, são delimitações de feminilidade também. E Branca fala que o que faz para si são os cuidados do corpo: “banho do dia-a-dia, almoço e janta”. Além de acrescentar o descanso no bosque da USP.

Amélia começa a participar das oficinas de massagem e diz que gosta muito e o marido também. Como gosta de cozinhar e se manter ativa, leva bolo e chá de amendoim para todos na oficina num dia de frio. E apesar de querer arrumar um emprego por se sentir muito

sozinha, quando pergunto o que gosta de fazer ela fala: “Gosto de limpar... como assim, que eu gosto de fazer?” Talvez não se pergunte muito sobre isso. Talvez ainda não tenha muito do que gosta em sua rotina. Mas traz uma forma de cuidado psíquico, trazido também por Rosinha, que pode estar ligado à defesa da honra, que considera muito importante:

Acho que sim! Para cuidar do meu bem estar! Me conservar, não me estressar com coisas bobas – porque se não se acaba muito rápido – não ficar nervosa, sempre desabafar. Da forma que eu me cuido é assim. Se alguém fala alguma coisa que vai me machucar e eu tenho alguma coisa para falar, tenho que falar ali no momento. Não tenho que voltar para casa e me fechar igual um repolho! Tenho que me abrir igual a uma rosa! Minha irmã fala que ela queria ser do meu jeito, porque às vezes as pessoas falam alguma coisa para ela e ela não tem coragem de falar nada. Eu falo é “tan, tan, tan”. Nem que depois eu tenho que lidar com as conseqüências. Eu preciso respeitar o jeito de ser de cada um, principalmente o meu. Às vezes eu vejo alguém falando alguma coisa para outra e falo: “Você vai ficar quieta, deixar machucando, lembrando daquilo ali. Daí você está se acabando por si próprio. Você já chegando e falando é uma maneira de se conservar, de se amar.”

Porém percebe que este tipo de postura, que lhe faz bem de certa forma, como por exemplo, quando está sozinha em casa e fica pensando em seus problemas, traz conseqüências não de todo boas:

Que nem na minha família, que às vezes tem muita desavença que eles falam que eu quero ser a certinha. Daí eu falo: Tá bom, vocês acham que eu sou a certinha, tá bom, só me respeitar. O certo é certo, não gosto de apoiar o errado. Mesmo que seja minha mãe, ou meu pai, estando errado... só apelo para o certo. O que é certo é certo o que é errado é errado. Agora, só porque é meu pai ou minha mãe que está errado eu vou dizer que está certo? Doa a quem doer, mas está errado está errado. Mas às vezes acontece isso aí, porque meus irmãos apóiam o errado e eu não apoio, daí eles falam isso aí. Eu digo que eles têm que respeitar o jeito, o ser de cada um. Aí eles me chamam de certinha. Eu amo quando eles me chamam de certinha.

Amélia, como já foi dito, é bastante religiosa e segue a igreja católica. Fica feliz de ser a correta, mas ao mesmo tempo sente que suas reclamações a afastam da família. E também não aproximam de outros: “Geralmente, acho que não sou bem recebida na família dele. E

outra coisa, os irmãos dele acham que sou exibida, que sou atirada. Não respeitam meu jeito de ser. Porque eu acho que a gente tem que respeitar o jeito de ser de cada um.”

Rosinha também acha que falar o que pensa e não engolir sapo vai deixá-la mais forte e fazê-la sentir-se melhor. Afinal se sente sozinha de qualquer jeito. Num primeiro momento ela contava que a família está completa:

Aí a gente se completou. Acho que foi isso que deu certo na gente. Ele estava muito mal quando conheci. E vi que ele precisava de um lado materno, que eu precisava fazer para ajudá-lo a não ficar do jeito que ele estava. E ele viu o jeito que eu era e do que eu precisava. Acho que a gente se completou nisso. Hoje ele chega, as coisas estão arrumadas, a comida feita, a roupa dele passada a ferro. Então, quando ele chega, me dá carinho e assim a gente se completa. E vai indo assim todos os dias. Aí chegou esse presentão aqui, para alegrar nós dois.

De repente, ela estava sozinha. Diferente da outra vez que dizia gostar muito de ficar em casa, conta que adora se divertir, ir a festas, dançar e diz não poder fazer nada disso. O marido não gosta de festa. Joga bola, comprou uma moto com a qual fica dando voltas todo o tempo e joga vídeo-game: “Só faz o que ele gosta”. A leva ao shopping e sai andando: “Odeio andar! Dorme no filme e chega e vai para o primo jogar vídeo-game! Nem faz o plano completo! Nem aproveita que a filha não está! Dormi sozinha. Sinto falta dele!” “Antes ele me acarinhava, me via chorando e vinha me abraçar. Hoje fala: ‘Para que tanto sentimentalismo!’”

Ela quer ser uma mulher amada, acarinhada. Interessante ver a importância da relação, do dividir com o outro o prazer, de se sentir importante para alguém, de ver que o outro se importa com ela. Se ele cuidar dela, ela fica bem! E essa sensação de solidão vai se impondo como impulso a se movimentar em busca de maior satisfação: “O que me mata é ficar tão dependente do outro assim!” Está magoada e quer mostrar, para ele e para ela mesma, que pode gostar de si.

Todos os dias eles se cuidavam e assim ela garantia uma noção de si, era a esposa dele e a mãe dela. Mas quando deixa de se sentir acompanhada e necessária ao outro, deixa de

querer cuidar e receber. Se não tem mais a honra de ter sua família, de ser esposa, precisa lutar por ser boa mãe. Passa a querer se afirmar como independente e entende isso por deixar de só aceitar o que os outros falavam e faziam: “Agora vai ter que me agüentar como eu sou!” Parece mostrar um desejo de vida, de marcar presença e marcar seu sofrimento: “Já não tenho como ficar feliz. Amadureci. Agora, tenho que buscar minha vida.” Uma vida que não é mais sonho. Só realidade, nua e dura:

Você acorda de manhã, tem quintal na frente, atrás. Aqui está muito complicado. Já gostei daqui, não gosto mais. Eu gostava do jeito daqui. Para mim São Paulo era sonho. Depois que aconteceu um monte de problema foi como se tivesse tirado minha fantasia um pouco. Era no tempo que eu era criança ainda. Agora não sou mais: acabou!

Os limites de Rosinha têm a ver com ser mãe ou ser mulher? Quando não se vê mais considerada a mulher que quer ser, passa a se colocar como mãe educadora, referência para a filha. É onde encontra sua sustentação no momento de solidão. Considera o pior sofrimento ser considerada coitada. Precisa defender sua honra, sua força! O sofrimento precisa ser expresso como raiva, que transparece mais força do que o choro.

Esse sofrimento que transforma menina em mulher é trazido por Branca também, além de Dolores. Branca, que diz não saber o que é amor (por ter ficado órfã muito cedo, como já citado), conta sempre com a ajuda de sua fé, que diz que as coisas acontecem com um propósito: “Deus sabe o que faz.” Seu sofrimento e sentimento de orfandade é mais uma vez tocado quando ela fala: “A pessoa que sofre quando é mais nova cresce muito rápido.” Ela sabe o que é isso. É a mulher que o sofrimento formou. E mostra ter bastante noção de sua história. Mesmo dizendo não saber de nada, em meio a discurso confuso, dicção difícil de entender, é capaz de me contar essa história difícil que a fez assim como é. E assim vai seguir, fazendo o que for preciso, seguindo o ritmo que a vida impõe.

Patrícia já se mostra diferente. Uma mulher que queria “evoluir, crescer na vida.” O evoluir para ela, assim como para as outras, aparece como movimento em direção a algo, um

não acomodar-se, mas lutar por sua vida, por seus valores. Portanto, o evoluir é um valor importante dentro do que trata esta pesquisa. Este desejo de dar conta e seguir em frente. Conta que já foi às atividades no Circo Escola para mães, mas que deixou de ir quando acabou sua licença maternidade. Voltaria se deixasse de trabalhar “porque se você não trabalha tem que arrumar alguma coisa para fazer né!”

Eu comecei a estudar depois que comecei ali (na casa de família em que trabalha). Fiz até a oitava, mas aí eu chegava muito cansada em casa. Chegava 23h30 e tinha que acordar cedo de manhã. Ainda inventei um curso de manicure. Ainda que só tinha ele. Imagina hoje com ela! Aí tirei carta de motorista. Ia na correria fazer aula e ia direto para o trabalho. Vamos ver como vai ser depois que ela crescer. Eu não queria voltar a estudar não. Para voltar a estudar acho que precisa ter força de vontade. Para qualquer coisa precisa. Mas eu queria melhorar meu português porque meu português é péssimo. Se fosse ótimo, eu queria fazer curso de computação. Fiz a oitava série e não consigo escrever direito. Eu queria fazer isso, mas... hoje é hoje. Amanhã eu posso querer ser uma advogada e aí vou atrás né. A gente tendo força de vontade consegue né?! É isso, tem que ter muita força de vontade. A gente quer comprar uma casa. Tem vezes que eu até me estresso porque faz anos que a gente quer comprar uma casa maior. Você acorda todo dia cedo, trabalha e não consegue comprar uma casa! Sei lá, o dia-a-dia vai correndo. Mas a gente está batalhando para isso, então um dia a gente consegue. A gente queria sair daqui, mas não está dando nem aqui dentro. Aqui dentro a casa é um absurdo! De R\$45.000, R\$50.000. O barzinho ali a mulher está pedindo R\$40.000,00. Tem casa até de R\$ 70.000,00. Mas aqui também tem tudo perto. Hospital, mercado. Já pensou morar em região que não tem essas coisas. Sexta fui de chinelo mesmo levar ela no hospital.

Melhorar o português, fazer cursos, quem sabe ser advogada, comprar uma casa bonita em bairro bom: sonhos, desejos de melhorar de vida, de se sentir orgulhosa de si mesma! De se sentir capaz de fazer o que quiser com sua vida! E como exposto acima, o corpo não está fora disso.

Lalau também quer “evoluir” e para isso dedica-se ao seu estudo. A filha diz que a mãe só fica em casa, que precisa sair mais. Ela não parece se sentir no direito de gastar com si mesma, afinal diz já ter aproveitado muito. Trabalhava como garçonete à noite e ganhava bem. Saía, passeava, gostava de ir à praia: “Gastava com tudo que via, ia para balada com as

amigas, pagava para elas. Pagava aluguel para as amigas. Não pensava no amanhã, só no hoje”. Muito solidária e desprendida, aproveitava suas possibilidades. Mas agora, com os três filhos para criar, a falta de planejamento pesa.

O dividir suas possibilidades com as amigas se tornou um erro. Não culpa as amigas e fica feliz de ainda ter contato com elas. Lalau tem esta meta de comprar sua casa. Ali mesmo na São Remo. Uma meta que vê como do tamanho pertinente à sua realidade. Quer ter a casa própria, não trabalhar aos domingos e feriados, passear mais com os filhos e estar mais com eles, cuidar mais de si, de seu cabelo e da alimentação dela e dos filhos. Melhorar de vida por causa dos filhos e da correria. Termina a escola e quer juntar dinheiro para fazer curso, mas agora não vê possibilidade.

São muitos desejos, mas que de repente, quando ela termina uma fase dos estudos, devem ficar em suspenso. Talvez isso a tenha abatido. A suspensão dos planos para o futuro. E a impossibilidade de lutar pelo sonho a impossibilitava também de brincar com os filhos, passear e conversar comigo. Sua paixão pela vida, por se desenvolver, parece estar difícil de fluir, pois agora precisa se conter e cuidar dos filhos.

Amélia também é mulher que não gosta de se acomodar. Quer produção, movimento, sentir-se útil, sentir-se valorizada:

Já vi já (atividades do Circo Escola), mas não tenho paciência para fazer essas coisas. Tem pintura. Pintura eu já sei. O grupo da comunidade já participou. Veio uma professora de artesanato para desenhar e a gente pintar. Mas eu queria era fazer curso de informática que está fazendo falta. Só tem para os jovens. Gosto de coisa que anda, que produz.

Inclusive gosta dos eventos organizados pela igreja, que produzem uma convivência boa na comunidade: “Festa Junina de vez em quando eles fazem. Semana passada fizeram a Novena de Nossa Senhora. A igreja que organiza. Mês que vem acho que vai ter quermesse. Tem bastante doação.” A novena foi feita indo cada noite em uma casa (dos fiéis que pediam a benção) tocando e cantando todo o caminho, da igreja à casa endereçada da noite. Parece que

foram noites de muita alegria e que todos, mesmo depois de um dia todo de trabalho, querem a benção e o ritual todo.

Essa convivência do grupo da igreja dá um suporte até econômico, pois há mobilização para ajudar quem esteja em situação mais precária. Mas em geral, as amizades e os namoros, os apoios ou suportes, marcam atitudes e definem caminhos, acompanhados de bastante prazer:

Eu fui morar com ele eu tinha 14 anos. (risos) Eu morava com a minha mãe, daí eu conheci ele, comecei a namorar com ele. Aí ele quis que eu fosse morar com ele e eu peguei e fui, desde os 14 anos até hoje. (...) Ah, no começo era diferente: Ele me levava para sair todo final de semana. Era muito bom! Agora... A gente ia no Parque Villa Lobos, no dogão, para salão... É! Quando eu estava grávida, nossa, eu ia lá direto. Pastel doce e dogão! Nossa, eu me acabava!

Dolores fala de sua ligação com o marido, seja para viver a paixão, para se divertir, seja para ajudar em casa: “Quando eu estava trabalhando eu chegava a casa estava limpinha: ‘Oh, que milagre arrumou a casa!’ E ele: ‘É né!’”

Patrícia também fala como gosta da companhia do marido durante o dia, apesar de não poder dormir ao seu lado, por ele trabalhar à noite:

Desde que eu fiquei grávida do mais velho (o marido trabalha à noite). Já tem 12 anos. Vai passar para os 13. Ele acostumou. E é bom porque ganha mais. Ele acostumou e eu também acostumei. Porque para mim ele passa o dia todo comigo e à noite estou dormindo mesmo. Então faz companhia o dia todo. Já pensou trabalhasse o dia inteiro. Tem gente que trabalha o dia inteiro chega à noite e a mulher fica o dia inteiro sozinha. Daí, acho bom, já acostumei. A gente se acostuma com tudo!

Acostuma com tudo, mas não precisa gostar de tudo. Mas ela mostra que o marido ajuda em casa, o que tranquiliza a rotina e permite que eles se divirtam com a sanduicheira:

E eu ainda que gosto de dar uma descansada depois do almoço. Porque eu chego e não tem tanto o que fazer, porque Luís já passou pano no chão, já lavou a louça e minha filha vai dormir. Então, eu fico mais descansando. Às vezes tem que lavar uma roupa, passar, mas não é sempre. Que nem hoje, não sei se você conhece cusuz de milho? Eu já fiz assim de café e nossa, eu cheguei sem fome. Porque ele dá bastante energia. Daí comi pouco na janta. Mas não gosto de ir

na padaria de manhã, porque ter que sair e voltar e depois sair de novo para trabalhar eu não gosto. Então não é sempre que tem pão. Gosto de dois, três pães de manhã! Comprei a sanduicheira, nossa! Pão com presunto, tomate, alface. A gente come até demais.

Os maridos e os amigos ajudam sim. Branca também fala como em Goiás contava com eles para poder ter sua vida, não ser apenas mãe e dona de casa, como se sente aqui:

Eu não sei de nada. Fiz minha cabeça e saí! Não era tão pior, mas era mais ou menos assim. Lá não arrumava a casa o dia inteiro. Arrumava e ele cuidava das crianças e às vezes saía. Aqui não tem lugar para se divertir. Lá eu conhecia todo mundo, aqui não conheço ninguém. Lá o pessoal olhava as crianças para eu dar uma saidinha. Eu gostava de ir nas cachoeiras. Era até festa na cachoeira. Vim com dois, que eu já criava, mais um não faz diferença.

O problema era a falta de trabalho e o custo alto de vida. Gostava de sua rotina mais tranqüila em Goiás, em sua casa, mas já sentia o peso da criação dos filhos. Uma questão financeira importante: “É. Mas lá não tinha emprego nem nada. Só com dinheiro muito pouco que não dava para comprar nada porque era tudo muito caro. Mesmo sendo perto de Brasília não é bom não.”

Portanto, ser mulher para essas mulheres está extremamente ligado ao ser mãe, mas com as possibilidades de cuidado e expressão da feminilidade, especialmente no cuidado do corpo, das unhas, do cabelo: na estética. O dinheiro necessário para estes cuidados faz falta muitas vezes. Mas contar com o marido e os amigos ajuda a ter mais tempo de descansar e se divertir. E cada uma gosta de mostrar no que encontra prazer.

Fica claro que a sexualidade aparece pouco em suas falas. Quando perguntadas falam que podem namorar com o marido apenas depois que os filhos dormem ou em dias que deixam com os avós, ou apenas dizem que nem há tempo. Mesmo assim, os maridos aparecem como muito companheiros e fundamentais para a vida delas. Pouco falam em violência doméstica, mas quando isto aparece fica entre o naturalizado e o inaceitável. O inaceitável não como crime a ser denunciado, mas como motivo para ir embora de casa no máximo. Dolores e Rosinha falam de ver suas mães apanhando e do quanto isso faz mal.

Rosinha fala que “não é o tapa mesmo, é aquilo que dá aqui dentro.” A ferida interna é mais dolorida. Uma humilhação difícil de suportar, falta de respeito e consideração, mas que elas vêem mulheres aceitando. Heleieth Saffioti (2004) coloca como a herança patriarcal é visível já que as mulheres não percebem toda a violência que sofrem, em relação aos preconceitos e em relação às agressões que muitas vezes impedem de ir e vir tranquilamente. A violência é na rua, com o outros, do mundo.

Portanto, seria necessária e interessante outra pesquisa para pensar este tema específico: o papel dos homens na vida destas mulheres. O marido, o pai dos filhos, o amante, o agressor, o dono do dinheiro, etc. Mas a própria autora deixa claro que há mulheres que preferem enfrentar dificuldades gigantescas a ter que conviver com alguém que não as respeite. Como, por exemplo, Lalau.

D - Atividades da vida

A discussão sobre a dicotomia do tempo social entre lazer e trabalho, apresentada no primeiro capítulo, seguida da introdução de um novo conceito de saúde apresentado por Dejours (1986) e o conceito de brincar de Winnicott (1975a), nos ajuda a flexibilizar nossos valores e encontrar nas falas destas mães algo de muito valioso. Como o sentido de cada atividade se constrói nela própria, quando se fala do indivíduo. Quer dizer, como cada um valoriza, de sua maneira, diferentes atividades, e é por isso que toda atividade pode ser expressão do brincar, pois todas podem ser permeadas de prazer, levarem a um mergulho que fica entre o sonho e a realidade.

E um depoimento valioso de uma delas nos mostra como atividades podem fazer a síntese do tempo social como falava Munné (2004). A obrigação e a diversão podem estar na mesma tarefa, que parece ser algo que faz muito sentido para quem ali vive:

É, em Sergipe eu trabalhava até 12h e depois ia para escola. Tomava banho, almoçava e ia para escola. Depois chegava, fazia lição, ou ia dormir cedo e ia para a roça de novo. E às vezes ficava um pouco na rua. Tem minha avó lá, tem minhas tias. Minha vida era assim lá. Eu gostava bastante. Apesar que cansa muito, vale a pena, porque pelo menos não fica vazio. Chega em casa tem as coisas para fazer. Pessoal de lá é bem diferente daqui sabe? Chega 17h, 18h, está todo mundo na calçada tomando café, comendo pipoca, daí já começa a conversar, vai chegando. (sorri) E vai embora, o dia, a noite...

O vazio é um termo forte, que Rosinha usa para falar de sua sensação atual de vida na cidade. As faltas de companheirismo, de atividade, lhe fazem perder vida:

Lá é um povoado pequeno, tem 200 pessoas... por aí. E todo mundo se conhece. Você vira a rua assim e já conhece todo mundo. Não tem isso de: 'quem chegou? Eu não conheço.' Não! Você conhece todo mundo! (...) É muito bom! Principalmente na época do inverno. Porque tem plantação, colheita, daí você não vê quase ninguém na rua. Todo mundo está na roça. Final de ano tem festa. Único povoado que tem festa. Daí todo mundo vai e já fez a festa completa. Vai até o outro dia!

As relações alimentam a alma, sem elas fica o vazio. O trabalho era vivido com todos em volta, a família era o núcleo do cotidiano pessoal e público, o que acolhe, faz companhia, conforta – o que contrasta com o vazio de sua vida atual e torna a anterior uma lembrança nostálgica:

(Na colheita) A gente ia a nossa família e ainda contratava gente para trabalhar. A gente ia umas 5h, começava a trabalhar umas 6h. (Com o sol nascendo...) Essa era a melhor parte! Daí umas 9h, 10h a gente pára para tomar café. A gente pára um pouco, conversa. Só alegria, você não vê ninguém de cara emburrada não. Todo mundo contando piada, cantando, já viu né? Daí volta a trabalhar e quando dá 12h em ponto, quando está em cima da sombra – tem isso na roça – a gente pára para almoçar. Depois do almoço dorme o que, meia hora do relógio. Dá aquela preguiça. Daí a gente volta a trabalhar e quando dá 15h a gente pára de novo para comer alguma coisa. Uma bolacha, água. Daí, vamos até 17h, 18h. Depois vai para casa. Daí está todo mundo um caco. Sujo, cheio de espinho.

O esforço é grande, mas é dividido, é coletivo, é comunitário. Na memória de Rosinha as dificuldades quase se apagam pela riqueza da lembrança. A memória de um conforto que hoje não tem, dá espaço a um possível exagero de alegria. Mas fica claro que esta comunidade, esta coletividade, marca uma rotina na roça que não encontra em São Paulo. Um coletivo que dá sustentação à dura lida diária. Um coletivo que é o que mais sente falta neste momento. Esta rotina na roça, como aponta Danilo Miranda, diretor do SESC São Paulo⁴⁹: “São memórias de um outro tempo, aquelas ressoadas pelos cantos de trabalho. Memórias de estar junto, do fazer junto, do pisar junto, do entoar junto, do dançar, balançar, sacudir e chorar junto.” Este trabalho na roça, trabalho marcado pelos cantos de trabalho como Rosinha conta, é um grande item da cultura popular. Algo que ainda pode ser observado em povoados do interior, como indica pesquisa de Renata Mattar e que colore a situação árdua do roçado, também apontada por Rosinha. Diz Renata⁵⁰:

Nesses lugares, tive a nítida sensação de que a música lhes harmoniza a vida e ameniza a lida deles. São pequenas comunidades, onde o trabalho árduo é transformado em celebração e ritual. Ao som dessas ricas melodias, que se repetem intercaladas com estrofes improvisadas, gera-se uma conversa cantada entre as trabalhadoras. Elas se colocam ali falando de amor, da natureza, do trabalho e da vida através dos versos. É uma forma muito rica de viver, com a arte completamente inserida no cotidiano.

O brincar constrói cultura, um modo de levar a vida. Não há como negar a energia trocada nos campos pelos cantos de trabalho. Rosinha sente falta de toda essa vida. E sua mãe⁵¹ mostra que busca sempre este equilíbrio entre obrigação e diversão, o que na cidade se faz de outro jeito. Não deixando de mostrar que é difícil e que precisa ser um pouco louca para enfrentar as barreiras e sair para fazer o que gosta: “A vida não é só ficar em casa e trabalhar. Eu mesma, às vezes, dá a louca, saio para a balada. Me divertir: bebida, música, gente, cinema,

⁴⁹ Declaração descrita em encarte do CD “Cantos de Trabalho”, da Cia. Cabelo de Maria, produzido a partir de pesquisa de Renata Mattar e apoio do SESC de São Paulo.

⁵⁰ Trecho retirado da apresentação do mesmo CD.

⁵¹ A mãe de Rosinha estava em sua casa no dia que tivemos nossa segunda conversa. Ela falou bastante e Rosinha aceita bem.

parque, show. E não só com o marido, às vezes tem que ir com as amigas mesmo!” “A vida é para viver, não para morrer”, diz a mãe.

E é por aí que vão me contando o que gostam de fazer para sobreviver, se distrair, se ocupar, para relaxar, para se divertir, para sentir prazer, as mães da São Remo. Quero valorizar estas efetivas formas de viver, estas sabedorias, pois o que mais se fala é de como, especialmente migrantes têm muita dificuldade de sobreviver na metrópole. Segundo Gomes “a perda de raízes é uma experiência brutal para o migrante e a reconstrução de sua identidade é um processo dramático. (...) luta incessante pela sobrevivência, leva à perda de esperanças e até da perspectiva de um futuro melhor até mesmo para os filhos” (1987 apud FORMIGA, 2004: 35). Embora a maioria das mulheres que me falaram de suas vidas tenha vindo de outra cidade ou estado, elas me contam de sua luta e suas conquistas, uma vez que estão sim olhando para um futuro, e tecendo as possibilidades para o caminho no presente.

a. Conversas

Pelo que nos trazem os agentes de saúde da comunidade, fica claro que no dia-a-dia, o que mais se faz é assistir televisão e conversar. Conversar na calçada, na sarjeta, na janela, na porta da colega, na casa do amigo, no bar. Qualquer lugar é lugar, até porque é um encaixe no meio das tarefas diárias. Podem ser momentos de troca, de desabafo, de bate-papo, de fofoca, etc. Certeau faz uma colocação bonita sobre o papel da conversa: “efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular ‘lugares comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’” (1996: 50). Isto é, a conversa permite uma

reelaboração dos espaços, tempos, fatos, e permite que eles se tornem parte de uma história, de uma vida. Como se a conversa fosse uma digestão do alimento diário.

Fonseca (2000) coloca o grande papel da fofoca nas comunidades pobres. Ela acredita que a fofoca se coloca como arma das mulheres, já que estas perdem na força física (na maioria das vezes) para os homens: “A preocupação com a boa reputação, assim como com a fofoca, parecem ser de domínio dos fracos, dos que não têm a força física do seu lado” (2000: 45). Então, homens batem, mulheres fofocam: “A fofoca envolve, pois, o relato de fatos reais ou imaginados sobre comportamento alheio. Ela é sempre considerada como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos. Ninguém se considera fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança” (2000: 41). E homem safado, mulher interesseira, mulher malandra, são os temas correntes.

Não foi possível observar se se faz tanta fofoca na São Remo, mas é perceptível que, assim como as notícias, as histórias se espalham rapidamente e normalmente todo mundo conhece todo mundo, ou já ouviu falar.

Fonseca (2000) apresenta algumas “pistas” do sentido que a fofoca pode ganhar para adquirir a força que tem em algumas comunidades. Sentidos que podem existir em outros tipos de conversa também e que podem estar presentes na São Remo. Ela fala da identidade comunitária criada pela fofoca, ao se contar histórias sobre os moradores, que viram praticamente folclore da região. Além de poder definir limites sobre a formação do grupo, já que sobre os de fora não se faz fofoca. Ela explica que é por esta via, da fofoca, que até os mais pobres podem contribuir para a rede de troca de informações dentro da comunidade, como talvez aconteça com Terezinha e Dolores, que além de se encontrarem em séria situação de pobreza, são as mais conhecidas e estão sempre por dentro do que se passa. Mais um sentido para a fofoca é o educativo, já que através dela se trocam valores e normas morais, que os menores vão aprendendo sem necessidade de explicações diretas. Outra função é de

comunicação, especialmente entre analfabetos, que assim descobrem endereços de parentes e paradeiro de amigos. E por fim, a fofoca fala da reputação dos moradores (FONSECA, 2000: 42). E a autora explica: “Enquanto a reputação é útil ao homem, ela é crucial para a mulher, pois, além de determinar sua integração ou exclusão da rede comunitária de trocas, pesa no teor de seus conflitos conjugais” (FONSECA, 2000: 44).

E a reputação é algo com que as mulheres da São Remo se preocupam. Por isso, apesar de a conversa ser corriqueira e usual na comunidade, deve-se ter cuidado com o que se faz e se fala.

Branca fala: “Eu conheço um bocado de gente, mas não vou nas casas porque na favela tem muita conversinha e gera violência. Minha mãe morreu por conta disso. Qualquer bate boca vai crescendo...” De início achei esta história estranha, de morrer por causa de fofoca. Mas pela pesquisa de Fonseca, realmente, os fofoqueiros, além de ganharem apelidos e maldizeres, podem sofrer agressões sérias.

E se a fofoca, além de tantos sentidos, tem também suas conseqüências, a falta de circulação por conta dela traz solidão. O vazio, como conta Rosinha. E mesmo Branca vai atrás e consegue encontrar interlocutores: “Pessoal daqui não é muito legal. Só dona Maria, seu Geraldo e a vizinha lá, que é a única que eu vou na casa, conversar...” A “vizinha lá”, ao lado de seus anfitriões, são as pessoas em quem ela confia para conversar um pouco – algo que Branca valoriza muito.

Patrícia valoriza também. Sente que faz bem ter uma amiga para conversar e dividir a vida. Mas mostra que não é com qualquer um. Não se encontra amigos de verdade em árvore:

Já tive, né. Mas não tenho mais não. Amiga, amiga mesmo não. A minha amiga mesmo foi embora para o Ceará. Aí depois veio a cunhada do Conrado e a gente era muito apegada. Mas daí vai passando o tempo e vai mudando. Ela não tinha filho agora tem dois. Eu tinha um agora tenho dois. Aí vai mudando. Antes a gente era muito grudada. Ligava uma para outra e ficava uma hora no telefone, agora não. É a cunhada que mora no Rio Pequeno. A gente foi domingo lá. A gente é apegada ainda, mas não como antes. Não

tenho mais nenhuma amiga assim de gostar mesmo. Era bom, sempre é bom.

Rosinha, que conta como achava bom conhecer a todos e circular na roça, é a que mais se isola e diz: “Não gosto mesmo e não confio muito nas pessoas por aqui. Então nem comento nada, porque eu sei o jeito que elas são.” “Nunca gostei daqui. Essas meninas, tudo... Tem três anos que estou aqui e nunca gostei.” Que difícil viver tão sozinha. E ela conta que fica bastante estressada e deprimida. Que chega a ser difícil dormir. E assim, me conta toda sua história, toda sua dor. Confia na minha postura profissional de maneira tão oposta à sua crítica em relação às pessoas: “Homem é bicho. Do mesmo jeito que mulher é! Não pude nem confiar em minha mãe.” Sua história triste e traumatizante a faz ficar resistente ao contato com os outros. Mas ela pode falar comigo. Afinal, parece muito importante poder falar de si.

É interessante que mesmo Dolores, tão conhecida na região, e bem informada, também fala deste falatório exagerado:

Eu tenho umas amigas aí, mas as meninas daí, sabe né, é ruim de ficar andando, é tudo falada. Falada pela boca do povo, então eu nem ando. Meu marido já está preso, daí os outros vêem eu andando, daí já vai pensar um monte de maldade, então melhor ficar em casa mesmo. Para evitar de confusão, de tudo. Eu tenho uma amiga. Ela mora ali, ela tem a minha idade, ela chama Jenifer, ela é muito legal comigo. Às vezes, de manhã quando eu vou buscar a Gabriela na perua eu passo lá. Converso um pouquinho. Daí quando dá a hora dela vim eu já desço para casa com ela. A Jenifer é nota 10! É, osh. Às vezes quando eu brigo, assim, com a minha cunhada, quando eu brigo assim, que eu quero conversar eu vou lá, comento com ela.

Então, ela escolhe bem com quem desabafar e com quem andar. Precisa preservar sua reputação, especialmente para não ter problemas com o marido! A reputação de esposa deve ser mantida. Mas ela me ensina algo importante. Que se não se pode confiar em qualquer um, também há necessidade de certa cumplicidade, de colaboração para preservação de todos. Digo isso a partir do fato de termos ido conversar na casa da vizinha, onde nos sentamos na cama da dona da casa e onde falamos sobre diversos assuntos pessoais, e elas riram me

respondendo que não são amigas, são vizinhas! Ou seja, a vizinha escutar suas “fofocas” não é algo ruim, mas ela ser vista com pessoas de quem se faz fofoca é perigoso. A imagem, o testemunho, é que não tem solução.

Mas há preocupação também com quem vai ouvir e o que vai fazer com isso. Amélia fica muito triste de não ter muito com quem desabafar:

Ah, Mariana, converso assim com você, às vezes com meu marido, mas ele não gosta muito não. Tenho vergonha, só falo essas coisas assim para você! Às vezes assim, a Maria (que conheço), que já sabe já. Tenho vergonha porque as pessoas querem usar o que a gente fala como arma! Como minha mãe. Não vai ajudar, vai usar contra você. E eu sinto vergonha sim, das coisas da minha família. Mesmo falando para você eu tenho vergonha, algumas coisas. Porque não é o que eu esperava como família. Que fosse todo mundo amigo. A família do meu marido é amigo, todo mundo brinca, zoa com os irmãos. É totalmente diferente: quando é coisa séria é sério, quando é brincadeira é brincadeira.

Amélia localiza a arma que a fofoca pode virar. Uma fofoca que pode ser mesmo direta. É o que sofre Terezinha, que fica muito triste por ter tantos falando de si.

Conta que dizem que ela é desleixada e preguiçosa. Dizem para ela: “Como eu queria ter a vida que você tem!” Ela responde: “Você não sabe, não pode falar isso!” Comentam: “Fui até lá e você aí sentada?” Fica chateada e me explica: “Amigo entre aspas. Tem que ter um pouco de vergonha, de sentimento. A vizinha fala ‘Está olhando aqui, está querendo roubar!’” Diz para a vizinha que se falar isso quando estiverem na rua vai arrancar seus cabelos! É o jeito que consegue pensar em lidar com a situação. A força física é o que lhe resta nestas horas.

Mas fica ali, em frente à sua casa. Observa a vida das pessoas, a vida nas pessoas e vai deixando a sua rolar. Conhece todos que passam, cumprimenta e é cumprimentada pelo seu apelido, que ganhou da mãe quando era pequena.

b. Festas

Festas são o não cotidiano para Lefebvre (s.d. apud MARTINS, 2008: 91), mas são parte da rotina no que ela tem de oscilação, de parte lúdica, que faz o cotidiano ganhar contraste e poder movimentar. As festas são grande interesse de todos na São Remo, como, mais uma vez, podemos acompanhar no relato dos agentes de saúde. Segundo Mikhail Bakhtin (s.d. apud VILHENA, 2005: 39) as festas criam espaço de liberação da dominação. Um espaço em que a expressão de revolta, de subversão, de catarse, de fantasia, pode aparecer não apenas em sua agressividade, mas expressa misturada a uma ludicidade protetora. Roberto DaMatta também coloca que nas festas se experimentam novas possibilidades de relação social (s.d. apud VILHENA, 2005: 39). Outra visão sobre o sentido as festa é apontado por Schmidt e Mahfoud (1994), que a vêem como um momento de “ruptura do fluxo do tempo cotidiano”, no qual se estabelece uma diferenciação importante para levar à observação. A distância criada do dia-a-dia no momento da festa permite que os tempos sejam pensados, sejam “objeto de reflexão”. Portanto as festas podem ser vistas como espaços de elaboração. Se não estão satisfeitos com festa junina, dia das crianças, natal e ano novo, eles fazem as festas da família em suas casas ou reservam o salão da Associação de Moradores, que tem agenda cheia delas.

Se a São Remo pode ser considerada festeira, não acho que seja opinião unânime. Pois para festas é preciso gastar dinheiro. E quem não tem para gastar nem fala em festas. As que falam com muita animação, são as que podem contar com maior infraestrutura na vida:

A gente sempre faz festa, churrasco, natal, ano novo! Até falei para ele que a gente tem que parar um pouco com essas festas! No aniversário dela a gente gastou bastante também! Que a gente fez aniversário de dois anos dela. Então a gente tem que parar um pouco, faz só um bolinho aqui para a gente. Porque gasta muito. O pessoal aqui gosta de churrasco, com cerveja e isso gasta muito né. Não é só o refrigerante com o bolo. Tem que ter carne, cerveja, aí vai o dinheiro. Tem que fazer decoração... tudo vai dinheiro! Mas ele fez essa festa para ela porque eu fiquei insistindo, porque a gente foi batizar ela. Aí falei: “Já que vai batizar, vamos fazer uma festa.” (...)

Seria chato ficar na igreja e voltar para casa. A gente sempre gosta de uma folia! Faz bem! A gente se sente bem, fica feliz! Fazer compra também! É ótimo! Minha tia fala que sou festeira!

Patrícia tem esta possibilidade de festejar! Adora ser chamada de festeira e dizerem que ela sabe se divertir. E pelo que ela fala, gosta e sabe mesmo:

Eu gosto de fazer feijoada! E que feijoada que eu fiz! Tinha bastante gente! Tinha dois irmãos meus e o resto dele. Uns cinco irmãos dele aqui! As duas famílias são bem grandes! Eu gosto! A gente vai sempre na casa de um irmão dele fazer churrasco, lá tem mesa de snooker. É um lazer da gente! A gente fica brincando...

Já Rosinha diz que gosta, mas sua mãe que aproveita mais. Ela agora é mãe e precisa se controlar:

Minha mãe é que é farreira. Se tiver gente em casa é uma gritaria, risada, comida para cá, comida para lá e vai embora... Eu gosto só de vez em quando. Direto não. Eu não gosto de muita gente também não." "Nossa, eu gostava bastante (de uma bebidinha). Nossa senhora. Mas só em festa. Não todo final de semana. Meu marido também não. No dia do aniversário dele que ele chegou com um bafinho que eu falei: 'Que que é isso? Pode parar!' Não quero isso não! Não suporto homem bêbado. Só o cheiro que fica... Mas eu quando tinha 14, 15 anos, tinha o pessoal do povoado. Aí eu acabava bebendo um pouquinho assim, dormia um pouquinho, mas... Então comecei a namorar com ele e ele não gostava também. Quando a gente começa a gostar de alguma coisa tem que parar com alguma coisa que tava errada né? E aí eu bebi uma última vez e ai, deu uma "embrulhação" brava! Aí parei mesmo. Hoje em dia nem posso sentir cheiro de bebida que me enjoa. Nas festas de fim de ano dá para fazer uns "tintins", mas bem pequenininhos, se não, passa do limite. Mas eu tenho meu limite, por mais que tenha festa, não bebo porque a tenho. Já pensou: eu bêbada com a criança no braço? No aniversário dela eu bebi um pouquinho porque estava muito nervosa, daí falei: 'não, espera aí! Isso aqui é festa de criança, ainda por cima é a minha. Depois caio bêbada!' Deixei o copo já e preveni.

Se as festas trazem alegrias e diversão, também podem trazer problemas. E Rosinha se preocupa com sua filha, com sua reputação e também com a de seu marido. Uma preocupação com a imagem pública, mas mais do que isso, um valor pessoal. Pessoal por observar-se que na São Remo todos participam das festas, aproveitando o máximo que podem, ou seja, na comunidade beber um pouco parece ser parte da diversão. Algo que ela teme, pois deve

associar a bebida a um uso abusivo que pode gerar sérios problemas. Ao menos é esta impressão que passa ouvir as pessoas, de diferentes lugares, comentando da festa do dia das crianças de 2007. Uma festa grande, bem organizada, com atividades no campo e show à noite. Show de música que foi até de manhã e muitas mães de família puderam aproveitar até o fim. Com seus maridos e uma boa cervejinha. Até porque, se o motivo são as crianças, todos têm direito de se divertir!

Uma semana antes todos já sabem da festa e Dolores já pegou senha para sua filha ganhar presente. A vizinha diz que prefere ficar em casa assistindo DVD. Mas Dolores mostra sua animação com a festa que ela também vai aproveitar: “Osh, vai ter cantor e tudo, filha!” E esta festa na comunidade, que todos que querem podem participar, é momento que deve ser aproveitado – afinal, ser mãe reduz as saídas para balada:

Antes eu ia só para o forró, ou salão, música black, música tecno. (...) Às vezes eu fico aqui escutando forró e lembrando. Eu imagino como se eu estivesse lá, dançando, aquelas luzes no salão. Nossa, uma maravilha! Bebendo, curtindo. Com as minhas amigas. E eu fumava cigarro antes, só que parei. Já tem quatro anos que eu parei. O cheiro de cigarro eu não suporto mais! Me faz mal. Esses dias eu fui fumar, só por brincadeira minha mesmo. Dei dois tragos assim, comecei a me sentir mal. Aí nunca mais fumei. Minha cabeça ficou doendo, fiquei com vontade de vomitar. Falei: Não! Só o cheiro já me faz um mal.

Se o desejo cede e elas acabam bebendo ou fumando para matar saudades, o corpo grita e fala que elas já não servem mais para isso! Mesmo que gostem tanto, se divirtam, se sintam bem, aproveitem as festas, precisam arrumar outras formas. Agora são mães, às vezes casadas, precisam honrar o papel.

E Amélia fala de outras formas. Não deixa de comemorar o aniversário. Algo que acham importante – comemorações:

Comemoro aniversário no shopping, no Mc Donalds, pizzaria. Às vezes a gente faz até duas programações. Sempre que dá tenta fazer alguma coisa. Quando não dá como hoje, na semana, quando está chovendo, a gente passa para o sábado. Aí faz de conta que está comemorando no sábado.

Mas também mostra que gosta muito de festa, contando de seu natal com a família do marido: “Com a família dele tem amigo secreto, tem a ceia, todo mundo ajuda. Nós dançamos até umas horas! Amanhece o dia! Comes e bebes. Tem discurso antes da ceia...”

Como se observa, a bebida normalmente acompanha a festa. Uma cervejinha para alegrar, assim como o cigarro, que aparece na fala de Dolores inicialmente como algo que ela gostava de usar em momentos de descontração, mas depois, quando se torna mãe, passa a fazer mal. Tanto a bebida quanto o cigarro possuem este duplo sentido. Um modo de se aproximar dos outros e também acabar afastando. Dolores fala da sogra alcoolista, Terezinha fala do marido, Rosinha e Dolores falam dos pais. Um problema que é presente em qualquer nível econômico e que aparece como problemática séria na São Remo. Séria porque cada um aponta seu sofrimento em relação a isto. Porém, muito pouco se fala, nada se aprofunda. Um assunto delicado, muito triste e de difícil solução – que também pode estar um pouco naturalizado para elas.

c. Música/TV /DVD

A música está em toda parte na São Remo. Música que não pára de tocar. A qualquer dia e horário há música tocando. Nos finais de semana isso se intensifica, pois há mais gente em casa. Portanto, é de se esperar que a música esteja muito presente na vida dos moradores da São Remo. O fato de tantos se mobilizarem e aproveitarem o show do dia das crianças também vai ao encontro desta observação.

Uma visão de teórico e músico sobre cultura popular, mostra como se pode pensar tal ocupação dos ritmos: “(...) onde só se ouve *rock*, outro só ouve samba, um só ouve os

clássicos, outro só música de vanguarda e outro só música ligeira: cada estilo musical uma espécie de redoma, ilha de tranqüilidade possível num mundo conturbado” (Wisnik, 2006: 116). Uma idéia que pode até mesmo ser aproximada da de espaço potencial, como apresentada no capítulo dois, “espaço de relaxamento”, portanto de tranquilidade, onde é possível um contato intermediado entre mundo interno e externo, onde se pode criar e elaborar. Portanto, esta diversidade musical que encontramos na São Remo ao andar por lá, pode ser um meio que os moradores têm de se sentir em casa, de tornar seu pequeno espaço mais familiar, mais particular, e procurar relaxar. José Miguel Wisnik ainda defende esta diversidade musical que a indústria cultural produz, ou seja, uma riqueza que brota de uma organização de sociedade que ele concorda ser manipuladora e coisificante. A defesa é feita por conta da apresentação de uma correlação de forças, de poderes, não bem definido ou “pelo menos sujeito a movimentos contraditórios ao sabor das pressões históricas” (2006: 116). O autor vê nesta pluralidade a subversão de uma ordem imposta, que aparece por conta da riqueza humana que pode ser despertada a cada novo ritmo, a cada novo indivíduo.

As mulheres com quem conversei mostram que cada ritmo traz um sentido à música: lembrar o amor, pensar na dura realidade, se divertir, etc. E Dolores me explica sobre o papel da música em sua rotina. Mesmo outras tendo falado que ouvem música, que gostam de dançar ou Patrícia, que fala das músicas country que alegram o fim de semana em sua casa, é Dolores que realmente conta o quanto isso mexe com ela:

Ah, TV eu não ligo muito para assistir não. Eu assisto mais lá na casa da minha cunhada. Assisto novela lá. Que eu mais gosto de assistir é Cobra e Lagartos, Páginas da Vida, A Feia Mais Bela. Mas gosto de escutar uma música, Rap que eu gosto, funk, coloco um monte de rádio aí legal e fico escutando uma música e... Eu danço também no meio da casa. Eu escuto e fico dançando às vezes (risos). Gostoso! A Vitória também dança! Pior que dança! Quando passa black, nossa ela adora! Só isso que tem mesmo para me distrair, né? Eu só escuto a 88.10, que passa músicas românticas, com declaração, eu acho legal. A música é tão bonita que eu até choro. Lembro dele, de tudo que está acontecendo, sendo que eu nunca pensava que ia acontecer. Muitas coisas mesmo, passam pela minha cabeça, muitas

coisas mesmo. Passa tantas coisas, que nossa senhora! Minha cabeça chega a ficar pesada, a doer, de tanta coisa que passa na minha cabeça. Me distraio. Eu mesmo procuro me distrair. Nas músicas, que nem eu te falei né. Às vezes eu vou na minha sogra, mas dia de sábado eu estou sempre em casa, quero ficar sempre dentro de casa. Às vezes escutando música assim, eu fico pensando em tanta coisa, tanta coisa, tanta coisa, que às vezes eu até choro, mas não adianta chorar, chorar não vai resolver nada. Tem que correr atrás.

A música é o modo de se encontrar. Pensar em sua vida. As músicas românticas a fazem lembrar de seu amor e chorar. Mas ela também dança e se diverte. E ela também fala de outros tipos de música que a fazem prestar mais atenção à sua volta:

Antes eu não gostava, agora eu gosto de rap. Música rap que fala muito da favela e fala muito das coisas que são verdade, tudo que eles falam ali. É verdade também. De policiais corruptos. Você já ouviu o cd do Facção Central? Fala da favela do Sapé, que as polícias chegam batendo nas pessoas. Fala tudo. Ai, eu quando escuto um cd, eu presto atenção em todas as letras. Porque se não não curte a música, não sabe do que ela fala, o que ela reproduz... Eu é só rádio. TV nem muito. Tem cd de reggae aí também. Aqueles reggae antigo, tudo que eu curtia. Cd de forró das Mulheres Perdidas, que tem a música da Rapariga. "Mó" dá hora.

A reprodução da vida na música lhe faz companhia. É uma possibilidade de reviver emoções que já foram. E em nossa terceira conversa (realizada por pedido dela, já que na segunda oportunidade a casa estava cheia e ela não conseguira falar direito) ela já estava com o marido em casa. Junia Vilhena (2005) coloca como a música é um meio de denúncia, e como os temas recorrentes de "união, da amizade, da fraternidade reforçam esses valores e investem na integração social como antídoto para a violência" (2005: 19). Dolores também está falando disso, mostrando como esses valores são importantes para ela. Como ela precisa contrabalançar a violência e miséria de sua vida para sobreviver. Ela e o marido dançam juntos pela casa e também assistem vários filmes de terror e comédia, que ela compra na feira de sábado. Ele faz muita companhia a ela:

Não (saímos), mas fim de semana eu sempre invento alguma coisa para comer. Eu faço ele comprar alguma coisa diferente, daí a gente fica comendo em casa, conversando. Tem dia que a gente fica conversando até altas horas. Ele fica contando tudo que ele passou lá

e eu tudo que passei aqui. Ele pensa em ir para lá de novo para o Paraguai. Mas eu disse que se ele for vou embora. Não quero isso para mim. Ele acha que eu falo isso brincando, mas não estou falando brincando. Estou rezando para que ele esqueça isso. Que ganhe o dinheiro suado, mas daí o dinheiro é nosso né.

Não é de hoje que todas as casas nas favelas contam com televisor. E nos dias atuais, aparelhos de som e DVD's também não são raros. Mesmo que não se use muito é sempre uma possibilidade e uma posse:

Tem (aparelho de DVD), mas não usa. Travou de tanto que a gente não usava. Leandro até vê uns filmes, mas a gente não. TV a gente assiste o jornal das 12h. A Claudete, programa que está vindo umas contas de telefone aí para mim. (ri) (...) A gente dá um lance para eletrodoméstico. Vejo Cobras e Lagartos (novela), não assim direto no sofá, né! E a novela que é Páginas da Vida e depois cama. São esses os programas que a gente gosta de ver. Música a gente ouve na Nativa, que meu marido gosta. É música variada. Fim de semana é sertaneja. Música de caubói, como chama? Ai, não estou lembrando. 12h até 13h passa um programa desse... Pessoas declarando seu amor para quem ama.

A TV faz companhia, e até acorda Patrícia. É um meio de adquirir inclusive mais posses, mais adornos para sua casa. E ela explica que as novelas do início da noite não assiste “assim direto no sofá”. Precisa preparar jantar, dar comida para filha, arrumar a cozinha, etc. Fica ouvindo a novela. As histórias que nela se passam, assim como as que passam no rádio. Mas deixa claro que essa rotina a incomoda, pois a vontade de acompanhar a trama das histórias se torna como obrigação. Ela não gosta de se sentir amarrada. Gosta de variar: “... não me apeguei muito a ela não. Antes ficava fazendo as coisas e assistindo novela de lá. Ouvindo. Daí eu falei: Ah não vou mais assistir novela não. E aí se não começa a ver fica mais tranquilo.”

Fica mais fácil fazer outras coisas, fica mais fácil dar conta das tarefas de casa, fazer as festas de que gosta. Ela gosta do barulhinho da TV, mas não da necessidade de assistir, de se dividir entre atividades. Quer fazer suas coisas e para isso precisa não se deixar levar pela trama da novela, que é como um vício. Camargo (1992) fala de como a televisão é muito assistida em São Paulo, tanto durante a semana quanto nos finais de semana. Ou seja, há um

consumo de lazer reproduzido pela mídia. Mas o autor ressalva que esse consumo não substitui a prática e que todos têm necessidades materiais, não-materiais, de sonhos e momentos de alegria. Além de precisarmos prestar atenção à declaração de Patrícia, de que o tempo todo a TV está ligada, mas normalmente não há ninguém realmente assistindo, acompanhando do sofá.

Certeau (1996) também faz esta reflexão sobre a utilização do que se vê, do quanto é importante olhar para o uso que acompanha o consumo, por exemplo, do material televisivo. O que ele coloca que é importante é a “maneira de empregar” o que se vende. E Patrícia conta que fez dívida com programa de TV que estava sorteando aparelhos eletrodomésticos, ou seja, entrou no circuito consumista. Mas este lugar também fala de uma capacidade de sonhar e em seguida de aprendizagem, já que ela percebe que não pode brincar tão descuidadamente. E ela deixa claro no momento citado acima, que a televisão faz companhia, traz uma trilha sonora à sua vida.

Martin-Barbero (1997) é mais um que olha a televisão como não apenas meio de comunicação, mas também como meio através do qual se produz cultura. O autor coloca que mesmo que haja uma crítica intensa em relação à produção televisiva, sua qualidade e massificação, ela permite uma significação social aos telespectadores. Assim como acontece com Patrícia. Toda sua situação também nos faz refletir sobre o modo de vida e necessidades de sonho e crença que se tem hoje.

Já Rosinha gosta de ficar em casa na tranquilidade da TV. Tudo passando, na TV e no mundo, mas ela se mantendo uma boa esposa e mãe de família, em casa: “Gosto de ficar sozinha assistindo desenho, ou novela, ou filme, ou ouvindo música, fazendo minha comida.” Se protege dos perigos e tentações do mundo em frente à televisão. Para Amélia, as novelas e jornais apenas ocupam um dia-a-dia mais monótono, quando todos estão cuidando de suas vidas e ela espera pelas suas obrigações: os filhos voltarem da escola e o marido do trabalho.

d. Passeios

Os passeios são freqüentes, especialmente por ser a São Remo bem localizada, como já apontado. Patrícia é a que mais fala de aproveitar os passeios:

Antes eu não tinha minha filha, tenho que fazer muito mais! Queria ter mais tempo para sair, descansar... A gente fica só fazendo as coisas dentro de casa e você não sai, não descansa e amanhã chega e você vai fazer tudo de novo. Sairia para fazer compras, para passear na casa dos parentes por aqui. Porque meu marido só folga durante a semana, então a gente usa a semana para passear. (...) É assim, na casa dos vizinhos aqui, a gente não sai para comer fora, para lanchar. Vamos na USP, todo final de semana. Assim programa de comida, raramente.

Lugar aberto assim, para as crianças brincarem. Ah, vai fazer alguma coisa diferente. Sempre que sai a gente chega cansada, mas a gente fica feliz! Sai da rotina. Quase tudo cansa mesmo. Fui no médico do estado com ele e preferia ter ido trabalhar, porque passei a manhã inteira sentada e cansa muito mais! Ficar lá sentada cansei muito mais. Então, sair relaxa, mas chega cansada. Às vezes sozinha. Com alguém, mas sem minha filha, que às vezes estressa mais ainda. A gente vai muito para casa de parente aqui mesmo. Tenho só um cunhado que mora no Rio Pequeno. E a gente gosta muito de ir para USP, passear. Eles vão jogar bola, andar de bicicleta. Eu também ando de bicicleta. Ela vai no carrinho, vai junto. Nossa, domingo ela estava bem enjoadinha. Estava aqui sozinha comigo e eles jogando bola na USP. Fui com ela para USP e nossa, chegou ótima, brincou até a hora de dormir. Foi ótimo o passeio para ela. São esses os nossos passeios. Também é chato ir para longe, ficar andando de ônibus... A gente foi só uma vez no Ibirapuera. Não gosto muito de ir. É longe. Se tivesse carro ia ser bem mais fácil né. Mas o objetivo do carro é depois da casa. O carro da muito gasto. E o congestionamento.

Podem usar a USP, ir à casa de parentes, de amigos. O Parque Ibirapuera fica longe e ela acha ruim atravessar a cidade, mas já foi conhecê-lo. Os passeios cansam, mas fazem bem. Essa é uma atenção que nem todos têm. Às vezes o cansaço é tanto que não é possível enfrentá-lo para se divertir. Mas Patrícia conta como vale a pena.

E mais uma vez, por conta de sua situação financeira um pouco melhor, ela conta como gosta de fazer compras e sonhar com as coisas belas:

Gosto de fazer supermercado! Qualquer compra eu gosto! Tudo caro. Mas adoro fazer compra. Entrar naquelas lojas de material de construção. Fico olhando as coisas e imaginando quando eu tiver a minha casa. Quando a gente fez aqui, a gente não tinha dinheiro, mal para pagar o banco. Não tinha condição de ficar escolhendo coisas bonitas, desanima né. Eu acho que a gente vive até bem! Tanta gente... mas a gente chega lá! Não no sonho, mas... vamos no dia-a-dia.

Assim se constrói o valor do passeio. Não precisar ficar em casa para cumprir rotina e variar! Quando pergunto o que mais gosta de fazer pergunta “Como assim?”. Mas logo me conta que é passear. Relaxa e aproveita a vida.

Amélia conta que eles passeiam também, aproveitando a boa localização da comunidade:

Parque Villa Lobos. No Shopping, em Osasco. Às vezes. Não é todo fim de semana. Às vezes viajo também, para o interior ver minha mãe. Minha mãe é da Bahia, mas mora no interior. Lá é gostoso. Lá é um sítio, bem sossegado. Cavalo, espaço para bicicleta, pracinha, sítios perto. Frutas à vontade.

Quantos lugares e companhias para aproveitar!

e. Trabalho

As discussões do primeiro capítulo nos indicam um papel muito importante do trabalho na vida das pessoas. E Dejours (1986) nos fala da importância de uma diversificação de tarefas para a manutenção da saúde. Essa forma de sentir o trabalho é vivida pelas mulheres com quem conversei e parece ser opinião de muitas outras, já que 55% das mulheres entrevistadas pela Fundação Perseu Abramo (2004) dizem preferir trabalhar fora de casa a

apenas cuidar da casa e da família. Carmem Barroso (1982) fala do início de uma nova categorização de atividades de trabalho que inclui o trabalho não remunerado, o trabalho doméstico. Algo que apenas em início dos anos 80 passa a ser considerado pelas pesquisas como IBGE e que enfrenta diferentes barreiras para ser valorizado (questões de gênero, de auto-estima, de esperança com mudança de vida, etc.).

Mello (1988) faz alguns apontamentos, em sua pesquisa, que vão ao encontro do que pude observar das conversas com as mulheres da São Remo. A autora coloca como o trabalho toma uma parte muito significativa da vida destas mulheres, quase como uma bússola, que orienta: “Porque trabalhar é mais do que sobreviver: de certo modo é colocar as coisas no lugar, arrumar o mundo, dar ordem nas circunstâncias, que, de outra maneira, seriam devastadoras” (1988: 168). Aparece nos relatos como a possibilidade de ter trabalho pode ampliar as possibilidades de sonhar e de se relacionar com a vida.

Mello aponta um dilema presente no cotidiano destas mulheres mães, que parece constante: o cuidado dos filhos ou o trabalho “fora”. Até porque o dinheiro proveniente deste trabalho é importante para a nutrição dos filhos. Barroso (1982) coloca que na década de 1970 e início da de 1980, a maior reivindicação das mulheres brasileiras era a criação de creches. Algo ainda constante na fala de moradores da São Remo. E a pesquisa citada acima, dizendo como as mulheres preferem trabalhar fora, está de acordo com a possibilidade de autonomia que conseguem a partir do seu trabalho. Mello cita: “Como as palavras de Vanda tão bem explicaram, o trabalho lhes dá um certo domínio sobre as circunstâncias, ordena a vida, dá dimensões precisas às expectativas de consumo” (1988: 177). O salário é apontado como único objetivo do trabalho delas. E Mello avalia, na linha da crítica de Castel:

O trabalho é um dos pontos críticos da mentira. Transformado em virtude redentora, porta de passagem da pobreza para a riqueza, ou para a segurança que a riqueza encerra, justifica ambas, mascara a divisão e o conflito porque escamoteia, no jogo do vir-a-ter pelo esforço e pelo trabalho, a verdade evidente de que os longos anos de trabalho nem mesmo libertam-nas da ansiedade pelo dia seguinte.

Porque a mentira é, por vezes, mais persuasiva do que o espinho encravado na carne. Desse modo, a resposta que oferecem à desesperança que ameaça apossar-se delas é ainda o trabalho (MELLO, 1988: 183).

Em todas as falas acompanhadas na pesquisa, o trabalho é a saída. A saída da situação de pobreza, da situação de desamparo, da situação de dependência, de tédio. Querem sair de algo que as machuca, incomoda. O grande prazer, ou sonho, não é dançar forró, ou ver um filme, mas ter capacidade e possibilidade de trabalhar e garantir sua sobrevivência psíquica! Quando não concreta. Um sonho por vezes um pouco fantasioso, como a lembrança de Rosinha da roça, uma vez que encontram condições de emprego muito difíceis algumas vezes.

Há pais que não estão mais com as mães, outros trabalham e outros ficam em casa descansando. Mas é muito interessante ouvir que ficar em casa sem trabalhar é estressante. Há os problemas de convivência na casa, uma necessidade de variar de ambiente, mas que não é sanada pelo passeio no parque. Elas querem se sentir úteis e ganhar seu dinheiro. Saber que estão contribuindo em casa e que não estão apenas consumindo. Uma delas fala o quanto é estressante ficar naquele “buraco” (São Remo) sem ter o que fazer, sem ter para onde ir, sabendo que para mudar a vida precisa economizar um bom dinheiro. Ela é uma das mães que não se dispôs a participar da pesquisa, mas sempre me procura para “tagarelar”, segundo expressão usada por ela. Outra conta que se sente feliz, pois apesar de ser difícil se acostumar a trabalhar depois de ter filhos, é muito bom ter um dinheirinho a mais que traz tranqüilidade.

Ela fala que ficar em casa desempregada só ajuda a pensar na impossibilidade de melhoria de vida, nos problemas – em coisas ruins. Helena Scarparo (1996: 169) coloca que o trabalho remunerado vem carregado de esperança em novas conquistas, em uma vida cidadã.

Amélia me fala do seu desejo de arrumar um trabalho, antes de saber da pesquisa, numa conversa no pátio da Escola Girassol. Ela não precisa de mais dinheiro, mas quer trabalhar: “Aí é por isso que eu falei que quero arrumar um trabalho, para me ocupar mais um pouco, porque a mente também fica muito parada. Daí, arrumando um trabalho pelo menos

saía fora, via coisas diferentes, caminhos diferentes...” Como os garotos do Projeto do Rio de Janeiro, teria assuntos diferentes para pensar e conversar. A mente parada e entediada a levam a pensar em sua vida, em suas tristezas, em coisas que não quer pensar. Ter tempo pode levar a pensar na vida e nos sofrimentos; pode não ser muito agradável.

Diversidade é o que ela quer. Alternativas. Mais possibilidades. Ampliar o mundo. Klaus Vianna fala de um jeito bonito dessa possibilidade de aproveitar cada parte do mundo, de conhecer, pesquisar o mundo: “(...) se vou todos os dias pelo mesmo caminho, não olho para mais nada, não presto atenção em mim ou no ambiente. Mas se penetro numa rua desconhecida, começo a perceber as janelas, os buracos no chão, despertando para as pessoas que passam, os odores, os sons” (Vianna, 2005: 135). Realmente, às vezes é preciso um estímulo externo para nos fazer olhar para a riqueza em volta. Amélia sabe que há muito mais que sua amada casa e deseja isso. Mas conta como também gosta de seus afazeres e quer mantê-los:

Eu estava te falando dos serviços: consegui dois serviços essa semana, mas só que os horários são puxados. Era das 11h da manhã às 22h! E trabalhava cinco por um. Outro das 12h às 22h. E trabalhava cinco por um. É só uma folga na semana. Aí falei que não dava por causa dos filhos e da igreja. Eu quero um trabalho que não atrapalhe a minha religião. Aí o marido falou não, não vai não. Trabalha durante o dia. É porque o trabalho dele tem horário de entrada, mas não tem de saída. Às vezes ele chega 24h, 1h da manhã, 2h. Dia que vai trabalhar fora, vai cedo, trabalha o dia todo, volta 21h, dá conta de tomar banho e jantar e volta para trabalhar. Até 4h da manhã ele já chegou. Ele trabalha com negócio de vidro, cobertura. Aqueles prédios de vidro que tem na Paulista. Moldura também. Ele vai para o Rio, para o Guarujá. Vai para lugar longe...

Tem orgulho do marido pelo que ele faz e também por perceber que ele conhece muitos lugares diferentes. Ela conta que gostaria de conhecer também. Mas, mesmo que seu trabalho possa lhe trazer conquistas e novidades, não poderá mantê-la tão ocupada como o marido fica. Ela precisa dar conta de seus outros trabalhos.

Quando veio da Bahia, trabalhou em casa de família e se sentia escravizada. Uma sensação que muitas têm por conta de dificuldade de escolher onde e com o que trabalhar. Como coloca Castel (1998), Neves (2002) fala que além do desemprego afetar os que ficam sem trabalho, afeta também os que estão trabalhando que se sentem pressionados a se submeter, a aceitar tudo que lhes é imposto pelo empregador, já que o risco de demissão é iminente. Especialmente para as camadas populares. Não é à toa que muitos procuram trabalhos autônomos, como comércio informal⁵².

Branca diz que faria qualquer coisa e vai procurar oportunidade de distribuir folhetos na rua, função que ela não escolhe, mas é a que aparece como possível, se é que aparece mesmo. Mas Dolores, Amélia, Lalau e mesmo Patrícia falam de como exigem sua dignidade. Amélia diz que nunca mais quer trabalhar em casa de família. Sentia-se escravizada. Ficava tão cansada que deixou de estudar: “Não. Não terminei não. Comecei a estudar na Bahia até oitava. Cheguei em São Paulo e foi atribulação danada. Fui trabalhar em casa de família. Comecei o primeiro e não terminei, porque me cansava muito.” Se sentia explorada: “Trabalhei muito já e geralmente não lucrei nada.”

Neste momento o trabalho já aparece com o objetivo do lucro. Quer que seu trabalho lhe renda algo. Afinal, se gera tanto cansaço e ainda subordinação às ordens do patrão, deveria render algo de bom: o dinheiro. Mas isso é uma parte do benefício que pode ser trazido pelo trabalho. Amélia mesmo nos mostra como ao ficar sem trabalhar pode olhar outras vantagens: como a importância de sair e ver coisas diferentes. Talvez as duas coisas tenham que vir juntas. Ela tem que se sentir respeitada e valorizada pelo que faz, como seu marido: “Meu marido fala para eu terminar os estudos. Mas ele mesmo não terminou. Mesmo que eu. O trabalho não deixa, mas ele não tem vontade não.” A sensação de escravidão não é rara. Fonseca conta de uma de suas entrevistas: “Se é para ser escrava”, explica uma ex-

⁵² (Cf. Gonzáles, 2002).

faxineira, “melhor ser escrava em casa” (Fonseca, 2000: 20). E frisa: “Segundo um informante, ‘Sem salário a gente morre de fome, mas com salário morre do mesmo jeito.’”

Dolores fala que trabalhou em casa de família onde não podia comer nada e tinha que ficar o dia todo. Ficava muito cansada e não se sentia respeitada por esta restrição. Assim, não foi difícil, em meio a tanta dificuldade, se sentir humilhada e nunca mais voltar quando a patroa mostrou desconfiança. Quer dizer, de certa forma ela deixa de enfrentar a situação e se explicar, mas ao mesmo tempo bate o pé em relação à sua sede de dignidade e orgulho.

Lalau, que trabalha de diarista, fala que há casos e casos. Há casas em que é muito bem tratada e outras em que não. Mas fala de condições extremas que precisa enfrentar: “O trabalho é bem puxado. Só almoço rápido e depois não paro! Algumas patroas são boas e tratam como da família, mas outras tratam como escrava. Tem bastante diferença.” Descansa dormindo ou sábado quando não trabalha. “É cansativo, mas dá!” Ela não pode tomar a atitude que Dolores tomou. Largar um emprego por não se sentir respeitada não é uma escolha para Lalau. É preciso suportar.

Dejours (1986) valoriza o trabalho, mas também indica produtos negativos das relações de trabalho⁵³, assim como elas: muita exigência física e/ou psíquica, cansaço, conflitos pessoais e profissionais, subordinação, alienação, dificuldade de ver os filhos, de cuidar da casa, de diversificar atividades, etc. E Patrícia também se sente muito cansada: “Porque também vou a pé para o trabalho. Vou e volto e aquela agitação no trabalho. Não vejo a hora de ir embora. De fazer tudo rápido e vir logo. E ainda é meia hora andando.” Acredita que esse cansaço a estressa, mas diz que trabalha por que quer: “Gosto. Estou lá porque eu preciso e também porque eu gosto. Se não gostasse não ficaria lá não. Porque só eu que sou dependente da minha renda. Então se eu não gostasse não ficaria não. É isso.” Não trabalharia se pudesse escolher, mas fala que prefere ter seu dinheirinho para as “frescurinhas de mulher”

⁵³ Como colocado na página 31.

e também precisa fazer alguma coisa. Não acredita que seja bom não ter atividades, ficar só em casa.

Patrícia pode escolher entre trabalhar e não trabalhar. Diz que em seu sonho não trabalharia, mas a possibilidade de escolha se faz entre não depender de seu dinheiro para sobreviver e ao mesmo tempo com ele poder cuidar de sua feminilidade, de seus pequenos desejos. Para ela, o trabalho é necessário para sobreviver, colocar comida na mesa e ter um teto. Se o marido garante a sobrevivência da família, ela não precisaria contribuir com seu trabalho. Mesmo que tenha contado que gostaria de uma casa maior, etc. Parece entender que um salário seu não poderia acrescentar muito e melhorar suas condições de vida.

Diz que o trabalho é pouco para chegar ao sonho da casa própria e melhorar de vida, apesar de ser tão necessário para viver minimamente bem, para se organizar, para sonhar, para comprar as “frescurinhas de mulher”:

Para isso tudo que eu falei, do nosso trabalho não tinha jeito. A não ser que com o trabalho a gente pudesse investir, mas só com nosso trabalho não dá. A não ser que jogasse, como meu marido joga sempre. Uma promoção que a gente está no meio, quem sabe né? Ter um negócio que a gente tivesse sorte, daí quem sabe...

Seus sonhos são grandes e ela inveja a tia, que vai “evoluindo” na vida:

Queria ser igual minha tia que é calminha... Ela trabalha no CEPEUSP. Foi estudar depois de dois filhos. Terminou o estudo, agora faz curso de inglês. Ela quer evoluir, é muito esforçada. Tem gente que aprendeu um pouco e fica com aquilo, né. (...) Trabalhava na limpeza lá do CEPEUSP e subiu? Sempre está evoluindo. E eu estou a quase nove anos no apartamento que eu trabalho. Parece que parei ali.

Queria melhorar o português e de repente até ser advogada. Mas não se sente em condições de pensar muito nisso. Lalau termina o ensino médio, mas também precisa juntar mais dinheiro e ânimo para prosseguir. Vão mostrando esses contrapontos do trabalho. Como é algo que não permite por si só sonhar com melhoria de vida. É preciso mais esforço. Amélia explica a enorme exigência de qualificações para trabalhos básicos:

Do jeito que hoje está... minha cunhada fez não sei quantos cursos aí e está em firma de limpeza. Ajuda porque essas empresas pedem ensino médio. Minha cunhada tem computação e tudo! Aí, estou pensando. Quem sabe no fim do ano consigo supletivo aí no Daniel (escola da região). Seria bom se tivesse na parte da tarde. Mas queria era trabalho, para ter o que fazer. Não é muito estudo não.

Amélia foi então estudar. Conta de suas ótimas notas. Além de me contar que vai pagar curso de informática, pois está fazendo mais falta agora que está com computador e internet em casa. Não quer aguardar a enorme fila de espera do curso gratuito da região. Depois me conta que consegue vaga ao falar direto com “a dona dos porcos” – diretora da instituição.

Então ela busca: horário perfeito, atividade interessante, valorizada, sem criar conflito com seus outros valores, etc. Na verdade procura o trabalho ideal, que talvez não exista, mas a mobiliza a procurar. Esta possibilidade não é comum nos discursos das mulheres com quem conversei. Até porque as demais ainda têm filhos pequenos. Apesar de querer mesmo trabalho, acabou percebendo que estudar também é ter o que fazer e pode ajudá-la a arrumar um emprego. Enfrentando um dos efeitos do desemprego em larga escala, que cada vez exige mais qualificação para atividades que antes não exigiam nenhuma.

Mesmo assim, Dolores não considera o que faz um trabalho “comum”, apesar de muitas outras mulheres também trabalharem cuidando de outras crianças: “Eu não tenho um trabalho comum mesmo, né.” O que seria um trabalho comum ela não sabe me explicar, mas diz que não confia em outras mulheres cuidarem de sua filha. Ela acaba entendendo o que faz como um favor aos cunhados que lhe rende uma ajuda financeira: “Ah, não. Não confio não. Não é todo mundo que cuida assim. Às vezes judia. Isso aparece na televisão direto, que a mulher vai trabalhar em casa de família, cuidar de bebê, e que bate...” Ela queria ser veterinária. Ter uma profissão. Isso sim seria ter um trabalho comum para ela. Ser respeitada, se sentir digna, “ser alguém na vida!”. E fala: “Eu quero é que a creche chame logo ela para mim trabalhar, isso sim!”

Mas como as possibilidades são pequenas, ela fica com o lado monetário do trabalho, que vale bastante:

Eu só queria trabalhar mesmo para não faltar nada para ela. Só por isso. Porque eu não queria ficar neste trabalho que eu fico. É muito pouco o que eu ganho. O dinheiro não dá para nada, para nada. Mal para comprar as coisas dela dá! Sabe quanto é esta fralda? R\$ 24,00. E é para passar o mês. Aí já chega esse mês agora, setembro, já compra mais um. Tem leite também, engrossante, comida de cachorro, fruta para ela. Porque ela não vive só de leite, né. Verdura, comida para ela, tudo que criança precisa. E a casa também, o ambiente que a gente mora...

Quanto é preciso para se sentir digno, respeitado, cidadão. Fonseca trabalha um item importante. O quanto às vezes é preciso criar mitos para se valorizar e do quanto às vezes é fácil impor limites quando se sente desvalorizado:

Os poucos assalariados tendem a acionar mecanismos para compensar a possível perda de prestígio ocasionada pelo seu emprego. (...) A faxineira frisa que a patroa deposita nela 'total confiança' e trata-a 'como alguém da família' – e além do salário, a enche de presentes. A afirmação do amor-próprio é ainda mais evidente nas numerosas anedotas sobre 'Por que deixei meu último emprego'. Eis um depoimento típico: A patroa queria me explicar meu trabalho. Ela disse que era para lavar os vidros primeiro em baixo, depois em cima. Eu disse que não, mas ela insistiu tanto, que eu fiz como ela queria. Só que prestei bem atenção para sujar bastante a parte de baixo. Ela compreendeu. Pagou na hora – para aquele dia seguinte – e me mandou embora. Só pedia uma coisa: se alguma vez eu visse ela vindo na mesma calçada, era para mim atravessar a rua para não encontrar com ela. Eu peguei o dinheiro e disse: "Por quê? A senhora não tem pernas?" (FONSECA, 2000: 20).

Dolores conta que deixou um emprego quando a patroa desconfiou dela. Simplesmente nem voltou. Para deixarem o emprego por se sentirem ofendidos não é difícil. "(...) ninguém quer ser o 'carrinho dos ricos'" (FONSECA, 2000: 20). Os problemas enfraquecem, mas os filhos fazem ter força. As responsabilidades e as obrigações vêm antes da curtição.

Bola para frente sempre né, muita força. (...) É. De mim mesmo, porque eu sei que eu tenho que fazer, não tenho para onde correr, tenho que ir. Então... tem que fazer. (...) (ri) É difícil a vida. Se eu arrumasse um trabalho ia ser uma maravilha na minha vida, que ia

melhorar muito a minha vida. Se eu arrumasse um trabalho (Dolores).

Para ela o trabalho é a salvação dos problemas. Pode ser a maior benção que poderia ter, um jeito de ocupar a cabeça e não pensar nas tristezas, um jeito de ver coisas diferentes, um jeito de poder se sentir mulher, de poder fazer planos. Por outro lado, pode trazer sensação de humilhação, escravidão. Algo que cansa e não permite chegar ao sonho. Muitas características além de ser garantia de sobrevivência. Pois é preciso dinheiro para poder sobreviver, mas também porque é preciso esperança e certa saúde psíquica. A qual pode ser conseguida através de uma ocupação, mas como elas mesmas mostram, às vezes é prejudicada pela atividade de trabalho. Quer dizer, se este é carregado de características positivas, também há outras que podem suprimir as primeiras. É necessário poder ao menos equilibrá-las para se sentirem caminhando, como indicam. É preciso sentir que o trabalho traz alguma vantagem, algo que lhes faz se sentirem lutando, evoluindo, responsáveis e sabendo caminhar com suas vidas – equilíbrio que às vezes se consegue com as outras atividades da vida, aqui descritas pelas falas destas mulheres que vivem na São Remo.

E – Família, igreja e outras instituições

As instituições em geral ocupam espaços importantes na vida das pessoas. São formas de organização de serviços, de atendimento, são apoios para o dia-a-dia. É interessante pensar o quanto as pessoas se percebem como parte dessas instituições, muitas vezes naturalizando a relação que se estabelece, quase não notando mais. Como, por exemplo, o abastecimento de água em regiões bem urbanizadas, ou mesmo o serviço de transporte circular dentro da USP que serve à comunidade São Remo. Estas relações muitas vezes fazem com que se espere de

instituições gestos, atitudes, ajudas, com pouca ação na direção de conseguir este atendimento. Como é o caso de muitas pessoas que esperam das instituições públicas a melhora da estrutura da cidade, de condições de vida das pessoas, de igualdade de direitos, e pouco contribuem para isto no seu cotidiano.

Mas muitas pessoas acabam dependendo do funcionamento e atendimento destas, como aponta Castel (1998), pois não conseguem condições de se manter autonomamente.

Como coloca Ramiro:

As alternativas não monetárias de sobrevivência são tão importantes quanto as monetárias, visto que possibilitam uma vida não miserável (na maioria dos casos) onde a renda *per capita* é muito baixa. As estratégias adotadas, neste caso, apresentam-se das mais variadas formas: desde a rede de auxílio intra e interdoméstica mantida pelos laços de parentesco até uma elevada dependência de serviços municipais e estaduais, em especial para a educação e a saúde dos habitantes, passando ainda por vínculos com instituições filantrópicas e grupos religiosos (2004: 5).

Se conseguem participar destas redes, seja dentro da comunidade, seja na rede pública, seja na não governamental, etc, as pessoas vivem minimamente melhor. Minimamente porque mesmo estes serviços encontram barreiras funcionais e burocráticas, não atendendo, na maioria das vezes, de maneira adequada. Amélia conta que viaja para o interior, onde mora a irmã, para ter atendimento médico de rotina. Isso porque, mesmo tendo um hospital público ao lado de casa, a espera é muito grande e não há como fazer os exames na frequência devida. E esta parece ser a melhor, ou talvez mais fácil, dentre as possibilidades: conseguir burlar ou desviar as dificuldades.

Como apresentado pela pesquisa dos alunos de jornalismo, apenas 12% dos entrevistados dizem já ter participado de alguma mobilização social dentro da comunidade. O que está dentro de uma linha apresentada pela pesquisa da Fundação Perseu Abramo (2004), que fez enquete com 61,5 milhões de mulheres brasileiras. Existe o entendimento de que não

influenciam na política, por cerca de 55% das entrevistadas. Já 41% acreditam que influi, contra 42% que acredita que a política não influi em sua vida e 55% que diz que sim.

Portanto mais da metade das pessoas não se envolve com questões sociais. Ponto que pode ter muitos entendimentos, já que alguns podem não querer se envolver, mas outros podem não acreditar na eficácia de sua ação, ou achar que não há como mudar, ou por uma descrença nos políticos, etc. Mesmo assim 73% das entrevistadas têm visão positiva sobre o futuro. E é importante acompanhar como esperam que melhore: 10% acreditam na fé, outros 6% têm esperança de melhorar a vida, em contraposição a 10% que dizem estar se esforçando. Além disso, 59% dizem o que pode melhorar, como: conseguir emprego, solucionar problemas financeiros, trabalho para os filhos, etc. Mas não dizem como isso vai acontecer, o que pode indicar também esta esperança, como acreditam em seus sonhos, mas não especificamente em estarem com condições de realizá-los.

Jorge Ramírez Calzadilla coloca idéia que vai ao encontro deste resultado:

Pero em la vida práctica, el pueblo creyente acerca sus representaciones religiosas a sus propias condiciones, problemas, expectativas, esperanzas y también sus fiestas. Las historias que se construyen alrededor de las figuras más devocionadas em nuestros pueblos, tenidas por milagrosas com oídos para los pobres y secularmente desprotegidos, nos conducen a afirmar que la condición de popularización de los mismos está justamente em que reflejen los problemas de los humildes, bien sea por sufrir persecución, pobreza, enfermedades, martirio e muerte, por su mulatez o por haberse presentado a pobres e desvalidos. Per siempre hay em eses narraciones populares um sentido optimista, al final, todas resultan victoriosas frente las adversidades (2002: 300).

Oliven (1978) também coloca como as religiões, especialmente a umbanda e o pentecostalismo, podem ser vistas como forma que os pobres urbanos encontram de lidar com as novas dificuldades, com a realidade difícil que enfrentam no dia-a-dia. Chauí (1990) defende este ponto, colocando que a religião vem dar conta de uma falta de compreensão do mundo pela dificuldade de acesso dos pobres à ciência e ao conhecimento produzido na academia. Ela também valoriza os eventos que a religião permite, pois graças à participação na

igreja da comunidade, muitas pessoas participam de festas, novenas, romarias, etc. Algo presente na São Remo. E Geertz (1989) ainda especifica e amplia este papel, dizendo que os símbolos sagrados, a religião que cada um escolhe ou que aquela cultura desenvolve, delimita “o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos” (1989: 66-67). Quer dizer, a crença não fala apenas da prática religiosa, mas de todo modo de agir do povo ou do indivíduo. Algo que orienta na busca da lucidez ou do controle da realidade (Geertz, 1989: 75).

Se Amélia é superparticipativa na igreja católica e esta pode dar sentido a sua vida, assim como delimita sua moral, Branca e Dolores falam muito do papel de Deus na definição de suas vidas. Branca fala que Deus a guiou a São Paulo, já que sem a menor condição ela conseguiu chegar a seu destino sem problema algum. Dolores, além de falar da benzedeira de sua filha, que a fazia sarar dos mais simples resfriados até o rotavírus, fala de como o destino de sua vida está traçado e espera a bondade de Deus para conseguir o que mais quer: um trabalho. Uma forma de manter a esperança. Como apresentado anteriormente, Terezinha baseia em Deus a explicação aos filhos para não envolvimento no crime.

Vê-se assim esta possibilidade de explicação dos bens e dos males, e a família dá apoio e suporte diretos e práticos para emergências. Mas todas falam de alguma instituição que as auxilia de alguma forma. Ou falam da falta de instituição, sabendo que é de direito algo que não encontram, como Dolores reclamando de não encontrar creche e Lalau dizendo que luta por instituições educacionais melhores, além de gratuitas, para seus filhos.

Como colocado anteriormente, Dolores é a única que fala da Associação de Moradores como possibilidade de conseguir auxílio, além de Amélia, que apesar do marido trabalhar lá, não sabia nada o que ali acontecia. Conta também, depois de sua mobilização, com atuação do Conselho Tutelar que consegue vaga em creche para Vitória, em 2008. A igreja é apontada na comunidade como grupo que se ajuda em momentos de dificuldade, mas apenas para os que

fazem parte do grupo. Amélia fala do Circo Escola, no qual, agora além da filha, ela freqüenta fazendo aula de informática. Assim como Patrícia, que já freqüentou, mas hoje conta mesmo com a creche da filha e o Projeto Esporte Talento o qual o filho freqüenta diariamente. O filho de Amélia também participa deste projeto de educação pelo esporte. Terezinha fala do Centro de Saúde que é seu ponto de referência. Branca leva as filhas na escola. Rosinha é a única que não conta com nenhum auxílio de instituição da região. Diz nem conhecer o Circo Escola.

De maneira geral usam as instituições para cuidar de seus filhos: creches, escolas, projetos sociais. Destes sentem falta, para poderem dar conta das obrigações, trabalharem, para descansarem, para encontrarem os amigos, a família, para passearem, para diversificarem suas atenções, preocupações, atividades – para buscarem um mínimo de organização, de saúde. E fica registrado que se não baseiam sua vida nos serviços públicos e projetos sociais, que muitas vezes têm filas de espera enormes, podem procurá-los e contar com eles minimamente. Assim reclamam não haver mais ajuda e muitas vezes contam com os familiares, que estão logo ali ao lado, para auxílios emergenciais.

A família brasileira sempre procurou seguir um modelo burguês, com a mulher dona de casa, no mundo privado e o homem trabalhando para sustentar a esposa e os filhos (Stasevskas, 1999). Um modelo que não é fácil de se estruturar especialmente em momentos de dificuldade, quando as mulheres precisam ajudar no sustento da casa. Falar de família em comunidades pobres e na São Remo é algo que não requer modelo básico, já que são diversas as formações encontradas. As famílias são bastante diferentes e podem até mesmo considerar como família alguém que mora em outra casa, ou alguém que mora junto e não tem laço consanguíneo. Fonseca coloca como característica importante de famílias pobres a mobilidade. Isto é, mudam frequentemente sua configuração dentro da casa.

Fonseca (2000) não deixa de mostrar como compreender esta flexibilidade exige esforço para quem vive numa cultura ocidental patriarcal: “Conseguimos relativizar muita

coisa – formas de lazer, hábitos de trabalho, práticas de namoro, até formas de organização política – mas nossa tolerância pela diversidade parece tropeçar na barreira da família que, de Malinowski aos nossos dias, destaca-se como o último bastião do pensamento essencialista” (Fonseca, 2000: 54). O percurso histórico dos estudos sobre sociedade e família mostra como é difícil trabalhar com as diferentes formas de comportamentos nesta área. Martin-Barbero (1997) aponta preconceitos que dificultam flexibilizar e pensar a relevância do papel social da família:

Motivos de escândalo, como dizíamos acima, para uma intelectualidade que se compraz em denunciar os aspectos repressivos da organização familiar e para uma esquerda que não vê nisso nada além daquilo que porta como contaminação da ideologia burguesa, a análise crítica da família foi até agora incapaz de pensar a mediação social que constitui. Âmbito de conflitos e fortes tensões, a cotidianidade familiar é ao mesmo tempo “um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações” (MARTIN-BARBERO, 1997: 293).

Portanto, a família está carregada de valores, funções, papéis, que vão variar, e que mesmo um olhar crítico precisa considerar a importância desta instituição que faz parte da história da humanidade. Não estamos falando em uma cultura homogênea que se modifique. Fica ainda mais difícil flexibilizar se estamos falando de diferentes modelos de família dentro da mesma sociedade: “É só em anos recentes que pesquisadores assumem trabalhar com a hipótese de modelos familiares distintos para as diferentes classes (Sarti, 1995; Leal, 1995; Victora, 1995; Knauth, 1995; Bilac, 1995; Duarte, 1994)” (Fonseca, 2000: 58). Em meio à globalização, percebe-se a diversidade cultural dentro da sociedade e por isso assume-se a possibilidade de “‘variantes’ familiares para darem conta da complexa sociedade em que vivemos” (Fonseca, 2000: 58).

E não é à toa que estas famílias são tão variáveis em sua conformação. Há necessidade de solidariedade entre amigos para sobrevivência, mas há também o que Fonseca aponta: “ser casada é status: segurança material e física, além de certo afeto” (2000: 86). Portanto as

mulheres não querem ficar sozinhas. Querem apoio, ajuda. Mesmo que por vezes sejam eles os agressores. Fonseca enfatiza como a agressão do homem à sua esposa acaba naturalizado em alguns espaços. Mas há as que se defendem e tomam postura de enfrentamento (2000: 78). Nesta luta entre se defender da agressão e da solidão, são elas as grandes tecelãs das redes de solidariedade, criando novas ligações que as auxiliem.

Mas Formiga (2004) lembra do papel identitário da família e coloca como a maior exigência sobre as mulheres têm gerado violência doméstica em relação aos filhos. Muito estressadas, acabam achando que não há o que fazer a não ser bater, como aponta Terezinha. Apesar de pouco aparecer nas falas das mães com quem conversei, é sabido que muitas crianças da São Remo sofrem maus tratos. Muitos se preocupam com o crescimento do filho desobediente e que então poderá revidar a agressão. Seria preciso controlar antes de crescerem, mas não sabem bem como.

Assim, compreende-se tanto Rosinha, quanto Amélia, falando que seus maridos são tudo para elas! Ajudam a dividir as responsabilidades e preocupações, além de delimitarem um grupo de pertença. São uma família, com quem podem contar. E Dolores e Patrícia também apontam a diferença que faz a presença deles em casa. Terezinha também mostra que quando o marido pode deixar de beber, eles conseguem juntos fazer planos de organizar melhor a vida. Branca não conversa comigo nem uma segunda vez, pois já foi embora com o novo namorado. E Lalau, mesmo que se virando sozinha, não deixa de querer contar com ajuda dos pais de seus filhos.

A família aparece em muitas conversas como causa de conflito. Tanto a família “nuclear” (pai, mãe e filhos) quanto a ampliada (tios, avós, primos). Os conflitos aparecem com diferentes causas, mas há muita implicância de valores e posturas em relação à família e à vida em geral, tanto por casos de gravidez e casamentos indesejados, quanto por necessidade de morarem juntos um número grande de parentes por questões financeiras, por bagunça e

barulho na casa, etc. Problemas como de qualquer outra família burguesa e de classe média, talvez agravados, por vezes, pela questão financeira desprivilegiada. Os vizinhos, o colega da igreja, a amiga que veio junto da região de origem, são as pessoas com quem elas mais dizem poder contar, apesar de haver quem seja muito chegado à família. Uma das mães fala:

A minha irmã separou do marido e está morando sozinha num lugar ruim. Conseguiu mais fácil que eu a vaga na creche por causa disso. (E vocês estão podendo ajudá-la?) Ela não, o marido dela! Ela que é safada e traiu ele e não cuida direito do filho!

Essa valorização do comportamento ético é muito encontrada inclusive passando por cima dos laços de parentesco. Assim, os de comunidade podem se afirmar. E na maioria dos casos escuta-se que não se namora o marido. Estes muitas vezes trabalham à noite ou mesmo trabalham o dia todo e à noite vão direto para cama; há os que saem; há as casas muito pequenas em que filhos e pais dormem juntos. Há os maridos que reclamam das esposas que não se cuidam direito. Os que esperam que a esposa fique em casa, arrumando, limpando e cuidando dos filhos.

Já fizemos uma pequena discussão sobre a honra na comunidade pobre⁵⁴. E ficou claro como o casamento faz parte dela. Assim como, para a mulher, ser mãe tem papel fundamental. Mas será que família formada por mãe e pai e filhos traz mais estabilidade? Como as famílias de Amélia e Patrícia? Segundo Sarti há um “padrão tradicional de autoridade e hierarquia” (2003: 20) seguido nas famílias pobres que valoriza, ou coloca como prioridade, a família em relação aos planos individuais. Ela acredita que a família é o laço moral com a sociedade. Quer dizer, para quem tem tão pouco materialmente, financeiramente, numa sociedade em que o mercado é o valor maior, manter um modelo de família burguês é algo que gera uma inserção, mantêm a honra inabalada frente a qualquer um. Até mesmo porque, a estabilidade também se encontra no âmbito econômico, e Lopes e Gottscalk (1990 apud SARTI, 2003: 66) colocam que por conta da diferença da inserção feminina no mercado de

⁵⁴ Como na página 79 do capítulo II.

trabalho, as famílias com presença masculina conseguem estrutura mais estável. Este ponto é delicado, já que não é indispensável a figura masculina, mas traz estabilidade, segurança, tranquilidade quando a presença é colaborativa. Não é melhor ter um homem que agride, bebe demais, impõe limites muito rígidos, etc. Mas há uma contribuição significativa se esta presença é positiva.

Sarti conta relato de uma mãe cujo marido espancou a filha que conversava com rapaz no portão (2003: 56). Há muita conversa na calçada, mas há muita fofoca e muitos valores a serem mantidos, como discutido nos itens anteriores.

“Recasamento”⁵⁵ é grande ruptura, pois é marca de muitos abandonos de filhos. Na pesquisa de Fonseca (2000), apenas uma mulher fala em segundo marido criando filhos de primeiro casamento. É o caso de Terezinha, que conta como é situação bastante difícil de ser resolvida. Rosinha conta inclusive de um namorado que não quis criar nem seu próprio filho. As crianças serem criadas distantes da mãe muitas vezes não diminui laço afetivo entre eles, segundo a mesma autora. Mas diminui a aliança mãe-filho dentro de casa, o que acaba “restringindo assim o poder da mulher frente ao seu companheiro do momento” (Fonseca, 2000: 69). Do que se pode entender que ter um filho é algo que fortalece uma mulher.

Como Lalau, algumas mães acabam criando sozinhas filhos de diferentes maridos. Isso traz uma instabilidade e uma exigência muito grande. Por outro lado, a possibilidade de ir morar com a cunhada, ou de ter parentes morando perto, ou de casar de novo, ou de “adotar” uma vizinha como mãe ou avó, é uma saída importante para mulheres sozinhas. Uma característica das falas é o quanto se pode observar uma melhor organização das mulheres que contam com ajuda de um segundo – marido, ou mãe, etc. Poder contar com alguém, poder estruturar sua casa, poder se sustentar em si mesmo é o que parece permitir a estas mulheres pensarem mais em si e suas próprias necessidades, além de permitir que pensem mais nos outros. A sensação de solidão, de ter que dar conta de tudo sozinha, acaba causando

⁵⁵ Termo usado por Fonseca (2000) em sua pesquisa, indicando quem casa novamente.

uma avalanche de pensamentos, preocupações, tristezas, que podem paralisar e impedir o cuidado de si e do outro.

Winnicott (1975a, 2005) fala da importância do ambiente para gerar confiança e permitir a experiência de si, a criatividade. E esta necessidade de um companheiro pode indicar certa falha neste ambiente, que pode não ter criado suficiente confiança ou não a mantém. Ele se torna bastante intrusivo, invasivo, para estas mulheres, que têm que lidar com tantas exigências.

Fonseca (2000) levanta a questão de oposição entre “parentes consangüíneos e parentes por aliança”, que segundo ela é muito freqüente em grupos latino-americanos de baixa renda. Na São Remo isso aparece também, e em alguns relatos mais especificamente, como de Dolores e de Amélia. Amélia fala:

Eu tenho. Tenho amigas. A gente se preocupa com os outros. Da igreja. Estava até mesmo preocupada com uma senhora, que é mais que minha mãe para mim. Não a vi a semana toda e estava pensando em ligar, daí não é que ela bateu aqui e veio contar que estava com muita encomenda. Sempre que preciso de alguma coisa ela vem aqui. Quando estou doente... Daí meu marido me levou para o interior na casa de minha mãe, quando estava de férias e depois foi me buscar. Ele tem um carrinho né. Daí eu ia ficar lá um mês e ela veio dizer que era muito tempo, que estava agoniada. Combinou de ir me buscar junto com ele. Diz que nem dormiu à noite, preocupada com a viagem. Amaram ela. E minha irmã falou para conservar esta amizade que é como ou melhor que a família. As crianças chamam ela de vovó. Ela é minha madrinha de consagração.

Amélia busca este cuidado de mãe, esta preocupação. Que se não encontra com sua mãe, de quem reclama muito, encontra em senhora da igreja. Mas também mostra que se preocupa com aqueles que considera serem sua família: os da igreja. E diz: “Minha família é primeiramente Deus, segundo meu marido e terceiro meus filhos.”

Dolores também mostra como são os cuidados que identificam quem é da família:

Eu considero como avó de verdade. Porque ó, a família interirinha, assim: tio, tia, avó, avô, eu não conheço nenhum. Só minha mãe e meus irmãos. É a única família que eu tenho. E minha avó de criação que mora ali na Vila Dalva. Que minha avó que ajudou a minha mãe a

criar a gente. Porque foi difícil que meu pai abandonou a gente tudo pequenininho. E ela já é bem de idade já, ela tem 84 anos. De lá da Vila Dalva, minha mãe morava perto da casa dela. Ainda a minha irmã chegou a morar um tempo com a minha avó. Aí morava só eu, minha mãe e meu irmão. Aí minha irmã morou com a minha avó de criança até os 13 anos, depois não quis ficar com a minha avó. Aí começou a morar com a minha mãe. (...) minha avó é a mesma coisa que uma mãe para mim, apesar de ser de criação. Eu amo muito ela também.

O amor cresce com o afeto, o cuidado, a criação. E Dolores mostra também como as configurações domésticas podem mudar. Um tempo mora com um, outro com outro. Por necessidade, mas também por vontade. Sempre se dá um jeito quando há uma família de criação:

E os primos que eu tenho lá de consideração, eu considero como primo de sangue. Que a gente se dá muito bem. É ótimo. Minha avó não deixava faltar nada para a gente quando minha mãe... estava sem trabalhar. Roupa, calçado. Tudo ela que dava. Porque se não a gente não tinha nem o que vestir.

Dolores vai falando de suas dificuldades e das de sua família, mostrando como isso pôde ensiná-la a ajudar os outros, já que cuida de sua filha, das filhas de outros, de cachorros, gatos, da família do marido que não lhe faz nem bem. Mas reclama: “É por isso que dá ajudar os outros, a gente só se fode!” Ficou mal falada, mas quis ajudar. Em nome de sua família: marido e filha. E luta por esta família desde os 14 anos. Mas sente como a outra lhe faz bem e conta como se sentiu quando passou um tempo morando com eles depois de casada:

Ah, foi ´mó´ legal. Eu ia trabalhar e a mãe cuidava da Vitória. Ficava com meus irmãos, saía com minha mãe. Foi muito bom! A gente ia para a feira de domingo, ia para o Parque Vila Lobos. Ai, eu me sentia outra pessoa quando estava lá. Parecia que minha vida tinha sido outra sabe. Lá todo mundo gosta de mim, ninguém me despreza nem nada. Lá eu estava muito bem. Até hoje penso em morar lá perto da minha família. Elas só sabem falar gritando com os outros aqui. Acho que a gente ia ser mais feliz longe daqui. Mas ele quer ficar perto da família.

Uma sensação tão boa que muda a história toda. Mas uma história que existe. A aparência da mãe, de ser nova, é como a dela, que é confundida como irmã de sua filha. O

sofrimento é o mesmo. E ela vê nesta família um apoio afetivo grande, falando deles com carinho:

(A mãe) Já tem trinta e poucos anos. Mas ninguém dá trinta para ela. Eu tenho uma irmã de dezoito anos, com um filho de sete meses, tenho um irmão de dezesseis anos, te falei né? Vai ter outro filho, a filha dele não tem nem um ano... E nós achávamos que não fazia filho! Nós achávamos que não funcionava. Se a mulher não engravidava!? Porque essa filha que ele tem é só de criação, não é dele mesmo, ele assume. Então, agora, o que está vindo mesmo é dele. Até que enfim né! Fez um filho! Funcionou!

Família de criação pode ser conquistada, mas não são todos que conseguem isso. Rosinha conta que pode visitar a mãe e a sogra para se mexer um pouco, já que não gosta de sair. Mas conta também que já precisou morar na casa de ambas, quando a situação financeira dela com o marido não estava boa. E pode contar com elas, mesmo que isso trouxesse alguns problemas. Sente muita falta do contato com a família que ficou na roça, que segundo ela se esquece deles. A distância, quando grande, acaba por afastar as pessoas e ela se sente mais distante e mais sozinha quando não está bem em São Paulo. Terezinha é outra que tem família no interior e os menciona em um momento de maior aflição, quando começa a pensar em ir morar com eles. O pai lhe daria até mesmo uma casinha para ela estar com os filhos.

Lalau fala que os irmãos moram todos em São Paulo, mas cada um tem sua família para cuidar. Sente falta da mãe, que mora longe e poderia ajudar com as crianças. Scarparo (1996) cita Isabel, entrevistada por ela, que fala desta força para se virar sozinha: “Sim, eu aprendi a viver por mim. Se é bom ou não, não sei, mas é assim que é. Casamento não é ficar sem solidão. É viver junto com um marido, mas é, às vezes, né, difícil. Mas vai, a gente luta, luta e vai.” Lutam, evoluem, crescem. E Branca conta sua história triste de desapontamento com a família, já citada na página 18, que a fez cuidar de si desde cedo. Ter que se virar e não saber direito o que é amor, o que é família, o que esperar do outro, o que dar ao outro. Procura dar conta, mas não sabe bem o que priorizar: estar ao lado dos filhos ou garantir melhores condições de vida a si própria e a eles.

Amélia também reclama da família, irmãos e mãe. Mas conta de maneira bastante afetuosa as visitas que faz a eles no interior:

Lá passeio, vou para igreja, que tem a comunidade Santo Antônio, e trabalhar também! Nossa, é uma trabalhadeira danada na casa da minha irmã! É uma estiração de roupa, lavar roupa, limpar a casa. Ela trabalha e eu fico lá ajudando ela. Aí a gente vai para sítio buscar manga, vai em cachoeira também. A gente vai tomar banho. Quando não fica tarde a gente vai na cidade. Porque lá é tipo uma vila, não fica bem na cidade. É bem menor que a São Remo. Daí a gente vai para a cidade de bicicleta. Lá tem mais companhia porque meus irmãos moram todos lá. Meus seis irmão e meus pais. Só a gente que mora mais distante. A gente já morava aqui e eles foram para lá. Eles vieram e foram tudo para lá, porque meu pai não gosta daqui, de cidade grande. Gosta de lugar sossegado, que tem espaço para ele plantar. (...) Ele é idoso mas ainda está forte. Ele não gosta de ficar parado. Vir para cá e ficar olhando para cima? Ele gosta de ficar sempre futucando na terra.

Se me diz que não gosta da roça, me parece que o que não gosta mesmo é de não sentir todo afeto da família que gostaria. Ela ajuda e eles não retribuem em nada. A mãe não demonstra o amor que ela gostaria, como tratado acima. Branca também parece ter um modelo de afeto materno que não teve. E Dolores conta como fica indignada com o tratamento de mãe e filha dentro da família do marido:

Essa mãe da menina que olho, que mora aqui comigo, bateu nela uma vez, bateu na mãe dela. Deu uma mordida na mãe que a marca não vai sair mais não. Na própria mãe, como é que tem coragem! Por isso que ela está morando aqui, porque brigou com a mãe dela. A mãe dela botou ela para fora de casa. Dorme aqui. Ela e a mãe dela. Tem dois colchões, tira um colchão... ela dorme...

Os afetos são muito importantes para sobreviver. Dão perspectiva. Na história de Dolores a volta do marido lhe faz diferente. Mais solta, desenvolta. Não precisa mais ficar se defendendo sozinha, se protegendo sozinha, se escondendo em casa. Dolores já não é mais sozinha. Ela sente a proximidade e cuidados do marido, mesmo com brigas feias entre eles – que ela conta, mas pede que não comente:

Ele fica me puxando para dançar. A gente dança que nem louco no meio da sala! (...) Ele não gosta de sair. Só de ficar em casa. Tem carro e tudo, mas fica na garagem. Só esses dias que ele me levou na

casa da minha mãe. Tem vezes que os amigos dele vêm em casa, esses amigos de vida errada. São pessoas legais, mas o que eu acho errado é essa vida que eles escolhem. Não leva ninguém a nada. Não dá futuro para ninguém. Só leva à morte ou à cadeia.

A vida dura é melhor com ele ao lado. Por mais que se torne ainda mais difícil. Ela não quer ficar sozinha novamente. E embora Branca se sinta muito sozinha cuidando de seus filhos, é ela que mais mostra a existência de uma rede de solidariedade. Ela veio de Goiás a São Paulo de carona, com caminhoneiro que ajudou muito ela e seus filhos, conta de várias pessoas que foram lhe ajudando a se estabelecer na casa em que mora hoje de favor. Uma casa que ela ajuda a limpar e isso a deixa cansada, mas que também conta com ajuda da dona para olhar seu filho se ela encontrar um trabalho. Portanto, mesmo vindo sozinha para a cidade grande, está conseguindo muita ajuda e podendo trocar favores com pessoas que não são sua família consanguínea.

F – Sonhos

Como colocado acima, a pesquisa de Mello (1988) nos fala do maior sonho das domésticas: estudo para os filhos. Batalham muito por isso. Um sonho concreto para atingir um mais distante: melhoria de vida, dignidade, cidadania, reconhecimento, participação na sociedade burguesa, modelo. Como também já assinalado, o sonho atual dos moradores de favela está relacionado à casa, ao espaço do morar. Como aparece em entrevista de Pierre Bourdieu e Balazs, conseguir melhorar de vida é motivo de muito orgulho e de pertencimento social: “Trabalhando ambos (...), eles conseguiram juntar, a custo de muitos esforços e privações, o suficiente para construírem uma pequena casa num bairro calmo (...). Eles se sentiam como se tivessem tido êxito e conseguido ‘viver como todo mundo’” (2001: 416).

Bachelard dá um sentido à casa que a coloca como mediadora da capacidade de sonhar:

A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. (...) Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida. Assim abordando as imagens da casa com o cuidado de não romper a solidariedade da memória e da imaginação, esperamos fazer sentir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove a graus de profundidade insuspeitos. (...) é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem (1978: 201).

É interessante pensar na casa como refúgio, como espaço de repouso, e verificar que a maior parte do tempo livre é passado em casa ou cuidando da casa, segundo a pesquisa apresentada pelo Jornal São Remo e as conversas realizadas na São Remo. Além disso, a mesma pesquisa aponta que grande parte dos entrevistados coloca seu sonho como mudar de casa, ter a casa própria. Colocando este espaço como muito importante para sua satisfação pessoal. Ter sua casa, cuidar dela, sonhar com ela. E assim, vou escutando essa possibilidade de sonhar, de se sentir vivo, de busca de um lugar para relaxar, para gostar de se encontrar, nas vozes destas mulheres.

Há uma discussão importante que se faz a este respeito. Davis (2006) a apresenta, falando como o sonho da casa própria individualiza muitas vezes uma luta que poderia ser coletiva. E de como aceitar as favelas e assentamentos é uma forma de amainar a revolta popular. Portanto, o sonho da casa, além de estar ligado a este espaço de segurança, de acolhimento, de identidade e relaxamento, também tem um caráter pessimista, de cada um estar pensando apenas em seu bem estar.

Fica claro pela apresentação do material anterior, como os cuidados com a família e a casa são muito importantes e como o trabalho é valorizado. A discussão do valor e simbologia da casa é muito extensa, necessitando outro trabalho específico ao tema. Mas como é ponto

bastante apontado pelas mulheres com quem falei, achei importante ao menos apresentá-lo, afinal aparecem como base para os sonhos destas mulheres. Sonha-se com a casa, mas é o trabalho e a ajuda da família que vão permitir condições materiais e psíquicas para sonhar e buscar seus sonhos. A busca gera atividade, gera humanidade, vida. O sonho é transformar, mudar, melhorar. O sonho é sair desta realidade para uma outra. Mais confortável. E é daí que se constrói o dia-a-dia. Portanto, todas as atividades estariam se direcionando a isto. Toda a permanência é por um desejo de saída, de mudança, de transformação.

Scarpato (1996) conta de uma entrevista que fez com mãe de cinco filhos, com boa relação com o marido, mas que não se sente realizada por conta da situação de pobreza em que vive: “Não conseguiu satisfazer, por exemplo, seu desejo de ter um lugar aprazível para morar, que fosse seu e estivesse bem arrumado” (1996: 61). O espaço para estar com essa família faz diferença. Coloca que há uma busca por lugar de “segurança, apego, proteção e amparo” (1996: 170).

Rosinha e sua mãe dizem que tem gente muito boa ali na São Remo, mas o ambiente não é bom. Rosinha descreve a casa da mãe, que fica no Bairro São Domingos, de maneira bastante viva, gostando realmente do que há lá. Ela não gosta de morar na favela. Duvida de mim quando chego a sua pequena casa, muito arrumada e digo: “Gostoso aqui.” “É? Achou?” Achei mesmo um lugar aconchegante e bem cuidado, mas ela não está satisfeita ali. O grande orgulho dos pais é terem já duplicado seus bens, em cinco anos morando em São Paulo. Ela sonha: “Quando ela está dormindo eu fico sozinha comigo mesma, pensando no que aconteceu. O que eu poderia ter feito e que não fiz. Como vai ser amanhã, como vai ser depois, daqui a um ano. Como vai ser quando eu estiver na minha casa. Eu fico só planejando tudo! (sorri).”

Conta como cuida do sonho e como isso reverte em nova disposição para sua vida: “Mas já está bem perto disso aí também. Já tem o fogão, minhas panelas, minhas louças já. A

gente já está procurando casa para alugar, então isso já é um passo né. Já esquentei demais, hoje em dia dou só risada e fico observando. E vou indo. Às vezes eu paro um pouco, tomo um banho e me ajeito um pouco.”

Dolores mostra que para ela o bom era não ser tão magrinha e poder morar de aluguel num bairro melhor, sem tanto barulho. Mas, apesar deste sonho, ela não quer se mudar, pois pensa em mudanças mais próximas de sua realidade neste momento. O que mais a preocupa é dar conta de preencher os espaços vazios. O vazio da casa, que por mais cheia que esteja ela sente falta de mais beleza; o vazio da falta que sente do marido; o vazio de seus seios que já foram mais bonitos. E para isso, ela quer trabalhar e ganhar o dinheirinho que permitiria fazer o que quer:

la ter as minhas coisas, ia ter as coisas dela. Ia mobiliar esta casa: um armário de cozinha, que não tem, uma beliche... Um fogão melhor, que aquele que ali está horrível. Aí, se eu arrumasse um trabalho... Com fé em Deus. Eu tenho fé em Deus e Nossa Senhora Aparecida, que eles nunca vão me desamparar e que se não consegui um trabalho ainda é porque não chegou o momento ainda, porque no dia que chegar... vai ser um bem bom mesmo que Deus vai por em minha vida. Vou agradecer muito a ele.

Patrícia conta de seu grande sonho:

Acho que isso é fácil, porque a gente sonha tanto! Meu sonho era ter uma casa bonita, grande, com alguém para me ajudar. Uma situação financeira boa, lógico, para poder viajar, passear, que é bom. E ter escolaridade para meus filhos, que eles não dessem tanto trabalho para mim, que fossem compreensivos. Eu já vi que vão dar. Adolescente sempre dá, quando cresce fica pior.

Sabe que isso exige esforço, mas não deixa de realizar outros sonhos: “A reserva é para o sonho da gente que é uma casa. Mas está muito longe! Então, a gente vai casar. Mas não é muito da reserva. A gente tem a consciência assim, de quando a gente tira, a gente repõe. Então, acho que não vai ficar muito pesado não.” Descreve sua vida dos sonhos:

Então nos meus sonhos eu gostaria de acordar cedo, fazer uma ginástica cedo, alguma coisa. Iria aproveitar, não iria ficar largada no sofá! Queria me cuidar! Fazer uma ginástica, uma caminhada, muito bom! Se eu tivesse tempo e condição de pagar uma academia... Mas

caminhada eu faço para o trabalho todo dia, já faço caminhada. Mas podia ser num bosque assim, onde tem verde... é ótimo você caminhar. É muito bom, assim, de frente para uma lagoa...

Terezinha também fala de seu sonho, em meio a tanto problema:

Queria uma casa mais ajeitadinha. Não quero coisas caras. Como a mulher lá. As casas são todas forradas, com azulejo. Não quero nada daquilo. Quero um piso bonitinho, a ligação de água. Porque lá em casa o piso não fica seco. Não tem lugar para lavar roupa. Eu lavo fora, coloco pano e lavo na torneira. Aí fica o entra e sai e fica tudo uma lameira. Aí as pessoas passam e falam: 'Nossa eu nunca vi seu chão seco!' Aí eu falo: é, mas ele fica seco.

O tamanho do sonho de cada um vai de acordo com a amplitude de possibilidades.

Branca alimenta um sonho quase impossível, mas ao mesmo tempo que se adequa à sua realidade: "É trabalhar, abrir uma conta no banco e ir guardando um dinheirinho, nem que seja dez reais cada mês... aluguel não dá. Ainda mais para quem tem três filhos, tem que comprar comida, leite, fralda." Quem pode mais, pode sonhar mais também. Os sonhos podem voar mais longe. Amélia até me fala da vontade que tinha de poder ter morado sozinha: "Gostaria de ter morado sozinha antes de casar. Ou com uma amiga." Um sonho que não pode realizar, mas pode sonhar. E Dolores ensina que se não pode realizar os sonhos, que eles existam no pensamento: "Só no pensamento, né. Só dá para pensar mesmo, porque para resolver tudo... está difícil."

E assim caminham.

Amarrações finais:

“(...) A criança nova que habita onde eu vivo
Dá-me uma mão a mim e a outra a tudo que existe

E assim vamos pelo caminho
que houver
Saltando, cantando e rindo
E gozando o nosso
segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena
Se a alma não é pequena (...)”

Fernando Pessoa

As crianças são símbolo do brincar, mas não são as únicas que brincam. Todos nós brincamos enquanto lidamos com o mundo e elaboramos nossas experiências. Essa capacidade é a que nos permite pensar que a vida vale a pena. E se as pessoas continuam vivendo, mesmo as que enfrentam difíceis condições de vida, é porque querem viver e batalham por isso: têm capacidade de brincar.

Para Winnicott (1975a) esta capacidade de brincar é a capacidade de criar. E ele chama o brincar no adulto de experiência cultural. É esta capacidade que permite às pessoas continuarem vivendo, pois é com ela que a vida ganha sentido e graça. A experiência cultural é a possibilidade de contato entre as pessoas e o que produzem com seu dia-a-dia. Quer dizer, assim como o brincar é a capacidade de contato entre o mundo da pessoa e mundo real de forma criativa, assim também o é a experiência cultural. Uma experiência que, segundo

Benjamin (1987), é muito difícil de se atingir em nossa sociedade, já que o homem está desvinculado de sua historicidade. As experiências, para este autor, só são experienciadas, significativas, se tiverem possibilidade de serem retomadas de alguma forma. Portanto, haveria necessidade de um momento de se retirar do turbilhão de acontecimentos, de se colocar à disposição para experimentar algo e para reexperimentar. Momentos raros na sociedade moderna, cada vez mais tecnicista e dinâmica.

Mas assim como Benjamin (1987) identificou uma brecha de possibilidade de experiência na produção cinematográfica, este trabalho procura na rotina de sete mulheres pobres, as brechas que permitem viver: a cultura delas, experiências que tenham, que as mantêm ligadas ao mundo, vivendo em contato consigo e com os outros. Ou seja, a dissertação compreende que a cultura de vida delas, seu cotidiano, pode mostrar o quanto elas podem usufruir da vida, de si mesmas, o quanto constroem sentido e sonhos para seguir em frente.

Por isso, uma das compreensões a que se pode chegar é do quanto as mulheres que se dispuseram a participar da pesquisa podem ser olhadas como buscando contato, buscando vida, com possibilidade de brincar e portanto como uma indicação de movimento, criatividade, saúde. As outras, que não quiseram participar, têm suas formas de viver e devem ter suas formas de brincar, mas de alguma forma, pode-se pensar nesta aproximação como uma busca por algo, um movimento que mostra vida, por mais cru que seja. Todas elas dão um passo em direção a algo diferente.

Assim como meu passo ao mestrado, à pesquisa, às mães da São Remo. Um passo que se completa nesta escrita, mas que deixa muitas outras aberturas pessoais e profissionais.

Acredito que esta dissertação mostra minha inexperiência e imaturidade acadêmicas, uma vez que o material das entrevistas não pode ser tão lapidado durante a ida a campo, muito ouvi, mas talvez pudesse ter delimitado e questionado mais. Um número de

entrevistadas que não permite generalizações sobre a mulher “sãoremana” (talvez nenhum número seja), mas mostra a Patrícia, a Amélia, a Dolores, a Lalau, a Branca, a Rosinha e a Terezinha de maneira bastante sincera e reflexiva. Além do trabalho escrito e da elaboração teórica, que claramente mostram meu desejo de falar sobre a vida, sobre o mundo e minha dificuldade em dar foco e delimitar discussões.

Por outro lado, acredito que haja contribuições interessantes neste trabalho. Em primeiro lugar a riqueza de vida das mulheres com quem conversei. A possibilidade de contato de uma aluna da Universidade de São Paulo com moradoras da favela São Remo. Algo que mostra o quanto no cotidiano delas há muito pensamento sobre a vida, há muita preocupação com o cuidado com os filhos, há muitas atividades a serem cumpridas e muitas desejadas e sonhadas. Ao lado das falas destas protagonistas, há uma elaboração teórica de como o brincar, conceito winnicottiano, está por trás da possibilidade das pessoas de camadas populares sobreviverem, enfrentarem o dia-a-dia, brigarem pela existência. Uma briga lúdica, criativa, séria, difícil e prazerosa. Um brincar que pode estar em qualquer atividade deste cotidiano, que mostra uma vontade de se ver vivendo, que mostra planos, sonhos, que mostra quem está ali, que dá sentido às atividades em geral. A textualização de todas essas falas em diálogo com idéias de grandes estudiosos permite a humanização de um estereótipo do pobre rude, que agüenta tudo e que vive de sofrimento.

Uma grande discussão, de vários e diferentes autores se fez na tentativa de pincelar esta complexa rede que a vida forma, na qual não há certo e errado, na qual os sentidos e os valores se constroem em conjunto, entre o indivíduo e a sociedade, entre a rotina e a história. Autores como Munné (2004), Castel (1998), Marx (2004), Martins (2008) trazem idéias que nos falam das grandes dificuldades que devem ser superadas em nome do sobreviver hoje. Sobreviver que pode ser muito pouco humano, mas que também mostra uma força de vida que permite às pessoas contornarem uma série de problemas e permanecerem no mundo e

manterem o mundo. Por mais que ele esteja sendo consumido e destruído, há criações, que as pessoas conseguem elaborar para mostrar que merecem mais e melhor.

Aprendi muito nos textos teóricos sobre a relevância de não dicotomia do tempo, em trabalho e não trabalho, de como nossas atividades são muito variadas em seus sentidos, com diferentes valores, não apenas obrigação e não obrigação – o que varia muito de pessoa a pessoa. Mas foi apenas escutando as sete mulheres que conversaram comigo e outras moradoras da São Remo, que realmente compreendi a enorme variedade de sentidos que pode existir em nossas atividades. Se para algumas, como para Branca e Dolores o trabalho é a solução para a sobrevivência, para outros, como Amélia, Rosinha e Patrícia é a possibilidade de sair, de ver gente, de ser mulher, de sentir independente, de não pensar nos problemas. Se para algumas, como para Terezinha e Rosinha, atividades gostosas não estão no cardápio, para outras, como Branca e Patrícia é uma questão de vontade e fazer.

Uma questão importante é pensar se não saber aproveitar de formas diferentes o tempo, livre ou não livre, como criticado pelos teóricos no primeiro capítulo, pode ser considerado indício de má saúde. Quer dizer, se vivemos numa sociedade que aprisiona, que manipula e coisifica a humanidade, deve-se esforçar muito para conseguir construir sentidos e viver criativamente, podendo aproveitar momentos e atividades diferentes. Se Dejours (1986) fala que saúde hoje é ter desejo de viver e se movimentar em direção a manter sua vida, podemos observar como sobreviver exige muito esforço e o reconhecimento deste é reconhecer saúde. Ainda mais pessoas que vivem com poucos recursos econômicos e materiais. Como discutido a partir de Winnicott (1951a, 2005), a história de vida, as experiências de crescimento vão permitir o desenvolvimento de recursos psíquicos, que permitam maior ou menor aproveitamento das atividades, na maior ou menor ligação do indivíduo com seu interior e com o exterior.

Poderíamos pensar que Terezinha tenha menos recursos, mas de como a falta de diversificação de atividades e planos, além de ter a ver com a criatividade, também decorre da fadiga e falta de dinheiro que podem colaborar para a manutenção de poucas atividades mais autônomas. O modo de lidar com a vida vai ser uma interação de todos estes fatores, isto é, há uma capacidade criativa pessoal importante, desenvolvida durante a vida; há uma realidade da pessoa e suas condições de vida dentro de uma realidade maior, de um contexto histórico e atual no qual a pessoa está inserida. O que torna muito difícil avaliar o quanto esta pessoa pode ser considerada “instrumentalizada”, com recursos psíquicos, saudável, para lidar com sua vida. O quadro que Terezinha pinta é bastante cinza e pesado. Ela não demonstra muita força para lidar com o que precisa, diferente do que demonstra Branca, mas pode pedir ajuda a instituições e pessoas. Saber suas limitações e necessidades também é uma forma de sabedoria, que Terezinha demonstra. Seu esforço pode ser reconhecido em seu discurso e em seu pesar pelas condições em que vive.

O esforço existe no dar conta das obrigações e na busca de outras atividades, variadas e desejadas. Acho que esta é uma possibilidade de muitas das mulheres com quem conversei: criar seus momentos de relaxamento. Algo que elas valorizam e que fazem parte de seu cotidiano. Assim como o trabalho, o cuidado da família e dos filhos, o cuidado da casa, etc. Quanto fazem essas mulheres!

As linhas de interpretação das conversas, isto é, os assuntos que mais apareciam ou que se destacavam em alguma fala são bastante importantes para conhecê-las: rotina, ser mãe, ser mulher, atividades da vida – conversas, festas, música, TV, DVD, família, igreja e demais instituições, trabalho e sonhos.

Quando elas falam de suas rotinas, fica claro que o cotidiano é feito das obrigações, das repetições, como coloca Lefebvre (s.d. apud MARTINS, 2008). Mas como ressalta o mesmo autor, este cotidiano deve abranger seu complemento: atividades do dia-a-dia que quebram a

repetição, que dão sentido ao fazer quase automático das outras, que, como diz Winnicott (1975a), fazem a vida valer a pena. Acontece que as mulheres, mães, moradoras da São Remo têm muito a fazer e por isso, é difícil darem conta de tudo. Fica menos complicado e mais possível se organizar, especialmente, temporalmente, psicicamente, para todas as atividades que devem e querem fazer, para as que podem dividir seus esforços com maridos, mães, irmãs, vizinhas, cunhadas, creches, projetos sociais, etc. Quer dizer, mesmo em meio à rotina exigente de ser mãe, esposa, mulher, dona de casa, por vezes trabalhar fora, e até estudar, a maioria pode falar de atividades com sentidos diferentes, de relaxamento, que acrescentam algo – mesmo que sejam as próprias de todo dia, olhadas de outra forma.

São elas, principalmente Patrícia, Amélia, Dolores, Rosinha, que podem contar o papel que os passeios têm em suas vidas, a música, os filmes, as conversas com as amigas, o trabalho que permite conhecer novos caminhos, novas pessoas, etc. Terezinha, Branca e Lalau já mostram uma rotina que não permite olhar muito para além. Lalau é a única que estuda quando de nossas conversas (apesar de Amélia voltar a estudar depois de algum tempo) e com isso pode sonhar em melhorar suas condições de trabalho e de vida. Mas, assim como Terezinha e Branca, não vêem tempo para nada além de cuidar da casa e dos filhos. Branca também fala da possibilidade de ir relaxar no bosque da USP. Então, Terezinha é a que cria menos recursos para lidar com seus problemas, a que ao descrever seu cotidiano mostra menos brechas e como os problemas podem sufocar e tomar uma dimensão que não permite contornos. Aguarda ajuda dos outros.

Patrícia fala com todas as letras dois princípios que procura seguir em sua vida, que acho muito interessantes: se cansar fazendo coisas boas, já que tudo cansa e vivemos nos cansando com coisas chatas; não permitir que coisas boas se tornem ruins por virarem hábito, por serem naturalizadas e desvalorizadas. São duas idéias que a fazem refletir sobre a organização de seu tempo e sobre suas satisfações. Mas não são todas que têm estas

condições, essa possibilidade de contato consigo mesma e com o mundo. Se todas falam da televisão, inclusive os agentes de saúde dizem que assistir TV, ao lado das conversas com amigos e vizinhos, é do que mais se faz na São Remo, não são todas que gostam. A televisão pode ser companheira, até porque, na maioria das vezes fica o dia todo ligada, mas ninguém, ou poucos, fica na frente assistindo, então seu som ocupa a casa e distrai, mas é pouco acompanhado. Mas, segundo Patrícia, não devem se tornar escravas da TV, deixando-a tomar conta da rotina e não permitir que as atividades sejam cumpridas e escolhidas. Algo que lembra a opinião dos agentes de saúde, de que se uma atividade entra na rotina deixa de ser considerada lazer por eles. Pois o lazer é o que sai da rotina e por isso descansa, relaxa, traz novidade! Bastante interessante essas formas de entender o tempo e as atividades. Valorizam aquilo que têm pouco, que fazem pouco.

Assim, na escuta destas sete mulheres, as que mais podem falar de momentos agradáveis e que melhor podem aproveitar cada atividade que fazem são as que contam com a ajuda do marido. Uma presença muito importante, pois o homem tem muitos papéis na vida de uma mulher. Ponto que mereceria um estudo específico, mas que com as conversas realizadas percebe-se o quanto um homem além de ser o homem delas, além de trazer dinheiro, ou consumir dinheiro, além de ser o pai dos filhos, de beber, ou ser carinhoso, permite uma organização diferente. Como discutido por Fonseca (2000), há uma moralidade seguida e há uma luta entre mais fortes e mais fracos. Para a mulher de grupos pobres é importante ter um mais forte que a “proteja”, que a mantenha segura de uma certa forma.

Esta segurança, quando bem acompanhada, quando há afeto, quando há divisão de esforços e sorrisos, quando há presença de alguém a mais para pensar e dar conta das responsabilidades juntos, transforma a vida. Elas mostram em seus relatos como se sentem bem quando os maridos podem ajudar mesmo que nas coisas mínimas: dar uma ajudada na casa, fazer companhia para cuidar dos filhos, dançarem juntos, assistir filmes, etc. Dividem um

cotidiano muito mais leve, mesmo que com características muito próximas das demais, como Dolores e Amélia. Dolores vive em condições muito mais precárias que Amélia, mas tem seu dia-a-dia transformado quando o marido volta da prisão e mesmo sem trabalhar faz companhia para ela. Uma presença que por mais que substituível na condição de ajuda, por uma mãe, ou irmã, não tem o mesmo peso e sentido amplo que a do marido parece ter. Afinal, há mulheres que vivem suas vidas sem esta presença, como Lalau, Terezinha e Branca. Parecem carregar um peso muito maior, seja pela ausência do marido, ou pela presença de um que sofre com a dependência do álcool. Até porque, como dito, há na São Remo, como em qualquer lugar, violência doméstica, roubos, uso de drogas, etc.

Se as conversas são muito freqüentes na comunidade, nas ruas, nas portas, janelas, e parecem oferecer um espaço de troca, desabafo, intimidade, relaxamento, também é onde acontece a rede de fofoca. O que faz algumas mulheres se fecharem em suas casas e pouco circularem. Fere-se a honra e relações com o falatório, mas também se divulga informações importantes, como coloca Fonseca (2000)⁵⁶. E um outro problema da fofoca é a divulgação dos crimes e agressões. Todos ficam sabendo e as pessoas vão ficando marcadas. E a polícia sabe disso. A violência que mais parece assustar a São Remo é a entrada da polícia, que não pede licença e nem desculpa. Amélia conta experiência muito ruim e quase invasão de dois guardas à sua casa ainda de madrugada. Ficou bastante assustada, mas defendeu a honra de sua família. O fato é que se há medo na favela⁵⁷, muito é criado pelo embate com a polícia. Se há pessoas que têm vontade de sair dali e viver numa casa melhor, muitos sabem da boa localização da São Remo e Patrícia, por exemplo, no final de 2008, tinha se mudado para uma casa bem maior, na própria viela onde morava, e estava bastante satisfeita.

Por isso fiquei pensando nos sonhos desses homens da São Remo. Como será que eles falam de seus cotidianos, de seus desejos. Algo que não tive tempo de pesquisar e que é

⁵⁶ Assunto tratado no capítulo III, nas páginas 163 e 164.

⁵⁷ Como apresentado no início do capítulo III.

questão para mais pesquisas. Assim como pensar na relação das mulheres de outras camadas sociais com seus maridos. Terão eles os mesmos papéis? Será que elas têm os mesmos sonhos? E estes maridos ricos ou de classes médias, quais seus sonhos? Seriam questões interessantes para entender como se articulam famílias de diferentes níveis sócio-econômicos e qual o peso carregado por cada indivíduo para dar conta da vida. Será que são tão diferentes? Em que será que se aproximam e em que se diferenciam?

Assim como a presença do marido é importante, até o fato dele ampliar a família com sua família é algo fundamental para o dia-a-dia. Uma família que diversifica relações, amplia o grupo em quem confiar, visitar, com quem conversar, ou com quem brigar, trocar ofensas, etc. A família aparece muito nos depoimentos. Com diferentes papéis, mas sempre com um espaço bastante grande na vida de todas elas. Seja porque a família não existe mais e ela guarda muita tristeza, como Branca, que conta com uma família que praticamente a adota. Seja porque a família vive longe, como a de Lalau, que sente falta pelo apoio, colo e ajuda que a mãe poderia dar. Ou a de Amélia, com quem não se entende bem, mas que a ocupa muito em suas fantasias de tristeza. Ou Dolores, cuja família mora não tão perto mas com quem conta e lhe faz muito bem, embora na rotina tenha que lidar com os maus-tratos pelos quais a família do marido a faz passar. Ou ainda Terezinha, que conta com certa ajuda da irmã, mas que se sente muito sozinha e agora aguarda a possibilidade de voltar para o interior e conseguir ajuda do pai. Ou Patrícia que pode circular entre a sua e do marido tirando muito bom proveito da convivência.

Um papel que a família tem, de ajudar, de acompanhar, de se divertir junto, de trocar afeto, que os que não têm acabam adotando. Dolores e Amélia falam da importância que dão aos familiares de criação ou consagração. São pessoas que ao se tornarem muito queridas passam a ser da família. A gratidão e o carinho é que definem a família, não laços sanguíneos.

Mas o laço sanguíneo da maternidade é praticamente sagrado. Todas se dedicam aos filhos com toda energia e força que podem. Se doam por completo às vezes. Tanto que algumas falam apenas nas obrigações de ser mãe, nem conseguindo mais olhar o que está por trás desta tão grande e devota responsabilidade. A maioria delas, mãe muito cedo, não pensou muito na hora de ser mãe. A curtição, a falta de responsabilidades antes da maternidade leva à gravidez, que por mais que desejada, é pouco programada e depois o salto para a responsabilidade por uma vida precisa ser gigantesco e é muito marcante em todos os casos. Um passo que parece quase uma escolha por brincar de boneca e de repente há muito mais que isso a cuidar. E é por este cuidar que vão passar a guiar suas vidas, antes muito pouco guiadas. Os filhos são quase uma forma de dar foco à vida. São também a possibilidade de formar uma família própria, motivo de orgulho por conta da moralidade rígida que os acompanha. Ter seu filho e sua família é como mostrar dever cumprido. Estas considerações são discutidas também por Alves (1993), que, ao entrevistar mulheres, escuta o quanto a maternidade atravessa o ser mulher, mas como algo que ocupa trazendo sentido à vida.

E como ser mãe exige muito, além de terem que dar conta de tantas outras tarefas, elas vão falando de suas formas de relaxamento, que muitas vezes tem a ver com o ser mulher. Com poder se enxergar como diferente do filho, como alguém que tem suas próprias necessidades e desejos - um passo importante para a criação dos filhos e manutenção de sua própria saúde, como nos coloca Winnicott (2005). Os banhos são momentos que podem ser relaxantes, especialmente quando vêm acompanhados de cremes e maquiagens. Passeios em lugares bonitos. Ouvir uma música. Dançar com os filhos. Uma festa ou reunião em família. Fazer aquela comida especial para os familiares, etc. Vão encaixando essas possibilidades percebendo a necessidade de se manterem saudáveis e com vontade de viver.

Uma vontade de vida que encontra barreiras como a da violência. Nem mesmo gostam de falar sobre isso. Mas mostram sua indignação e medo. É a polícia que entra em casa, é o

medo dos filhos se envolverem com o tráfico cada vez mais transparente aos olhos de todos, quando não comandando a vida da comunidade. É uma pessoa da família que bebe e gera discussões quando não agressões físicas. São as crianças da comunidade que vão buscando e criando fama no mundo do crime. Uma característica forte da São Remo a violência. Presente e aparente para quem chega mais perto. Mas ao mesmo tempo uma característica que não se sobressai, pois há muito mais acontecendo ali. Portanto, é importante falar do que é diferente do que se mostra na mídia correntemente. Ali não há apenas grupos disputando território pela “boca” ou com polícia o tempo todo. Há regras de convivência, há os mandantes, há tensões sérias para resolver problemas que não precisariam ser tão grandes, mas ao envolver poder e o poder ter a ver com armas, há muito medo em jogo.

Quero com isso enfatizar que há todo esse lado na São Remo. Sei dele. Conheci partes dele. Ouvei e ouvi falar dele. Da última vez em que visitei a comunidade, um garotinho que já conheço há um tempo veio me contar de um coleguinha seu que estava preso! Tentou assaltar um banco com seu nem um metro de altura. E Amélia comenta que já ouviu falar do garoto, que roubou a casa da vizinha outro dia, etc. Um lado triste, sério demais e bastante real. Mas falei pouco dele nesta dissertação. Falei pouco por conta de ouvir muito pouco dele e achei que era um dado interessante. Pois além de eu estar ali para esta pesquisa querendo ver outro lado, mas também porque estas mulheres quiseram e toparam me contar deste outro lado. O que há de vivo, o que há dentro delas, em suas vidas, o que constroem, o que sonham, como brincam, como enfrentam a vida.

Por isso quiseram mostrar sua força, seus sonhos. E me falaram como o trabalho é fundamental para se viver. Não só pelo que traz de dinheiro e sobrevivência neste sentido, mas por conta do quanto dinamiza e enriquece a vida. Do quanto permite se arrumar para sair de casa e encontrar outras pessoas, do quanto permite ter seu dinheiro e comprar coisas que as ajudem a mostrar sua feminilidade, além de deixarem seus filhos mais arrumados, do

quanto ajuda a pensar em coisas diferentes, amplia as possibilidades de pensar a vida, permite pensar que a vida pode ser melhor, que um dia se poderá ter uma casa melhor, uma condição melhor. Terezinha é a única que não fala em trabalho, ou melhor, apenas consegue pensar em trabalhar quando o marido fica sem beber um tempo e a ajuda a fazer planos e organizar a cabeça. Portanto, para arrumar um trabalho, assim como aponta Castel (1998), também é preciso um mínimo de apoio, de organização. Com a cabeça muito desorganizada, achando que apenas os outros é que podem ajudar, de fora, pois dentro é um caos que pesa apenas sobre si, não há como ter sustentação para ficar de pé e olhar para frente.

Mas trabalho não traz só ganhos. Elas reclamam de como se cansam e como por vezes se sentem escravizadas e humilhadas. O trabalho salvaria Dolores de não ter o que comer, mas também não é suficiente para Patrícia chegar ao sonho de ter sua casa grande e bonita. O trabalho que fere Amélia que se sente escravizada e ao mesmo tempo liberta Rosinha a se sentir mulher. Portanto, apesar de indicarem, ou dizerem diretamente como Amélia, que há um caminho certo a seguir, elas podem me dar informações de como a maioria das coisas na vida tem muito mais lados, são muito mais complexas do que parecem.

E a base para poder enfrentar toda essa complexidade não é fácil de conseguir, mas fundamental para sonhar, como aparece no que conta Terezinha. Uma sustentação, dada por uma pessoa, por uma idéia, é necessária para sentir desejo de se movimentar e viver, para desejar. Diversificar as atividades, como defende Dejours (1986), é algo que desenvolve esta possibilidade e permite que a pessoa viva. Por isso, se Terezinha em alguns momentos consegue ver uma luz que a aquece e protege, as outras parecem ter esta capacidade mais frequentemente e estão se movimentando em nome da vida. Querem conversar comigo, colaborar ou receber colaborações, ter contatos diferentes, querem passear, querem dançar, querem usufruir de suas, mesmo que mínimas, possibilidades.

Ouvi muito, aprendi muito, me envolvi muito, me enriqueci muito. Algo imensurável para mim. Mas não suficiente para realmente conhecer e saber sobre as mulheres da São Remo. Quer dizer, se acredito que consegui iniciar um bom contato na São Remo, ainda há muito a se pensar sobre os desejos e as reais necessidades destas mulheres.

Um limite real e natural de qualquer trabalho, especialmente num mestrado, mas que pode ser ilustrado pela experiência com o grupo de massagem. Quando fui perguntar sobre o interesse das mães da pesagem da Pastoral em participar de oficina de massagem, era quase geral o desejo de participar. Todas achando que seria ótimo poder descansar, relaxar, diminuir as dores decorrentes dos trabalhos domésticos, etc. O primeiro problema era conseguir pensar um horário possível à maioria das mulheres e também aosicineiros. Um desafio difícil. O horário definido não foi muito favorecedor das mulheres que trabalham fora, mas é sabido que muitas ficam durante a tarde em casa. Das 14h às 16h começou a acontecer, na igreja católica da comunidade, a oficina com o grupo Orientali. O local foi escolhido por falta de outra opção, mas deve ter influenciado também na participação. Três oficineiros demonstravam a massagem para as duplas, que se revezavam na aplicação e recebimento do exercício. Uns deveriam tocar os outros, relaxar e seguir instruções. Pegar no corpo do outro e se deixar pegar. Algo não natural, especialmente se no grupo tivessem pessoas que não se conhecessem bem.

Na primeira oficina, além de Amélia e Patrícia, que ficaram assíduas, foram outras pessoas que eu não conhecia tanto e também Terezinha, que encontrei a caminho da igreja e ela se animou. Mas depois não conseguiu voltar. Disse que tinha aproveitado muito, que tinha sentido melhora em sua tensão, mas nunca conseguia lembrar ou se organizar para voltar. Disse a outra mulher que tinha vergonha. Um sentimento que pode ter inibido várias outras mães a participarem. Além do horário, já que muitas perguntavam se não teria outro, pois neste não dava tempo por conta do trabalho. O fato é que o grupo ficou pequeno. Eram cinco

participantes fixas, que depois se reduziram a duas. Duas que diziam que era muito bom para elas ter aquele tempo de cuidado e relaxamento consigo mesmas. Uma experiência bem diferente.

E as outras interessadas? Quantas razões podem ter para que elas não pudessem ou não se deixassem participar. Mas as que iam aproveitavam muito. O que pensar desta experiência? Será que as mães da São Remo querem grupos que desenvolvam atividades diferentes, que cuidem delas, que lhes permitam relaxar? Será que há espaço em seu dia-a-dia para isso? Será que há em suas cabeças? Será que acham que merecem? Será que conseguem procurar? Pelo que aconteceu com este grupo de massagem, não parece ser fácil. Mesmo que digam gostar da idéia, ela não se concretizou. Será que querem outro tipo de cuidado, de atenção? Afinal, o que querem mesmo é ter maior poder de compra, para conseguirem o que querem e precisam, especialmente Terezinha, Branca e Dolores, que chegam a passar fome.

Duas mulheres, mães, moradoras da São Remo e participantes da pesagem, que me ouviram apresentar um levantamento parcial da pesquisa em reunião de novembro de 2008 da Micro-rede São Remo, quiseram conversar comigo. Vieram dizer o que acham importante ser desenvolvido ali para as mulheres. Acreditam que a maioria delas anda se abandonando – talvez numa mescla entre o perigo do abandono total que Castel (1998) levanta e o abandono que Patrícia coloca ao dizer que tudo, casa, marido, filhos, vem antes delas – e vão cada vez piorando sua possibilidade de ter alegrias e prazer na vida. O cuidado da casa e dos filhos, quando não há trabalho fora de casa, toma a mulher por completo e ela esquece de ser mulher, de se arrumar para se sentir bonita, acabam se desvalorizando, se abandonando ou abandonando algo além na vida. Estas duas mães, preocupadas consigo mesmas depois de passarem por isso e enfrentarem, dizem que chega uma hora que é preciso um empurrão de fora para se salvarem.

Acredito que estas declarações estão de acordo com o que as sete mulheres apresentadas na pesquisa trouxeram, mas, de algum forma, estas duas tentam indicar que há sim uma necessidade de ajuda, ainda pouco delimitada, mas pedem socorro. Mesmo eu falando do Centro de Referência da Família do Rio Pequeno, do Centro de Saúde Escola do Butantã, da Clínica de Psicologia da USP, elas acreditam que há necessidade de alguém ali, conhecido, de alguém na São Remo que as ajude a se olharem e caminharem a outros espaços. Colocação que vai ao encontro das observações que fiz até de minha entrada lá. Possível realizar? O fato de ser vizinha da Universidade de São Paulo pode permitir que a São Remo tenha atendimentos tão específicos. Porém, com outras instituições que atendem famílias e mulheres próximas da comunidade e tanto trabalho social a ser feito necessitando de investimento, como dar conta de serviço desta magnitude?

Mas de alguma forma elas me falam o que eu vinha pensando antes de iniciar a pesquisa: essas mães, essas mulheres, precisam ser olhadas, escutadas, cuidadas. Não há como exigir que se desdobrem em mil e tenham apenas sucessos! Há muitas mulheres que deixam de se ver, de se preocupar consigo mesmas. Estas precisam de um passo anterior a freqüentar a massagem ou qualquer outra atividade. Precisam de mais compreensão e não apenas cobranças, que costumam vir de todos os lados: escolas, maridos, filhos, médicos, assistentes sociais, etc.

Barroso (1982) a partir de estudo sobre a condição da mulher no Brasil, coloca quatro recomendações como prioritárias para melhorar a “condição de vida de amplos setores da população”: programas de geração de renda; sistema de creches; serviços básicos de saúde; ministério da condição feminina. Reconhece estes serviços como possibilidade de desafogar o cotidiano de mulheres, das famílias e conseqüentemente, melhora de condições de vida para todos.

Há muito o que cuidar para desafogar o cotidiano e as preocupações destas mulheres para elas terem condições de olharem para suas vontades e necessidades. Produções, construções, mudanças que apenas começam a ser apontadas aqui, mas que precisam de investimento e esforço coletivos de amplo alcance, para acontecerem. Canclini (1983) faz um apontamento interessante, de que para pensar em Políticas Públicas é importante pensar nas pessoas envolvidas, nos sujeitos e não nos objetos. Ressalta a mesma falta de condições de organização de “cidadãos”, como Castel (1998), que implica a necessidade de melhor educação, formação, para que as pessoas então lutem por seus interesses. O olhar deve estar menos na economia e política, com objetivo da “exploração mercantil” (Canclini, 1993: 144) e mais em atividades e interesses do cotidiano popular. Uma postura que está cada dia sendo valorizada por mais pessoas e que assim o é nesta dissertação.

Mas eu, enquanto psicóloga, preocupada com o retorno que vou dar a estas mulheres e com minha relação com elas que tanto contribuíram com meu amadurecimento enquanto pessoa, assim como enquanto aluna de pós-graduação, depois de algumas reflexões inclusive apresentadas no decorrer deste trabalho, fico com um desejo. Há muitos projetos, inclusive na Universidade, que por vezes podem não ser valorizados, mas que auxiliam muitos moradores da São Remo. Como compreender o que realmente seria eficiente socialmente? E individualmente?

Apontei uma questão no decorrer do trabalho que é importante na hora de pensar este retorno: por que devemos achar que as atividades que a burguesia ou a elite têm e buscam seriam desejadas por todos? Com esta pesquisa e estas declarações, percebe-se que não é o lazer ou o trabalho que definem o homem ou que lhe dão sentido à vida. Mas cada um vai criar este sentido para si. Cada um vai olhar de uma forma diferente para suas atividades e para a vida.

Costa (1989) fala da diferença cultural do cuidado de si entre camadas elitistas e populares. Os primeiros desde sempre lidam com a disciplina do horário de seus vários compromissos, que em grande parte são de cuidados consigo, como o exercício na academia, a aula de inglês, o médico, a escola, etc. Os mais pobres têm os compromissos com horários mais limitados: “cedo no trabalho e sem tempo de cuidar de si” (1989: 33). Portanto, seguir horários de cuidados de si, para eles pode acabar sendo atropelar justamente uma vontade diferente naquele momento. Uma cultura diferente, por histórias de vida, costumes e possibilidades muito diferentes. Diferentes delas em relação a mim.

Se achei que chegaria lá e ouviria muitos pedidos de oficinas e atividades de lazer, se achei que elas iriam até a clínica da USP para atendimento terapêutico, estava enganada. Costa (1989) coloca um ponto interessante, de que para as camadas populares, este encontro a dois, esta relação intimista num espaço desconhecido é estranho: “o enquadramento, em seu modo de comunicação proposto (...), assim como em suas cláusulas contratuais (...), não entra em sintonia com a experiência cultural de muitos clientes” (1989: 31). E assim, fui precisando me despir de minhas expectativas, flexibilizar minha escuta e ouvir muito sobre as relações que elas têm, com amigos, com família, com trabalho, com a USP, com seus corpos, comigo. E comecei a entender que a grande questão está nas relações. No modo de olhar para cada elemento da vida. Para cada uma elas vêm de uma forma e cada uma encontra ou não um sentido para continuar se relacionando, com as velhas e criando novas relações.

Ao mesmo tempo que quiseram conversar comigo por conta da minha formação, não procuram a clínica. Moradores da São Remo costumam procurar? E outras comunidades? Algo que gostaria de pesquisar também. Mas a escuta clínica que criei ali com elas foi fruto e gestora de uma amizade, que com algumas foi bastante forte. Uma presença, esta minha ali, diferente das demais. Alguém de fora, em vários sentidos, mas em quem confiavam e que estava ali por elas, para elas. Algo que elas passaram a valorizar. E que no último Natal que

passei com elas na pesagem, vi que tinha mudado. Outras mulheres que não tinham se aproximado, com quem apenas trocava cumprimentos, a equipe da Pastoral, as crianças, todos criamos ali uma proximidade que trouxe abraços e sorrisos gostosos de fim de ano. Parece que minha presença constante, minha escuta respeitosa, pode permitir que outras se aproximassem e pudessem achar bom este novo contato. Beneficiei-me tanto que fico com este desejo: beneficiar em troca. Acredito que um pouco já fiz com esta presença sincera e constante. Outro pouco farei quando puder apresentar a elas tudo que pensei a partir dali, essa dissertação. Mas ainda me questiono: qual o lugar desta amizade em minha vida? Como cuidarei dela? E em relação à atitude clínica? Preciso encontrar o sentido de continuar ali ou não ao final do mestrado.

Há um processo que ainda não chegou ao fim. Tanto no meu contato com elas quanto na participação da Micro-rede São Remo, que continua se articulando e parece viver um momento diferenciado: uma proposta de busca pela forma eficaz de mobilização da comunidade, ponto que se chegou ao final do ano de 2008 e que se pretende continuar. Todas as instituições que participam acham difícil encontrar um ponto que realmente mobilize os moradores da São Remo. Não há como fazer algo para eles, é necessário fazer com eles. Buscar o que realmente interessa. O que desejam, o que precisam. E tem sido bastante difícil criar esta parceria.

Há um percurso meu de contato ali que continua. O mestrado chega ao fim. As mulheres continuam suas rotinas, continuam suas vidas. Mas suas falas ficam aqui, para serem conhecidas, para mostrarem que em meio a tanta dificuldade, massificação, pobreza, problemas, há muita riqueza, muita humanidade, afeto.

Ao conviver com as mulheres, mães, suas famílias, e moradores da São Remo, ao compartilhar especialmente com algumas delas este sentimento de amizade, de alguma forma este contato dá sentido à pesquisa. Se quando eu iniciei este percurso estava me aproximando

muito da sensação de fim e tristeza em relação à sociedade, como Adorno (1994, 2004), hoje vejo que ainda há humanidade. Que uma forma de encontrar vida e lidar com ela é se aproximar das pessoas que vivem. O contato verdadeiro com os outros, a vontade de se conhecer, de estar junto nos traz vida, nos permite viver muito melhor. Há um “apaixonamento”, há um interesse genuíno pelo outro, e por conta disso, um enraizamento, um pertencimento, uma verdade no que conseguimos construir juntas. Ao que só tenho muito a agradecer.

Referências bibliográficas.

ABLON, Steven. Continuities of tongues: a developmental perspective on the role of play in child and adult psychoanalytic process. In: *Journal Clin. Psychoanal.* v.10, n3/4, p. 345-65, 2001;

ADORNO, Theodor. Indústria Cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do esclarecimento – Fragmentos filosóficos.* Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 113-156;

_____. Tempo Livre. In: *Palavras e sinais – modelos críticos 2.* Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 70-82;

_____. Teoria da Semicultura. In: *Educação & sociedade.* Ano XVIII, no. 56, p. 388-411, dez/1996;

_____. Teoria de la pseudocultura. In: *Escritos sociológicos I.* Tradución de Agustín Gonzáles Ruiz. Madrid: Akal, 2004. p. 86-113;

ALVES, Rozilda das Neves. *Maternidade: um estudo com mulheres grávidas.* 1993. 92 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1993;

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Lembrete.* In: *Poesia Completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007;

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro.* Tradução de Mario W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2005. 348p.;

_____. Responsabilidade Coletiva. In: _____ *Responsabilidade e Julgamento.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 213 - 225;

_____. *A condição humana.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 352p.;

ARRIGUCCI JR., Davi. Encontro com um narrador: Julio Cortazar. In: *Enigma e comentário: escritos sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 173-187;

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. *Revista Brasileira de psicanálise – Humor*, v. 40, n. 4, Órgão oficial da Associação Brasileira de Psicanálise: São Paulo, 2006. 197p.;

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da super-modernidade*. Campinas: Papirus, 1994. 111p.;

AUN, Heloisa Antonelli. *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores*. 2005. 143 f. Dissertação (mestrado em psicologia da aprendizagem, do desenvolvimento e da personalidade) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005;

BACHELARD, Gastón. *A filosofia do não/ o novo espírito científico/ a poética do espaço*. São Paulo: Abril cultural, 1978. 354p. (Os pensadores);

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370p.;

BARROSO, Carmen. *Mulher, sociedade e estado no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. 190p.;

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus V Mazzari. São Paulo: Summus, 1984. 119p.;

_____. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. V.1, 253p.;

BIRMAN, Joel. Cartografia da Vergonha. As Formas da Vida Nua na Atualidade. In: CAVALCANTI, Helenilda; BURITY, Joanildo (orgs.). *Polifonia da miséria: uma construção de novos olhares*. Recife: CNPq, BNB, FJN, Editora Massangana, 2002. p. 131-139;

_____. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 300p.;

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996. 78p.;

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. 404p.;

_____ (org.) *Cultura brasileira – temas e situações*. São Paulo: Ática, 1997. 224p.;

_____ (org.) *Cultura brasileira – temas e situações*. São Paulo: Ática, 2006. 224p.;

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular – leitura de operárias*. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. Petrópolis: Vozes, 1977. 178p.;

_____ A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 4 – N ½ - 1993. p. 277–284;

_____ *Memória e sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484p.;

_____ (org.) *Simone Weil – A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 469p.;

BOURDIEU, Pierre; BALAZS, Gabrielle. Um equilíbrio tão frágil. In: BOURDIEU, Pierre et al. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 415 – 424;

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. *Política Nacional de Promoção da Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006;

BRUHNS, Heloísa, T. (org.) *Temas sobre lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000. 156p.;

CALZADILLA, Jorge Ramírez. Relación religión/pobreza en las condiciones de América Latina y el Caribe: incremento religioso y crisis econômica. El caso cubano. In: CAVALCANTI, Helenilda; BURITY, Joanildo (orgs.). *Polifonia da miséria: uma construção de novos olhares*. Recife: CNPq, BNB, FJN, Editora Massangana, 2002. p. 296-310;

CAMARGO, Luiz O. Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1992. 100p.;

CANCLINI, Néstor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. Tradução de Cláudio Novaes P. Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983. 149p.;

CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: *A aventura antropológica – teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 95-105;

CARVALHO, Sérgio Resende. As Contradições de Promoção à Saúde em Relação à Promoção de Sujeitos e a Mudança Social. In: *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 9, n.3, p. 669-678, 2004;

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social – uma crônica do salário*. Tradução de Iraci D. Poletí. Petrópolis: Vozes, 1998. 611p.;

CATANI, Afrânio Mendes. Miséria e sofrimento social. In: CAVALCANTI, Helenilda; BURITY, Joanildo (orgs.). *Polifonia da miséria: uma construção de novos olhares*. Recife: CNPq, BNB, FJN, Editora Massangana, 2002. p. 57-70;

CAVALCANTI, Helenilda; BURITY, Joanildo (orgs.). *Polifonia da miséria: uma construção de novos olhares*. Recife: CNPq, BNB, FJN, Editora Massangana, 2002. 412p.;

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996. 351p.;

CHACHAM, Alessandra Sampaio; MAIA, Mônica Bara. Corpo e sexualidade da mulher brasileira. In: VENTURI, Gustavo, RECAMÁN, Marisol e OLIVEIRA, Suely de. (orgs.) *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-86;

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre Cultura Popular. In: _____ (org.) *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 1990. p. 61-85;

_____. Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites. In: VALLE, Edênio e QUEIRÓZ, José J. (orgs.) *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez, 1984. p. 119-134;

COSTA, Jurandir Freire. *Psicanálise e contexto cultural* – imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias. Rio de Janeiro: Campus, 1989. 175p.;

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 163p.;

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. Tradução de Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006. 270p.;

DEJOURS, Christophe. Por um Novo Conceito de Saúde. In: *Revista brasileira de saúde ocupacional*, v. 14, n. 54, p. 7-11, Abril, maio, junho, 1986;

DE MASI, Domênico. *Criatividade e grupos criativos*. Tradução de Léa Manzi e Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 795p.;

DURHAM, Eunice. A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: Problemas e Perspectivas. In: CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica* – teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 17-34;

DERRIDA, Jacques, e DUFOURMANTELLE, Anne. *Da hospitalidade*. Tradução de Fernanda Bernardo. Viseu: Palimage, 2003. 98p.;

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. Tradução de Maria de Lourdes S. Machado. São Paulo: Perspectiva, 1976. 337p.;

_____ *Sociologia empírica do lazer*. Tradução de Silvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1979. 249p.;

_____ *Planejamento de lazer no Brasil*. Tradução de Regina Maria Vieira. São Paulo: SESC, 1980. 137p.;

FERREIRA, Acácio. *Lazer operário*. Salvador: Progresso, 1959. 117p.;

FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. 245p.;

_____ Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (org.). BASSANEZI, Carla (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 510-553;

FORMIGA, Zania Maria Pereira. *Mãe rica, mãe pobre: da brincadeira da criança ao estudo com famílias em contexto de violência*. 2004. 248 f. Dissertação (mestrado em psicologia clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2004;

FREUD, Sigmund. (1908) Escritores Criativos e o Devaneio. In: _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 149-160;

_____ (1914) Sobre o Narcisismo. In: _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-119;

_____ (1920) *Além do princípio de prazer*. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1998. 82p.;

_____ (1921) Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-179;

_____ (1930) *Mal-estar na civilização*. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 112p.;

FROMM, Eric. *Conceito marxista do homem*. Tradução de Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964. 233p.;

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Direção de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 213p.;

_____ *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 204p.;

GOETHE, J. Wolfgang. *As afinidades eletivas*. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Nova Alexandria, 1998. 283p.;

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1983. 233p.;

GONÇALVES FILHO, José Moura. *Passagem pela vila Joanisa – uma introdução ao problema da humilhação social*. 1995. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995;

_____ Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre humilhação política e o pesquisador participante. In: BOCK, Ana Maria Marcês (org.). *Psicologia e Compromisso Social*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 193-239;

GONZÁLES, Horácio. Pobreza y Miséria: La Estructura Moral de los Conceptos. In: CAVALCANTI, Helenilda e BURITY, Joanildo (orgs.). *Polifonia da miséria: uma construção de novos olhares*. Recife: CNPq, BNB, FJN, Editora Massangana, 2002. p. 53-56;

HADDAD, Fernanda M. *Práticas e representações do lazer dos moradores da favela Gioti*. 1999. 131 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999;

HENRIQUE, Clodovil. São Remo terá novo espaço verde. *Notícias do Jardim São Remo*. São Paulo. p. 6. Mai, 2008;

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. *Sexo, drogas, rock'n roll... & chocolate: o cérebro e os prazeres da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vieira&Lent, 2003. 218p.;

HOSSEINI, Hhaled. *A cidade do sol*. Tradução de Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 364p.;

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. 243p.;

IANNI, Octávio. Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites. (Texto comentário). In: VALLE, Edênio e QUEIRÓZ, José J. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez, 1984. p. 134-140;

KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: _____ *Os progressos da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 313-343;

_____ (1934) Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: _____ *Contribuições à psicanálise*. Tradução de Miguel Mailet. São Paulo: Mestre Jou, 1981. p. 355-389;

LEFORT, Claude. Formação e autoridade: a educação humanista. In: _____ *Desafios da escrita política*. Tradução de Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999. p. 207-223;

LOPES, Isabel Cristina. Centros de Convivência e Cooperativas: Reinventando com arte agenciamentos de vida. In: FERNANDES, M.I.A (org.) *Fim do século: ainda manicômios?* São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1999. p. 139-162;

MACEDO, Carmen Cinira. Algumas Observações sobre a Questão da Cultura do Povo. (Texto comentário). In: VALLE, Edênio e QUEIRÓZ, José J. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez, 1984. p. 34-39;

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 1998. 145p.;

MANSUR, Luci Helena Baraldo. *Solidão-Solitude: passagens femininas do estado civil ao território da alma*. 2006. 223 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006;

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronaldo Polito e Sergio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 356p.;

MARTINS, José de Souza. O Falso Problema da Exclusão Social e o Problema Social da Inclusão Marginal. In: *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 25-38;

_____ *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2008. 172p.;

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004. 175p.;

_____. *Sobre o suicídio*. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006. 82p.;

MELLO, Sylvia Leser de. *Trabalho e sobrevivência - mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1988. 192p.;

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 135p.;

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. *Cultura brasileira – Temas e situações*. São Paulo: Ática, 2006. p. 182-190;

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência e saúde coletiva*, ISSN 1413-8123, v.5, n.1, p.7-18. 2000;

MORATO, Henriette T. P. Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar? In: Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Psicologia e Políticas Públicas. 6. 2006. Vitória - Espírito Santo. ANAIS VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Psicologia e Políticas Públicas. Vitória - Espírito Santo : UFES, 2006. v. 1. p. 38-43;

MORATO, Rúbia Gomes; KAWAKUBO, Fernando Shinji. Análise espacial da desigualdade ambiental na subprefeitura do Butantã. In: *HYGEIA, Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*. São Paulo. ISSN: 1980–1726. Disponível em: www.hygeia.ig.ufu.br. Acesso em: 19 mai. 2008;

MUNDURUKU, Daniel; TOKITA, Janaina. *O Homem que roubava horas*. São Paulo: Brinquebook, 2007. 28p.;

MUNNÉ, Frederic. *Psicosociología Del tiempo libre – um enfoque crítico*. México: Trillas, 2004. 206p.;

NAKAMURA, Daniela; BONFIM, Mariana. Informalidade é alternativa para São Remano. *Notícias do Jardim São Remo*. São Paulo. p. 4. Mai, 2008;

NEVES, Tatiana F. S. Vítimas ou Culpados? O Fio da Navalha... In: CAVALCANTI, Helenilda; BURITY, Joanildo (orgs.). *Polifonia da miséria: uma construção de novos olhares*. Recife: CNPq, BNB, FJN, Editora Massangana, 2002. p. 71-86;

NOGUEIRA, Heloisa Guimarães Peixoto. Identidade e Caráter Brasileiro: A Arte da Dissimulação. In: NETO, Jamil Zügeib (org.) *Identidades e crises sociais na contemporaneidade*. Curitiba: Ed. UFPR, 2005. p. 261-272;

OLIVEIRA, Nanci Ramacciotti. *Perfis de grávidas e mães adolescentes: estudo psicossocial de adolescentes usuárias de um serviço público de pré-natal e maternidade*. 1999. 2v. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999;

OLIVEIRA, Roberto C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, 1998. p. 17-35;

OLIVEN, Ruben G. Cultura, classe social e participação em cidades brasileiras. In: FÉLIX, Moacyr et al. *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 29-41;

_____ *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. 71p.;

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2007. 234p.;

PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas: Alínea, 2000. 286p.;

PARSONS, Michel. A lógica do brincar em psicanálise. *Livro Anual de psicanálise*; XV, p. 89-102, 2001;

PASTA Jr., José Antônio. Cordel, Intelectuais e o Divino Espírito Santo. In: BOSI, Alfredo. (org.) *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 2006. p. 58-74;

PEREIRA, Maria Amélia. Derrubaram os últimos jardins para construir prédios. In: *Linhas críticas*, Brasília, Inep, v. 8, n. 14, p. 49-58, jun. 2002

PEREIRA, Maria de Lourdes. *Qualidade de vida e lazer em adultos de uma comunidade desprivilegiada*. 1978. 209 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1978;

PESSOA, Fernando. Guardador de Rebanhos. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994;

PORTO, Marta. Em busca de *Kairos*. In: VENTURI, Gustavo, RECAMÁN, Marisol e OLIVEIRA, Suely de. (orgs.) *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 137-148;

RAMIRO, Patrícia Alves. Identidade e Pobreza: Buscando Caminhos para Interpretação da Vida na Cidade. In: LUCENA, Celia Toledo; GUSMÃO, Neusa M^a Mendes de (orgs). *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/ CERU, 2006. p. 17-28;

_____ O significado da pobreza: práticas sociais e simbólicas em busca da sobrevivência. In: Encontro Anual da ANPOCS. 28. 2004. Caxambu. *Anais do 28º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu: ANPOCS, 2004. 1 CD-ROM;

REIS, Vânia Teresa Moura. *Jovens pais e jovens mães: experiências em camadas populares*. 2004. 264 f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2004;

ROCHA, Maria Teresa Naylor. Psicanálise e Interface Social: Experiências em Favelas do Rio de Janeiro. In: *TRIEB Nova série*. Rio de Janeiro, vol. V, n.2, p. 261-275, 2006;

RODRIGUES, Alexandre. 65% dos moradores preferem favelas. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 1C. 27 ago. 2007;

RUSSEL, B. *O elogio do lazer*. Tradução de Luiz Ribeiro de Sena. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. 216p.;

SALIBA, Elias Thomé. A Dimensão Cômica da Vida Privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *A história da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à era do rádio*. NOVAIS, Fernando A. (Coord.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 289-366;

_____ *Raízes do riso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 366p.;

SANTOS, Sidivan. *São Remo vista por um são remano*. 01 fev. 2008. In <http://www.saoremo.org.br/> Consultado em 14 jan. 2008;

_____ 19 dez. 2008 In <http://comunidadesaoremo.blogspot.com/> Consultado em 14 jan. 2008;

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2003. 152p.;

SAWAYA, Sandra Maria. *Pobreza e linguagem oral: as crianças do jardim piratininga*. 1992. 263 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1992;

SCARPARO, Helena. *Cidadãs brasileiras – o cotidiano de mulheres trabalhadoras*. Rio de Janeiro: Revan, 1996. 208p.;

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. *Psicologia USP*. V. 4, n. ½, p. 285-298, 1993;

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. In: _____ *Ensaio indisciplinado: aconselhamento psicológico e pesquisa participante*. 2005. 231 f. Livre-docência (Dissertação em Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005;

_____ Aspectos Éticos nas Pesquisas Qualitativas. In: _____; GUERRIERO, I. C. Z.; ZICKER, F. (orgs.) *Ética nas pesquisas em ciências humanas e sócias na saúde*. São Paulo: Hucitec, 2008;

SCHMIDT, M. L. S.; TONIETTE, M. A. A Relação Pesquisador-Pesquisado: Algumas Reflexões sobre a Ética na Pesquisa e a Pesquisa Ética. In: GUERRIERO, I. C. Z.; SCHMIDT, M. L. S.; ZICKER, F. (orgs.) *Ética nas pesquisas em ciências humanas e sócias na saúde*. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 102-108;

SEGAL, Hanna. *Sonho, fantasia e arte*. Tradução de Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 130p.;

_____ *Psicanálise, literatura e guerra*. Tradução de Eliana Bastos Neves. Rio de Janeiro: Imago, 1998. 190p.;

SETTE, Marisa Cintra Bortoletto. *A condição feminina na maternidade*. 1991. 227 f. Dissertação (mestrado em psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1991;

SOUZA, Audrey Setton Lopes. Os dois vértices emocionais. *Viver mente & cérebro* - Coleção Memória da Psicanálise. São Paulo, v. 3, p. 52-59, 2005;

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão* – tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1985. 257p.;

_____ A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio. In: _____ (org.) *A história da vida privada no Brasil* – República: da Belle Époque à era do rádio. NOVAIS, Fernando A. (Coord.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. P. 513-620;

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000. 335p.;

SILVA, Franklin Leopoldo e. O mundo vazio: sobre a ausência da política no contexto contemporâneo. In: SILVA, Doris Accioly e; MARRACH, Sonia Alem. *Maurício Tragtenberg: Uma vida para as ciências humanas*. São Paulo: Unesp, 2001. p. 239-250;

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (org.). BASSANEZI, Carla (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 362-400;

SOUZA, Edson Luiz de. Cidades de Morar, Cidades de Sonhar. in: VILHENA, Junia; CASTRO, Ricardo Vieira Alves; ZAMORA, Maria Helena. *A cidade e as formas de viver*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 11-18;

STASEVSKAS, Kimi Otsuka. *Ser mãe: narrativas de hoje*. 1999. 195 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999;

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (orgs.) *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 190p.;

VIANA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005. 154p.;

VIERTLER, Renate B. Estudos sobre identidade. In: LUCENA, Celia Toledo; GUSMÃO, Neusa M^a Mendes de (orgs). *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006. p. 45-56;

VILHENA, Junia. Da cultura do medo à fraternidade como laço social. In: _____; CASTRO, Ricardo Vieiralves e ZAMORA, Maria Helena. *A cidade e as formas de viver*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 19-43;

VILHENA, Junia; CASTRO, Ricardo Vieiralves e ZAMORA, Maria Helena. *A cidade e as formas de viver*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. 227p.;

WEIL, S. O Desenraizamento. In: BOSI, E. (org.) *Simone Weil – A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 409-440;

WEFFORT, Francisco. Nordeste Em São Paulo: Notas para um Estudo sobre Cultura Nacional e Cultura Popular. In: VALLE, Edênio e QUEIRÓZ, José J. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez, 1984. p. 13-23;

WINNICOTT, Donald W. (1958) A Capacidade de Estar Só. In: _____ *O ambiente e os processos maturacionais*. Tradução de Irineo Constantino S. Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. p. 21-28;

_____(1963) O Medo do Colapso (Breakdown). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas: D. W. WINNICOTT*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 70-76;

_____ (1964a) *A criança e seu mundo*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975b. p. 270;

_____ (1965a) *A família e o desenvolvimento do indivíduo*. Tradução de Jane Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1980. p. 200;

_____ (1968) O Brincar e a Cultura. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas: D. W. WINNICOTT*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 160-162;

_____ (1971) *O brincar e a realidade*. Direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975a. p. 203;

_____ (1986) *Tudo começa em casa*. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 282;

WISNIK, José Miguel. Algumas questões de música e política no Brasil. In: BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira – temas e situações*. São Paulo: Ática, 2006. p. 114-123;

ZALUAR, Alba. Teoria e Prática do Trabalho de Campo: Alguns Problemas. In: CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica – teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 107-125;